



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**FRONTEIRAS SOCIAIS E A EDUCAÇÃO DAS
CRIANÇAS EM FAMÍLIAS DE ALTA RENDA**

Karen Teresa Marcolino Polaz

2012



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Karen Teresa Marcolino Polaz

FRONTEIRAS SOCIAIS E A EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS EM FAMÍLIAS DE ALTA RENDA

Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria F. de Almeida

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de

Mestra em Educação na área de concentração

De Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA POR KAREN TERESA MARCOLINO POLAZ E ORIENTADA PELA PROFA. DRA. ANA MARIA F. DE ALMEIDA

Data: 20/12/2012

Prof. Dr. Darío Fiorentini

Coordenador do Programa de Pós-Graduação
Faculdade de Educação - Unicamp

Matrícula: 21582-0

Assinatura da Orientadora

Campinas
2012

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP**
ROSEMARY PASSOS – CRB-8ª/5751

P757f Polaz, Karen Teresa Marcolino, 1986-
Fronteiras sociais e a educação das crianças em famílias
de alta renda / Karen Teresa Marcolino Polaz. – Campinas,
SP: [s.n.], 2012.

Orientador: Ana Maria Fonseca de Almeida.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Educação. 2. Fronteiras sociais. 3. Famílias. 4.
Crianças. 5. Adolescentes. 5. Atividades extra-escolares. 6.
Hipismo. I. Almeida, Ana Maria Fonseca de, 1963- II.
Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de
Educação. III. Título.

13-020/BFE

Informações para a Biblioteca Digital

Título em inglês: Social boundaries and the education of children in high income families

Palavras-chave em inglês:

Education
Social boundaries
Families
Children
Teenagers
Extracurricular activities
Equitation

Área de concentração: Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte

Titulação: Mestre em Educação

Banca examinadora:

Ana Maria Fonseca de Almeida (Orientadora)
Maria Alice Nogueira
Luiz Fernando Rojo Mattos
Letícia Bicalho Canêdo
Agueda Bernardete Bittencourt

Data da defesa: 20-12-2012

Programa de pós-graduação: Educação

e-mail: karenpolaz@gmail.com

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

FRONTEIRAS SOCIAIS E A EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS EM FAMÍLIAS DE
ALTA RENDA

Autora: Karen Teresa Marcolino Polaz

Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria Fonseca de Almeida

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação
de Mestrado defendida por Karen Teresa Marcolino Polaz e
aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: 20 de dezembro de 2012



ORIENTADORA

COMISSÃO JULGADORA:



*Ao meu pai Carlos,
meu nonno Roque,
minha amiga Cíntia
e meu tio Gê.*

Que foram embora cedo demais.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à professora Ana Maria F. de Almeida, que orientou esta pesquisa de mestrado. Durante os quase três anos que trabalhamos juntas, ela se mostrou uma profissional que, como poucas, sabe aproveitar o melhor de cada aluno. A Ana dispõe de qualidades que toda e todo professor deveria ter, porque procura ensinar a mim, e às outras orientandas, a pensar por nós mesmas, sem dar respostas prontas, sem desmerecer nossos erros por vezes ingênuos, compreendendo que isso faz parte do rápido e, ao mesmo tempo, intenso processo de amadurecimento intelectual que ocorre durante um trabalho de mestrado. É uma pessoa que faz parecer fácil a difícilíssima combinação de ensinar com notória competência e humildade. A Ana é aquela que “torce a favor da gente” para além da relação profissional, vibrando junto nos bons momentos e oferecendo conforto por meio de palavras amigas nas situações de dor e tristeza. Que destino feliz, o meu, em tê-la encontrado. À Ana, que me acompanhou nesta caminhada, deixo registrado todo meu carinho e admiração.

Sou extremamente grata à professora Leticia Bicalho Canêdo, que, na prática, foi co-orientadora desta dissertação, contribuindo com seu vasto conhecimento, sua perspicácia e experiência a fim de expandir meu olhar enquanto estudante e pesquisadora, acreditando na minha capacidade de poder realizar um bom trabalho. Obrigada, Leticia, pelas vezes em que foi enfática ao dizer que “o caminho não era esse”, o que me fez refletir sobre todo o processo de pesquisa. Nunca vou me esquecer disso e sempre guardarei na memória os momentos que passamos juntas.

À professora Agueda Bernardete Bittencourt, por ter acompanhado minha pesquisa ao longo do mestrado e contribuído, com generosidade, para o esclarecimento de certas questões que estavam pouco nítidas para mim. Agradeço, também, pelo bom humor que sempre demonstrou na condução das reuniões do grupo e na relação com as pessoas. Registro, ainda, nosso orgulho feminista pela Agueda, que foi a primeira e, por enquanto, a única mulher diretora da Faculdade de Educação da UNICAMP, sendo uma verdadeira inspiração para nós.

Às professoras e professores que contribuíram, de formas diferentes e não menos importantes, com o processo do mestrado, desde a formulação do projeto de pesquisa até a defesa: Josué Pereira da Silva, Heloísa Pontes, Christian Baudelot, Monique de Saint Martin, Maria Alice Nogueira e Luiz Fernando Rojo. Vocês me inspiraram e me instigaram a sempre pensar para além do que se vê. Muito, muito obrigada!

Aos colegas do FOCUS, com os quais dividi momentos de cumplicidade e de angústias que ocorrem durante o processo de pesquisa. Obrigada pelos risos, pelos conselhos, pelo auxílio quanto às questões burocráticas, pelas dicas de bibliografia complementar. Agradeço pelas mensagens de apoio sempre que precisei e quando não estava esperando. Sou grata, especialmente, à Juliana Basilio, ao Vinícius Wohnrath e à Kathlyn Fantonatt de Souza, por serem generosos, solícitos e amigos. Não posso deixar de agradecer, também, aos funcionários da Faculdade de Educação da UNICAMP, que trabalham o dia todo para termos um ambiente propício ao estudo.

Aos meus companheiros e companheiras de república, que conviveram comigo no decorrer do mestrado. Um “valeu” especial à Vanessa Takahashi, que também está vivendo as aventuras da pesquisa acadêmica, e ao Akira Nakandakare, pela amizade nesses quatro anos. Agradeço à querida Dona Justa, de quem sentirei muitas saudades.

Às minhas amigas e aos meus amigos que, cada um à sua maneira, contribuíram ao longo de todo o processo de mestrado, desde a realização do projeto: Fábio Hirano, Marcos Favaretto, Raquel Alonso, Letícia Lorena, Sonia Lorena, Sara Badra, Betina de Tella, Letícia Tarifa, Thiago Carvalhaes, Newton Amusquivar, Mariana Tamashiro, Juliana Hadler, Julia Pereira, Camila Salaro, Renata “Tati” Vasconcellos, Bruno Mariani Azevedo, Frederico Theotonio. Agradeço, ainda, à Mariana Simarro e ao Andrei Campanini, que me ajudaram nas transcrições das entrevistas, e ao Roger Davis, que revisou gramaticalmente o Abstract.

Sou eternamente grata à Bianca Pfeifer, praticante de hipismo e que sanou minhas incontáveis dúvidas quanto a esse esporte e aos recursos humanos que estão envolvidos. Muito obrigada pela simpatia e generosidade, por ser tão didática e rápida nas respostas.

Agradeço às pessoas que foram focalizadas neste trabalho, que abriram suas vidas para que eu pudesse realizar esta dissertação. Devo a maior parte do que hoje sei sobre hipismo aos meus informantes, que dedicaram seu tempo em me conceder explicações, e com os quais aprendi para além do tema da pesquisa. Essas pessoas me emocionaram em diversos momentos e me fizeram pensar sobre a vida, sobre meus valores e preconceitos. Pude refletir a respeito da infância, de quando eu era criança, dos meus sonhos e expectativas daquela época. Dos dias em que estive no clube, lembro-me, com carinho, das conversas cheias de graça e riso - momentos que não estão registrados nesta dissertação, mas dos quais vou recordar-me para sempre. Um agradecimento todo especial à coordenadora de hipismo Paula, nome fictício de uma das pessoas que mais me ajudou em campo. Obrigada por tudo.

Há quem tenha uma tia, uma avó ou aquela madrinha que se faz presente e atuante em suas vidas. Eu tenho a Fia, a quem sou e sempre serei grata pelo carinho e pelos ensinamentos.

Agradeço ao Hannes por enriquecer minha vida desde 2008. Em sua companhia, eu me torno uma pessoa melhor, mais calma e feliz. E como eu sinto falta quando você está longe. Obrigada pelo bem querer, pelo cuidado e pela ternura.

Nada disso seria possível se não fosse minha base familiar, meu porto seguro, os amores da minha vida: minha mãe Tereza e minha irmã Carla. A Carla, inclusive, ensinou-me a fazer formatações imprescindíveis no Word um dia antes de entregar a versão final deste trabalho! Agradeço, principalmente, à minha mãe pelo amor incondicional nesses nossos anos de existência no mundo, dessa vida que ela nos deu. Obrigada por seu esforço para que a gente “tomasse gosto” pelos estudos e pelo conhecimento e não tenho dúvidas de que a presente dissertação resulta do seu suor. Você é e sempre será minha grande inspiração pessoal e profissional, merecedora de alegrias, afeto e carinho.

À FAPESP, por ter acreditado em nosso projeto e financiado esta pesquisa.

Resumo

Esta pesquisa investiga os processos de construção de fronteiras sociais pelas famílias de alta renda em relação a outros grupos e como essas fronteiras se mantêm ao longo do tempo. Para tanto, analisou-se as práticas de educação de famílias associadas ao clube mais seletivo, em termos econômicos, de uma grande cidade do interior de São Paulo. Foram focalizados, particularmente, os filhos envolvidos no curso de equitação e nas atividades competitivas realizadas pelo departamento de hipismo. O trabalho de campo consistiu na realização de observações tanto das aulas, quanto das provas realizadas no clube e entrevistas aprofundadas e semi-estruturadas com mães, pais e filhos e, também, alguns funcionários. O clube é visto, neste trabalho, como um dos lugares onde os associados parecem estar “entre si” e onde suas crianças podem ser expostas à aprendizagem dos valores, modos de vida, sensibilidades, habilidades, percepções próprias ao grupo social a que são destinadas a pertencer. Os resultados mostram como as experiências educativas, incluindo a passagem por esse “esporte de elite”, contribuem para a constituição de uma maneira de perceber a si e aos outros que pode estar diretamente ou não relacionada às formas concretas de agir sobre o espaço social à sua volta.

Palavras-chave: Educação - Fronteiras sociais - Famílias de alta renda - Crianças e adolescentes - Atividades extracurriculares - Hipismo

Abstract

This research investigates the processes involved in the formation of social boundaries in high income families in relation to other groups and how these boundaries are maintained over the course of time. The educational practices of families associated with the most selective club, in economic terms, of a large city in the interior of the state of Sao Paulo were analysed. In particular, the research focused on the children involved in the horsemanship/equitation course and on the competitive activities carried out by the horsemanship/equitation department. The field work consisted of observations of the classes, as well as of the tests applied in the club and of extensive and semi-structured interviews with mothers, fathers, children and also with some of the staff. The club is seen in this study as one of the places where the associates seem to be among their peers, and where their children can be exposed to the learning of the values, life styles, sensibilities, skills, perceptions appropriate to the social group they are destined to be affiliated with. The results show how the educational experiences, including the passage through this “elite sport”, contribute to the constitution of a way to perceive oneself and others, that may be or may not be directly related to the concrete forms of acting on the social environment.

Keywords: Education - Social boundaries - High income families - Children and teenagers - Extracurricular activities - Equitation

Sumário

| | |
|---|-----|
| INTRODUÇÃO..... | 1 |
| 1. A pesquisa de campo e questões metodológicas..... | 5 |
| 2. Estrutura da dissertação..... | 16 |
| PARTE I..... | 19 |
| CAPÍTULO I..... | 19 |
| O CLUBE: UM ESPAÇO PARA ESTAR “ENTRE SI”..... | 19 |
| 1. O Clube Equestre..... | 20 |
| 2. Fronteiras entre sócios e não-sócios..... | 36 |
| CAPÍTULO II..... | 47 |
| AMIZADES, CONFLITOS E FOFOCAS: FRONTEIRAS SOCIAIS DENTRO DO CLUBE..... | 47 |
| 1. Fronteiras entre os sócios do clube..... | 49 |
| 1.1. Ter ou não ter um cavalo..... | 50 |
| 1.2. Questões de reputação..... | 63 |
| 2. Fronteiras entre sócios e funcionários..... | 74 |
| 2.1. Ponto de vista dos sócios..... | 75 |
| 2.2. Ponto de vista dos funcionários..... | 82 |
| 3. Percepção sobre a desigualdade social..... | 97 |
| PARTE II..... | 101 |
| CAPÍTULO III..... | 101 |
| A CENTRALIDADE DAS CRIANÇAS..... | 101 |
| 1. A construção de pessoas “especiais”..... | 102 |
| 1.1. Dedicção das mães..... | 107 |
| 1.2. O séquito de empregados particulares e o lugar das babás..... | 116 |
| 2. Qualidades/capacidades prezadas por mães e pais..... | 125 |
| 2.1. Produção da individualidade da criança..... | 126 |
| 2.2. Incentivo à autonomia da criança..... | 135 |
| 2.3. Busca da felicidade individual..... | 149 |
| CAPÍTULO IV..... | 153 |
| A PRÁTICA DO HIPISMO E O DESENVOLVIMENTO DE DISPOSIÇÕES PARA O COMANDO..... | 153 |
| 1. Perfil das crianças e adolescentes praticantes de hipismo no clube segundo gênero..... | 159 |
| 2. Habilidades desenvolvidas da prática de atividades competitivas..... | 164 |

| | |
|--|-----|
| 2.1. Sentindo-se capaz de atuar sob o julgamento dos outros em público | 166 |
| 2.2. Aprendendo a agir frente ao inesperado e ao incontrolável | 172 |
| 2.3. Internalizando a importância de vencer | 178 |
| 2.4. Aprendendo a se recuperar de uma perda para ganhar no futuro | 184 |
| 2.5. Gerenciando a pressão do tempo | 188 |
| CONCLUSÕES | 193 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 201 |

INTRODUÇÃO

Como as famílias de alta renda percebem a si próprias? Que grupos consideram como “outros” e em função de que aspectos, características e dimensões? Que percepções sobre si próprios - e sobre o que os diferencia dos “outros” - transmitem aos seus filhos? Que espaços de socialização são mobilizados nessa transmissão? De que modo essas percepções fundamentam as desigualdades sociais no Brasil? Tais perguntas estão na origem desta pesquisa, que se propôs a estudar as práticas de educação de famílias associadas ao clube mais seletivo, em termos econômicos, de uma grande cidade do interior de São Paulo. Foram focalizados os filhos envolvidos tanto no curso de equitação quanto nas atividades competitivas realizadas pelo departamento de hipismo.

A prática do hipismo clássico demanda elevados gastos para aqueles que o praticam competitivamente. Quem não tem condições de arcar com seus custos só pode praticá-lo, hoje, se contar com um patrocinador. Por isso, o esporte foi escolhido como um meio para se entrar em contato com famílias de maior capital econômico. O clube é visto, neste trabalho, como um dos lugares onde os associados parecem estar “entre si” e onde suas crianças podem ser expostas à aprendizagem das sensibilidades, habilidades, percepções próprias ao grupo social a que são destinadas a pertencer¹. Para preservar a identidade das famílias, o clube será chamado de Equestre nesse trabalho.

¹ Esta pesquisa se associa a dois projetos mais amplos. Por um lado, articula-se com o projeto “Circulação Internacional e Formação dos Grupos Dirigentes no Brasil”, desenvolvido como Projeto Temático da FAPESP, sob a coordenação de Leticia Bicalho Canêdo. Focalizando famílias de políticos, empresários, profissionais liberais, professores universitários, entre outros, a presente pesquisa representa, para esse projeto mais amplo, a possibilidade de incluir na análise as estratégias educativas que os quadros dirigentes desenvolvem com relação a seus filhos. Além disso, esta pesquisa está em estreita interlocução com o projeto “Experiências Educativas e Construção de Fronteiras Sociais”, sob responsabilidade de Ana Maria F. de Almeida, que focaliza famílias de grupos médios e populares. O meu estudo representa,

Por meio de observações das aulas de equitação e de entrevistas com pais, crianças, funcionários do clube, motoristas e empregadas domésticas, busco compreender como essas famílias constroem e operam fronteiras sociais com relação a outros grupos e como utilizam a educação a fim de transmitir, para as novas gerações, os privilégios que já acumularam. Em especial, analiso (i) as lutas dos mais ricos pela definição das fronteiras que os separam dos mais pobres, bem como (ii) o trabalho de produção, apropriação e manipulação de princípios de classificação (de si e dos outros) pelos seus membros. O objetivo é tornar visível parte dos processos pelos quais as percepções de si são construídas, procurando captar como os sujeitos mobilizam essas percepções em suas ações e experiências, objetivas e subjetivas, e nas relações que mantêm uns com os outros cotidianamente.

A noção de fronteira social é operacionalizada para investigar os critérios (morais, cognitivos etc) que os mais ricos mobilizam para se relacionar com grupos sociais considerados “iguais” ou “diferentes” deles, na tentativa de entender a quais grupos se unem e quais excluem de seu convívio social. Nesse sentido, a noção de fronteiras serve tanto para apreender as formas de coesão social dos mais ricos, que comungam de valores e visões de mundo semelhantes, quanto para avaliar qual o limite de sua abertura a outros grupos sociais. Como afirmam Labache e Saint Martin (2008, p. 334-5), “por um lado, as fronteiras delimitam os contornos das categorias sociais (a participação desigual dos indivíduos na vida social) e, por outro, abrem espaços de troca e de encontro para que as classes se comuniquem entre si”. A noção de fronteira ajuda a perceber, portanto, a relação “entre duas unidades que se reconhecem mutuamente como diferentes” (Labache e Saint Martin, 2008, p. 335).

nesse sentido, a possibilidade de incluir frações dos grupos altamente privilegiados na análise mais geral que está sendo desenvolvida.

Assim, um dos objetivos desta pesquisa foi analisar as visões de mundo e a transmissão de visões de mundo no interior dessas famílias, visões essas que têm a função de separação, de definição das diferenças e das desigualdades. O processo de construção e mobilização de fronteiras é pensado, aqui, como uma das dimensões em que se constrói a legitimidade da desigualdade social, tendo em vista, como indica Pierre Bourdieu (1979), que todo o processo que define fronteiras sociais constitui o desenlace dos conflitos e lutas pela classificação social (*classement*) e contra a desclassificação (*déclassement*).

De acordo com Labache e Saint Martin (2008, p. 335),

Os modos de percepção e os processos de construção ou transgressão das fronteiras parecem fortemente vinculados às trajetórias coletivas (familiares ou geracionais) e individuais, assim como às histórias dos diferentes grupos de pertencimento. De fato, constituídos segundo a classe, o gênero, a nacionalidade, ou a origem, esses grupos vivenciam mais ou menos, segundo os casos, processos dinâmicos (diferentes formas de mobilidade, rupturas e recomposições). Embora os modos de percepção e os processos de construção e de transgressão de fronteiras dependam muito das condições estruturantes prévias, eles podem também se dever, em alguns casos, em grande parte, a disposições dos atores, experiências educativas, acontecimentos desencadeadores pouco “previsíveis” e aos contextos variáveis nos quais os atores se inscrevem.

Assim, procuro levar em conta não apenas a desigualdade material, bastante marcante entre os grupos que estudei no clube (sócios x tratadores de cavalo, por exemplo), mas também como as crianças associadas, praticantes de hipismo, interiorizam uma maneira de enxergar o espaço social à sua volta - e de agir nele -, a partir de sua posição privilegiada em relação àqueles que não fazem parte de seu grupo de pertencimento.

Embora economistas de diferentes tradições venham descrevendo e demonstrando a extensão da desigualdade de renda brasileira como uma das maiores do mundo e, além disso, particularmente persistente no tempo (Barros e Mendonça, 1995), ainda estamos longe de compreender os processos sociais por meio dos quais essa desigualdade se

constrói e se mantém ao longo dos anos. Ao analisar os processos de transmissão intergeracional, em famílias de alta renda, de modos de se perceber no mundo e de perceber o outro, busco entender como isso pode influenciar no regresso, no aprofundamento ou na manutenção das desigualdades sociais no país, considerando “a visão de mundo como algo que se constrói a partir de condições concretas de existência, e não por um legado não tangível que uma geração transmite à seguinte” (Presta e Almeida, 2008). Nesta pesquisa, portanto, as desigualdades sociais são tomadas como algo que se edifica diariamente, por meio dos processos minúsculos pelos quais se constrói a legitimidade das posições de comando e de submissão, assim como do fluxo de recursos pelos diferentes grupos sociais. Ainda, indaga-se sobre a visão de mundo desses grupos mais privilegiados na estrutura social brasileira e as consequentes operações cotidianas de distanciamento ou aproximação, aprovação ou desaprovação de modos e condições de vida em que eles se engajam. Acreditamos que a análise desses fatores permite um melhor entendimento da persistência dos altos níveis das desigualdades (Presta e Almeida, 2008).

Talvez seja importante notar, desde já, que a presente análise, centrada sobre uma das dimensões da transmissão do privilégio em que está envolvida uma das frações dos grupos dominantes, não tem, evidentemente, a pretensão de esgotar o tema. Como observaram Cattani e Kieling (2007, p. 184), “as questões são mais vastas e complexas, visto que as classes dominantes são heterogêneas, não possuindo uma unidade política e ideológica, e, por isso, valem-se de múltiplas estratégias para a reprodução ampliada”.

Com base na hipótese de que o Equestre é um espaço bastante importante para a socialização de tais famílias, acredito que esse clube constitua um lugar adequado para se observar processos de produção de fronteiras entre os principais grupos que

convivem no seu interior. Assim, o objetivo da observação tanto das aulas, quanto das provas e campeonatos realizados no clube, foi o de captar aspectos como os estilos de vida, as visões de mundo, os valores, os gostos, a relação com a escola, o trabalho, o dinheiro e os bens materiais presentes nas interações entre pais e filhos, sócios do clube e envolvidos com o hipismo. Ainda, foi focalizada a relação das diversas famílias sócias entre si e a interação dessas famílias com os funcionários do clube e os particulares, como as babás e motoristas. Nesse sentido, a observação no clube permitiu visualizar as maneiras como os diferentes grupos constroem e consolidam sua identificação entre si e como se diferenciam dos outros e, em particular, permitiu perceber as formas como interiorizam os “limites” do que é ou não possível para cada um.

1. A pesquisa de campo e questões metodológicas

A pesquisa se apoiou sobre um trabalho de campo com observação etnográfica e entrevistas, sobretudo no ano de 2011. Foram realizadas 29 entrevistas formais gravadas, aprofundadas e semiestruturadas com mães, um pai, crianças e adolescentes praticantes de hipismo, além dos instrutores de equitação, de babás e um motorista.

A escolha de um clube como campo para a pesquisa foi resultado de um conjunto de circunstâncias. Em meados de 2010, eu estava decidida a definir aulas de equitação como foco investigativo, pois acreditava que ali deveria existir uma grande concentração de pessoas com mais dinheiro e eu teria um ambiente ideal para a observação etnográfica, visto que as atividades seriam rotineiras e estariam contidas em um único espaço. Uma colega de grupo me informou sobre a existência do tradicional Clube Equestre, fundado justamente por causa do hipismo. Como não conhecia previamente o clube, dei início à busca por informações através do *site* que este mantém na *internet*, reunindo uma série de dados, em particular no que diz respeito à equitação,

mas também relativas a outras atividades e esportes destinados às crianças, e obtive o contato com os responsáveis pela administração. Telefonei para a Secretaria Geral do Equestre e expliquei que era estudante da Faculdade de Educação da UNICAMP e que gostaria de fazer um estágio nas dependências do clube, já que estava estudando atividades extracurriculares. Disse, também, que me haviam sugerido telefonar para aquele clube específico por causa das atividades da “Coloninha de Férias” que aconteciam todos os anos e que pareciam ideais para o meu estudo. Eram essas atividades que eu estava interessada em acompanhar².

Uma vez autorizada a acompanhar as atividades das crianças na Coloninha, tive contato com o secretário do setor de esportes que me apresentou ao diretor de hipismo, o Eduardo, este que, por sua vez, concedeu uma licença para eu realizar a pesquisa. Logo conheci Paula, coordenadora de hipismo na época, que foi uma das informantes mais assíduas de meu trabalho e que me colocou em contato com mães, pais, instrutores e alunos nos primeiros meses.

No início, quando ia a campo, sentia uma sensação de estar ingressando em território estranho, “hostil”, com temor de cometer algum equívoco, receosa de decepcionar alguém e ser expulsa. A partir de minhas leituras preliminares sobre os ricos no Brasil, sabia que esses constituem uma população pequena, composta de alguns poucos milhares de indivíduos, que dificilmente é retratada de forma adequada nos recenseamentos, já que “a sonegação de informações parece ser maior nos estratos de renda mais alta” (Medeiros, 2005, p. 17-8)³. Mesmo que no clube, pelo menos ao que parecia, não houvesse famílias que figurassem no patamar populacional do 1% mais

² A Coloninha de Férias é realizada duas vezes por ano, em julho e em dezembro, abrangendo crianças dos 3 aos 12 anos, que são divididas em turmas de acordo com a faixa etária. Durante cinco dias, as crianças realizam brincadeiras, fazem excursões curtas, desenvolvem atividades esportivas e culturais e podem brincar com outras crianças.

³ Tanto os trabalhos de Marcelo Medeiros, como *O que faz os Ricos ricos: O outro lado da desigualdade brasileira* (2005), quanto os de Michel Pinçon e Monique Pinçon-Charlot, como *Voyage en grande bourgeoisie* (1997), apontam que a sonegação de informação dessas populações é mais elevada em comparação a outros grupos.

rico do país, ainda assim haveria de me relacionar com famílias de alta renda e, portanto, poderia defrontar-me com a sonegação de informações e com uma recusa à pesquisa.

Antes de entrar em campo, conversei a respeito de minha pesquisa com alguns amigos e amigas que cresceram na cidade em questão e que não são e nunca foram associados do clube. Embora a maior parte deles tenha dito ser “indiferente” ao Equestre, até por não possuir nenhum tipo de vínculo, todos demonstravam interesse pelo tema de meu trabalho e sempre tinham algo a dizer sobre o clube, inclusive indicando conhecer colegas também não-sócios que haviam desejado frequentá-lo na infância e na adolescência. Atentei para o fato de que, apesar da maioria dos meus amigos ter estudado nas mesmas escolas das crianças e adolescentes sócias do clube que pude entrevistar, existia uma tentativa de separação entre eles e os associados. Isso era feito por meio de comentários ora depreciativos - os sócios são uns “arrogantes”, “insuportáveis”, eu não “aguentaria fazer a pesquisa lá”, eu encontraria a “oligarquia” da cidade, eu teria que entrevistar o “pessoal do *[nome do bairro de alta renda da cidade]* e do *[nome dos condomínios de alta renda da cidade]* – ora como se admirassem (“lá é tão bonito”, “maravilhoso”, “a piscina é gigante”, “todo mundo rico que eu conheço é sócio de lá”). Quanto a mim, mesmo acreditando que não levaria qualquer “choque” com os estilos de vida das famílias sócias do clube cujos filhos praticam hipismo, formei algumas expectativas a partir das falas de meus amigos.

Seguramente, essas expectativas influenciaram meu “estado de espírito” quanto a abordar determinados assuntos no decorrer da pesquisa de campo, como os salários e a renda mensal dos meus informantes. Deste modo, apesar da convicção de que estava adentrando um clube que reunia famílias de alta renda, um dos maiores desafios foi identificar a posição econômica dessas famílias, já que havia decidido não conversar de

forma direta e objetiva sobre isso, acreditando que, assim, minha pesquisa seria melhor aceita e as pessoas teriam “mais boa vontade” em prestar as informações que eu procurava. Para resolver tal problema, levei em consideração, seguindo Pinçon e Pinçon-Charlot (2003, p. 12), que “a distribuição de patrimônio é claramente mais desigual - ou claramente mais concentrada – que a da renda” por causa dos “processos” de acumulação que, muitas vezes, desenvolvem-se ao longo de várias gerações. Prestei atenção, então, aos “sinais exteriores de riqueza” emitidos por essas famílias: moram em casas confortáveis, comumente em condomínios fechados onde o valor do metro quadrado está entre os mais caros da cidade (se considerarmos os valores divulgados nos anúncios imobiliários dos jornais de maior circulação), são sócios do clube mais seletivo em termos econômicos da cidade, viajam pelo menos uma vez ao ano pelo Brasil e/ou no exterior, seus filhos frequentam escolas particulares tradicionais, cujas mensalidades são bastante altas, e cursos extracurriculares de vários tipos. Em linhas gerais, dispõem de carros caros, tanto nacionais quanto importados, exibem aparelhos eletrônicos modernos, como telefones celulares das marcas mais valorizadas (*iPhone* e *Blackberry*), *iPods*, *iPads*, *notebooks* e se vestem com roupas e acessórios de algumas marcas que só podem ser compradas nas lojas dos *shopping centers* mais exclusivos da cidade ou em viagens ao estrangeiro. Além disso, vários deles são proprietários dos cavalos e éguas que utilizam nos treinamentos e competições. Tais posses podem ser vistas como “marcadores públicos de categorias sociais”, no sentido proposto por Douglas e Isherwood em *O Mundo dos Bens* (1979). A maioria também exerce profissões associadas à elevada remuneração. Alguns são altos executivos de grandes empresas multinacionais ou proprietários de empresas do setor de serviços, da construção civil, de transportes, da siderurgia. Outros são sócios de escritórios de advocacia, proprietários ou sócios de clínicas e hospitais importantes da cidade. Uns

poucos são professores universitários que, em geral, ou são associados ao clube devido ao casamento ou são membros de famílias proprietárias da região.

A maior parte das famílias entrevistadas teve uma trajetória social ascendente ao longo das gerações, relatando que se encontram numa condição econômica “melhor” do que viveram na infância, ou quando se comparam à geração de seus pais ou avós⁴, inclusive aquelas que passaram por dificuldades financeiras recentemente. Algumas se beneficiaram e se beneficiam até hoje da herança familiar. Além disso, as questões relativas à herança e até a eventuais falências, que, às vezes, aparecem nas entrevistas, deixam claro que alguns sócios já foram mais ricos e, hoje, estão em uma situação econômica menos privilegiada; outros, que nunca foram herdeiros, atualmente alcançaram um patamar financeiro mais alto do que aparenta ser a média do clube.

No departamento de hipismo do Equestre, há uma segmentação operacional entre por um lado, a escola de equitação, para aqueles que fazem aulas com os cavalos/égua da escola sob a supervisão dos instrutores contratados pelo clube, e, por outro lado, o curso particular, reservado para quem já possui animal próprio ou os tomam emprestado de terceiros e fazem aulas com os instrutores que escolherem. Destes instrutores, alguns são sócios do clube, outros não, e são contratados por intermédio direto das famílias. Em geral, quem possui cavalo/égua, não faz aula na escola de equitação, embora isso não seja uma regra absoluta. Em campo, pude entrar em contato e estabelecer vínculos com pessoas envolvidas no setor de hipismo, sendo que parte delas passava suas tardes no clube. Nesse grupo estavam algumas crianças e adolescentes da escola de equitação e

⁴ O caso do avô de um menino da escola de equitação, de 10 anos, é exemplar dessa ascensão social ao longo das gerações. Em uma conversa informal gravada, ele, que aparenta ter de 70 a 75 anos, contou um pouco de sua vida. “Meu pai era coitado, assim, era quase analfabeto, mal sabia escrever o nome. Ele era ferroviário e eu já pulei um pouco pra frente, né? Entrei no comércio e acabei ficando no comércio. Eu fiz faculdade também, eu sou formado em Administração de Empresas. Terminei depois de casado”. Dos seus três filhos, um deles se formou em Medicina e o outro, em Engenharia: “Eu mesmo... eu peneeeei, peneeeei pra pagar. Meu filho mais velho fazia Medicina, caríssimo, não trabalhava, é o período integral, né? Morar fora, pagar a faculdade...”. Atualmente, seus netos gozam de um padrão de vida superior ao das gerações passadas, matriculados nas escolas mais renomadas da região, com frequência a uma gama de atividades extracurriculares, ao Equestre, dispondo de aparelhos eletrônicos etc.

aqueles que permaneciam de uma a três horas nas pistas do curso particular, a exemplo das mães que acompanhavam suas filhas e filhos aos treinos todos os dias. Portanto, minha pesquisa trabalha com essas duas categorias de famílias, procurando assinalar os aspectos em que se diferem e aqueles em que se identificam entre si.

No entanto, meu acesso aos diferentes membros das famílias não ocorreu de modo simples e não tive controle irrestrito sobre a escolha dos entrevistados. Os mais receptivos foram aqueles com os quais eu consegui, de fato, estabelecer uma relação pessoal e, entre esses, ouvi mais aqueles que tinham maior disponibilidade de tempo. Como as mães das crianças que treinavam nas pistas do curso particular de equitação levavam embora suas filhas e filhos logo depois das aulas, mantive contato com apenas alguns deles. Já em relação às mães e aos pais que não acompanhavam seus filhos, eu não só tive dificuldade de entrevistá-los como, também, de chegar a conhecê-los e contatá-los. Assim, a pesquisa assumiu a sua forma concreta em função das condições encontradas em campo: por um lado, fiquei próxima de algumas crianças e adolescentes da escola de equitação que não têm cavalos, mas não com suas mães e pais e, por outro, convivi com mães cujos filhos frequentam as pistas do curso particular dispondo de animais próprios, mas não com estas crianças e adolescentes.

Solicitei aos filhos e filhas da escola de equitação que me colocassem em contato com seus pais, e às mães das pistas particulares que estimulassem seus filhos a participar da pesquisa. Porém, isso não acontecia com a facilidade que eu esperava e sempre que tentei insistir, percebi uma certa recusa, como se aqueles que se dispuseram a participar não quisessem envolver outros membros da família – alguns adolescentes diziam que seus pais trabalhavam e “não tinham tempo” e, diante da minha persistência, sempre encontravam uma maneira de não me colocar em contato com eles. Algumas dessas crianças chegaram a dizer que, realmente, não queriam que eu conversasse com

seus pais. Por outro lado, algumas mães concordaram que seus filhos fossem entrevistados, mas nunca me apresentavam a eles ao final das aulas, saindo apressadas rumo a outro compromisso, sem reservar qualquer tempo para que houvesse contato entre nós. Parece que barreiras foram postas da parte dos filhos da escola de equitação, para eu não me aproximar de seus pais e, da parte das mães do curso particular, para proteger seus filhos.

Como resultado, consegui entrevistar mães e filhos de apenas três grupos familiares, dentre os 16 que focalizei nessa pesquisa. Dois deles pertencem ao núcleo da escola de equitação e um, ao núcleo do curso particular.

Esclareço que, embora essa situação tenha ocorrido na maioria dos casos, exceções não foram raras. Havia mães, cujos filhos frequentavam a escolinha, que estavam sempre presentes e crianças e adolescentes do curso particular com quem pude interagir em campo. Também houve casos de mães, pais e filhos que não demonstraram interesse em cooperar com a pesquisa e que declinaram, às vezes explícita e outras vezes implicitamente, meus pedidos de entrevista.

Quanto aos funcionários, convivi de modo mais assíduo com a Paula, coordenadora de hipismo, com os cinco instrutores da escola de equitação e, nos últimos meses de campo, mantive contato com os pistinhas - “pistinhas” são os funcionários encarregados de tomar conta da manutenção da pista de hipismo, como montar percursos e recolocar as traves dos obstáculos quando elas são derrubadas pelos animais, tanto nos treinos quanto nas provas e campeonatos. Não estabeleci quaisquer vínculos com as instrutoras e instrutores que ministravam aulas nas pistas do curso particular.

Assim, ao longo de 2011 e no começo de 2012, foram realizadas 29 entrevistas formais, a saber: nove mães e um pai; seis meninas e quatro meninos; duas instrutoras e

três instrutores; três babás e um motorista particular. Como observei famílias com filhos entre 5 e 17 anos, não delimito, aqui, uma idade específica em que terminaria a infância e iniciaria a adolescência. Para simplificar, considero como “crianças e adolescentes” os filhos que tenham até 17 anos, estejam em período escolar, morem com pelo menos um dos pais e dependam deles economicamente. Já a média de idade das mães observadas e entrevistadas se encontra na faixa dos 40 a 50 anos. A grande maioria das entrevistas aconteceu no próprio clube e, dentre essas, a maior parte no restaurante Alvorada.

A realização de entrevistas foi pensada como uma forma de complementar o trabalho de observação etnográfica, ajudando a obter informações que eu não conseguiria adquirir por meio da observação no clube, como a história familiar, as aspirações para o futuro, o local de residência, os gostos. As entrevistas serviriam para melhor precisar a *posição social* dos indivíduos, não bastando apenas entender a posição atual, mas também como o indivíduo chegou a esse lugar, além de compreender e interpretar, de maneira mais nítida, a *tomada de decisões* dos entrevistados, isto é, escolha de escola, da profissão, da residência etc. Assim como no trabalho de Labache e Saint Martin (2008), na minha pesquisa, “as entrevistas enfocaram principalmente as histórias familiares e individuais, a percepção das fronteiras sociais, espaciais, temporais e de gênero, as experiências educativas apreendidas por meio da educação familiar recebida e da educação familiar dada” (p. 336).

Também ocorreram situações em que foram realizadas entrevistas informais não gravadas ou conversas nas quais eu pedia autorização para utilizar o gravador, como no caso da coordenadora de hipismo Paula e de outras mães. Na época da escrita da dissertação, esclareci incontáveis dúvidas com meus informantes, por *e-mail* e *Facebook*, que também estou autorizada a divulgar, a exemplo das conversas com a informante Letícia, 24 anos, sócia e praticante de hipismo no Equestre.

Mesmo com as dificuldades recorrentes para entrar no clube - que serão explicadas no capítulo I -, pode-se dizer que fui bem aceita lá dentro. Eu ficava perto das pistas, sentada, observando as aulas e acredito que parecia uma sócia, tanto que funcionários e associados me percebiam como praticante de hipismo (“Você monta também?”). Assim como eu, a quase totalidade dos associados é branca, descendente de europeus, sendo uma parte significativa de italianos, como apontam os sobrenomes dos alunos matriculados na escola de equitação, cuja lista pude consultar. Parecem estar atentos à própria aparência, demonstrando cuidado com a forma física e com as maneiras de se vestir. Muitas das mulheres sócias e algumas adolescentes usam maquiagem diariamente e várias delas tingem os cabelos de loiro. Cirurgias plásticas e tratamentos estéticos, como alisamento capilar e aplicação de Botox, também constituem recursos bastante empregados pelas associadas adultas, como vim a descobrir mais tarde, por meio das conversas informais⁵.

Ao mesmo tempo, penso que vários sócios concordaram em me conceder entrevistas pelo fato de, em primeiro lugar, eu ter conseguido uma autorização para entrar e realizar meu trabalho no clube. Como a própria Paula, coordenadora de hipismo, disse-me certa vez, “eles não deixam entrar qualquer um”. Os sócios parecem bastante conscientes desse controle. A autorização pode, assim, ter funcionado como uma “carta de recomendação”, um aval para a minha presença, a minha pessoa e a minha pesquisa. Além disso, a credibilidade de uma universidade pública conceituada como a UNICAMP deve ter influenciado nesta aceitação da pesquisa e acredito que, pelo menos até certo ponto, alguns sócios consideravam um indicador de *status* o fato de serem objeto de uma pesquisa de mestrado da UNICAMP. Pelo menos, esse foi o

⁵ A realização de cirurgias plásticas por motivos estéticos não é um consenso entre as mulheres com as quais mais convivi no clube. Emma, uma das mães entrevistadas, declarou sobre suas rugas: “É que eu sou da turma do anti-Botox. Cada uma dessas aqui é minha história. Minha vida bem vivida”. Diz que gasta “uma grana” com cremes mais caros, comprados na Alemanha, no entanto critica as mulheres que, na sua opinião, “não sabem envelhecer”: “Ter 50 e poucos anos com uma cara de 30 não dá, né?”.

sentido que atribuí a determinadas reações quando o objetivo da minha presença era explicitado – Daniela, por exemplo, de 13 anos, gostava de falar sobre mim com empolgação para os amigos: “Ela estuda a gente!”.

Também avalio que o fato de ter apresentado a pesquisa como um estudo do hipismo, uma atividade esportiva, facilitou a entrada em campo porque, como mostrou Archetti (2003) em sua análise do futebol, tango e polo na Argentina, no que diz respeito às interações sociais, o espaço do esporte pode ser considerado como uma “zona livre”, isto é, um lugar onde as expressões da vida social são menos controladas. Ao mesmo tempo, ainda se constituem em espaços privilegiados para uma análise menos constrangida pelas “ideologias oficiais” dos grupos dominantes, onde eles podem ser observados sem se sentirem ameaçados (2003, p. 42).

De maneira geral, ocorreu uma certa identificação entre a minha história de vida e a história de vida dos meus pesquisados. Por causa disso, não me faltava assunto com mães, pais, e filhos. Conversávamos sobre escola, viagens, atividades extracurriculares, UNICAMP. Por exemplo, o fato de eu ter morado na Alemanha facilitou “puxar conversa” e obter alguns contatos, visto que várias crianças e adolescentes estudam em um colégio de origem alemã assaz respeitado e prestigioso da região. Por não ser sócia, nem aluna, nem ter filhos e pela minha idade, parece que fui alçada à posição de curinga, colocada e percebida num patamar de neutralidade, no qual podia ouvir falas oriundas de todas as direções, fossem de mães, de adolescentes ou funcionários. Às vezes, os instrutores e a coordenadora de hipismo me usavam como confidente para desabafar sobre o trabalho e sobre o que pensavam de parte das famílias envolvidas com o hipismo. Procurei ser extremamente discreta, não repetindo o que ouvia e não reagindo com muita ênfase, nem aos comentários e confissões que mais me surpreendiam. Isso, talvez, tenha impedido inconvenientes no campo e, ao longo do

tempo, deve ter contribuído para que se desenvolvesse uma relação de confiança que me permitiu ouvir comentários bastante pessoais. Com isso, acabei tendo acesso a práticas usualmente dissimuladas, algumas delas privadas, isto é, práticas que eu não descobriria através do conjunto das entrevistas feitas.

Além disso e, provavelmente mais importante, o fato de eu ser mulher foi um facilitador para me aproximar das adolescentes meninas e das mães que passavam suas tardes no departamento de hipismo do clube. Isso talvez não tivesse ocorrido se eu fosse um pesquisador homem. Ou, quem sabe, um pesquisador homem talvez contasse com uma maior receptividade por parte dos pais das crianças e adolescentes, geralmente muito presentes em dias de campeonato. Nesta pesquisa, então, embora os meninos e os homens não desapareçam, as falas de meninas e mulheres ocupam um espaço maior. Para lidar com a forma que a pesquisa foi adquirindo, busco problematizar o impacto do gênero sobre a escrita etnográfica por meio de alguns cuidados. Entre outros, tomo um cuidado especial para não adotar o ponto de vista das mães como se fosse a visão única da família. Isso me fez questionar, por exemplo, se a divisão sexual do trabalho de educação dos filhos não impõe às mães cuidar da construção de um “mundo ideal”, enquanto os pais ficariam encarregados de preparar as crianças para o “mundo como ele realmente é”.

Minha pesquisa no clube ocorreu entre o segundo semestre de 2010 até o final de 2011, com algumas idas esporádicas em 2012, em dias de campeonatos. O trabalho foi interrompido em dois períodos: durante as férias das aulas de equitação, de dezembro de 2010 a fevereiro de 2011 e durante os meses de maio a junho de 2011, quando me dediquei à escrita do texto para o exame de qualificação. Em média, ia a campo três vezes por semana; em algumas semanas a frequência era maior, em outras, menor e os dias da semana variaram em função da minha disponibilidade e do calendário de

atividades da escola de equitação. Durante todo esse período no clube, mantive um diário de campo em forma de arquivo no Microsoft Word e um outro arquivo com pensamentos e opiniões que eu ia formulando à medida em que lia artigos, etnografias, ou quando me ocorria alguma nota não relacionada diretamente a dias específicos no campo. Colecionei, ainda, reportagens em revistas de ampla circulação, como a *Veja* e *Veja São Paulo*, que traziam artigos sobre hipismo e riqueza econômica no interior paulista e sobre os novos empreendimentos de condomínios residenciais que mantêm centros hípicas para os moradores. O *site* do clube na *internet* e a revista do Equestre constituíram, desde o início do trabalho de campo, uma rica fonte de informações sobre a história do clube, as famílias associadas, as festas, as atividades sociais etc.

No final da pesquisa, eu já conhecia e era conhecida por grande parte das pessoas envolvidas com o hipismo no Equestre, inclusive podendo compreender ou comprovar algumas situações apenas trocando olhares com os informantes mais próximos.

2. Estrutura da dissertação

O trabalho está dividido em duas partes contendo dois capítulos cada uma. A Parte I aborda a questão das fronteiras mobilizadas por sócios, mas também por não-sócios, incluindo tanto os funcionários do Equestre quanto os particulares contratados pelas famílias. O clube se apresenta, assim, como um espaço importante para se apreender, em pleno desenvolvimento, parte das estratégias sobre as quais os grupos mais privilegiados se apoiam para assegurar a sua posição e transmiti-la aos seus descendentes. Embora a barreira socioeconômica seja a mais visível, há as barreiras que, simbolicamente, também separam os diferentes grupos. Portanto, o estudo das experiências educativas vivenciadas pelas crianças e adolescentes do clube - e das percepções associadas por elas a tais experiências -, permite captar o engajamento das

famílias e dos indivíduos em foco a fim de produzir, por um lado, uma agregação, isto é, quando se unem a determinados grupos com os quais se identificam entre si e, por outro, uma segregação, quando se diferenciarem de outros grupos, os quais buscam evitar (Bourdieu e Saint Martin, 1987).

A Parte II ajuda a compreender como as práticas educativas e os modos de socialização a que estão expostas as crianças e adolescentes do clube servem para formar indivíduos que acreditam ser “especiais”, tanto pela atenção e o investimento financeiro constantes que lhes são destinados desde muito precocemente, quanto por desenvolverem qualidades tidas como “de sucesso”. Essas características, embora provocadas conscientemente através da educação, são vistas, por vezes, como inatas. O livro *Estabelecidos e Outsiders* (Elias e Scotson, 2000), que figura entre as referências fundamentais de minha pesquisa, levanta uma série de questões norteadoras para este debate: “De que modo os membros de um grupo mantêm entre si a crença de que não são apenas mais poderosos, mas também seres humanos melhores do que o outro? Que meios utilizam eles para impor a crença em sua superioridade humana aos que são menos poderosos?” (p. 20). O fato dessas crianças e adolescentes pertencerem a um grupo dominante dentro da estrutura social brasileira, desfrutando das vantagens que sua condição econômica proporciona em sociedades capitalistas como a nossa, gera efeitos tanto simbólicos quanto concretos sobre a visão de sua própria importância no mundo. Desta forma, procuro identificar, explicar e discutir essas implicações dentre os filhos das famílias associadas, tendo em vista, também, as atividades extracurriculares, principalmente o hipismo. Por fim, apresento as conclusões mais importantes da pesquisa.

Optei por não divulgar o nome do clube e, por consequência, o da cidade, para que as pessoas envolvidas não viessem, eventualmente, a se sentir desconfortáveis por

qualquer motivo que fosse. Acredito que o fato da pesquisa ser anônima não traz distorções para a análise sobre os processos de socialização a que essas crianças e adolescentes estão submetidos, já que busco captar processos mais gerais, que ultrapassam fortuitas idiossincrasias de um ou outro grupo familiar. Portanto, com exceção do meu nome e dos nomes de algumas pessoas e lugares conhecidos por um amplo público, todos os outros serão trocados ou ocultados.

PARTE I

CAPÍTULO I

O CLUBE: UM ESPAÇO PARA ESTAR “ENTRE SI”

Empreender uma observação etnográfica num clube pode parecer, num primeiro momento, abdicar de formas consideradas mais tradicionais ou, até mesmo, mais “sérias” de se realizar uma pesquisa de campo. Tomar um espaço de socialização que envolve o uso do tempo livre de mães, pais e filhos significa falar de uma dimensão tanto fora do ambiente de trabalho quanto extraescolar e, também, externa ao espaço doméstico. Por que, então, despender tempo, energia e dinheiro para pesquisar num clube?

Partindo de um estudo de caso, procuro demonstrar o que é um clube e o que significa ser sócio de agremiações como essa no Brasil, o porquê de se fundar um clube e quem funda, quais famílias e grupos sociais estão envolvidos, qual o fator de permanência das famílias, em que sentido se dão os investimentos dos sócios e não-sócios, quais as clivagens internas, como hierarquias, questões raciais e de gênero entre outros. Conhecer o funcionamento de um clube e, em particular, do clube dentro do qual desenvolvo minha pesquisa com crianças e adolescentes do setor de hipismo traz condições de melhor compreender os valores, as visões de mundo, os modos de vida de uma parcela das elites brasileiras.

O Clube Equestre está situado em uma grande cidade do interior paulista, cuja importância tem origem na plantação de café e cana-de-açúcar e, a partir dos anos de 1930, na abundante atividade industrial e comercial. Mais recentemente, a cidade se constituiu num polo de pesquisa e desenvolvimento tecnológico. Apesar de ser considerada uma cidade rica e em expansão, oferece poucas opções de lazer para a juventude. Como assinalam as crianças e os adolescentes da escolinha, com os quais tive mais contato, “nas férias, quem não viaja, fica no Equestre o dia inteiro“, “nossa diversão!“. “Eu fico aqui o dia inteiro ou eu fico em casa ou eu viajo, muito raramente eu viajo, porque eu sempre faço questão de ficar aqui“, “conversando, sem fazer nada“ (Talita, 16 anos). Por meio do acachapante conjunto de programas esportivos, culturais e sociais, grande parte dos mais de 15 mil sócios acaba realizando a maioria de suas atividades nas dependências do Equestre, “porque é tudo lá”, “fica fácil”, mas também porque se configura ali um espaço onde eles desenvolvem sua rede de convivência e de sociabilidade. Os sócios querem estar no clube e querem conviver “entre si” (Pinçon e Pinçon-Charlot, 1997), apesar das intrigas e conflitos e da interação cotidiana com funcionários, nem sempre pacífica.

Como as crianças, aqui focalizadas, passam muito tempo no clube e desenvolvem ali uma parte importante de suas atividades cotidianas, o clube é tomado, nesta pesquisa, como um “subsistema” de socialização complementar ao espaço doméstico. A observação do funcionamento das famílias nessa esfera de ação dá condições para se problematizar outras dimensões do imenso trabalho educativo dirigido às crianças e adolescentes praticantes de hipismo que não se esgota, portanto, no espaço da casa ou do grupo de parentesco.

1. O Clube Equestre

O clube se configura em um espaço no qual acontecem dinâmicos processos de construção e transgressão de fronteiras socioeconômicas, simbólicas e morais e onde diferentes grupos sociais convivem diariamente. Assim, uma primeira separação, a mais óbvia, ocorre entre os que estão dentro e os que estão fora do clube. Ser sócio deste clube significa gozar de uma posição de *status* entre os grupos sociais que valorizam o capital econômico e simbólico na cidade. Grande parte das famílias associadas é considerada tradicional por deter uma posição social, política e econômica privilegiada na região há várias gerações. No entanto, independente da fortuna ser antiga ou recente, ser associado ao clube mais seletivo em termos econômicos da cidade faz com que as diferenças entre os variados segmentos da elite local sejam obscurecidas tanto para os sócios quanto para os não-sócios, sendo importante sua posição social atual, mesmo que essa seja mantida em meio a dificuldades econômicas. O título, simbolizado na carteirinha, concretiza a situação de sócio e o clube funciona como um mecanismo de definição das fronteiras identitárias desses grupos, de constituição da autoimagem e do sentimento de pertencimento dos sócios a um lugar “exclusivo” e “superior”.

Apesar de estar em processo de constante expansão de serviços, o Equestre comporta um número limitado de associados titulares e, para se tornar um deles, é necessário que haja oferta de venda de título, o que nem sempre acontece. Em 2011, o título custava R\$ 30.000, a serem pagos ao associado que vende o título, acrescidos de R\$ 14.000, pagos ao próprio clube como “taxa de transferência”⁶. Esses valores não podem ser considerados irrisórios nem se comparados aos clubes mais caros da capital

⁶ Embora a compra do título exija um alto investimento econômico, os associados consideram a mensalidade do Equestre barata, sendo que, em 2011, o valor estava em R\$ 230 para um casal e seus filhos. Além disso, paga-se para praticar esportes e ir a festas e eventos no clube. Segundo as mães entrevistadas, matricular-se no clube em alguma modalidade esportiva acaba compensando, porque as mensalidades são mais baratas do que em outros lugares. Nas escolas de equitação da região, por exemplo, a mensalidade para duas aulas por semana não sai por menos de R\$ 400. No Equestre, as mesmas duas aulas semanais saíam por R\$ 130 em 2011. A mensalidade de qualquer outro esporte, como futebol, custava R\$ 30 para sócios.

paulista⁷. Para uma cidade do interior de São Paulo, isso implica grande mobilização de recursos e seleciona economicamente as famílias que dele vão fazer parte. Mas não só. A pessoa interessada em se tornar sócia deve ser indicada por dois sócios proprietários⁸, sendo necessário, portanto, acessar as relações interpessoais para pleitear a admissão no clube, o que evidencia a importância da rede de interconhecimento.

Embora o título do clube seja, em uma das suas dimensões, considerado como mercadoria na medida em que pode ser comprado e vendido, ele não se limita a isso, como mostra a relutância de algumas famílias em vender o título, mesmo quando passam por períodos de dificuldade financeira. Mariana, 25 anos, associada ao clube e uma das instrutoras da escola de equitação, conta em uma conversa:

Karen: Nesses casos de falência, as famílias não cogitam vender o título de sócio?

Mariana: Não, porque é *status*. Muito *status*. Se na hora da quebra, você vender o título da Equestre, é aceitar que você quebrou. E ninguém aceita.

Karen: Isso você vê aqui?

Mariana: Claro. O cara que deve mundos e fundos e fica desfilando de carrinho novo, zero, Mercedes, Audi aqui dentro do Equestre, pra falar pros outros que tem dinheiro, mas lá fora tá quebrado, fodido, devendo até a alma dele (*risos*).

Para algumas das famílias associadas, incluir os novos membros da família ao clube, como noras, genros, esposas e maridos, parece ser um aspecto importante para reforçar a união dos parentes entre si e apresentá-los ao círculo de amizades do Equestre

⁷ Dos clubes mais seletivos economicamente de São Paulo, capital, os valores, em 2011, para se tornar um associado não destoavam dos custos para se associar ao clube foco desta pesquisa, com apenas uma exceção, o Clube Athletico Paulistano, cujo título familiar custava R\$ 5.000 e a taxa atual de transferência estava em torno de R\$ 180.000.

⁸ Para se tornar um membro associado do clube, a pessoa interessada deve ser indicada por dois sócios proprietários que estejam com suas mensalidades em dia, reunindo, além disso, “os documentos que a Diretoria julgar necessários”. Essa proposta será encaminhada à Comissão de Sindicância, “a qual opinará sobre a aceitação dos candidatos”. A seguir, a Diretoria aceitará ou não as admissões propostas, “o que será feito por votação secreta de seus membros, fazendo constar em atas, em livro especial, as decisões tomadas”. A partir da aquisição do título de sócio proprietário, podem-se incluir outras pessoas como dependentes - cônjuge, companheiro, filhos, enteado e pais e sogros, desde que estes tenham 70 anos completos e sejam dependentes econômicos, constado no imposto de renda do titular. Babás e motoristas, por conseguinte, não podem ser incluídos como dependentes. Para que possam entrar no clube acompanhando as crianças e adolescentes em suas atividades, eles devem ser cadastrados mediante a entrega de alguns documentos e cópia da Carteira de Trabalho e Previdência Social com registro e, no caso dos motoristas, também da cópia da Carteira Nacional de Habilitação.

de modo a já ir integrando essas pessoas “de fora” ao grupo de interconhecimento. Ao longo do trabalho de campo, recolhi diversos depoimentos sobre o fato de alguns sócios terem sido presenteados com o título do clube, pelos pais ou avós, em ocasião de seu casamento ou como uma forma de herança. Também já presenciei conversas entre instrutores da escola de equitação afirmando que a família de um certo aluno deveria ter ganhado o título, porque, do contrário, não possuiria dinheiro suficiente para comprar, visto que seu pai é fotógrafo e sua mãe, psicóloga. Para uma de minhas amigas, que cresceu na cidade em foco sem ser associada ao clube e se descreve como uma “outsider” em relação às famílias mais ricas da cidade:

Ah, uma história: quem é sócio de lá, hoje, é a família do marido da minha irmã [...]. A família deles não é dessas tradicionais que eu comentei, na verdade são do tipo “novos ricos”, sabe? Mas bem ricos. Tanto que quando eles se casaram, a sogra dela - que é estilo perua super brega - fez questão de incluir a minha irmã como sócia também, mesmo ela não querendo, porque ela sabia que nem ia frequentar. Mas, mesmo assim, a sogra dela quis, acho que por imagem, sabe, pra mostrar pra conhecidos e pra sociedade que o filho casou, sei lá. E o Equestre tinha um procedimento ridículo de colocar fotos de quem quer ser sócio na recepção pra meio que tornar público o negócio e para alguém que passasse por lá, visse a foto e reconhecesse a pessoa, pudesse aprovar ou não a entrada dela como sócia no clube. E minha irmã odiou isso! Achou super ridículo e ficou com uma mega vergonha de ter a foto lá!

Por outro lado, nos casos de divórcio, principalmente nos litigiosos, consiste em uma prática bastante difundida o detentor do título de sócio retirar o/a ex-cônjuge dos dependentes, impedindo, assim, a frequência deste/a ao clube, barrando sua entrada e, por vezes, gerando desconfortos. Percebe-se, aqui, que o clube constitui um espaço que também se disputa em decorrência de conflitos e brigas familiares, o que pode ser exemplificado pela fala do único pai entrevistado nesta pesquisa, que havia se separado da mãe de suas duas filhas e era o responsável por arcar com todos os gastos referentes às garotas:

Luís, pai, 45 anos: Eu falei [para minha ex-esposa]: “Você vai mudar de vida, você escolheu mudar de vida, eu vou ter que pagar pra ir ver minhas filhas ainda por cima? Além de tudo que eu pago? Peraí. Você quer o divórcio agora. Uma vez você veio jogar [na minha cara]: ‘Não, porque você quer o divórcio, você me tirou do Equestre por que?’”. Porque eu comuniquei ao Equestre que eu tinha separado, ela não podia mais ir. Só minhas filhas. Eu falei: “Eu levo, minha mãe leva, eu dou convite pra você, eu dou uma autorização pra você entrar todo dia com as meninas, mas ficar indo sozinha tomar sol com as suas amigas, peraí, né?”. Porque eu pedi pra ela me ajudar com R\$ 25 por mês de tudo o que eu pagava, (*imitando voz rude*) “Não, não posso!” e criava, arrumava encrenca na frente das meninas. Aí, como retaliação, eu fui e tirei.

O Equestre foi fundado em fins da década de 1940 com o objetivo de difundir e prestigiar todas as modalidades do esporte hípico e demais esportes amadores. Segundo seu *site*⁹ na *internet*, o hipismo constitui a razão de sua existência, como anuncia o próprio nome do clube e os diversos textos de apresentação, assim como o seu emblema: dois objetos alusivos a esse esporte, associados às iniciais do nome do clube e ao ano de fundação. Ao expor sua própria história, a todo momento o clube mobiliza a ideia de superioridade dos associados por meio de adjetivos que remetem à noção de “se estar entre os melhores”. Além disso, a história contada do clube parece ser um mecanismo importante para construção da autoimagem e do sentimento de pertencimento dos sócios. Há um empenho em apresentar os sócios-fundadores como um grupo privilegiado, particular, localizando-os, de alguma maneira, “acima” da população comum, representantes ilustres e expoentes na região. O próprio emprego de palavras e expressões como “esporte de elite”, “grandes eventos”, “saga de lutas”, “atletas notáveis”, “espaço privilegiado”, “coragem”, “importância”, “vitórias”, “notoriedade”, “inesquecível”, “abrilhantado”, “espetacular”, entre outras, indica um intento de se vincular uma tradição de prestígio social e de grandeza à história do clube. A narração referente aos anos de fundação, estruturação e consolidação do Equestre

⁹ Como meu foco de análise não incidia sobre o clube, mas sobre o departamento de hipismo, os registros no *site* constituíram-se numa fonte precípua de informações referentes ao Equestre, como sua história, regras internas, estatuto, obras de infraestrutura, modalidades esportivas, campeonatos, equipes, *rankings*, festas etc. No *site*, o registro das atividades e acontecimentos ocupa um lugar central, em particular aqueles mais recentes.

ressalta o papel de cada ex-presidente, suas profissões¹⁰, algumas características pessoais e, em particular, as obras por eles realizadas. O clube seria, então, produto dessa “construção coletiva”, numa sucessão de “grandes gestões”.

Nas entrevistas, mães e filhos parecem, de fato, acreditar que pertencem a um grupo “especial”. Segundo Eliza, 40 anos, mãe de um garoto de 10 anos que frequenta a escola de equitação, um outro clube da cidade, outrora já bastante frequentado e valorizado, “decaiu muito, muito, muito” com o acesso de novos membros: “Então, assim, antigamente todo mundo que era sócio do Equestre era sócio do [outro clube], era todo mundo igual, e era gostoso...”.

Algumas das crianças e adolescentes evocam a ideia de “paraíso” ao se referirem ao Equestre, que se assemelha a uma extensa fazenda, onde a vida se dá em outro ritmo que o da cidade, embora esteja dentro dela. Não aparenta ser um clube urbano, como se a própria urbanidade estivesse distante, ambiente este composto pelo cenário campestre, em contato com a natureza, pelo “clima” de tranquilidade e pela homogeneidade das construções, em estilos arquitetônicos semelhantes, meio colonial chique, meio rústico, com cores que combinam entre si e remetem às cores oficiais do Equestre, em particular o azul. Para tanto, um rol de funcionários do clube e também terceirizados trabalham para mantê-lo seguro, amplo, com muitas áreas verdes e construções imponentes, constantemente renovado, modernizado e limpo.

¹⁰ Quanto aos ex-presidentes, além da maioria exercer profissões consideradas de prestígio, a saber Direito, Medicina e Engenharia, são também apresentados como criadores de cavalos, fazendeiros, empresários, professores universitários e, para aqueles mais ativos no momento de fundação do clube, militares. Alguns dos ex-presidentes cumpriram dois e até três mandatos sucessivos e os que estão vivos gozam, ainda, de ampla influência no clube.

Vista aérea do Clube Equestre



Foto: imagem do site

Foto da piscina semiolímpica



A área de piscinas, chamada de “parque aquático”, por sua vez, é um dos maiores e mais chamativos lugares do clube e está dividida entre duas grandes piscinas recreativas e uma piscina semiolímpica de 25 metros aquecida, que abriga aulas de natação e hidroginástica.

Foto: Hannes Kraft

Foto da piscina recreativa



Foto: Hannes Kraft

Como em outros clubes de elite, há um rígido controle de entrada. Monitoramento por câmeras de segurança, barreiras físicas e humanas estão sempre a postos para mediar as passagens de fora para dentro do clube, até para os casos como o meu, em que, apesar de não ser sócia, estou autorizada e possuo cadastro no sistema¹¹. Com todo esse controle, o clube aparenta ser um lugar exclusivo, separado da vida da cidade, ao qual são admitidos apenas aqueles que foram “selecionados”, tanto que para

¹¹ As dificuldades para adentrar o clube eram frequentes. Algumas vezes, em particular nos primeiros meses de pesquisa de campo, aconteceu de eu chegar poucos minutos antes do horário em que estava combinado e os porteiros não me deixavam entrar até que o horário previsto não coincidissem com o horário no relógio deles. Certa vez, havia telefonado para a secretária de hipismo na parte da manhã e pedido minha liberação para às 15:00h na portaria. Cheguei com 10 minutos de antecedência e tive, portanto, que aguardar. Quando meu relógio indicava 15:00h em ponto, avisei o porteiro, mas ele disse que ainda faltavam 20 segundos, impedindo minha entrada pelos 20 segundos que se seguiram. Outro dia, fiquei 45 minutos esperando para entrar, pois, por algum motivo, meu nome não constava no sistema e o porteiro teve que telefonar para a secretária de hipismo a fim de pedir a liberação. De modo geral, nunca senti constrangimento por ficar “barrada” na entrada do clube, afinal eu não sou sócia, contudo sentia uma sensação de desconforto e, às vezes, de irritação (“Por que resolvi vir pesquisar justo aqui?”). Além desses, outros problemas também dificultavam minha entrada, como erros no sistema de computadores, por exemplo.

determinadas pessoas, ser barrado na portaria pode ser uma situação considerada tão ofensiva e humilhante que chegam a desistir de ir ao clube, “não voltam mais”, seja para trabalhar lá dentro, seja para adquirir o título do Equestre e tornar-se um dos associados. Ao mesmo tempo, o clube parece ser um lugar avaliado como relativamente seguro pelos sócios. As crianças estão longe dos “perigos” que as ruas públicas representam, fator de extrema importância para os pais, que têm medo da violência – nas entrevistas, algumas pessoas comentaram que seus pais ou cônjuge sofreram tentativas de sequestros e já foram atingidos por tiros.

Apesar da grande preocupação com a segurança e do acesso restrito ao Equestre, todas as festas, comemorações, eventos e mesmo alguns campeonatos e aulas ocorridos no clube são fotografados por um profissional. As fotos são exibidas no *site* e podem ser vistas com apenas um clique no álbum desejado. Sem necessidade de senhas para a consulta de fotos, pode-se visualizar até mesmo a revista do clube em formato digital, uma publicação oficial mensal com tiragem de 5.000 exemplares distribuída aos associados, em circulação desde meados da década de 1970. As matérias cobrem “toda a programação social e esportiva, além de apresentar os resultados e títulos conquistados pelas equipes” de esportes. As fotos mostram os associados, na maioria das vezes, sorridentes e aparentando estar felizes: casais, famílias inteiras, grupos de amigos, competidores, crianças. Todos os fotografados são identificados por seus nomes completos.

Tanta exibição de si pode parecer, num primeiro momento, paradoxal quando se observa a extrema cautela desses sujeitos com relação à segurança. No entanto, tudo indica que consiste em um paradoxo apenas aparente e que tem funções muito claras nas operações de separação e agregação em que as famílias se encontram envolvidas. Pode-se pensar que essa revista representa, para essas famílias, um dispositivo similar ao que

Diana Lima (2008) atribuiu à Revista Caras para os grupos que ficaram conhecidos como “emergentes”, moradores da Barra da Tijuca no Rio de Janeiro. A Caras é, para eles, um dos principais veículos de exposição e negociação da autoimagem do grupo. Ao serem retratados em momentos de “glória” e em meio à coleção de conquistas materiais, o “sucesso” do grupo é publicamente evidenciado e reconhecido. A Revista Caras, portanto, pode ser vista como uma das ferramentas de definição das fronteiras identitárias desse grupo, servindo, sobretudo, para obscurecer as diferenças entre os distintos segmentos da elite carioca, criando a impressão, no leitor, de que ela é uma só e, no próprio grupo, de que ele, de fato, pertence a esse lugar. No caso da revista do clube, embora o que esteja em jogo não seja a afirmação das posses materiais, tudo leva a crer que ela desempenha um papel semelhante, exibindo não as posses, mas o pertencimento.

Os eventos sociais, culturais e esportivos promovidos pelo clube são abundantes. Uma das festas mais tradicionais do clube é a Festa Junina. A festa de 2011 teve duração de 19 horas em dois dias consecutivos e trouxe variadas atrações e atividades voltadas para todas as faixas etárias. Essa festa reúne idosos, adultos, adolescentes e crianças, com atrações especialmente destinadas para esses últimos, promovendo, desde a mais tenra infância, a convivência com adultos e mais, a convivência familiar, intergeracional, em ambientes públicos. Além disso, como abrange a frequência de muitos associados, incluindo artistas, esportistas e figuras políticas da cidade, as pessoas veem e são vistas durante a festa, depois podem olhar as fotos no *site* e na revista, gerando um interesse generalizado pelo evento. Larissa, 14 anos, contou-me que relê cada edição da revista três vezes e a leva para as aulas de hipismo a fim de poder “focar” sobre alguns dos fotografados com suas colegas e funcionários.

Para as crianças e adolescentes do clube, o evento que reúne as debutantes de cada ano talvez seja a festa mais esperada, e a maioria das adolescentes que conheci no setor de hipismo havia participado dela quando tinha 15 anos e, depois disso, sempre acompanha a festa como convidada. De acordo com Talita, 16 anos, “é a festa que eu espero todo ano, a única festa que eu espero, não acaba. Festa sensacional lá na sede social, a sede social inteira, que é junto com as debutantes, que tem 15 meninas, de 15 a 20 meninas que debutam ali juntas, tem uma puta festa. Adoro! Vou todo ano, mesmo quando eu não sou convidada”.

Foto de cinco debutantes do ano de 2011



Em contraposição às grades, muros, câmeras e funcionários da segurança, observa-se bastante exposição de si por meio das fotos dos eventos sociais realizados no clube. Aqui, vê-se cinco debutantes, sendo quatro delas praticantes de hipismo tanto na escolinha quanto nas pistas do curso particular.

Foto: imagem do *site*

Além disso, os sócios envolvidos com o hipismo geralmente moram nos arredores do clube, em casas ou em condomínios fechados, o que acaba sendo um facilitador para congregar a maior parte de suas atividades esportivas, sociais e culturais nas

dependências do Equestre, “porque é tudo lá”, “fica fácil”, “é perto”. Os bairros em questão são considerados de elite pelos moradores da cidade, também conhecidos como os “bairros bons”, numa das “melhores partes da cidade”¹², visto que os valores para a compra de terrenos, casas ou apartamentos são elevados. Com a consolidação do clube na área atual, região outrora já reconhecida como nobre, os bairros vizinhos tradicionais foram se desenvolvendo. De acordo com uma entrevistada, moradora de um bairro próximo ao do clube, “há 40 anos”, “isso aqui não era nada” e “a cidade mudou muito”. Realmente, o clube parece ser um referencial importante, senão o principal, para os bairros das cercanias, como atesta os próprios nomes de alguns condomínios fechados horizontais vizinhos ao Equestre, cujo nome leva partes do nome do clube¹³. Apesar de alguns morarem a uns 5, 10 e até 15 km do clube, em outros bairros de alta renda da cidade, uma maneira interessante de discutir privilégio é notar que esses sócios também afirmam que moram “perto” do clube. Isso se deve, talvez, à localização do clube, próximo a estradas, o que facilitaria a conexão entre outras regiões da cidade que concentram as famílias de alta renda, mas também porque seus sócios não necessitam utilizar transporte coletivo, já que podem contar com carros (e até mesmos motoristas) numa cidade que está mais preparada para automóveis do que para pedestres, beneficiando-se de um modo rápido de “transcender o espaço”¹⁴.

¹² O clube se localiza em uma área em torno da qual a elite tradicional da cidade foi se reproduzindo, região onde, antigamente, situavam-se vastas fazendas pertencentes ao “patriciado” local, como os barões de café. Segundo o *site*, com o ingresso de novos associados, foi necessária a transferência da sede para uma área maior, desmembrada de uma fazenda pertencente à outra família tradicional da cidade, descendente de alemães, cujo sobrenome dá nome a uma das avenidas que circundam o clube hoje em dia. A área atualmente ocupada pelo clube foi adquirida apenas na década de 50. Deu-se o início da implantação da sede social, aproveitando a sede da então fazenda, onde hoje funciona o restaurante mais famoso do clube, e a senzala - antiga moradia dos escravos que foi reformada -, como primeiros prédios para abrigar os serviços do novo clube hípico. A atual sede, por sua vez, foi construída nos anos 60, “em estilo colonial brasileiro” e “imponente”.

¹³ As imobiliárias parecem utilizar essa proximidade como chamariz. Em um anúncio publicitário de dezembro de 2010, a fim de vender casas em um condomínio, uma imobiliária saiu-se com o mote: “Conforto, área verde e segurança na região privilegiada do Equestre”.

¹⁴ São os funcionários que, em geral, andam a pé pelos arredores do clube e pelos bairros onde moram os associados. Segundo o relato da mãe Maria Luiza, falando sobre sua filha: “Eu vou com ela a pé. Daí ela até comenta: ‘Nossa mamãe, a gente não encontra com ninguém aqui’ (risos). Porque ninguém anda a pé,

Não obstante, além dessas justificativas para a frequência regular ao Equestre, que aparecem mais como de ordem prática, de comodidade, o clube, ao que tudo indica, é um lugar onde a maior parte dos associados *quer* estar. Há um desejo de frequentar, de se estar com seus sócios, como demonstrei com toda essa disputa pelo espaço do clube, entre os quais eles se pretendem sentir como “iguais”, numa percepção de que ali estão “entre si”, apesar das diferenças que discutirei no próximo capítulo. Durante a pesquisa de campo, convivi com várias crianças e adolescentes da escola de equitação que passam as tardes inteiras no clube, chegando a estar mais tempo lá do que na escola - alguns permanecem ali até às 22:00h nos dias de semana. O clube se configura, assim, como um espaço onde eles desenvolvem sua rede de sociabilidade, um ambiente no qual se desenrolam as amizades, os namoros, as trocas de informações sobre uma infinidade de temas, como as relações entre pais e filhos, escolas e professores, médicos, profissão, negócios, esportes, alimentação, lazer, viagens. As crianças e adolescentes que frequentam assiduamente o clube, também durante os finais de semana, declaram seu amor àquele ambiente de forma constante. Uma delas, certa vez, perguntou-me: “Ah, não vai dizer que sua vida não melhorou depois que você passou a vir para o Equestre?”. Ao longo do tempo, fui percebendo que eles se ofendiam quando eu

né. Quem anda a pé mais é funcionários... [...] Quer dizer, eu faço questão de ter alguns comportamentos que tão... quase não estão existindo mais, né, você andar a pé de um lugar pra outro”. Nas casas que ladeiam toda a área do clube, muros altos com cerca elétrica constituem mais a regra que a exceção, mas também há casas com apenas grades na frente, às vezes com cerca elétrica, que é quando se pode observar a fachada da casa - e se vê seu bom estado de conservação -, e jardins, muitas vezes, exuberantes e sempre bem cuidados. Em algumas residências, os muros são tão altos que não se consegue sequer ver o telhado. Há casas que combinam diferentes formas de barreiras físicas: um muro de aproximadamente três metros, caco de garrafa no topo e cerca de arame farpado eletrificada. Uma prática que tem se tornado cada vez mais comum na região e nos outros bairros de alto padrão da cidade consiste em construir um muro em volta de um conjunto de casas e transformar a área pública em um condomínio fechado ou, mesmo, aproveitar o muro original das casas e apenas “fechar” as vias públicas ao construir um muro no meio da rua, paredão surgido como que “do nada”. Também não são raros os condomínios pequenos dentro de condomínios maiores, cada um com sua portaria e funcionários próprios. Juliana, uma das meninas entrevistadas, por exemplo, reside em um condomínio onde existem outros seis condomínios, sendo que eu tive que passar por duas portarias até chegar à casa dela. O próprio clube, seguindo o padrão das residências e mansões do bairro, também é cercado por muros e grades com arame farpado. As poucas calçadas que existem estão em estado ruim de conservação, por vezes forçando o pedestre a caminhar na rua, mas tampouco vejo muitas pessoas caminhando. Como bem observou Caldeira (2000), com a utilização crescente de carros e calçadas inaptas ao uso, quem caminha nas ruas públicas pode estar sendo visto como alguém “suspeito”.

comentava que gostaria de encerrar minha pesquisa de campo no clube ou que eu não conhecia o Equestre antes do mestrado, ao que um deles retorquiu: “Que absurdo!”, afirmando que eu era “sem cultura”.

Para algumas das crianças e adolescentes, em particular as focalizadas na pesquisa, em consequência da grande identificação com os associados, o clube é a segunda casa. Lá dentro, alguns se comportam como se o clube fosse, realmente, uma extensão da casa, sentindo-se bastante à vontade, apesar das regras impessoais que os administradores gostariam de imprimir. Isso fica mais claro no uso do restaurante mais tradicional, o Alvorada, para o qual há regras explícitas que, por exemplo, regulam vestuário (não se pode entrar em trajes de banho etc) e não permitem que crianças muito novas o frequentem sozinhas. Não obstante, durante o trabalho de campo pude ver, com frequência, crianças e adolescentes entrando no restaurante de meias e sandálias de dedo, selecionando alimentos no balcão por conta própria, anotando na ficha, de próprio punho, o que consumiam sem pedir a permissão para os garçons ou para o dono, sentando-se nas mesas sozinhas e falando alto entre si mesmo quando havia adultos presentes.

O restaurante Alvorada merece uma atenção especial, por ser o primeiro e mais importante dentre os restaurantes e bares do clube¹⁵, além de apresentar maior formalidade, com toalhas de mesa de tecido e garçons que trabalham de roupa social. Alguns pratos são bastante elaborados e os preços dessas refeições equivalem aos dos restaurantes mais caros da cidade. Um dos programas de final de semana das famílias sócias é almoçar ali, quando se formam aglomerados de pessoas e são feitas listas de espera para se conseguir uma mesa livre. Embora as mães e o pai entrevistados façam suas refeições algumas vezes por semana no restaurante, existem visões e opiniões

¹⁵ Por ter amplo horário de funcionamento - das 06:00h às 23:00h durante todos os dias da semana -, o clube oferece opções para comer e beber aos associados de modo que, além dos lanches mais rápidos, as refeições principais do dia podem ser consumidas dentro das dependências do Equestre.

diferentes acerca das pessoas que frequentam o ambiente e do desejo de se estar com essas pessoas. Como disse Luís, o único pai entrevistado: “Temos um padrão de vida enxuto, sem desprezar alguns bons momentos, gostos e prazeres, como almoçar no Alvorada vez ou outra”. Por outro lado, uma das mães assinalou: “O Alvorada é um restaurante que tem gente que vai só pra fazer o social, entendeu, e você acaba vendo, olhando”. Não por acaso, o restaurante está incrustado entre as duas pistas de hipismo, marcando simbolicamente o lugar desse esporte na hierarquia dos esportes oferecidos no clube. Devido à intensa circulação de famílias no restaurante, muitas crianças tomam contato pela primeira vez com o hipismo ao frequentar aquele espaço. Certa vez, presenciei um menino de, no máximo, um ano dizendo “au, au” em direção aos cavalos, ainda não compreendendo a diferença entre as espécies de animais.

Quando interrogados sobre o momento em que se associaram ao Equestre, a maioria dos sócios afirma que “desde sempre”, alguns há várias gerações inclusive – ao que algumas crianças, nas entrevistas, traduzem como “desde antes de eu nascer”. De acordo com a Maria Luiza, mãe de uma aluna do volteio¹⁶, cuja família é sócia há quatro gerações: “nós sempre fomos sócios do clube”, “o meu pai e a minha mãe frequentavam muito porque também os amigos dos meus pais, grande parte deles, frequentava o clube”, “praticamente 100% dos meus amigos” de escola, “todos eram sócios do Equestre”, “então tudo era no Equestre, no Equestre, no Equestre...”. A homogeneidade social que se percebe no clube, com redes de amizade e conhecidos, também decorre da reprodução de famílias e famílias de amigos lá dentro desde algumas gerações, o que faz com que estes sócios adquiram o que se pode denominar de uma história no Equestre. Entre os jovens, um dos efeitos disso é que muitos se conhecem “desde que nasceram”, porque cresceram juntos. São rotineiros os

¹⁶ O volteio é considerado um esporte hípico - e não consta dentre as modalidades do hipismo. Nesta pesquisa, embora tenha entrevistado a Maria Luiza, cuja filha pratica volteio, e o Isaías, instrutor de volteio da escolinha, o foco recai sobre as famílias cujos filhos praticam hipismo na modalidade salto.

comentários por parte de adultos associados e de funcionários antigos sobre a história familiar de outros sócios, de quando eram crianças, de uma eventual mudança de comportamentos e atitudes, sobre discussões ocorridas há tempos entre outros. “Cada um” sabe “como se situar em relação aos outros” (Elias, 2000, p. 122).

Como demonstrado anteriormente, o clube focalizado nesta pesquisa concentra grande parte das famílias mais tradicionais e influentes da cidade em termos da posição social, política e econômica. Os sobrenomes dos vereadores e prefeitos antigos ou recentes na cidade, que também se reproduzem em nomes de ruas, avenidas, praças, monumentos, edifícios públicos e escolas remetem aos sobrenomes dos dirigentes do clube desde sua fundação até os dias de hoje. Essas coincidências revelam a posição social, política e econômica privilegiada desses grupos familiares que detêm, outrossim, posições de prestígio e de liderança no clube¹⁷. Além disso, ao longo dos anos, aqueles que ocupam grande parte dos cargos dirigentes do Equestre estão unidos entre si por laços de parentesco. No *site*, porém, não há qualquer referência às relações de parentesco entre um presidente e outro, entre presidentes e membros de conselho ou diretores etc, e essas relações não saltam aos olhos quando se faz uma leitura menos atenta. Tudo se passa como se elas não existissem.

As diferenças de *status* entre os sócios não são de ordem necessariamente socioeconômica, mas simbólica, e geram conflitos e disputas quanto ao uso de alguns dos recursos do clube, sendo que muitos dos associados reconhecem que “a regra que vale pra um não vale pra outro”, como disse Mônica, mãe de um menino e uma menina da escola de equitação. Para exemplificar, soube de sócios pertencentes ao quadro dirigente do Equestre ou mesmo sócios “bem relacionados” com eles que, às vezes,

¹⁷ A marcante presença desses grupos familiares nos quadros dirigentes do clube aparece, muitas vezes, sob a forma de sobrenomes duplos que se perpetuam de uma geração a outra e, até mesmo, nomes completos idênticos, prática muito comum na sociedade brasileira em geral, como também o uso das terminações “Junior”, “Filho”, “Neto” e mesmo um “Bisneto”, que caracteriza uma típica transmissão de nomes e sobrenomes entre homens no interior das famílias.

infringem as regras impessoais do estatuto do clube em benefício de interesses próprios, como relatou a própria Maria Luiza, cujo ex-marido, também sócio e um dos administradores do setor de hipismo, teve condições de impedi-la de usar alguns recursos previstos no regulamento do clube, o que a entrevistada interpretou como uma espécie de retaliação pessoal pelo divórcio. Segundo ela, “uma coisa é o meu ex-marido querer me matar, querer acabar comigo, outra coisa é o clube encampar a briga conjugal. Então fiquei muito louca da vida!”. O alto grau de coesão entre essas famílias “com história no clube” também consiste em um instrumento para se conseguir cargos nos diferentes departamentos administrativos do Equestre, bastante influenciados pelos laços de amizade e de parentesco. De acordo com Letícia, 24 anos, sócia praticante de hipismo no clube desde os 7 anos, proprietária de um cavalo e informante importante desta pesquisa:

Quem está no clube há mais tempo, conhece mais gente. Como tudo é por indicação, vale muito quem você conhece. A votação serve só pra eleger a chapa, depois de a chapa eleita, o presidente que indica quem vai pros cargos, o que tem sido ridículo nas últimas eleições, porque só tinha uma chapa! Tenha em mente isso: o clube é bem elitizado, um desconhecido não vai conseguir nenhum cargo lá, a não ser que alguém muito influente o apoie. Política pura!

2. Fronteiras entre sócios e não-sócios

Talvez devido aos elevados custos para manter o esporte, durante minha pesquisa de campo foram bastante recorrentes os comentários de sócios e funcionários sobre o “esnobismo” de uma parte dos praticantes de hipismo¹⁸. Segundo sócios e instrutores, o Equestre, especificamente, seria bastante falado, no meio do hipismo brasileiro, pelo

¹⁸ Bueno (2007), em seu estudo sobre a construção de habilidades artísticas e esportivas entre adolescentes, também ouviu em campo, no meio do hipismo de Minas Gerais, sobre o “esnobismo” de alguns atletas.

“pedantismo“ e o “ar de arrogante“ de seus atletas. Vários conflitos entre funcionários e até mesmo entre os próprios associados são atribuídos a esse pedantismo e arrogância.

Para Isaías, instrutor não-sócio da escolinha, 25 anos:

No hipismo tem muita gente. Aqui tem bastante. [*Nome da cidade*] é conhecido por causa dos [*seus moradores*], e a hípica de [*nome da cidade*] é muita falada no meio do hipismo. Porque, assim, é uma das hípicas mais ricas, não só da Brasil como da América Latina inteira, tem muito dinheiro rolando, muito forte, só que não tem cavaleiros fortes, por ser clube. O Equestre, por ser um clube, sofre muito com isso, você vê [nas competições] mais cavaleiros fortes de [hípicas] que têm um dono, que [a direção] não fica mudando muito: vai e vem, vai e vem, vai e vem de mandantes. Aqui, [o hipismo] sofre muito com isso, como [em] todos os outros clubes que eu conheço. Mas o pessoal [de São Paulo] fala muito que [*os atletas do Equestre*], mesmo não tendo muito o que oferecer no hipismo, andam nas festas, nos campeonatos como se fossem os europeus que vieram ensinar para os brasileiros como trabalhar cavalo. Então, [*o atleta do Equestre*] não é bem visto por causa disso, por causa do ar de superior que ele impõe mesmo.

Apesar dos comentários de funcionários e dos próprios sócios sobre a “arrogância“ dos associados, a receptividade e o acolhimento aos não-sócios que praticam alguma atividade no clube¹⁹ variam de acordo com a posição social deste e com sua capacidade de investir dinheiro no esporte. As famílias de algumas crianças que treinam hipismo no clube, tanto na escolinha quanto nas pistas particulares, não são associadas e, por esse motivo, elas são autorizadas a frequentar as aulas desde que sejam indicadas por algum associado e paguem as mensalidades em dia. Tais famílias não-sócias, além de pagarem pelas mensalidades do clube, também dispõem de cavalos e

¹⁹ O clube, apesar de limitar o número de associados titulares, não é completamente fechado aos não-sócios. Há um sistema que permite trazer convidados ao clube, num esquema que concede a cada título o direito de retirar, sem ônus para o associado, 12 convites por ano. “A partir do 13º convite, há cobrança de taxa”. Os associados também têm direito de trazer convidados para almoçar e jantar nos restaurantes do clube, dispondo de 8 convites por título, 4 para o almoço e 4 para o jantar, de acordo com algumas regras bastante detalhadas, como: “o convidado poderá permanecer no restaurante pelo período de 2 horas”, se esse período for ultrapassado, o associado se responsabilizará pelo pagamento extra. O convite do “dia livre” libera o convidado não-sócio para entrar no clube e usufruir de suas dependências apenas naquele dia, como a piscina recreativa. Além disso, é possível frequentar as modalidades esportivas do clube desde que se tenha “indicação” de algum sócio e que este assine um “termo de responsabilidade”, concordando que será o responsável caso o convidado apresente má conduta dentro do clube ou seja inadimplente em relação às mensalidades. Com o convite do dia livre em mãos, a ida a eventos e festas também é permitida, desde que o associado retire o ingresso do convidado no clube, pois “em nenhuma hipótese será liberado o ingresso de convidados sem que o associado tenha retirado os respectivos convites”. Quando os eventos e festas têm uma taxa de custo, o preço do ingresso para o convidado não-sócio é sempre maior que o de sócio.

têm condições de arcar com as despesas necessárias para circular no clube e com os altos gastos que implicam a participação em campeonatos de hipismo. Conheci, ao longo da pesquisa, mães não-sócias, cujos filhos treinam hipismo no clube, que relatam terem sido bem recebidas pela maioria, sendo que algumas até chegaram a adquirir o título do Equestre, manifestando “surpresa“ com o “bom acolhimento“. Isso parece demonstrar que a fronteira “sócios” e “outros” é bem percebida pelos “outros”. De acordo com a Karina, 17 anos, associada há apenas cinco meses na época da entrevista e de condição socioeconômica semelhante à grande parte dos sócios:

Eu gosto [das pessoas do clube]. No começo, tava meio, assim, encanada de encontrar muita gente metida, mas no final eu vi que não é nada disso, que o pessoal é super legal, lógico que tem suas exceções, como em qualquer lugar, mas, em geral, o pessoal aqui me tratou super bem, super gente boa.

No entanto, essa “boa receptividade“ não se observa em relação aos não-sócios que não podem pagar para ali estarem, numa nítida separação atrelada ao grupo socioeconômico que se manifesta como evitamento de outras famílias e/ou indivíduos, em geral, acompanhado de desvalorização. Como bem observaram Saint-Martin, Rocha e Heredia, “Os membros das classes privilegiadas constatarem e apreciam a abertura de espírito associada a encontros diversos e variados, mas estabelecem ativamente um ‘entre si’ particularmente seletivo” (2008, p. 159-160). Assim, até poucos anos atrás, filhos de funcionários podiam entrar no clube acompanhando suas mães e pais, contudo, com as novas regras, existem dificuldades para os empregados que queiram trazer seus filhos, mesmo que sejam crianças crescidas, isto é, que não atrapalhariam a realização do serviço.

Para exemplificar essa questão, a seguir discorrerei sobre uma história que ouvi de quatro pessoas diferentes em campo e que ajuda a apreender as reações de evitamento e segregação empregadas pelos sócios em relação a determinados indivíduos. Há alguns

anos, o departamento de hipismo do clube aceitou o neto de um tratador de cavalos para montar na escolinha, cobrindo seus gastos. As pessoas não-sócias que praticam algum esporte pelo clube, devendo competir e trazer resultados favoráveis, são chamadas de “militantes” e, às vezes, bolsistas. Assim, como o menino não era associado ao Equestre, era permitido que ele utilizasse apenas a área do hipismo. Ele morava na Vila Clemente, que é o único bairro de baixa renda vizinho ao clube, localizado em um morro e, por isso mesmo, considerado uma favela pelos associados. Em uma conversa entre os instrutores, Anderson, instrutor não-sócio do clube, disse que foi professor deste menino durante dois meses e que ele era “terrível”, “muito difícil”, que “desafiava o professor”, que “não gostava do cavalo”, “reclamava de tudo”, tanto que chegou a confrontar o garoto com algo como: “Ó, não é porque você não paga, não, é porque você não tem educação. E você não quer fazer o que eu estou falando, moleque. Pode ir embora!”. Mariana, instrutora associada que estava ao lado, começou a dizer que, no começo, o menino não era assim, que ele estava lá dentro do clube desde os 5 anos de idade e que o Anderson havia entrado em contato com ele apenas na época da adolescência. Segundo ela, “você imagina o que o moleque não sofreu. Porque só davam cavalo porcaria pra ele montar, eu sei porque ele fazia aula comigo”, na ocasião em que ela também frequentava a escolinha como aluna. Argumenta, ainda, que ele havia crescido na Vila Clemente e que, embora hoje seja um “lugar sossegado”, na época, “o negócio era *punk* ali, de tráfico, de roubo, de sequestro, de tudo. Então o moleque vem de uma situação daquela lá, aqui sendo de favor, a galera não dando valor, a cabeça da criança transtorna, não tem como”.

Uma das mães, oriunda de uma família tradicional da cidade, parente de um dos fundadores do clube e cuja filha pratica hipismo, comentou comigo que considerava “ótimo” que esse garoto pudesse ter feito as aulas de equitação na escolinha, no entanto

sempre havia alertado os dirigentes do hipismo que, “na pior idade dele”, referindo-se à adolescência, ninguém iria patrociná-lo quando ele precisasse de um animal próprio para seguir no esporte – “vocês tão fazendo um mal pra esse menino, mais do que bem”. Para ela, os colegas dele, quando concluíssem os níveis da escola, iriam ganhar cavalos dos pais e “ele ia ficar aleijado lá”. De fato, quando o menino completou todos os níveis da escolinha, há aproximadamente cinco anos, o diretor de hipismo Eduardo se encarregou de pedir que ele não frequentasse mais o clube como militante.

Segundo esta mãe, ninguém se ofereceu para emprestar um cavalo ao menino ou contribuir com o pagamento de algumas aulas. “Nada disso”, ele foi “brutalmente cortado”, “agora você tá lá e nós somos pra cá”. Para ela, isso foi um grande erro, porque ele poderia ter feito um outro tipo de esporte, como tênis, por exemplo, sendo “mais fácil ajudar” a comprar bolinha e raquete, mas não o hipismo, que exige “um poder aquisitivo danado” ou se deixa de fazer outras coisas para que o filho consiga praticar, afirmando que seria seu próprio caso, que é advogada, e de seu marido, professor da uma das mais prestigiosas universidades públicas brasileiras. Para ela, ou se sacrifica algo, mesmo que seja supérfluo, como um carro melhor, uma viagem a mais, ou não se dá continuidade ao esporte. “Agora você pegar uma criança da favela e colocar num esporte desse, a criança passar três, quatro anos convivendo com essa turminha toda, depois falar: ‘Bom, agora você vai lá pra sua favela, porque o esporte não é pra você mais’”. Ela afirmou que o menino “andava com todo mundo”, no entanto, valendo-se de eufemismos, quis dar a entender que “não era a mesma coisa”. Aproveitei a oportunidade para comentar que havia muitas crianças consideradas “frustradas” na escolinha, porque não possuem cavalo e os pais não cogitam efetuar a compra. Para ela, se esses alunos não têm dinheiro suficiente, eles ainda são sócios do clube e podem praticar outros esportes, como tênis, vôlei, natação, sendo possível se

socializar, porque são “do meio”, diferentemente do neto do tratador, cujo avô “era aqui da cocheira”.

Para finalizar, reproduzo o comentário de Letícia, 24 anos, sócia, estudante de Engenharia e cuja família foi ascendendo socialmente ao longo das gerações:

Na época, também [se] podia ser militante (montar pelo clube sem ser sócio, tinha que competir e trazer bons resultados), o Eduardo cortou tudo isso. Ele quis enxugar custos, acho que foi puramente financeiro, porque o Equestre ajudava com material pro [*menino*] também, como culote, bota, inscrição pra provas. Acho que o medo do Eduardo era de mais pessoas pedirem essa ajuda, outros parentes de funcionários. [...] Que eu me lembre, era tranquilo, a convivência entre as crianças era normal. Acredito, se tinha algum preconceito, vinha dos pais das outras crianças.

Ao que parece, a presença deste menino, oriundo da única favela vizinha e, portanto, de um extrato social bastante distinto daqueles encontrados no Equestre, trouxe conflitos mais com relação aos adultos do que às crianças associadas, gerando incômodo entre uma parte dos instrutores e de mães e pais, que talvez não desejassem nem incentivassem a convivência com seus filhos. Todavia, pode-se considerar relativa também a “boa receptividade” ao clube de não-sócios situados em grupos sociais semelhantes, tema que pretendo discutir a seguir.

Existem tentativas, por grande parte dos sócios, de manter o clube fechado apenas para si, situação nitidamente perceptível pelo explícito controle de entrada. Entretanto, já assinalo que é permitida a abertura do clube para não-sócios que praticam alguma atividade paga e para os militantes/bolsistas. Além disso, em dias de campeonato das modalidades esportivas oferecidas pelo Equestre, inclusive o hipismo, qualquer não-sócio pode se cadastrar na portaria e entrar para assistir. Afora o cadastro com foto, não há como controlar quem entra e o que essas pessoas fazem dentro do clube. De acordo com Anderson, um dos instrutores da escola de equitação, “até poucos anos atrás, isso aqui era aberto. Eu mesmo só pulava o muro para vir trabalhar (*risos*). E quando eles se

atentaram para isso, aí ficou esse inferno que é hoje, mas não consegue controlar”. Em dias de competição de salto no clube, por exemplo, Anderson relatou que alguns pais e mães não associados, vindos de outras escolas de equitação da cidade e região, no término das provas falam para seus filhos: “Vai pra piscina que nós vamos no Alvorada”²⁰. Até mesmo sobre as festas, ouvi várias histórias de que não-sócios, ou associados que estão com atraso no pagamento de mensalidades - o que barra o título - adentram o clube pelo porta-malas do carro de algum amigo ou conhecido. Para o instrutor Anderson, os sócios seriam uns “babacas”, uns “idiotas” que vêem o clube deles sendo usado por muitas pessoas e, talvez por este motivo, sejam tão “neuróticos” em relação ao controle de entrada. O instrutor conclui que, de nada adianta, pois, nos finais de semana, “descamba o negócio”. As crianças e adolescentes da escola de equitação também se mostram incomodadas com a apropriação do clube por quem “não tem o título nem paga mensalidade”. “Nossos pais ficam pagando pra eles virem aqui e usarem de graça?”, disse, com revolta, Daniela, 13 anos, tornando evidente que reconhece o caráter exclusivo do clube e sabe que apenas aqueles que pagaram podem estar ali.

Quanto às pessoas não associadas que usufruem do clube, situação proibida pelo estatuto, alguns sócios, na tentativa de intimidá-las e de combater esse tipo de atitude, valem-se do sistema de denúncias a quaisquer dos departamentos do Equestre²¹. Segundo os instrutores Anderson e Mariana, havia um aluno do hipismo que não era sócio e “saía para curtir o clube”. Os seguranças, quando desconfiam de alguém não ser associado ou mesmo quando são alertados para “pegar” essas pessoas, preferem não

²⁰ Isso acontece em outros departamentos do clube. Soube que muitos adolescentes não-sócios entram no Equestre declarando que vão assistir a campeonatos de basquete, por exemplo, mas passam a tarde na área de piscinas.

²¹ As denúncias também podem ser feitas tanto no Serviço de Atendimento ao Associado quanto na Secretaria Geral, sendo esta última mais eficiente, visto que uma cópia da carta protocolada com a reclamação/denúncia é encaminhada diretamente para o presidente do clube. No meu caso, ser denunciada, por qualquer motivo que fosse, constituía um receio constante em campo, por isso minha discrição ao falar sobre a pesquisa com os associados.

fazê-lo, “porque vai que é um sócio”, como lembrou Mariana. “E vai que é filho de quem é!”²², completou Anderson. No caso deste aluno, pediram para a coordenadora Paula “intimidar o garoto” a fim de que suas atividades se restringissem apenas às aulas de equitação. Outro caso corresponde ao de Laura, 12 anos, que talvez venha a ser a representante brasileira nas Olimpíadas de 2016, segundo boatos de meus informantes, e cuja família é considerada uma das mais ricas no setor de hipismo do clube, por seu pai ser um dos proprietários de uma concessionária de rodovias. As adolescentes comentaram que, enquanto Laura não era sócia do Equestre, ela realmente não utilizava as outras dependências além do setor de hipismo, com exceção de jantar, algumas vezes, no restaurante Alvorada com sua mãe depois dos treinos. “A vida da Laura virou um inferno por causa disso”, contou-me Larissa, tanto que sua família optou por comprar o título do clube para evitar maiores desconfortos. As adolescentes contaram que Laura foi denunciada por sócios que nutriam “inveja” de sua condição financeira, superior ao que parece ser a média do clube. Para ambos os casos, embora essas crianças não sejam associadas, elas *parecem* associadas e se assemelham aos sócios tanto fisicamente quanto pela posse de certos bens, como carros luxuosos, o que confunde os seguranças do clube e os impossibilita de agirem, confusão esta que não acontece quanto às crianças não-sócias mais pobres, manifestamente diferentes das crianças associadas pelos modos de olhar, de se vestir, de se comunicar etc.

Ainda no que se refere aos não-sócios que detêm posições sociais similares aos associados, estes últimos, por participarem de um grupo de interconhecimento dentro do clube, convivem frequentemente com as atitudes, os comportamentos, os valores

²² No clube, apresentar - ou mesmo apontar à distância -, as crianças e adolescentes dizendo “filhos de quem são” tomava formas positivas ou negativas de acordo com, obviamente, o interlocutor da fala. Certa vez, uma mãe não-associada me apresentou, num tom mais solene, a uma menina que estava por perto como a filha de um dos conselheiros administrativos do Equestre, apesar de eu ter dito que não era nem sócia, nem originária da cidade em questão e, portanto, não saberia de quem se tratava. Esses comentários possibilitaram que eu fosse apreendendo os princípios de classificação que os diferentes grupos se engajavam para estabelecer aproximações e segregações entre si.

prezados pelos diferentes grupos que lá interagem, além de conhecer suas histórias familiares e individuais, em particular quando se trata de sócios antigos. Devido ao alto grau de coesão, dispõem dos meios para escolher tanto se beneficiarem dessa relação quanto de evitar inconvenientes. Os não-sócios recém-chegados ao clube, embora sejam semelhantes aos associados em vários aspectos, não conhecem as famílias que lá convivem e, por isso mesmo, a falta de informações pode ocasionar-lhes desvantagens e uma série de problemas. Em campo, presenciei a revolta de Cristina, uma médica-cirurgiã não associada ao Equestre e que, recentemente, havia matriculado sua filha Aline, de 12 anos, para treinar com animal próprio nas pistas do particular, contratando uma das instrutoras que trabalham dentro do clube para ministrar as aulas. A égua de sua filha pertencia ao sócio Ricardo, comerciante de cavalos que também trabalha como instrutor particular e não é bem visto por grande parte dos associados e outros professores, como discutiremos no próximo capítulo, porque não agiria com “honestidade” nessas transações comerciais.

Cristina obteve a égua de Ricardo por R\$ 65.000, valor que considerou razoável para uma montaria capaz de saltar 1,30m, o que havia sido informado pelo vendedor. Contudo o animal não chegava a saltar nem 90 cm com qualidade. Segundo ela, sua filha já havia se conformado com esse empecilho e “ficou apaixonada” pela égua, o que fez com que Cristina decidisse manter o animal até o final de 2011. Antes, porém, ela havia procurado o instrutor Ricardo na tentativa de trocá-la, visto que seu desempenho físico não correspondia ao que ele prometera. Além disso, Cristina contava com a égua para 2012, ano em que sua filha começaria a saltar obstáculos de 1 metro. Para Cleusa, uma das mães associadas e colega de Cristina, essa égua estava no Equestre e ninguém se interessava em adquiri-la, já que todos sabiam dos problemas que o animal apresentava e que seu preço não condizia com sua *performance*, então “por isso o

Ricardo foi vender lá fora”. Disse, também, que seu marido jamais faz negócio com o comerciante, porque Ricardo não seria “uma pessoa confiável”.

Conforme Cristina explicou, ela se sentiu realmente insultada quando, ao conversar com Ricardo sobre os problemas apresentados pela égua, ele a tratou “como se fosse qualquer um”, “como se fosse um cachorro“, porque “ele não sabe com quem ele tá falando“. Para Cristina, tudo se resolveria “com uma boa conversa e com educação“, porém não foi essa a atitude tomada por Ricardo, o que fez com que ela contatasse seu marido a fim de acionar o advogado da família, que também advoga para uma grande empresa de planos de saúde no Brasil - “cara competente“, “o cara é quente“. Do que pude recordar da conversa, Cristina manifestava bastante raiva de Ricardo e lançava frases de ordem na tentativa de restabelecer seu prestígio e atualizar sua posição social, a saber: “Ele acha que tá lidando com quem? A gente não é da laia dele, não”, “isso não se faz”, “ele vai se estrepar“, “ele vai ver com quem ele mexeu”. Entre um desabafo e outro, Cristina mencionou: “porque não temos o título daqui, acha o que, entendeu? Ele não sabe quem eu sou, não sabe quem meu marido é, o que a gente tem, o que a gente não tem, só porque a gente não ostenta, como é que fica?“. O fato de não ser associada ao Equestre parece afetar excessivamente a médica. Num segundo momento da conversa, quando contava, à Cleusa, sobre um desentendimento que teve com alguém quando estava em outra escola de equitação, Cristina falou: “E você quer apostar quanto que ela vai comprar o título do Equestre pra me humilhar?”.

Com estas falas saturadas de revolta, uma não associada ao clube explicita que se sente inferiorizada por não ser um membro legítimo do Equestre, visto não dispôr do título, mas que também não aceita ser tratada com menosprezo e, portanto, recorre à sua condição financeira para exigir respeito. Por fim, reproduzo o seguinte comentário da sócia Leticia, 24 anos, que sintetizou a questão das pessoas recém-chegadas ao clube de

maneira bastante didática, trazendo aspectos importantes para a análise da aceitação e da “boa receptividade” segundo seus comportamentos:

Bem, na minha parte nunca tive problema com pessoas novas. O amor pelo cavalo ou pelo esporte é um interesse em comum que ajuda muito. Mas, no Equestre, existe muita competição, você tem que entender que as pessoas sempre vão ser bem aceitas aparentemente, tem muito ator bom por lá, ainda mais se a pessoa que entra tem bastante dinheiro e cavalos bons. Acho difícil alguém não ser bem aceito, mas te garanto que se, quando você chega, você não se segurar, não aprender como que as coisas funcionam, não “ficar na sua”, pode gerar conflito, aí sim pode ter alguma aversão de alguém. Mas isso é difícil, porque a maioria das pessoas sabe se comportar. Pense como uma empresa. Se alguém chegar e tirar todo mundo da sua zona de conforto, não vai ser bem aceita, mas se chegar e aprender a se comportar, não tem porque ter conflito, entende?

Nos próximos capítulos, pretendo demonstrar como os variados grupos sociais que convivem dentro do Equestre lutam para se diferenciar, marcando as alteridades, na disputa pela definição de valores no espaço social hierarquizado do clube e como compartilham de estilos de vida e visões de mundos semelhantes, firmando identidades que são próprias ao grupo social que pertencem.

CAPÍTULO II

AMIZADES, CONFLITOS E FOCAS: FRONTEIRAS SOCIAIS DENTRO DO CLUBE

Os valores familiares, inicialmente tomados como absolutos, são os mais permanentes em todo o processo de socialização (Setton, 2002). Pode-se supor, assim, que as famílias de alta renda transmitem, a seus descendentes, valores a partir de uma posição determinada na hierarquia social. Isso se dá, sobretudo, por meio da família e da escola, instâncias de socialização nas quais se aprendem as competências, as habilidades, a sensibilidade e as disposições apropriadas para serem agentes sociais, isto é, para se construir relacionamentos no grupo, participarem das interações, ocuparem posições de *status* (Almeida, 2002). O seu auto-reconhecimento, dentre os membros dos mais ricos, é fortalecido por experiências educacionais e culturais que suscitam um sentimento de pertencimento a um grupo socialmente dominante, pois entendem compartilhar recursos materiais e trajetórias particulares de vida semelhantes. Comungam, outrossim, nas tradições e convenções, tendendo a monopolizar certas oportunidades econômicas, o que levou Collins (1977 *apud* Cookson e Persell, p. 105) a declarar que “a interação da organização cultural com a economia material é a chave para todas as estruturas de dominação”.

Como procurei mostrar no capítulo I, ser associado ao clube indica gozar de uma posição de distinção na cidade. Podem tornar-se “um deles” apenas aqueles que foram previamente “selecionados” e que dispõem de uma condição socioeconômica similar às dos outros sócios e algum tipo de vínculo pessoal, gerando uma sensação de que, ali dentro, estão “entre si”. O poder de coesão desses grupos se dá por meio do reconhecimento de um modo próprio de viver e de conceber o mundo que acaba por

excluir aqueles que não são considerados um de “nós”. Deste modo, um dos aspectos mais importantes do valor não-econômico do título do Equestre é o *status* que ele proporciona aos associados.

No entanto, a homogeneidade social que se percebe no clube, que passa por uma certa uniformidade física, pelo uso de vestimentas semelhantes e posse de aparelhos eletrônicos de determinados tipos e marcas, não significa homogeneidade quanto aos grupos de pertencimento, aos princípios de classificação mobilizados, ao poder econômico entre outros fatores. Para quem está de fora, o clube aparenta constituir um espaço homogêneo, que congrega um único grupo social, mas para quem está dentro, a visão é outra, já que as diferenças entre os sócios tornam-se mais explícitas à medida que se convive com mães, pais e filhos e se toma conhecimento das amizades e conflitos²³ que circulam, sobretudo, por meio de boatos. Assim como em quase todos os tipos de configurações sociais, também aqui as fofocas são vastamente empregadas por diversos grupos do clube durante grande parte do tempo para delimitar fronteiras e consolidar princípios de classificação, associação e exclusão entre si e em relação a outros grupos²⁴. Essas diferenças são manifestadas em opiniões sobre modos de educar as crianças, maneiras de se comportar em público etc, e chega a ter efeitos concretos, gerando uma tensão entre os sócios que aparece tanto na forma de inimizades quanto de conflitos em torno do uso de alguns dos recursos do clube.

²³ Segundo Saint-Martin (2002), dentre os grupos de elite, os conflitos familiares se constituem num campo profícuo de análise, pois são abundantes e ainda pouco estudados. Em uma conversa com as crianças e adolescentes da escola de equitação, elas relataram que há “barracos dia sim, dia não” na área de hipismo, mas não sabem de casos em que houve agressão física, como dizem ocorrer no futebol, por exemplo. Comentaram que alguns dos meninos mais novos da escolinha, às vezes, “estapeiam-se” por “não saberem brincar”, no entanto nada que ultrapasse “os limites do bom senso”. No capítulo IV, pretendo abordar algumas questões sobre as formas de agressividade dentre os praticantes de hipismo.

²⁴ Assim como Norbert Elias e John Scotson em *Os Estabelecidos e os Outsiders* (2000), para melhor organizar a análise dos dados de campo, o que procurei fazer foi separar o discurso de cada grupo social do clube: mães, pais, filhas, filhos, diversos escalões de funcionários, como instrutores, a coordenadora, o diretor de hipismo, os pistinhas.

As crianças e adolescentes também se envolvem na rede de fofocas e intrigas dentro do clube e assinalam ser prazeroso “falar mal” das pessoas, inclusive daquelas consideradas do grupo. Em meio a sorrisos e risadas, expressam frases como: “O melhor que tem aqui é fofoca. Só tem fofoca. O dia inteiro”; “Mentira. Todo mundo mente pra todo mundo o dia inteiro, ninguém sabe quem tá falando a verdade”; “De vez em quando a gente briga todo mundo com todo mundo, aí, depois, a gente volta”; “A gente implica por implicar”. Para a sócia e instrutora Mariana, “elas tão mais preocupadas em fazer as fofocas do dia do que em fazer aula”. Larissa, uma das meninas do grupo, de 14 para 15 anos, por exemplo, fica tão apreensiva com o desejo de repassar algum fuxico adiante que não consegue controlar os movimentos corporais, tornando-se bastante inquieta e chegando a tremelicar.

Neste capítulo, portanto, apresento algumas implicações da construção, redefinição e transgressão das fronteiras sociais e simbólicas mobilizadas dentro do Equestre tanto pelos próprios sócios entre si, quanto em relação aos funcionários que, por sua vez, também fazem parte ativa das disputas por significados.

1. Fronteiras entre os sócios do clube

Os sócios pertencem a distintos estratos dos grupos dominantes, uns mais ou menos estabelecidos que outros, uns mais ou menos dominados que outros, e os valores tidos como legítimos, isto é, “melhores”, “mais justos”, são objeto de lutas simbólicas dentro e fora do clube. As falas dos diferentes grupos são impregnadas de valores morais e correspondem a visões de mundo que permitem classificações/hierarquias e regem atitudes, ações e reações dos indivíduos. No Equestre, a separação entre os sócios parece estabelecer-se entre grupos de pertencimentos distintos, acompanhando outras clivagens sociais, como por exemplo: a) famílias que são sócias há várias gerações x

famílias recém-chegadas ou que não têm uma história no clube, como vimos no capítulo anterior; b) famílias socialmente decadentes x famílias cuja fortuna é recente; c) famílias que têm dinheiro para manter o próprio cavalo x famílias que usam o cavalo do clube; d) mães que acompanham os filhos x mães que não os acompanham e/ou enviam os filhos com as babás; e) pessoas de má fama x pessoas de boa fama entre outras. É em meio a esta estrutura que crescem e se desenvolvem as crianças e adolescentes associados ao clube.

Diferentemente do tratamento destinado aos funcionários, as lutas de classificação entre os sócios os mobilizam de maneira intensa e são levadas mais “a sério”, pois estão em jogo a reputação dentro o grupo, o nome da família, o “caráter” das pessoas envolvidas e assim por diante.

1.1. Ter ou não ter um cavalo

O hipismo clássico é considerado um esporte de elite por requerer altos investimentos financeiros. Para a compra de um cavalo de salto, as famílias chegam a gastar, dependendo das características do animal, entre um mínimo de R\$ 5.000 a mais de € 200.000, variando em função de suas posses e do investimento que pretendem fazer na preparação dos filhos. No hipismo, também se exigem elevados gastos com o animal, tanto para sua manutenção - estabulagem, alimentação, veterinário, tratadores, vacinas, remédios, possíveis cirurgias entre outros -, quanto para o seu deslocamento nas competições, além de gastos com o cavaleiro/a amazona, isto é, trajes, calçados e acessórios apropriados²⁵. Na Introdução, mencionei a existência de uma separação

²⁵ Existem programas sociais voltados para que crianças mais pobres possam praticar hipismo, inclusive Isaías, instrutor de volteio da escolinha, entrou em contato com o hipismo através de um projeto social. Também há pessoas que não possuem dinheiro suficiente para manter o esporte e, com “sorte”, acabam sendo “apadrinhadas” por aqueles de melhor condição financeira e que tenham interesse em ajudar.

operacional entre a escolinha de equitação e as pistas do particular e, também, expliquei como os contatos foram estabelecidos em campo, onde interagi com as crianças e adolescentes da escola de equitação e com as mães cujos filhos frequentavam as pistas particulares. A divisão hierarquizada entre a escola e as pistas particulares parece ser a mais importante para as crianças e adolescentes que não possuem cavalo.

O Equestre oferece um curso de hipismo de cinco anos de duração, sendo que, no primeiro ano de escola, os instrutores, contratados pelo clube, trabalham “trote”²⁶ com os alunos, no segundo ano, “galope”²⁷, no terceiro, salto com obstáculos de 40 cm, no quarto ano, salto de 60 cm e, no quinto, salto de 80 e 90 cm, estágios que podem variar sobremaneira de acordo com a evolução de cada aluno. Caso o aluno apresente interesse em continuar no esporte, mas ainda não tenha adquirido um cavalo, há possibilidade de permanecer mais um ano no curso. Em geral, as crianças e adolescentes que montam na escolinha de equitação não possuem cavalo e, portanto, frequentar a escola compensa em termos econômicos, particularmente quando se é sócio, porque o Equestre subsidia a maior parte dos gastos. Enquanto as mensalidades em outros lugares por aulas de duas vezes na semana chegam a R\$ 480 e R\$ 600, as aulas na escolinha de equitação custam visivelmente mais barato, com uma mensalidade de R\$ 137 para frequência de duas vezes por semana se for sócio (em valores de 2011). Segundo um instrutor, até pouco tempo havia alunos que montavam durante oito anos na escolinha, participando de todas as provas sem a necessidade de pagar veterinário, ferrador ou baia, o que ele considera “errado”, visto que os pais querem que seus filhos pratiquem o esporte “sem gastar nada”. Com a nova regra que limita sua permanência, ao finalizar as categorias da

²⁶ O trote é um tipo de andadura do cavalo “a dois tempos, com movimento alternado das diagonais (pé e mão oposta), separadas por um tempo de suspensão. No trote, a espádua e a garupa se elevam (ou abaixam) ao mesmo tempo e o pescoço permanece praticamente fixo. Os posteriores devem seguir a mesma pista dos anteriores, mantendo perfeito paralelismo” (Monte, 2011, p. 82).

²⁷ O galope é um tipo de andadura do cavalo basculante “a três tempos, uma sequência seguida de um tempo de suspensão” (Monte, 2011, p. 87).

escola ou chegando ao número limite de anos, o aluno recebe uma “carta de formação” e deve sair para poder prosseguir evoluindo no esporte, já que a escola seria apenas um começo.

Em geral, as pistas do curso particular são destinadas àqueles que possuem cavalo, mas não necessariamente, pois é possível “tomar emprestado” animais de outras pessoas, na maioria das vezes dos profissionais, para fazer aulas nessas pistas a valores previamente estipulados entre as partes. Segundo uma das mães, a partir da categoria 1 metro, “ninguém empresta cavalo” e a posse do animal se torna cada vez mais imprescindível à medida que se avança no esporte. O aluno que tem cavalo escolhe seu próprio instrutor e paga a mensalidade de R\$ 600 diretamente para ele, podendo fazer aulas todos os dias²⁸ ou algumas vezes na semana, desde que o instrutor trabalhe o cavalo para o aluno nos dias em que este não for ao Equestre. Além disso, há despesas extras que devem ser arcadas pelo proprietário do cavalo. Elas se referem ao pagamento da baia, do tratador, do ferrador, do veterinário etc, somando uma quantia em torno de R\$ 1.000 a R\$ 1.500 por mês, sem contar o custo das idas aos campeonatos, da compra de acessórios e dos gastos que se acumulam em eventuais doenças do animal.

Existem algumas diferenças entre os instrutores da escolinha e aqueles que atuam nas pistas particulares. Os cinco professores da escola são contratados pelo departamento de hipismo e têm horários preestabelecidos para ministrarem aulas a turmas de alunos em diversos níveis, recebendo o mesmo salário independente do número de alunos por turma. Desses, Mariana é a única associada ao clube e não gera surpresa o fato de que os instrutores não-associados são os que se sentem menos à vontade para circular pelo Equestre e criticar diretamente as resoluções do diretor. Nas pistas particulares, administradas por um setor do clube desvinculado do departamento

²⁸ Exceto nas segundas-feiras, quando todos os cavalos do clube devem descansar.

de hipismo, cada família escolhe o instrutor para sua filha ou filho, que podem ser tanto sócios quanto não-sócios que se profissionalizaram neste esporte em variados ramos, como atletas, comerciantes de animais e/ou apenas ministrando aulas. Muitos deles dispõem de cavalos no clube ou em haras da região, e prestam seus serviços a outros centros de treinamento na cidade. As aulas, em geral, são particulares e os horários são definidos entre o instrutor e o aluno. Tanto da escolinha quanto das outras pistas, os instrutores proprietários de cavalos e/ou centros de treinamento têm uma situação econômica nitidamente melhor do que a dos instrutores assalariados e não-proprietários e parecem pertencer ao mesmo grupo social da média dos sócios. No decorrer do texto, quando eu me referir aos instrutores, estarei considerando os da escolinha de equitação.

O estudo dos usos do hipismo no clube constituiu uma ferramenta eficaz para captar a diferença, frente à tamanha disparidade de custos, entre aqueles que possuem animais e aqueles que gastam apenas com o valor das aulas na escolinha de equitação para os filhos.

Essas fronteiras socioeconômicas são percebidas, muitas vezes, como fronteiras morais. Tendo em vista o que discutimos no capítulo I, fala-se frequentemente acerca do esnobismo dos sócios e as críticas recaem sobre a “ostentação“, a “inveja“, a “mesquinharia“ encontradas no meio hípico. A mãe Regina, 47 anos, formada em Enfermagem e aposentada há 10 anos em decorrência de problema de saúde, teve uma trajetória de ascensão social ao longo da vida, mas não se considera “nova rica“, até porque seu avô materno era produtor de café e seus pais já eram graduados. No entanto, passou por uma situação recente de instabilidade econômica devido à demissão do marido, que ocupava um alto cargo numa empresa multinacional alemã. Ela conta que, nessa época, “foi bem complicado manter tudo isso aqui, sabe, não deixar a peteca cair” e que perdeu muitos amigos: “Porque, assim, as pessoas realmente me isolaram. Me

isolaram, entendeu? Eu ligava, as pessoas não me atendiam, com medo, eu acho, de eu pedir dinheiro, pedir trabalho, sei lá. Mas uma coisa assim que... uma coisa bem complicada, sabe?”. Seu filho de 13 anos iniciou as aulas na escolinha e, recentemente, adquiriu um cavalo e passou a frequentar as pistas particulares. Para ela:

Regina, mãe: Então... assim, depende... nós temos várias categorias aqui [no clube]. Tem a parte do hipismo, que eu não tenho muito mais contato com ninguém, por conveniência pessoal, eu acho que as pessoas aqui, na verdade, elas não tão aqui pelo esporte, a grande maioria, elas tão aqui pra mostrar se elas podem ou não ter cavalo, se elas sabem ou não montar. Acho que o hipismo, na verdade, mudou muito depois que os novos ricos tiveram ascensão (*sorrindo*), eles acham que subir em cima dum cavalo é ser estrela e não é isso, o esporte vai além de tudo isso. Vai além de ter um cavalo, vai além de você... é uma superação, um todo dia, é o todo dia. E tem gente que não pensa assim. Agora o Equestre, como um clube, é muito gostoso, outros esportes, agrega uma série de outros esportes. Então, com outros esportes eu tenho muito contato, (*sorrindo*) adoro a piscina, adoro a musculação, adoro o tênis. Mas aqui dentro do hipismo, eu prefiro ficar mesmo vendo, ver o meu filho, torcer pra alguns amigos e só.

Regina diz que “o hipismo mudou muito depois que os novos ricos tiveram ascensão”, mas ela própria não tem história no hipismo, pois seu filho é o primeiro da família a praticar e monta há apenas oito anos. Para se diferenciar daqueles que chama de “novos ricos”, e ainda bastante afetada por sua situação econômica instável, Regina vê esse esporte para além dos elevados custos, como um “purificador” das relações meramente materialistas, acreditando que as outras famílias não compartilham de sua visão sobre o hipismo e estariam no esporte apenas “para ostentar”. Talvez não seja preciso explicitar que isso não corresponde às impressões que construí por meio do trabalho de campo e das entrevistas.

Outra mãe que relata sua experiência em relação aos conflitos gerados pela posse ou não do animal e os sentimentos de “inveja” que identifica no círculo de praticantes é Maria. De origem social menos privilegiada, filha de pai operário e mãe costureira e dona-de-casa, Maria se encontra, atualmente, em uma boa situação financeira. Formada como professora em Ciências e Matemática, nunca exerceu a profissão. Seu marido,

oriundo de uma família com mais posses, é dono de uma metalúrgica, podendo despendar R\$ 10.000 fixos mensais com os quatro cavalos de suas duas filhas. Para Maria, “quando você tem muita mãe junto, muito pai junto, não é tão fácil, às vezes, tem... um filho se destaca, o outro... então acaba tendo aquele ciúmes, aquela coisa, mas nada que chegue a atrapalhar, nem chegue a incomodar, nem chegue a ser briga nem nada, mas, às vezes, você fica meio cheio“. Sem história no hipismo ou mesmo no trato com cavalos, Maria relembra quando sua filha Laís, de 14 anos, começou a montar, ainda numa escola de equitação de seu bairro e antes de se tornarem sócios do Equestre. Em um dos campeonatos, a categoria de Laís, na época – e diferentemente das regras do salto -, permitia que cada cavaleiro/amazona participasse com até três cavalos, O/a atleta dispondo de três animais tinha mais chances de vencer o *ranking* na somatória final de pontos do que alguém que concorresse com dois cavalos, por exemplo, estratégia que Maria utilizou:

Maria, mãe: E eu tô passando, uma mãe me pega pelo braço e me sacode e fala (*brava*): “Por que que a Laís está saltando [com] três cavalos?”. (*pausa*) Entendeu? Aí eu falei: “Porque eu não achei o quarto pra ela saltar!”. Então esse tipo de coisa acontece às vezes... Aí teve uma fase que ela montava esse cavalo que tá com a Marcela agora [*filha caçula*], ela teve uma fase muito boa, esse cavalo é espetacular, especial, e ela fez um conjunto bom. Então ela [*Lais*], normalmente, ela sempre tava no pódio, nem sempre ganhando a prova, mas ela sempre tava no pódio. Ela foi três vezes campeã do ranking do Equestre consecutiva com esse cavalo. E aí eu tinha que escutar: “Ah, quem ganhou? Ah, de novo? Mas também, né, tá montando o [*nome do cavalo*]” (*imitando com voz de desdém*).

Ela [*Lais*] sofreu muito quando o pai dela comprou o segundo cavalo. O pai dela comprou o segundo cavalo no leilão, e era um cavalo lindo e ela esperava muito do cavalo, e não deu nada certo... com esse cavalo. E as pessoas cobravam dela, ela era pequenininha, ela chegava aqui [no Equestre], a gente não era sócio, chegava aqui pra fazer a prova, as pessoas pegavam ela pelo braço dela e falavam: “Não vai saltar o [*nome de outro cavalo*]?”. Ela falava assim: “Mãe, por que todo mundo pergunta [*deste cavalo*]?”. Porque foi o cavalo mais caro do leilão daquele ano. Então ela teve muito mais coisa do que muitas outras crianças. Essa mãe que me pegou pelo braço, a menina montava só os cavalos da escolinha, e não conseguiu continuar no esporte, porque não conseguiu comprar um cavalo, manter um cavalo, tanto que a menina foi, foi, parou, porque é difícil.

A posse ou não do animal parece ter efeitos ainda mais intensos entre as crianças e adolescentes, que tendem a tornar explícitas suas percepções sobre as disparidades de situação econômica entre as suas famílias e as outras cujas crianças praticam hipismo no clube. As crianças da escolinha de equitação que não possuem cavalos, por exemplo, frequentemente se referem à sua condição de forma inferiorizada e desvalorizada em relação às crianças que são donas de seus próprios animais. São constantes os comentários e brincadeiras sobre a diferença de tratamento entre a escola e o curso particular, como quando, num dia de chuva, uma das adolescentes mencionou que, se troveja na escolinha, lá na pista do curso particular aparece um arco-íris, ou me perguntavam se eu iria observar a pista de cima porque lá era um lugar “mais bonito que aqui”. “Pista de cima” porque, no espaço do clube, as pistas usadas pelo curso particular se situam, geograficamente, num terreno mais elevado que a pista da escola de hipismo, por isso se fala em termos de “cima” e de “baixo”, também indicando uma depreciação simbólica dos alunos da escolinha. Além disso, as duas pistas do curso particular são maiores que a da escola, inclusive sendo uma coberta, ambas com vista para a sede social do clube e para as palmeiras imperiais²⁹.

De fato, em termos de investimentos financeiros, a escolinha de equitação não parece ser prioridade da junta diretora do setor de hipismo. Uma das reclamações mais frequentes concerne à falta de “bons” animais para que as crianças montem, isto é, cavalos e éguas que tenham qualidade para saltar “bem”. Na opinião de um dos instrutores, a escola de equitação é satisfatória para formar os alunos nos fundamentos básicos da equitação, como trote, galope e saltos com obstáculos baixos, mas a partir de

²⁹ Quando chove, há uma nova regra, segundo a qual os instrutores da escola de hipismo não devem ministrar aulas, então as crianças e adolescentes que frequentam a escolinha perdem oportunidade de treino. As meninas da escola frequentemente reivindicam que, em dias de chuva, possam utilizar a pista coberta. Essa reivindicação aparece ainda mais forte quando chove e as aulas da escolinha são interrompidas ao mesmo tempo em que a pista coberta do curso particular aparenta estar vazia. No entanto, apesar das reclamações, nenhuma vez, durante o período em que permaneci no clube, elas foram autorizadas a utilizar a pista coberta.

80 e 90 cm, a qualidade inferior dos animais deixa a desejar. A mãe Regina, cujo filho possui cavalo, contou-me que, quando ocorre algum imprevisto e os alunos da escola precisam montar na pista de cima, eles devem vestir um colete indicando que são da escolinha, separação que Regina considera “indecente” e “ridícula”, porque a escola deveria estar junto com quem tem cavalo, “um do lado do outro”. Sobre os campeonatos, Talita, 16 anos, diz:

Então, meu, você não tá competindo, é muito fácil de ganhar, sabe, e a gente ganha medalha por nada, porque é Categoria Escola, se a gente competisse com todo mundo, daí, sim, seria uma competição decente. Mas não é, é separado, mesmo porque eles têm uns cavalos muito melhores, eles montam todo dia, a gente não tem como competir com eles, a gente ia perder sempre.

Afora o descontentamento generalizado tanto por parte dos alunos quanto dos instrutores da escola, que reclamam dos baixos salários e dos investimentos escassos, há tempos circulam boatos sobre transformar a pista da escolinha em estacionamento para os sócios que frequentam a academia de musculação do clube, o que gera revolta nas crianças e adolescentes praticantes de hipismo que não possuem cavalo. Ainda, para um dos instrutores, os pais dos alunos da escola de equitação são mal informados sobre o funcionamento do curso particular, “porque muita gente sai de lá, quando vem cá [*no curso particular*], é outro mundo aqui. Aqui é mais caro, aqui a despesa é maior, só que eles não têm essa informação que teria que ter lá embaixo. Entendeu? Por isso que eles vão conhecendo e muitos ou param de montar ou não querem sair de lá [*da escolinha*]”. Lembro, aqui, que a distinção entre os frequentadores de escolinhas e aquele grupo que pode vir a ser a elite esportiva, alçado aos treinos especiais, até mesmo com preparador físico, não configura uma especificidade do hipismo, mas de qualquer esporte praticado em clubes onde haja pretensão de competição, em qualquer grupo social.

As crianças e adolescentes da escolinha de equitação tentam depreciar as pessoas que frequentam as pistas do curso particular, assinalando que elas são “metidas”, “esnobes”, “nariz empinado”. Chegaram a me advertir para “tomar cuidado”, quando iniciei a observação na “pista de cima”. Não surpreende que, ao mesmo tempo que insultam, também admiram os que *podem* ter cavalo, sendo que muitos gostariam de viver aquela vida. Os adolescentes se referem principalmente à Laura, 13 anos – que possui cavalos e faz aula nas pistas do particular -, para avaliar os investimentos de dinheiro e tempo que seus próprios pais direcionam à prática do hipismo, comparando com os investimentos feitos pelos pais dela. Meus informantes identificam a família de Laura como “riquíssima“, já que seu pai é um dos proprietários de uma concessionária de rodovias, e especulam o quanto de “dinheiro pinga na conta dele“, como resultado da cobrança dos pedágios nas estradas administradas por sua concessionária. Como visto no capítulo I, segundo boatos do clube, Laura também pode vir a ser a representante brasileira do hipismo nas Olimpíadas de 2016 porque monta “muito bem“, já tendo participado de inúmeras competições nacionais e internacionais³⁰. Deste modo, Laura se destaca tanto por possuir mais dinheiro quanto por ser talentosa sobre o cavalo e ter chances factíveis de se profissionalizar como amazona, o que é “muito difícil“ no meio, pois são raras as pessoas que “chegam lá“ enquanto atletas. Por não dispor de patrocínio, a família de Laura arca com todas as despesas. Para Rafael, 13 anos, os pais “fazem de tudo pra ela”, mas a enxergam mais como a campeã, a atleta, do que como filha: “ela tem os dois celulares mais *tops* do mundo”, “tipo, e não foi assim: ‘Ai, um eu ganhei de Natal, o outro eu comprei de aniversário’. Não! ‘Mãe, eu quero um *Blackberry*! Mãe, eu quero um *iPhone*! Mãe, eu quero isso! Mãe, eu quero aquilo!’”. Ela

³⁰ Laura concede, com certa frequência, entrevistas para a televisão e revistas locais. Como não consegui entrevistá-la - conversamos sobre a pesquisa, anotei seu telefone e *e-mail*, enviei mensagens convidando-a para uma entrevista, mas não obtive retorno -, as revistas consistiram em uma das fontes de informações sobre Laura.

tem todos os videogames, tem trilhões de cavalos, já teve outros desde o começo... A vida inteira ela teve cavalo”. Laura, assim como alguns praticantes de hipismo no clube, prefere adquirir cavalos e éguas na Europa, conhecidos por apresentar qualidade superior aos animais nascidos, criados e treinados no Brasil³¹.

Segundo as crianças e adolescentes da escola de equitação, existe “muita inveja” no meio hípico. “Principalmente na escolinha”, disse uma delas. Talita mencionou Daniela e a irmã: “Elas só falam disso o dia inteiro. ‘Ai, não sei quem tem cavalo, ai’... o dia inteiro reclamando, mas reclama, reclama, só reclama...”. Talita disse que, certo dia, seu pai comprou um capacete da marca GPA, ao preço de, aproximadamente, R\$ 1.700. Quando chegou ao Equestre para fazer aula com o capacete, Daniela, 13 anos, apressou-se em falar: “Ai, a Escolinha tá ficando chique, porque agora a Talita tem GPA!”. Para Talita, isso era “dor de cotovelo”, e continua: “Aí eu falei pra Laura, falei que eu tava sofrendo *bullying* na escolinha, porque eu tinha GPA e a Laura: ‘Essas meninas não param, vou ter que dar um GPA pra elas’ (*risos*). Aí a Laura deu. A Laura é muito *top!* Ela pegou o velho dela e deu”. Ao mesmo tempo que essas crianças e adolescentes demonstram sentir inveja, eles censuram, uns nos outros, este sentimento, porque compartilham da ideia amplamente difundida de que a inveja, a cobiça, o “olho gordo” são sentimentos moralmente inferiores e que devem ser controlados ou, pelo menos, escondidos.

Além dos fatores elencados até o momento, grande parte das crianças e adolescentes da escolinha que passa as tardes no clube e não possui cavalo não é acompanhada, todos os dias, de suas mães e pais, o que gera desaprovação por parte de alguns funcionários e mães que não trabalham fora de casa, em particular daquelas que

³¹ Segundo meus informantes, os cavalos criados e treinados na Europa apresentam um nível maior do que os nacionais, pois, lá, os animais começam a saltar a partir dos 6 anos de idade e, no Brasil, com 4 anos a maioria dos treinadores já os coloca para trabalhar. Além disso, dizem que as técnicas europeias de treinamento são mais eficazes e menos violentas.

se dedicam intensamente aos filhos. Em geral, algumas das mães que não trabalham fora de casa e a coordenadora de hipismo se referem a eles como crianças “abandonadas” e, às mães que não estão presentes, como aquelas “que não cuidam dos próprios filhos” ou “que largam os filhos” no clube. É importante ressaltar que a grande maioria das mães, que não vai ao clube durante a manhã e a tarde, trabalha fora de casa. Para a sócia e instrutora Mariana, essa questão se torna “complicada”, “porque é um esporte que tem todo esse lado positivo, mas o meio tem um lado muito negativo também. Gira muita inveja - como tem muito dinheiro que circula -, é muita inveja, muita mesquinha, muita droga“. Isto é, as crianças que convivem no clube sem a presença e supervisão constantes de seus pais e mães acabariam estando mais expostas àquele ambiente e, portanto, mais propensas a adotar tais padrões de comportamento. Segundo Mariana, “tem filho que dá certo, tem filho que vai internado pra hospital e para de montar. Eu acompanhei vários casos de pessoas que eram renomados cavaleiros e acabaram numa clínica de tratamento [de droga]“.

Para as mães que não trabalham fora de casa, o fato de outras mães não acompanharem os filhos diariamente em suas atividades ocasiona “sérios problemas”, visto que as crianças se tornam “mal educadas”, “frustradas” e “rebeldes”. Essas crianças são avaliadas como as que parecem não estar “dando certo”, que por serem “abandonadas” no clube, ou seja, na ausência de uma “educação forte”, às vezes cometem traquinagens para chamar a atenção, que não receberiam em casa, de uma forma contraproducente. Um caso em particular corresponde ao de Talita, 16 anos, que se auto-intitula “rebelde” e já apresentou comportamentos de vandalismo na escola em que estuda. Os pais de Talita são separados e, no momento, ela vive com a mãe e a irmã. Tem outros meio-irmãos por parte de pai, sendo que um deles falecera de modo trágico havia pouco tempo. Talita diz não gostar de seu pai e, às vezes, mente para sua mãe a

fim de faltar à escola para estar no clube, o que a coordenadora Paula e as outras mães veem como culpa da mãe de Talita, por nem saber o que a filha está, de fato, fazendo³².

Essas crianças e adolescentes, portanto, são estigmatizados no setor de hipismo do clube e neles são depositadas expectativas negativas. Para eles, no entanto, aparenta ser mais valioso o investimento financeiro no esporte, reclamação diária dessas crianças, do que serem acompanhados constantemente por suas mães, pais ou babás, até porque se manifestam, muitas vezes, contrários à possibilidade de que as mães estejam “sempre” presentes. A coordenadora Paula não vê perspectivas na compra de cavalos para algumas das meninas e elas mesmas percebem que as chances são improváveis, sentindo-se impotentes. “Tô na bosta!”, disse Talita rindo.

Talita, 16 anos: Eu acho que minha família, assim, eles não sabem administrar nada, eu acho que perde muito dinheiro por muita bobeira, sabe? Porque é todo mundo muito consumista. Minha vó... a casa dela tem mais roupa do que casa, roupa na casa dela, tipo, ela tem muita, muita coisa, dá pra ela fazer milhões de conjuntos sem repetir durante uns 10 anos... Meu vô também consome muito absurdo, minha mãe... minha mãe é sem condições, minha mãe [passeia] o dia inteiro sem ter [tanto] dinheiro, mas dá, você vê que não tá faltando. Mas não precisa, sabe, gastar com isso. Meu pai, acho que é o que menos gasta. Eu nunca gastei muito, a única coisa que eu peço pra gastar é com o hipismo e eles não querem muito investir nisso, preferem investir em viagem. “Ah, Talita, você não vai fazer seu intercâmbio?”. Não quero. Minha irmã já fez e eu falei que abri mão de fazer intercâmbio, abri mão de ir pra Suíça, que eles foram agora, porque eu quero um cavalo e eles nem *(faz gesto de bater uma mão na outra, como se eles não se importassem)*, nem tchum.

Por não se tratar de um esporte barato, as crianças e adolescentes sabem que conseguirão progredir no hipismo apenas se houver participação dos pais no que se refere à parte financeira, visto que ainda não se sustentam sozinhas economicamente.

Segundo o instrutor Anderson:

³² Em 2011, no campeonato de aniversário do Equestre, Talita havia mentido para sua mãe a fim de faltar à escola e poder assistir às provas ocorridas na sexta-feira. Como não possui um cavalo, disse que iria participar da competição tomando o cavalo de um amigo emprestado. “A minha mãe, como ela é muito esperta, acreditou” (*risos*), contando para todos como se estivesse orgulhosa de si mesma.

Ter o seu cavalo e evoluir no esporte. Aí vai precisar de mais apoio dos pais, seja financeiro, seja presencial... Nessa hora, acho que mais financeiro, porque o presencial é mais nessa hora do início, dos medos. Lá em cima [*no particular*], já são os que venceram tudo isso. Talvez, a metade da balança seja esse fator que eu te falei, o psicológico, e a outra metade seja o financeiro. E aí chega menos que 10 ou 5% lá no alto nível.

Muitos dos pais cujos filhos estão na escolinha não querem comprar o animal, uns por não disporem de dinheiro suficiente, outros por falta de interesse, pois não pretendem investir nesse tipo de esporte. Para a instrutora Mariana, “tem de tudo” no departamento de hipismo: famílias que não têm dinheiro e matriculam o filho para montar na escola por *status*, outras gozam de boa condição financeira e não desejam ostentar, ou ainda, algumas têm dinheiro e querem mostrá-lo. Há famílias que economizam e até chegam a se desfazer de bens para conseguirem comprar e manter um cavalo, como no caso de Raquel, cuja mãe, de acordo com boatos do clube, teria dado uma casa em pagamento para comprar a égua de sua filha³³. No caso de Talita, 16 anos, seu pai, segundo ela, “não paga pensão” e não auxilia “em nada” com as despesas dela e de sua irmã, o que faz com que sua mãe, decoradora de interiores, tenha que sustentar a casa sozinha e prefira não investir dinheiro no hipismo devido a seus elevados custos. De qualquer modo, tanto as mães que investem financeiramente no hipismo quanto as que não investem concordam que seja um “esporte muito caro” e há deliberação se deve ou não constar na lista de prioridades da família. Para Regina, cujo filho possui cavalo, o hipismo foi se tornando um “gasto básico” ao longo dos anos:

Regina, mãe: Então, ele [*o filho*] gosta muito, ele pretende ficar no hipismo, mas a gente fala que chega uma idade que é o divisor das águas. Porque é um esporte que não é barato, é um esporte muito dispendioso, não só financeiramente como emocionalmente. Então, assim, você perde, entre aspas, muito tempo com isso, quase todo final de semana você tem prova, você paga pra participar dessas provas, você paga o transporte do cavalo, você paga o veterinário, você paga o tratador do cavalo que vai, então... A pretensão é

³³ Leticia me contou que, com seu “cavalinho”, consegue ir a uma competição grande por ano: “É caro! Um campeonato não sai menos de R\$ 2.000. Não sai. Eu junto o ano inteiro pra ir em um. O povo vai todo mês, porque o povo tem, né, sobra”.

d'ele continuar, mas assim... começa a chegar 1,20m, 1,30m, que o preço de cavalo começa a atingir uma altura que eu não sei se vai dar pra acompanhar. Espero que sim. Bom, daí ele vai ter que trabalhar para se manter.

As conversas a respeito de dinheiro são bastante frequentes no clube e, mesmo que grande parte dos filhos não conheça detalhes sobre a condição financeira da família, ainda assim as crianças e adolescentes da escola de equitação, mas também aquelas que possuem cavalos, demonstram saber, nitidamente, que é necessário ter dinheiro para seguir no esporte, associando seus gostos à compreensão de ter uma “boa“ situação financeira. De acordo com a experiência de vida de cada família, considerando os casos de falência e de herança, de estabilidade ou instabilidade, de “aperto” ou de “folga”, em algum grau as crianças refletem sobre isso e convivem num meio onde serviços e bens são caros (casas, carros, viagens), internalizando a importância do dinheiro para a manutenção desse estilo de vida e do *hobby* predileto, o hipismo. Em uma conversa sobre futuro profissional, Leticia, estudante de Engenharia, contou os motivos pelos quais deseja ter um emprego que “pague bem“: “Eu quero fazer isso, pra quê? Eu quero ter dinheiro pra conseguir montar. Por mim, eu montava o dia inteiro, mas não pode, vou morrer de fome”.

No item a seguir, discutirei alguns valores e princípios de classificação que os sócios e uma parte dos funcionários do departamento de hipismo mobilizam para rejeitar e desvalorizar outros grupos.

1.2. Questões de reputação

Tanto sócios quanto instrutores e secretárias costumam afirmar que o meio do hipismo “é podre”, por se tratar de um ramo que envolve bastante dinheiro e pessoas dispostas a lucrar com isso de forma “desonesta”, “picareta” e “malandra”. Durante meu

período em campo, fui percebendo que eram recorrentes as menções a determinados indivíduos, alvos de críticas e rejeição, que pareciam representar grupos vistos negativamente no clube. Em geral, os comentários eram endereçados àqueles que, segundo as pessoas com as quais tive mais contato, colocam o dinheiro, o ego e a própria imagem acima da ética e do bem-estar do cavalo. Mobilizando fronteiras morais, meus informantes parecem querer se diferenciar desses tipos de indivíduos, que tentam atingir suas metas mesmo que à custa de “sujar o nome” e de “passar por cima” dos “bons valores” e de outras pessoas. Também é interessante observar como as crianças gerem seus conflitos, de quem procuram se aproximar e se afastar, classificando e hierarquizando pessoas de acordo com características morais³⁴.

A primeira delas diz respeito aos comerciantes de animais que compram o cavalo por determinado preço e o revendem por um valor bastante superior ao original, depois de treiná-los³⁵. Para as pessoas entrevistadas, o problema estaria na forma violenta que as éguas e os cavalos seriam adestrados, referindo-se ao caso específico do sócio Ricardo, que também atua como instrutor nas pistas particulares³⁶. Alguns o acusam de mascarar eventuais doenças com o uso de remédios para vender o animal por um preço maior do que valeria. Depois que o contrato de venda é fechado, não há possibilidade de devolver o animal, tornando o negócio vantajoso para o comerciante, que “engana” o comprador desavisado. A demonização deste e de outros comerciantes de cavalos ocorre, ainda, por serem vistos como indivíduos “improdutivos”, que obtêm lucros advindos não da produção nem do “trabalho digno”, mas à custa dos animais ou das pessoas. Para aqueles que humanizam cavalos e éguas, tal prática representa uma

³⁴ Infelizmente, não consegui entrevistar nenhum dos indivíduos de “má fama” no departamento de hipismo do clube e, portanto, convivi com apenas um dos lados da questão.

³⁵ Por exemplo, o comerciante pode adquirir um animal por R\$ 30.000, treiná-lo e revendê-lo por R\$ 50.000.

³⁶ Ricardo é acusado de treinar seus cavalos e éguas de maneira agressiva, ofendendo a sensibilidade daqueles que amam os animais, ponto que será aprofundado no capítulo IV.

ofensa, porque o bem-estar dos animais deveria vir em primeiro lugar. Letícia, 24 anos, ao fazer referência a Ricardo, diz: “Como o dinheiro vem em primeiro lugar pra ele, todos que realmente gostam do cavalo não gostam dele, ele engana pra vender, passa por cima dos outros e ainda acha que manda no Equestre”.

De modo geral, as famílias dos informantes mais assíduos são originárias de grupos produtores, como industriais, e de profissionais que detêm um conhecimento específico (médicos, enfermeiros, engenheiros, professores), ou mesmo comerciantes que “trabalham muito”, que seria o caso dos donos de lojas de roupas e franquias de cafeteria. Embora haja fascinação por dinheiro neste grupo social, existe forte recusa ao lucro direto, “fácil” e de origem “baixa”, “bruta”, “pouco sofisticada”, que se entende como sendo um “roubo” cometido por “pessoas ruins” e de “mau caráter”. É isso que a médica Cristina e a mãe Cleusa insinuaram sobre Ricardo, como vimos no primeiro capítulo. Nas palavras da coordenadora Paula, apaixonada pelos animais: “Eu nunca ganhei e não quero ganhar um puto dum tostão em cima de cavalo, porque eu acho que venda de cavalo é a coisa mais baixa que existe na face da terra. Não gosto! Que sempre tem uma falcatrua por trás”.

Outro ponto que pode ser levantado diz respeito à chegada recente e célere aos grupos dominantes, princípio recorrente de diferenciação entre os grupos influentes. A maioria das famílias aqui estudadas apresenta trajetória de ascendência social ao longo das gerações e não “de repente”, de “uma hora para outra”.

Letícia, estudante de Engenharia, 24 anos: Pra você ter uma ideia, o dinheiro da minha família, foram meus pais que ganharam, meu avô era pedreiro e minha avó, professora de colégio público. Eu vi cavalo pela primeira vez no sítio de um amigo do meu pai e me apaixonei, meus pais batalham bastante pra conseguir manter meu cavalo, não é fácil, eu dou valor pra isso, pois vejo o que eles batalham. Desde pequena, meu pai deixou bem claro que eu estava adquirindo um ser vivo, que tem sentimentos e que não é barato ou fácil de manter. Te garanto que a maioria lá [*no clube*] não tem essa noção. Eu fui comprar minha sela na Argentina, porque era 1/10 do preço daqui.

Eliza, formada em Arquitetura, mas que não exerce a profissão, contou-me sobre o caso de um homem que morava perto do Equestre e havia sido preso por estar envolvido em um esquema de fraudes junto à prefeitura da cidade - “foi notícia no Brasil inteiro”. Eliza comparou o estilo de vida deste homem com o de seu marido, que é proprietário herdeiro de uma fábrica de camisas:

Eliza, mãe: [O homem que foi preso] tinha uma Hummer, sabe o que é Hummer? É aquele carro quadrado, assim, que parece um tanque de guerra. Horrível, por sinal. [As pessoas] falavam que ele dava festas, assim, homéricas, com Clicquot, aquela champanhe super cara tal, né... e daí, eu falei assim: “O que ele faz?”, daí ela [uma amiga] falou: “Eu não sei, ele faz negócios de oportunidade”. Eu falei assim: “Mas o que são negócios de oportunidade?” (risos), eu não consigo entender, porque eu consigo entender assim: o cara é médico, o cara é empresário, o cara é industrial, o cara é cantor de sertanejo... isso eu entendo, agora o que que é você ter “negócios de oportunidade”? É outra coisa que a gente tava falando, eu e o [nome do marido]... Eles [o marido e o cunhado] têm a fábrica há 50 anos, ninguém é rico. Ele acorda 5:45h da manhã, abre a fábrica, porque as funcionárias têm que bater o cartão, elas têm que entrar na fábrica antes das 7:00h, porque o relógio de ponto bate às 7:00h. Então, às 7:00h, todas já têm que estar sentadas na máquina. E eles têm um acordo entre eles [de] que o dono é sempre quem abre, então uma semana é ele e outra semana é o irmão. Então, é assim, você trabalha que nem um camelo e ninguém é rico. E, de repente, você vê gente assim... [...] você vê gente enriquecendo de um dia pro outro.

O enriquecimento de Ricardo ocorreu durante seu tempo de vida e não ao longo das gerações. Segundo Mariana, instrutora associada que se formou na escolinha e é filha de pais graduados em Análise de Sistemas, Ricardo “literalmente veio do nada e hoje tá aí como um dos maiores profissionais na região”, referindo-se à origem social de Ricardo, tida como de “classe média baixa”. “O pessoal dava cavalo pra ele montar, porque a mãe dele não tinha dinheiro”, sendo que, atualmente, tornou-se a pessoa que mais possui cavalos dentro do clube, com cerca de 20 a 30 animais. Com tantos cavalos e éguas, não há baias suficientes para diversas crianças estabularem seus animais no Equestre, o que também constitui um motivo de ira dessas famílias, pois acreditam que Ricardo se apropria do setor de hipismo “como se ele fosse o dono” e não um sócio “como todo mundo”.

Mariana ainda comentou que ele conseguiu melhorar de vida através do casamento, como também é o caso de outras pessoas no clube. Em geral, o “casamento por dinheiro” e não “por amor” ofende algumas mães que se dedicam à família, em particular as que vivenciaram situações de falência da empresa, a exemplo de Mônica, e de Regina, cujo marido foi demitido de uma empresa multinacional. Para elas, não importa o que aconteça em termos financeiros, pois sempre estarão ao lado dos maridos, apoiando-os “para o que der e vier”. Ao que tudo indica, pelo menos para estas mulheres, a ascensão social através do casamento é aceitável apenas para as mulheres e mal vista para os homens.

Muitos dos valores mobilizados pelas mães que acompanham seus filhos são baseados no catolicismo, religião de quase todas as pessoas entrevistadas³⁷. Já tendo enfrentado dificuldades relacionadas à compra de animal, a própria Regina se mostra desiludida com as práticas de alguns comerciantes de cavalo e utiliza a religião como justificativa para denunciar a influência negativa que essas práticas exerceriam sobre as crianças:

Eu acho que é um... um lance do ego. É muito estranho tudo isso. Foi muita novidade pra mim, porque eu sou uma pessoa muito da paz. Eu sou religiosa, eu sou uma pessoa, assim, desligada também, né? E aqui eu precisei ficar ligada, ficar prestando atenção em coisas que não prestava atenção, do lado pessoal. Eu sei que existem pessoas ruins, maldosas, mas eu não achei que no esporte tinha, sabe... eu achei, assim, que no esporte fosse todo mundo cor-de-rosa, mas não é. [...] Mas eu acho que eu levei muito tombo, muito tombo. As pessoas tentando passar a perna mesmo, em termos financeiros, quer vender cavalo que valia 10 por 50 mil, entendeu? Pessoas que te conhecem, que estão trabalhando com você por mais de dois anos. Pessoas, assim, que falam que são muito tua amiga, pra você abrir teu coração. Eu juro por deus, eu achei que no esporte não fosse ter isso, não pensei que fosse ter isso, jamais...

As pessoas, aqui, são bem complicadas. É ser humano, né? E, assim, aqui... e o pior de tudo é que, assim, é o ser humano que não se importa de mostrar a pior parte dele. [...]

³⁷ Das crianças e adolescentes que se declaram católicos, a grande maioria afirmou que não vai à igreja tão frequentemente quanto seus pais ou avós. Nas palavras de Daniela, 13 anos: “A gente é católico e a gente... eu e minha irmã, a gente tem preguiça de ir na missa, mas meus pais vão todo domingo. Daí alguns domingos a gente vai, eu e minha irmã”. “Antes minha mãe obrigava, aí uma mãe de uma amiga minha conversou, falou assim: ‘Ah, eu não acho certo obrigar a ir na igreja’, não sei que, aí a minha mãe falou, parou de obrigar a gente (*sorrindo*). Mas toda vez que é possível, a gente vai”.

Sabe, é delicado, bem delicado. Então, assim, às vezes você fica em algumas situações bem desconfortáveis e, assim, como você tá lidando com criança, é mais complicado ainda, porque o que que você quer mostrar pra uma criança? Você quer mostrar honestidade, você quer mostrar uma coisa bacana, tudo. E, aqui, ela tem contato com a coisa mais desonesta do mundo.

As pessoas que busariam “ganhar a qualquer custo”, seja dinheiro, sejam provas e campeonatos, também se tornam alvo de comentários e acusações. Algumas mães e as crianças e adolescentes da escola de equitação criticam os instrutores das pistas do curso particular, mas também de outras hípcas, que se utilizam de meios nem sempre lícitos a fim de que seus alunos obtenham melhores resultados, como auxiliá-los externamente durante o percurso, prática proibida pelo regulamento. Esses instrutores estariam desvalorizando o treino e o esforço pessoal e, ainda, ensinando as crianças que “vale tudo” para vencer as provas, valores rechaçados por este grupo. Esse seria o caso da instrutora Tânia - que embora seja bastante dedicada e querida por suas alunas e respectivas mães, como a médica Cristina e Cleusa, que a admiram e a consideram “uma excelente professora” -, é vista como alguém que provoca boatos no clube por diversos motivos, em especial porque seria “viciada em vencer”. Para tanto, segundo Letícia, “passa por cima de outros professores” e “rouba alunos” deles. Também “deixa de castigo” os alunos que não tiverem bom desempenho nas provas, o que é execrado pelas crianças e adolescentes da escolinha, pois sabem que a maioria das alunas de Tânia se esforça nas provas. Além das questões relativas ao clube, vários sócios associam seus comportamentos no treinamento a suas atividades anteriores de comerciante, já que foi proprietária de uma concessionária de carros que entrou em falência, supostamente trazendo inúmeros problemas aos clientes: “Vendeu carro e não entregou, recebeu [dinheiro] e não entregou o carro, foi uma confusão. Aí ela voltou pra esse meio, porque aqui ela se... camufla. Ninguém declara o quanto que ela ganha aqui. Consequentemente, ela não paga as dívidas dela”, disse Mariana, instrutora associada.

Como se observa, outra vez aparece a recusa ao lucro considerado “infame” e, ainda mais, de origem obscura.

Também existem as pessoas que ocupam posições de comando no departamento de hipismo, sobretudo no que se refere à escola de equitação, mas não são bem quistas porque incorporariam a “síndrome dos pequenos poderes”, incomodando a todos aqueles afetados por suas resoluções. Dentre os indivíduos de “má reputação” no clube, talvez o mais mencionado e que motive falas mais enérgicas seja Eduardo, o atual diretor de hipismo. Neste caso, o objetivo de Eduardo não seria obter dinheiro em suas ações e atitudes, mas prestígio dentre os outros departamentos do Equestre e em relação à Federação Paulista de Hipismo. Quanto às crianças e adolescentes do clube, o prazer em “falar mal” de Eduardo pode ser visto como uma forma de culpá-lo pelos problemas encontrados na escolinha e como um desabafo desses adolescentes, que se sentem inferiorizados por não possuírem cavalos e por não poderem, portanto, ir montar nas pistas do particular ou em outro lugar. Ao narrar algumas informações sobre a vida pessoal e profissional do diretor, parece constituir um entretenimento depreciá-lo de variados modos, admitindo que, em algum momento do dia, “o assunto vai ser o Eduardo”. Por exemplo, Daniela, de 13 anos, brincou que a água potável da escolinha teria cor mais amarelada porque ele colocara veneno nela. Comentam, inclusive, dos relacionamentos amorosos do diretor de hipismo com precisão de detalhes e em tom de galhofa.

Não apenas para as crianças, mas também para os funcionários, Eduardo personificaria a falta de desejo do clube em investir na escolinha de equitação. Como já elucidado anteriormente, a junta diretora de hipismo, cujo poder de mando se encontra bastante concentrado nas decisões de Eduardo, não investe tanto na escola quanto as crianças e os funcionários desejariam e considerariam “justo”. À frente do departamento

de hipismo, segundo sócios e instrutores, Eduardo trouxe desvantagens para a qualidade dos animais e para as condições de trabalho de todos os empregados envolvidos. Para explicar que o “ego” de Eduardo teria “subido à sua cabeça” ao se tornar o diretor do departamento, essas pessoas dizem que ele procura “fazer média com os outros departamentos”, mesmo que, para tanto, “quebre regras” que ele, mais do que ninguém, deveria seguir. Pelo estatuto do Equestre, 17% do arrecadamento do clube está destinado ao setor de hipismo, totalizando R\$ 120.000 por ano, que o Eduardo deveria repassar à compra de bons cavalos para a escolinha e no pagamento de instrutores, secretárias e coordenadora, a Paula. Segundo os instrutores da escolinha e a Paula, Eduardo devolve grande parte do dinheiro à Tesouraria do clube em prol de outros setores, justificando não precisar da verba, o que suscita revolta em todos, pois não recebem aumento de salário enquanto Eduardo tenta mostrar a todos que é “tão bom administrador que até sobra dinheiro”, o que não seria verdade. Nos comentários das crianças da escola, Eduardo aparece como sendo um dos únicos culpados por todos os problemas que elas enfrentam na escola, como o baixo nível dos cavalos.

As tentativas de desmoralizá-los são recorrentes, recusando sua autoridade enquanto diretor. Acreditam que, por Eduardo ser um sócio como “todos os outros”, ele não devesse se sentir no direito de tomar decisões sem consultar os demais associados. Nas palavras de Leticia, sócia bastante envolvida com a administração e o funcionamento do setor de hipismo do clube: “Os funcionários detestam ele. Ele cortou os eventos que proporcionavam uma diversão pros funcionários, como a gincana no final de ano e o churrasco. Eles, agora, fazem as coisas por medo e não por respeito, ou seja, quando o chefe sai, o ambiente muda, e pra melhor. Pra você ter uma ideia, quando eu fui falar pra ele que era questão de bom senso, ele virou pra mim: ‘A definição de bom senso é o senso que concorda com o meu senso!’”. Mariana, sócia e instrutora da

escolinha, ao reclamar das atitudes de Eduardo, remeteu à sua posição de sócia no clube dizendo: “Ele não manda em mim”, “eu faço o que eu quiser aqui dentro”, demonstrando relativa autonomia e liberdade que não se observa nos funcionários não associados.

Eduardo também seria mau visto porque usaria de sua posição como diretor para maltratar os funcionários, aspecto que, como discutiremos à frente, gera revolta dentre a maioria das mães, crianças e os próprios funcionários, tendo, inclusive, dito a uma das secretárias “vai tomar no cu” na frente de várias pessoas. Por ser formado em Direito e compreender de legislação, Eduardo costuma proferir que “*e-mail* que é registro, o resto é tudo fofoca”, isto é, ele não poderia ser processado por assédio moral, já que não haveria provas escritas do que ele fala. Acusam-no de “mau caráter” e de passar por cima de todas as pessoas, próximas dele ou não. Enquanto uns comentam que sua renda advém do dinheiro conseguido por meio da separação da ex-mulher, outros dizem que seus irmãos o teriam expulsado da sociedade empresarial, “porque ele é muito chato” e que, sendo assim, pode dedicar, ao departamento de hipismo, mais do que as três horas diárias voluntárias que o clube exige dos diretores - “ele não faz nada o dia inteiro”. Como se observa, aqui está presente, mais uma vez, o rechaço à improdutividade e ao lucro “fácil”, oriundo tanto do divórcio quanto do dinheiro familiar gerado não por Eduardo, mas pelos irmãos.

Além dessas, outras pessoas também são bastante comentadas, como o Marcão, um dos responsáveis pelas pistas do particular, visto como “puxa-saco” de Eduardo. O estigma de Marcão se dá não porque participa da rede de fofocas no clube, procedimento amplamente difundido e aceito, mas porque se vale de seu cargo a fim de prejudicar empregados subordinados, muitas vezes espalhando histórias que não teriam ocorrido. Marcão não é sócio do clube e, ainda, não possui diploma de ensino superior:

“Só tem colégio normal, talvez tenha ensino médio”, estima Letícia. No clube, há funcionários não-sócios de pouco ou quase nenhum estudo formal que são, entretanto, queridos e respeitados por todos, como um dos instrutores mais antigos, analfabeto, que trabalha há 40 anos no Equestre. Assim, a autoridade de Marcão parece ser constantemente desafiada “por ser o tradicional dedo-duro, além de mentir pro diretor, inventar coisas e criar intrigas”, como disse Letícia. Faltaria “ética” a Marcão, um valor evocado com frequência pelas mães ao afirmar o que esperam de seus filhos, como comprova a seguinte fala de Denise, mãe de Rafael da escolinha: “Eu acho que você tem que fazer o que é certo, independente se vai ser bom pra você ou não, fazer o que é certo, o que é correto, não trapacear, não passar por cima de ninguém”. Uma decorrência do comportamento de Marcão é que ele não agiria com profissionalismo, trazendo desvantagens ao departamento: “Como sócia, eu acho ele incompetente pro cargo que está, ele assume uma postura nada profissional quando erra e sempre quer livrar o dele da reta”, conclui Letícia.

As crianças e adolescentes da escolinha que permanecem a maior parte do tempo no clube são aquelas que mais se envolvem em “falar mal” dessas e de outras pessoas do Equestre. Isso pode ser explicado pelo fato de que o clube corresponde ao espaço essencial de socialização dessas crianças e de disputa pelos valores considerados mais legítimos, além de se configurar em um importante meio de produção e de reprodução de enquadramentos sociais, daquilo que um indivíduo deve ou não deve ser. Por exemplo, as meninas, como Talita e Daniela, zombam de Rafael, 13 anos, falando de sua suposta homossexualidade ainda não descoberta ou assumida, fazendo trocadilhos com seu nome (“Gayfael”) e imitando seu jeito de andar e falar (“afeminado”), o que, apesar de perturbá-lo seriamente, não o afasta da convivência íntima e cotidiana. Rodrigo, 11 anos, chegou a emagrecer 10 kg em algumas semanas porque não

aguentaria mais ser chamado de “gordinho” na escola em que estuda, mas também ouvi inúmeras vezes as meninas e meninos da escolinha se referirem a ele desta maneira. Talita disse que, para emagrecer, ele “ficava correndo, dando várias voltas na pista de areia” do clube.

Além disso, as fofocas se constituem em uma forma de passatempo dessas crianças, motivo de gargalhadas e de prazer, mas que, além disso, parecem servir de instrumento para liberarem “a revolta da própria idade”, como dizem alguns instrutores, ou, talvez, “vingarem” sua condição menos privilegiada na escolinha e as expectativas negativas que lhes são depositadas por uma parte dos funcionários e mães. Não causa espanto o fato de a maior parte das fofocas dentre o grupo das crianças e adolescentes da escolinha ocorrer de forma velada e na ausência da pessoa “alvo” do comentário. Certa vez, cheguei à roda de adolescentes dizendo que estava aguardando Priscila, 12 anos, para entrevistá-la, e todos começaram a “falar mal” dela, aparentando ser ela um de seus desafetos. Segundo eles, Priscila, que possui cavalo, é “a mais chata de todas”, pois “se acha” e se considera “o centro do universo”, “tudo é o cavalo dela”, “tudo dela é melhor”. Enfim, quando Priscila chegou, fomos para o restaurante Alvorada realizar a entrevista e, enquanto conversávamos, os adolescentes faziam sinais depreciativos de longe para mim nas costas dela, principalmente Daniela e Rafael. Na entrevista, Priscila contou que na escolinha não havia “falação de mal por trás” igual no curso particular, acreditando ser amiga e querida por todos.

O fato das pessoas não desconfiarem de que sejam alvo de comentários depreciativos e de acusações parece consistir numa fonte de ainda mais prazer, talvez por saberem que, assim, evitarão protestos e retaliações e, ainda, não haverá abalos no clima *aparentemente* “tranquilo e amigável” entre os sócios. Nas palavras de Talita, 16 anos, a mais provocadora dentre os adolescentes focalizados na pesquisa: “Eu pratico

bullying, mas é um *bullying* silencioso, porque quando eu quero falar mal, eu não falo na cara, não. Falo sempre, a pessoa tá ali, eu tô falando aqui. Me divirto, falo horas da pessoa. E ela não fica nem sabendo. Um *bullying* oculto... Eu adoro... Não tem graça a vida sem falar mal dos outros”.

Os funcionários, por sua vez, também mobilizam fronteiras socioeconômicas e morais em relação às crianças e aos adultos associados, para os quais trabalham diariamente.

2. Fronteiras entre sócios e funcionários

Um dos propósitos desta pesquisa consistiu em identificar as percepções que consolidam os princípios de classificação, associação e exclusão mobilizados por membros desses grupos - os sócios do Equestre entre eles e nas suas interações cotidianas com outros grupos. Sendo assim, uma segunda separação dentro do clube ocorre entre sócios e funcionários, estes que, no caso, são as babás, as empregadas domésticas, os motoristas, mas também secretários, porteiros, seguranças, instrutores da escolinha não-associados, tratadores e pistinhas, tratadores de cavalos, faxineiras e os prestadores de serviço em geral. No Equestre, os funcionários de salários mais baixos e ocupações menos valorizadas socialmente, como tratadores e pistinhas, convivem com mães, pais e filhos, ou seja, com as famílias associadas. Saltam aos olhos que as diferenças se organizam segundo pares de oposições recorrentes, entre, por exemplo, o sócio rico x o funcionário pobre, o sócio branco x o funcionário negro, o sócio estudado x o funcionário de pouco estudo ou mesmo, dependendo da função, analfabeto.

Também são os mais cabisbaixos, de olhar mais tímido, de menor poder de mando, que se sujam mais no exercício de seu trabalho e apresentam mais rugas devido

à longa exposição ao sol³⁸, os que trazem as marcas corporais bastante visíveis da condição social menos privilegiada. Trata-se, aqui, de diferenças muito notáveis no setor de hipismo do Equestre e que concretizam a estrutura social com a qual essas crianças interagem desde muito novas. De qualquer maneira, a observação das crianças crescendo rodeadas pela atenção e assistência de adultos sugere o aprofundamento da pesquisa sobre quem são eles, sem levar em consideração apenas os pais e outros adultos de seu grupo familiar. Inclusive para não esquecer que crescer cercado por uma equipe de cuidadores, principalmente quando há hierarquização entre eles, pode ser uma das maneiras como se naturaliza o privilégio.

2.1. Ponto de vista dos sócios

Essa diferenciação entre sócios e funcionários se exprime de maneiras variadas. Quanto aos sócios, alguns se reportam aos funcionários, principalmente aqueles que desempenham trabalhos braçais ou de menor valor social, num tom de quem tem pena, afirmando que são pessoas “simples”, “uns coitados”. O “dó” e a piedade acontecem na relação personalista na qual se considera apenas o indivíduo e não as condições sociais que produzem a condição do indivíduo. Por consequência, a grande maioria dos sócios os enxerga não como sujeitos portadores de direitos, mas como seres dignos de compaixão, evidenciando a típica relação católica de caridade com os que têm menos. Por exemplo, uma das mães me relatou que, às vezes, presenteia os tratadores de cavalos e pistinhas (“molha a mão”) com “vintão para a cerveja”, para retribuir os cuidados deles com a égua de sua filha. Outra mãe me contou sobre sua empregada doméstica, que engordou depois que começou a trabalhar para sua família, pois, nas

³⁸ Os praticantes de hipismo também se sujam e permanecem debaixo de sol ao longo do treino, mas, ao contrário dos funcionários, têm a opção de não o fazerem quando desejarem.

primeiras semanas, comia “bolacha e iogurte escondido”, além de lhe ter perguntado sobre o que era “o buraco na parede”, referindo-se à lareira.

De fato, durante todo o período que estive em campo, aquilo que se considera “desrespeito” em relação a funcionários, ou seja, um tratamento descortês e impolido, não é bem visto entre os próprios funcionários, como era de se esperar, e nem entre os sócios, tanto mães, pais, quanto as crianças e adolescentes.

De acordo com o que discutimos anteriormente, isso causa fofocas em relação às maneiras de se criar os filhos e críticas direcionadas aos pais, em particular às mães, sobre não os “impedirem” de assim se comportarem, cuja consequência seria a de crescerem pensando que “podem comprar tudo”, que “podem tudo”. Na opinião de Maria, uma das mães que faz questão que as filhas valorizem os funcionários: “como todo lugar, aqui também tem [quem], porque monta cavalo, porque faz um esporte caro, acha que pode pisar [nos outros]”. Os adolescentes costumam reclamar que há crianças que maltratam as babás, “ficam xingando” (“você não manda em mim!”), quando são “pirralhinho bem pequenininho”. Para uma adolescente: “Já que a mãe não educa, a babá tenta educar”. Nas palavras de Eliza, mãe:

É, amigo de escola, é. Que, assim, não vê a mãe, não vê o pai, não convive. Não sabe o que que é isso. Quando vê, é: “Ai, tá tudo bem, né?”, “Tá tudo bem”, “Então tá bom, tchau”. Então esses são os piores ainda, que são criados por babás... E as babás não podem fazer nada com eles, porque elas não podem relar a mão neles. Porque tem criança que tem 3 anos e fala assim: (*imitando uma voz infantil*) “Se você fizer isso, eu te demito!”. Eu já vi isso! Nossa...

Nos trechos seguintes, associados comentam sobre o tratamento destinado a funcionários do clube por parte de alguns sócios. Aqui está sendo expresso o ideal de ser humano que deveria agir de modo cortês com todas as pessoas, que sabe reconhecer e agradecer os serviços prestados, sobretudo por pessoas mais pobres.

Maria, mãe: [Nos campeonatos], o tratador dorme na mesma cocheira, quer dizer, uma cocheira igual à do cavalo.

Karen: O tratador dorme lá?

Maria: Dorme nas provas. Então é alugado um quartinho de cela que chama, é uma cocheira a mais onde colocam as coisas, o material e o tratador. Então quando chega a prova, que você vai, que chove que é uma desgraça, então a preocupação que ele [*o marido*] tem é de não deixar faltar, “Tá tudo bem, você precisa de alguma coisa?”, “Não, tá tudo bem”, “Não, não é cavalo, é você! Você tá precisando de alguma coisa, como é que tá o seu colchão, você tem cobertor, você trouxe blusa, você trouxe remédio?”. Então é uma preocupação que a gente tem. [...] É difícil, é difícil, tem pais que têm essa preocupação assim, mas outros não. Outros acham que um presente no final de ano, uma cesta de Natal, apaga tudo a má criação, a falta de educação...

Mônica, mãe: Total, total, aqui no Equestre é muito desrespeito. Os professores, a gente conversa muito com, então eu... e, infelizmente, eu tenho uma amiga até, que ela... por exemplo, na casa dela, o copo que a empregada toma água é um copo separado, que a empregada usa não pode ser o mesmo copo da casa, entendeu. E aqui não tem “bom dia”, “boa tarde” pra funcionário tal, então é isso que eu falo, vem aí, eu acho que o problema começa aí, sabe, é o que eu sempre falo pras crianças: tem que ter respeito pelas pessoas, não é porque o que ela é, entende. Ai, aqui no hipismo, por exemplo, como é que você quer que um tratador seja feliz cuidando de um cavalo de R\$ 100.000 e ele pega uma marmítex, senta ali no meio daquelas cocheiras, do lado do cavalo, e come ali? Ele fica cuidando do seu cavalo e você chega e nem fala “bom dia” pra ele. Entende o desrespeito da onde vem? Eu vejo isso acontecer. Caixas de maçã argentina pros cavalos... ótimo, se você tem um cavalo, você tem que cuidar mesmo tal, mas aí o cara chega na casa dele e não tem arroz e feijão, entende, então é um contraste, né. Então aqui no Equestre, por exemplo, eu vejo muito.

Bárbara, 14 anos: Ah, tipo, um aluno chega, desce do cavalo, um exemplo: o chicote caiu. Ao invés dele chegar pro instrutor e falar assim: “Olha, por favor, dá pra você pegar o meu chicote que caiu ali?”, ele chega: “Ô, pega o meu chicote que caiu ali, por favor!” (*com voz rude*). Não, nem fala “por favor”, só que é, sabe, é muito feio. Você, tipo, você que tem que respeitar ele. Tem gente que responde pro professor, tem gente que acha legal, eu acho ridículo, porque ele que tem que te ensinar, não você montar nele.

Entre os sócios, embora os comentários sejam unânimes de que os desrespeitos devam ser evitados, por outro lado, durante a pesquisa testemunhei inúmeros casos de uma desvalorização implícita e nem sempre consciente do grupo social dos funcionários de mais baixo escalão, às vezes numa percepção de que eles seriam os próprios “culpados” de sua condição socioeconômica. Mesmo verbalizando que “todo mundo é igual”, muitos sócios não percebem que também julgam por princípios de hierarquização mais com relação à posição social e menos quanto ao nível individual, não enxergando esses funcionários como portadores de direitos, isto é, como “iguais”. Por exemplo, ao comentar com Talita, 16 anos, sobre um dos cuidadores dos cavalos

que eu sempre via bastante engajado no serviço, andando rapidamente de um lado para o outro, ela disse que não se tratava de ele trabalhar demais, mas de que se locomovia assim porque “era muito pequeno”, numa referência à baixa estatura do funcionário. Em seguida, deu a entender que o tratador era “meio retardado”, pois não sabia ler nem escrever e “lia” a lista com a relação de cavalos a encilhar de acordo com a ordem que havia previamente decorado. “Acho que ele sabe pela ordem. Mas daí demora vinte vezes mais”, disse rindo e caçoando do funcionário analfabeto.

Nas entrevistas, também é recorrente a evocação dos modos de vidas das empregadas domésticas para discorrer sobre os maiores problemas do Brasil:

Roberta, mãe: Você vê os amiguinhos, você vê a moça que trabalha na minha casa, o filho dela, que é uma pessoa que é empregada doméstica, o filho dela leva... assim, bolinho Pullman, coisas assim que são caras, entendeu. “Não quero a metade!”, joga fora... Então eu acho que tem essa coisa da educação. Então eu acho isso, acho que o Brasil é um povo muito mal educado, não tem educação pra esse tipo de coisa.

Eliza, mãe: E, umas das coisas que eu penso, eu já fiz trabalho voluntário... até vou falar... não vou falar onde foi. E eu não tenho muita, também, ilusão com pobre. Porque eu acho que as pessoas também são muito responsáveis pelas opções que elas... tomam. Assim, as opções que elas acabam escolhendo. Então, eu sofri muito quando eu fiz esse trabalho voluntário, que era só com meninas, meninas, assim, que já foram violentadas, sabe? Meninas que eram...

Karen: Estupradas?

Eliza: É, é, de verdade mesmo, pelo padrasto. E que, por exemplo, estavam lá, e que o lugar onde elas estavam sabiam dos maus tratos, tudo. E tinha denúncia, daí a assistente social vai, retira a menina, põe no abrigo, ah, esse tipo de coisa. Mas também tem muita gente ruim. Tem muita criança, sabe, é de índole (*enfaticamente*). Como tem rico ruim, tem pobre ruim, entendeu? Então, assim, eu falava: “Ah, se eu ganhasse muito dinheiro, ia pegar, ia dar pra uma instituição”. Eu acho que não era o caminho. Eu acho que até ia ajudar, mas não dando dinheiro, entendeu. E também acho que as pessoas têm as suas responsabilidades, sim. Eu vejo pela [*empregada*], minha funcionária... por exemplo, a filha dela. A filha dela tem 26 anos e ela se formou, ela é enfermeira...

Karen: Ah, ela conseguiu, então?

Eliza: Conseguiu, é. Lógico que teve muita ajuda da gente, né, que a gente tinha uma estrutura boa pra ela tá podendo estudar. Só estudou, ela só foi trabalhar depois que ela se formou. Então, assim, é uma oportunidade que, por exemplo, na família dela, ela é a única diplomada. Então você imagina isso, sabe, na... Eles nem têm noção do valor de um diploma, viu? Não têm, muita gente não tem: o avô não tem, entendeu, a mãe, sim. A mãe, a [*empregada*] fica muito feliz por isso. Então, eu acho assim. Mas ela teve as escolhas dela, entendeu? Porque ela podia muito bem não querer. Então, acho assim que, é lógico, não pegar uma criança que nasceu e que é abandonada, jogada na rua... essa, coitada, realmente não tem nem como você falar: “Ah, mas as opções que ela teve”... Pô, não teve opção nenhuma, aí realmente as coisas, assim... Mas, assim, porque a gente fica

pensando num mundo melhor, né, viver num mundo melhor, e até que ponto você também é responsável por isso.

Como se vê, gera inquietação o fato de o filho de uma empregada doméstica desperdiçar um bolinho, atitude vista aqui como incompatível com sua condição social menos privilegiada, e que pessoas pobres não valorizem os estudos universitários, fator que alguns sócios demonstram dificuldade para compreender e se identificar. Assim, embora mães e filhos afirmem e reafirmem que tratam todas as pessoas de modo igualitário, independente do grupo social, existe uma diferença entre o discurso e a prática permeada por uma estrutura socioeconômica bastante rígida quanto aos funcionários do clube, principalmente os encarregados das profissões tidas como inferiores e menos legítimas – lembro, aqui, do caso do neto do tratador, discutido no capítulo I, que convivia com as crianças associadas enquanto bolsista do departamento de hipismo, mas, para alguns pais, “não era a mesma coisa”.

Um caso exemplar do que se pode assinalar como uma espécie de *invisibilidade* desses funcionários aconteceu em um dia em que eu estava conversando com a médica Cristina, não-sócia, durante a aula de Aline, sua filha mais velha, com a instrutora Tânia. Como vimos no primeiro capítulo, Cristina se ofendeu com o comerciante Ricardo devido aos problemas concernentes à compra de uma égua para sua filha, em particular quando ele a tratou como se Cristina, nas suas palavras, “fosse um cachorro”, já que ela não ostentaria suas posses, aspecto que parece revelar com orgulho. No meio da aula, Cristina convidou sua outra filha, que a estava acompanhando, para beber uma água e comer um chocolate no restaurante Alvorada. Ao saírem, Cristina, sempre se mostrando generosa com o bem-estar das pessoas ao redor, perguntou tanto a mim quanto à Tânia, que estava na pista, se não gostaríamos que ela nos trouxesse algo para beber ou comer. Agradei, respondendo que não precisava. Desde que eu chegara ao

local, percebi que havia um senhor sentado no banco de trás lendo uma revista, fato que eu tinha considerado peculiar, pois ele não aparentava ser sócio nem funcionário do clube. Depois que elas saíram e não se podia mais vê-las, esse senhor me abordou para perguntar se eu estudava na UNICAMP - visto que eu havia falado sobre a UNICAMP com a Cristina -, e começou a dizer que sua filha foi ao evento UPA³⁹, que ela ficara “encantada” com a universidade e iniciamos uma conversa. Em certa altura, mencionou que era o motorista particular da Cristina, o que me surpreendeu, porque a médica não estabelecera qualquer contato com ele enquanto estivemos lá, sequer visual, quanto menos se oferecendo para comprar alguma coisa no restaurante para ele, como havia feito comigo e com Tânia. Era como se ele não existisse. Passado um tempo, ao avistarmos Cristina e sua filha retornando do Alvorada, ele parou de conversar comigo e não nos comunicamos mais.

As crianças e adolescentes do clube, a exemplo da opinião de Talita sobre o tratador de cavalos, também percebem os funcionários, principalmente os de mais baixo escalão, dessa forma ambivalente: por um lado, são consideradas pessoas mais “simples” e, por isso mesmo, merecedoras de um tratamento cortês e civil, mas, por outro, existe um desprezo implícito e nem sempre consciente em relação aos modos de vida dos empregados. Ou seja, algumas de suas ações provocam estranhamento e até incômodo entre os sócios, seja quando as percebem como não condizentes com o grupo social dos próprios funcionários, seja quando essas ações não estão de acordo com os modos de vida e as visões de mundo das famílias associadas. Uma vez, Larissa, 14 anos, trouxe a revista do Equestre para as aulas, dizendo que “precisava” contar um “babado”, e mostrou a mim e à coordenadora Paula a foto de Eduardo com sua mais recente

³⁹ UNICAMP de Portas Abertas é um evento realizado por esta universidade com o objetivo de trazer alunos do ensino médio de escolas públicas e privadas do Brasil para visitar o *campus* e entrar em contato com os cursos oferecidos. Cada faculdade e instituto organiza uma programação específica para divulgar seus cursos de graduação, além de mostrar alguns projetos nos quais os alunos estão envolvidos.

namorada em uma festa, dizendo que ele teria pagado “pelas plásticas nela toda”. A jovem namorada havia trabalhado na secretaria de hipismo e ambas falaram que, para ele, ter a foto ilustrada com aquela “bisca” era uma “queimação de filme”, porque todos os sócios veriam “e todo mundo conhece esse insuportável aqui”, disse Larissa se referindo a Eduardo. Para elas, namorar uma funcionária, mesmo que vários anos mais jovem que Eduardo, significa “descer” na escala de prestígio social do clube e não corresponder ao que se espera de um sócio.

Em resumo, não se pode perder de vista que as demonstrações de “compaixão” são direcionadas para aqueles empregados “dignos” deste sentimento, isto é, os funcionários mais pobres que incorporam um conjunto de valores morais geralmente associados, pelos grupos dominantes, aos grupos dominados. Para Clark (1997): “Mesmo quando aqueles que se compadecem não têm a intenção consciente de fazê-lo, compadecer-se pode ter consequências micropolíticas. Ironicamente, trocar compaixão na economia socioemocional pode aproximar as pessoas e ao mesmo tempo aprofundar o abismo social entre elas” (p. 228 *apud* Coelho, 2010, p. 280). Em contrapartida, quando esses grupos não se comportam da maneira esperada pelos grupos dominantes, entrevemos variadas reações de “desprezo”.

O desprezo é o complexo emocional que articula e mantém a hierarquia, o *status*, a classificação e a respeitabilidade. E *status* e classificações diferenciados são as condições que suscitam o desprezo. Assim, o que temos é uma espécie de círculo vicioso no qual o desprezo ajuda a criar e manter as estruturas que geram a capacidade do desprezo. E há boas razões para se acreditar que o estilo específico de desprezo estará intimamente ligado aos arranjos sociais e políticos particulares nos quais ele se dá (Miller, 1997, p. 217 *apud* Coelho, 2010, p. 277).

Ambas as emoções servem, portanto, para definir fronteiras entre os grupos sociais, sendo que, no caso das famílias aqui estudadas, implica um esforço para demarcar superioridade.

2.2. Ponto de vista dos funcionários

Já no que concerne à visão de mundo e modos de vida dos funcionários, incluí na pesquisa, também, entrevistas formais com instrutores da escola de equitação, babás e motoristas, por acreditar que haveria, de um lado, o contraste de suas visões de mundo em relação às visões de mundo dos sócios do clube hípico e, de outro lado, uma diferente percepção sobre o grupo que pesquiso advindo de pessoas que convivem diariamente com eles, pertencentes, porém, a outros estratos sociais. Minha convivência em campo se deu, majoritariamente, com a Paula, coordenadora de hipismo, os cinco instrutores da escolinha de equitação, estabelecendo contatos esporádicos com babás e apenas poucos motoristas⁴⁰. No final da pesquisa de campo, conheci e pude comunicar-me com alguns pistinhas. Em geral, os funcionários dos mais diversos escalões relatam que a maioria dos sócios “é gente boa” e que a relação entre eles se institui de maneira harmoniosa, com exceção de alguns “mais metidos” e “xaropes”, confirmando o que o instrutor Ronaldo diz: “Sempre tem de tudo, em todas as idades, em todos os momentos sempre tem de tudo, mas só que, na verdade, a educação sempre prevalece”. Aqueles sócios, tanto mães, pais quanto filhos, que ofendem os funcionários de algum modo, com demonstrações implícitas ou explícitas de desvalorização, constituem uma minoria, portanto, mas uma minoria que “chama atenção”, que “vira notícia”.

⁴⁰ Dentre os instrutores, consegui entrevistar todos aqueles que trabalham para a escolinha de equitação do clube, mas não os que ministram aulas aos alunos que possuem cavalo/égua e treinam com seus próprios animais. Isso se deveu por menor contato com esses profissionais, já que eu acabava não os encontrando com a mesma frequência com que me encontrava com os instrutores da escolinha. Quanto às babás e motoristas particulares, o caso se complicava ainda mais, já que seus horários de ida ao clube estavam estritamente relacionados aos horários dos filhos associados. Assim, desde conhecê-los até chegar a entrevistá-los estava condicionado à intensidade da frequência dos alunos às aulas, à não desistência deles, aos períodos em que as do hipismo estavam acontecendo, entre outros. Apesar disso, consegui realizar quatro entrevistas com eles.

Não surpreende que, também em relação aos funcionários tanto do clube quanto os particulares, existam diferenças de origem social e de *status* entre eles⁴¹ e, por conseguinte, de valores e de visões de mundo, induzindo a diferenças na interação com os sócios.

2.2.1. Posições “intermediárias”: coordenadora do hipismo e instrutores da escola de equitação

Em linhas gerais - e considerando o contexto da escola de equitação do clube -, os conflitos podem ocorrer quando as crianças divergem sobre os animais escolhidos pela coordenadora Paula para que elas montem em cada aula e quando as mães e os pais dos alunos apresentam uma atitude de contestação acerca do funcionamento da escolinha e às decisões tomadas pela Paula e instrutores. Para estes empregados, os conflitos são deflagrados não pelo fato de haver reclamações, mas pelo modo como as reclamações são feitas. Elas são interpretadas pelos funcionários, às vezes, tanto como uma afronta ao serviço prestado e à sua autoridade quanto como um desrespeito à sua pessoa. Os instrutores não gostam, por exemplo, quando os alunos “fazem cara feia” ou “ficam reclamando” do cavalo escolhido para montar naquela aula - “esse cavalo é uma bosta! Esse cavalo é não-sei-que” -, mostrando-se, segundo eles, arrogantes e egoístas. Um dos instrutores contou que, se não “bate o santo” com o aluno, não é possível continuar a dar aula para ele. Outro revelou que, dependendo do aluno, “o instrutor vai lá e coloca um cavalo para ele cair e desistir da aula”. A coordenadora Paula se diz bastante “brava” com a atitude dessas crianças e adolescentes, porque se eles não possuem cavalos, ainda vão “querer xingar o dos outros”, isto é, os cavalos da escola - “não cuspa no prato que você tá comendo!”.

⁴¹ A própria diferenciação quanto aos tipos de uniforme serve para explicitar algumas hierarquias.

Ronaldo, instrutor: Na verdade, assim, tem uns que, às vezes, usam o seu poder e tal, não sei o que, “Porque meu filho tá sendo desfavorecido”, uma série de coisas, coisas de cavalo, esse tipo de coisa. Geralmente é aquele cara cri-cri que o filho também vai ser cri-cri, vai reclamar de tudo: “Ai, a orelha do cavalo tá suja”, entendeu? E quando o pai, geralmente, não reclama, às vezes se ele acha perigoso e te questiona, mas sabe, é aberto à conversação contigo, aí, normalmente, é aquele pai que também leva a linha com o filho: “Não, você não tem que reclamar, você tem prova, você tem que estudar. Você não estudou à tarde”. É um cara mais sério. [...] Cada caso é um caso.

A Paula e os instrutores, apesar de, na maioria das vezes, obterem êxito em fazer valer sua autoridade, encontram-se em uma situação contraditória: por um lado, o esporte exige bastante disciplina, pois se os alunos estiverem dispersos e descuidados em cima do cavalo, eles poderão cair e se machucar; mas, por outro lado, os instrutores não devem “pegar tão pesado”, porque se desagradarem às crianças em demasia, há possibilidade de elas acionarem seu “poder” enquanto sócias e empregadoras, colocando em risco seus empregos. Então, deve-se “ter jogo de cintura” para lidar com as situações nas quais os desejos *dessas* crianças são contrariados. Como bem afirmou Elias sobre as redes de interdependência nas quais as pessoas estão envolvidas: “Nós dependemos dos outros, outros dependem de nós. Se somos mais dependentes dos outros do que eles são de nós, eles têm poder sobre nós”. (Elias, 1978, p. 92). Esses funcionários, portanto, procuram envolver-se o mínimo possível com os problemas das crianças e adolescentes do Equestre, reconhecendo os limites do seu campo de ação. Segundo a coordenadora Paula: “Eu não posso fazer nada! Porque, como eu falo pra muitos aí, eles pagam o meu salário, quem sou eu para dar conselho! Capaz de tomar um esporro ainda: ‘Você não tem nada a ver com a vida da minha filha!’. E daí? Então é complicado”.

Ronaldo, instrutor: Quando rola empatia [com o aluno], quando não rola mesmo, porque isso daí existe mesmo, não tem como. Aí não tem como. Todos têm algo pra ensinar, só que a forma que pega, a forma que tem aceitação do aluno, aí você tem que ver também

se é muita frescura dos pais, “Ai, não pode fazer assim com o meu filho!”, “Nem eu grito com ele, como é que você vai gritar?”, um exemplo.

Isaías, instrutor: Então, a gente, no hipismo, trabalha muito com os professores, trabalha muito esperto com esse mundo, porque, para se queimar, como eu te disse no começo, é um mundinho bem falador. Se você faz alguma coisa aqui que não deu bem, pelo menos aqui em São Paulo, esquece trabalho. Que eles queimam legal. Pra fazer o nome, você demora uns cinco anos, mas pra destruir, uns cinco dias você consegue fácil (*sorrindo*).

Um aspecto importante para se compreender os valores prezados pelos diversos funcionários consiste em procurar identificar o fundamento moral a partir da posição particular que eles ocupam nesse espaço social. Durante todo o período em campo, a coordenadora Paula, 40 anos, foi uma grande informante, auxiliando-me na integração e no estabelecimento de contatos e demonstrando ser entusiasta de pesquisas, porque ela própria não pôde realizar um mestrado devido à sua gravidez. Segundo ela, era pobre, depois “ficou rica, depois ficou pobre de novo”, ao referir-se à falência do posto de gasolina de seu pai. Hoje em dia, considera-se “classe média média”. Paula acredita que o perfil socioeconômico das famílias envolvidas com o hipismo no clube seja “média alta” e não “alta”, pois apenas poucas famílias teriam “muito dinheiro”, e a “classe altíssima” brasileira estaria em haras de outras cidades da região. Contou que percebe a diferença entre esses dois grupos dominantes “pela própria educação”, pois no Equestre haveria “muito novo rico”, que “tem dinheiro, mas não tem berço, que é a educação”. Como já teve oportunidade de trabalhar com pessoas da “classe alta”, disse perceber que eles são exigentes, mas “não dão na cara a exigência” e são “muito mais simples, totalmente bem educados”. “E aqui, não, aqui o povo... Você escutou hoje de manhã: ‘Você não sabe quem que é a mãe dela?’”. Sabe? Então isso daí é típico de gente que veio do nada e não sabe aproveitar o que tem hoje. Que eu chamo, lá eles falavam que eram os ‘caídos do trem’, fica meio perdido (*risos*)”. Paula conta não gostar da cidade focal desta pesquisa, porque também há muitas pessoas que já tiveram dinheiro e que,

atualmente, estão “falidas”, mas “acham que têm grana ainda” e “vivem do mesmo tipo, de cinco gerações atrás”. “Então o povo pisa em cima de você”.

Paula faz questão de delimitar fronteiras morais e simbólicas entre ela e grande parte dos sócios, porque, embora se encontre numa posição inferior quanto ao poder econômico, não quer se parecer com aqueles que, na sua opinião, “pisam nela”. Ela evita trazer sua filha de 10 anos aos campeonatos para que não se misture com as crianças e adolescentes que estão sempre no clube e não aprenda a ser “mal educada”. Em compensação, elogia as crianças da escolinha que considera “bem educadas”, isto é, que não a ofendem em busca de impor suas vontades, dizendo que são “príncipes”, “princesas”, que têm uma “educação extraordinária” e que os “adora”. Sente-se superior às pessoas que “passam por cima dos outros” e a fazem “engolir sapos”, como quando a mãe de Rodrigo, que é médica, acusou Paula de “irresponsável” na frente de outras mães, difamando-a “durante uns três dias” no clube, porque o filho caiu do cavalo escolhido pela coordenadora em uma das competições.

Paula e os instrutores da escolinha também comentam sobre as crianças e adolescentes tidos como “abandonados” no clube. “Não que eu queira desfazer dos outros pais, mas a gente sabe que não acompanham”, disse Paula certa vez. Talita, 16 anos, é alvo frequente de comentários. Para a coordenadora, ela vem de uma família “desestruturada”, “desregrada”, “cercada de coisas negativas”, sofrendo de “uma ausência gigantesca”. Permanecendo todo dia no clube, Talita quase que “mora no Equestre” e Paula diz que “mais ou menos a gente vigia, mais ou menos a gente olha ela, mas é terrível”. Algumas das atitudes de Talita são vistas como suicidas, porque ela procuraria montar os animais “mais problemáticos”, que disparam e são perigosos, fato interpretado por Paula como se ela “tentasse se matar no cavalo”⁴². Na visão de Talita,

⁴² O receio de Paula também se fundamenta nas afirmações que Talita costuma proferir, sem cerimônias, para seus amigos, conhecidos e funcionários do clube. Na entrevista com Talita, por exemplo, perguntei o

contudo, percebe-se o prazer pelo risco e em superar desafios: “Gosto [de montar os cavalos perigosos] porque é difícil. Eu tô aqui pra aprender na escola. Os outros cavalos já fiz, eu faço de olho fechado. Os outros não têm mais graça”.

A coordenadora Paula tece algumas generalizações:

E eu acho que um grande agravante, hoje, é que os pais não dão mais atenção pros filhos. Então eles ficam muito na mão de empregados, que, às vezes, são pessoas excelentes, excelentes, assim, eu vejo babás aqui que são as mães, são a família de muita criança. E você vê que a criança tem educação pela babá, não pelos pais. Só que, infelizmente, é uma pessoa que... as aflições são muito maiores. Então, você vê roda de babá dos pequeninhos ali embaixo... meu, elas deixam eles fazerem o que quiserem. Se racham a cabeça no chão, elas tão largando. Então são crianças criadas sem regras. Muito mais fácil o pai chegar e falar assim: “Ah, você tá querendo essa lapiseira? Toma a lapiseira, mas fica quieto!”. Então eles não ganham a criança pelo carinho ou pelo respeito, ganham porque ganham. Literalmente eles compram as crianças. Então isso é uma atividade que já vem vindo há algum tempo.

Isaiás, um dos instrutores da escolinha, de origem pobre, chegou aos esportes hípicas por meio de um projeto social, começando no salto e, hoje, integra a equipe brasileira de volteio. “Por ser um esporte de elite, eu me dediquei muito, porque, ou eu era bom ou eu não tinha o que tá fazendo no meio do esporte”. Durante a entrevista, disse que foi ensinado a não se sentir melhor nem pior do que ninguém, mas mobiliza um senso de hierarquia, de inferioridade e superioridade, quanto à sua condição socioeconômica e seu desempenho sobre o cavalo:

Isaiás, instrutor: Eu me sinto [quando eu monto]... até hoje eu tenho uma sensação muito boa, porque, assim... em momento nenhum eu tiro da cabeça de onde eu sou – não é de onde eu vim, porque até hoje eu ainda sou dessa realidade, da classe baixa... hoje eu tenho uma vida de classe média, graças ao hipismo. Se fosse por outros caminhos, eu não taria. Mas... quando eu subo no cavalo, eu me sinto igual, quando eu desço do cavalo, eu não me sinto igual a um aluno meu, não me sinto igual a um pai de aluno meu. Quando eu tô em cima do cavalo, eu me sinto igual (*frisando*) ou até melhor, porque lá em cima eu sou melhor que alguns, então isso me dá o ego de ser... pelo menos lá em cima eu sou melhor

que ela planeja daqui a 10 anos em sua vida, e ela respondeu que prefere “morrer antes”: “É. Nunca quis ser adulta, aliás, sempre quis morrer com 20 e trá-lá-lá. Ai, não quero, a vida cansa, já cheguei à conclusão. Não tem o que fazer, eu não estou a fim de trabalhar, aliás, até trabalharia, mas, ai, até conseguir...”. Contribuiu muito para a preocupação expressa por Paula o fato de que, poucos meses antes, uma das colegas de escola de Talita havia cometido suicídio se atirando pela janela o prédio onde morava.

que eles. E o hipismo, eu acho que é bastante isso, a gente acaba trabalhando muito o lado emocional e o ego. Cavaleiro de hipismo, se ele não for muito, como é que fala... o cara que sobe lá em cima e pensa nele mesmo, não vai muito longe, porque é um esporte de estrela. Se você quer ser bom, é porque você quer brilhar, você não quer ser bom porque quer trazer medalha pro Brasil, nem isso, nem aquilo, não. Quem entra no hipismo é porque quer aparecer. Uma que é um esporte de elite, só tem quem tem dinheiro, você vai tá lá em cima e o pessoal, mesmo que não te conheça, vai achar que você tem dinheiro. E outra que tem que ter dinheiro e tem que ser bom, então te coloca mais ainda no pedestal. Então isso a gente procura bastante... e quando você sobe no cavalo, eu acho que a maioria dos atletas acabam sentindo isto mesmo... um ar de superior.

Esses funcionários criticam o que veem como “excesso” de atividades extracurriculares das crianças. Segundo a instrutora associada Mariana, de 25 anos, as crianças devem ter obrigações, “agora tem criança que não tem tempo!”, que “sai de um curso e já corre pro outro”. “E a hora que você vê, tá dormindo no carro, porque não chega nem em casa pra comer. E no outro dia acorda, vai pra escola e começa a mesma rotina”, não dispondo de tempo para “serem crianças”. Para os instrutores de equitação, muitos dos pais matriculam os filhos em tantos cursos com o objetivo de que eles não “incomodem”, não “encham o saco” em casa.

Ronaldo, instrutor: Têm muitas [crianças] que vêm com babá e motorista porque, realmente, os pais não têm com tempo e tal, mas só que não quer dizer que não são zelosos pela educação da criança, tão sempre ligando pro instrutor, sempre querendo saber, nas provas, geralmente os finais de semana, acompanham ou, sempre que possível, vêm também no meio da semana. E tem as crianças que vêm com babá e motorista porque, realmente, é mais um tempo longe dos pais, entendeu? Tem muitos cursos em que os pais colocam a criança o dia inteiro: “Ah, a criança vai aproveitar”, mas, lá no fundo, de verdade, não é só isso, não vai aporrinhar tanto em casa.

A coordenadora Paula acredita que tantas atividades seriam uma fuga, uma busca pela educação que os pais não dão mais em casa, na tentativa de “botar limite” nas crianças. Paula e os instrutores reclamam que as crianças e adolescentes “frustrados” “chegam cheios de problemas”, que eles creditam em grande parte à “falta de atenção dos pais”, sendo que não preparados para resolver problemas e orientar os

adolescentes⁴³. Segundo a instrutora Mariana, como “a questão econômica está super valorizada”, às vezes, “nem é culpa dos pais”, que precisam trabalhar para manter esse padrão de vida, e os filhos custam caro. Para ela, o pai “não quer ter tempo de levar o filho pra brincar no parquinho”, aí “coloca a criança em um monte de atividades”, “para os outros educarem”. Na opinião do instrutor Ronaldo: “Aliás, acho que muitos pais procuram não só a equitação, como o *ballet* e esportes, realmente, de disciplina para ajudarem na educação dentro de casa também”. Paula e os instrutores reclamam que todos esses problemas recaem dentro dos esportes, principalmente o hipismo: “e tudo o que é problema, o que resolve é o hipismo. O pai não põe mais a criança para fazer uma terapia. Hoje em dia não é mais terapia. É hipismo”, concluiu Mariana.

Os funcionários de posição social intermediária, que se encontram entre os funcionários de menor qualificação e a maioria dos sócios, são aqueles que mais manifestam incômodo no que se refere aos sócios, em particular quando procuram impor-se no exercício de seu trabalho, como a coordenadora Paula. Diferentemente dos funcionários mais legítimos, como os instrutores e secretárias, os empregados que exercem funções pouco valorizadas parecem “aceitar” mais sua condição desprivilegiada naquele espaço social.

2.2.2. Posições menos valorizadas: babás, motoristas, tratadores de cavalos e pistinhas

⁴³ Os instrutores da escola de equitação costumam reclamar que não são “psicólogos” e, portanto, não dispõem de meios técnicos para dar respaldo a essas crianças. A coordenadora Paula disse que alguns pais e mães da escola, por sua vez, reivindicam que os instrutores tenham noções de Pedagogia ou sejam graduados em Educação Física para ministrar aulas “melhores”. Ao que tudo indica, possuir formação universitária parece figurar como uma demanda crescente entre os envolvidos com o departamento de hipismo no que se refere aos instrutores, sendo que, em outros departamentos, essa exigência já vem sendo preenchida. No entanto, são poucos os instrutores de hipismo no clube com formação universitária, sobretudo os mais velhos e aqueles que se profissionalizaram, desde muito jovens, no esporte.

No clube, embora tenha mantido contatos mais restritos com babás, motoristas e pistinhas, pude reunir um conjunto de dados acerca dos seus modos de vida e parte do que pensam sobre os sócios do Equestre e sobre si próprios, por serem aqueles que mais se diferem dos associados e frequentemente vistos como “dignos de pena” pela maioria das mães e filhos envolvidos com o hipismo. Em geral, esses funcionários são negros e pardos e seus corpos, tanto nos aspectos físicos quanto comportamentais - e independente de trajarem uniforme, destoam nitidamente dos associados do clube, inclusive nas maneiras de falar, mais distantes da linguagem considerada formal. Grande parte relatou não ter origem na cidade focalizada na pesquisa, mas em outras cidades de São Paulo e mesmo nas demais regiões brasileiras, como do Nordeste e de pequenas cidades de Minas Gerais, Mato Grosso do Sul e Goiás. Muitos deles migraram para esta cidade, conseguindo trabalho no clube através de uma rede de interconhecimento de parentes e amigos que vieram anteriormente. É importante lembrar que existe um bairro de baixa renda, a Vila Clemente, vizinho ao clube e inserido entre os bairros ricos da região, de onde veio o neto do tratador discutido no capítulo I. Grande parcela dos moradores deste bairro trabalha tanto no Equestre quanto para as famílias associadas e para outras famílias das casas e condomínios próximos ao clube. Considerada uma favela pelos sócios do clube, a Vila Clemente se localiza em um morro e suas ruas são estreitas, parcialmente ou não pavimentadas, com pequenas casas de alvenaria inacabadas. Conforme relatos, houve um período em que sócios eram assaltados ao saírem do clube e atribuíam os assaltos aos habitantes da Vila Clemente. Hoje isso não mais acontece e os associados afirmam ter uma “boa convivência” com esses moradores.

Para os funcionários que moram na Vila Clemente, trabalhar no clube e para famílias associadas residentes nos arredores do clube é “bom” por razões de ordem

prática: “Por isso que o Equestre pega [empregados da Vila Clemente], não precisa pagar condução” (*risos*). “E é bom trabalhar, pertinho, levanto quase na hora... O meu trabalho é aqui perto, se fosse pra longe, eu não ia. Eu vou ir a pé e volto a pé” (Shirley, babá, 26 anos). Entre as babás que escolheram residir na casa dos patrões, um dos motivos frequentemente mencionado para tanto consiste em evitar transporte público. Nas palavras da babá Chica, 34 anos, sobre residir na casa dos patrões: “Vou falar: ‘Achei difícil?’, não, eu gosto até, porque, ai, ônibus lotado todo dia pra ir embora é cansativo. (*rindo*) Cansa, me estressa, eu não aguento”. O único motorista entrevistado, Valdir, 30 anos, disse morar num bairro periférico pobre, “bem longe” do Equestre. Contou que, quando começou a trabalhar para a família, ia de ônibus, no entanto resolveu pedir o carro emprestado ao pai, porque “não aguentava” o transporte público:

Se você vai de ônibus, você sonha com o príncipe encantado, com a fada madrinha (*risos*). Dependendo do horário que você pega. [Quando vou de ônibus], eu chego lá dolorido, o povo bate na gente dentro do ônibus. O povo passa com aqueles guarda-chuvas, com aquelas bolsas, com marmita, com tudo dentro... com tijolo. E o pessoal não sabe pedir “licença”, acho que o *stress* é tanto de estar naquele aperto... Ele fala “dá licença” pro primeiro da ponta lá, o que tá no meio aqui não escutou, e ele sai empurrando, batendo... porque chega o ponto dele, ele quer descer. Complicadíssimo! Lugar pra sentar é luxo (*risos*).

Diferentemente de Paula e dos instrutores de equitação, os funcionários de ocupações menos valorizadas socialmente, como babás, motoristas e pistinhas, têm outras visões sobre o rol de atividades extracurriculares desenvolvidas por estas crianças, como a babá Cláudia, que acredita que os pais de Sofia a matriculam em tantas atividades para que não se sinta tão sozinha, pois é filha única. Alguns não compreendem os motivos de uma rotina ocupada para crianças, a exemplo do motorista Valdir, 30 anos, ao falar sobre os cursos de Henrique, 6 anos:

Segunda... segunda e quarta parece que é inglês e natação, terça e quinta é... é aula de hipismo e de volteio. (*rindo*) Coisa que... sei lá... eu estranho, porque eu tenho filho também. E eu acho que é muita coisa pra uma criança. Porque o meu vai pra escola, à tarde a gente brinca, depois que janta a gente vai fazer a lição. Aí brinca mais um pouco e dorme.

Quanto às babás e empregadas domésticas que residem na casa de seus patrões em condomínios, sua rede de sociabilidade se estabelece não com os moradores, mas com outras funcionárias que se encontram na mesma situação. Uma das babás com quem tive contato no clube disse conhecer babás, moradoras de condomínios na casa de seus patrões, que fazem caminhada à noite ou frequentam academias de ginástica nas redondezas. Dependendo do contrato, as babás têm folga nas sextas-feiras e/ou nos finais de semana ou a cada quinze dias, o que pode variar de família a família. A babá Shirley, no entanto, não gostou da experiência de residir na casa de seus antigos patrões e, atualmente, prefere trabalhar e voltar embora: “Ah, é muito r... difícil! (*ela queria dizer “ruim”*) Hoje mesmo eu não quero mais morar em emprego de jeito nenhum. Muito complicado”, “é, não tem sua vida li... liberta”.

Em comparação com os instrutores, esses funcionários não percebem tão nitidamente as nuances no que se refere à condição financeira entre os associados do clube, acreditando que, se eles estão lá no Equestre, é porque “têm muito dinheiro”. Numa conversa com os pistinhas, falávamos sobre salários e mencionei, por acaso, que seria possível que suas remunerações mensais fossem maiores do que a quantia que recebo no mestrado, o que gerou reações de riso e de discordância, como se eu acabasse de dizer um “absurdo” (“Ô, louco!”). Percebi, então, que eles me viam como uma sócia, mesmo eu assinalando que não possuía vínculo ao clube e estava lá a trabalho⁴⁴. Durante as conversas e entrevistas com babás, pistinhas e motoristas, torna-se evidente que, na maior parte das vezes, eles não compreendem quando digo que faço um

⁴⁴ Os pistinhas declararam que não “chegavam a receber nem dois salários mínimos”, mas tampouco sabiam o atual valor do salário mínimo.

mestrado, inclusive os funcionários mais velhos demonstram não conhecer a estrutura da educação formal brasileira, como ensino fundamental ou médio e o que seria o vestibular⁴⁵. A babá Shirley, 26 anos, contou que sua patroa era médica e, embora eu já tivesse dito o que eu estudava e fazia, ela me perguntou se eu era médica também. “Diz que médico ganha tão bem. Minha patroa é médica. É médica de olho, oftalmo”. [...] “Só uma cirurgia a *laser* é mil e tanto. Médico ganha bem, né. Mas o seu não é ruim também, não, quando formar”. Aí eu expliquei, novamente, que já era formada em Ciências Sociais e que, no momento, estava estudando para além da graduação, um passo a mais, que era o mestrado. Continuamos dialogando sobre profissões e Shirley me perguntou, em determinado momento, se eu não iria para a área de Engenharia e, em outro ponto da conversa, indagou: “Você vai ser tipo repórter, né?”.

Dentre esses funcionários, todos estudaram em escolas públicas, mas consideram que as escolas particulares são “melhores”, e apenas alguns deles conseguiram terminar o ensino médio. Afirmam que, por falta de “condições”, não puderam seguir nos estudos e ingressar em uma faculdade, embora fosse um desejo da maioria. Segundo um dos pistinhas: “Eu achava legal também a pessoa estudar para ser advogado de Direito, eu acho legal também”, porque disse ter um tio que exerce a advocacia em Minas Gerais e que “sai pra trabalhar às 10h e volta ao meio-dia”, ganhando bastante dinheiro. Outro pistinha, que gosta de esportes, comentou: “Se eu fizesse algum curso, eu ia fazer Educação Física”. Todos esses funcionários avaliam que a educação é muito importante na vida de uma pessoa e se esforçarão para que os filhos tenham oportunidade de cursar uma faculdade, considerada via de ascensão social. Para a babá Shirley, 26 anos, grávida de seu primeiro filho: “Acho que o estudo é a melhor coisa, pra hoje o estudo, você consegue do que... por... coisas melhor do que, você, igual eu, não tem estudo e

⁴⁵ Não tive a oportunidade de estabelecer vínculos pessoais com os tratadores de cavalos, porém soube que muitos deles são analfabetos e de origem social bastante pobre.

fiquei lá [para] cuidar das coisas, dos filhos dos outros. Hoje estudo [em] primeiro lugar”. Na visão da babá Chica, quando tiver seus próprios filhos: “Eu ia dobrar e desdobrar, eu ia trabalhar direto para eles fazerem [faculdade]”. Como se observa, existe interesse por parte desses funcionários em cursar uma faculdade, acreditando que isso traria, de alguma forma, benefícios para eles próprios e para sua família, diferentemente do que imagina uma parte dos sócios quando diz que eles “não dão valor” para o diploma.

Durante uma conversa com três pistinhas, sugeri que eles ainda poderiam cursar uma faculdade, até porque são bastante jovens. Eles disseram, porém, que o problema está no dinheiro, porque “tem gente que mora de aluguel”, ou se quiser comprar uma moto, um carro ou uma casa no futuro, é necessário reunir dinheiro suficiente para tanto, o que “já complica”, em especial se for uma faculdade que custe R\$ 500 a R\$ 600 por mês, evidenciando preocupações com a situação financeira e o peso que os bens materiais ocupam no salário/renda familiar. Insisti que há formas de se conseguir estudar “de graça”, como o PROUNI, por exemplo, mas que “tem que ir atrás”, ou seja, há de se mostrar interesse pelos programas. Um deles comentou que, quando estudava e trabalhava, “dava preguiça” e continuou, comparando-se com as crianças e adolescentes praticantes de hipismo: “Igual você falou, a gente vê as outras crianças, pô, igual eles, pra pagar uma faculdade, acho que é igual nós pagar uma parcela de um celular, acho que, tipo assim, não sente nada. A gente pensa assim: ‘O pai dele pagar pra ele é a mesma coisa de nós pagar um celular’. É praticamente nada. Pra eles!”, “Ah... pô, a gente queria ser igual, né?”. Aqui se vê que esses funcionários se mostram cientes da sua pior situação econômica quando se comparam aos sócios do clube, como se não pudessem “competir” com eles quanto à posse de bens materiais e acesso a serviços, por exemplo, evidenciando um espaço de bastante restrição financeira em seus modos de

vida. Ao disporem de menos recursos econômicos, também estão excluídos, em partes, de certos recursos simbólicos, como “tempo livre” para cursar uma faculdade sem a necessidade de trabalhar para pagar os estudos.

É interessante observar que, ao conviverem com famílias mais ricas e frequentarem espaços a que não teriam acesso se não fossem pelas relações empregatícias, como o Equestre, esses funcionários não parecem colocar para si a possibilidade de ter um padrão de vida similar ao das famílias para as quais trabalham. A separação hierarquizada entre os dois grupos se dá de uma maneira tão nítida que esses funcionários aparentam delimitar, com clareza, seu universo de pertencimento social e suas possibilidades e impossibilidades no mundo. Talvez o caso da babá e empregada doméstica Shirley, 26 anos, seja aquele que mais explicita as possibilidades e os limites de ação que esses funcionários colocam para si. Shirley veio de uma pequena cidade no interior de Minas Gerais. Seus pais trabalham “na roça” e, atualmente, ela reside com o marido na Vila Clemente em uma pequena casa pertencente à sua sogra que eles alugam por R\$ 200⁴⁶, valor que avalia ser “caro”, mas não se comparados aos aluguéis do bairro, que estão em torno de R\$ 350 a R\$ 400. Diz que “adora” o bairro onde vive e não pensa em sair de lá, pois “tudo é perto” e “a maioria é conterrâneo meu”, “meu sonho é comprar uma casa aqui, mas não dá, tá tudo muito caro”. Enquanto estava crescendo, tinha “uma vida mais difícil do que hoje”, contudo, como se encontra grávida do primeiro filho, quer “procurar uma coisa melhor” para trabalhar no futuro. Em contraposição ao salário mensal de R\$ 850 com cesta básica, trabalhando mais de 8 horas por dia, inclusive nos finais de semana, Shirley

⁴⁶ A Vila Clemente, considerada uma favela pelos sócios do clube, é um bairro bastante pobre. A entrevista com a babá Shirley foi realizada em sua pequena residência, com poucos metros quadrados, contendo uma cozinha, um banheiro e o quarto do casal, onde o marido de Shirley assistia televisão – antes de me encontrar com a babá, alguns vizinhos tinham-no apresentado como o “proprietário dela”. Seguindo o padrão mais recorrente do bairro, a casa de Shirley não tem reboco nas paredes e comporta um mínimo de mobília. Os eletrodomésticos, como geladeira, fogão e micro-ondas, aparentavam que tinham sido adquiridos recentemente.

gostaria de ser funcionária em uma “firma, tem todos os seu direito” e ganhar “mais de mil e duzentos [reais]”.

Também entendem a perspectiva de “não terem chances de competir” quando se comparam aos empregadores e atribuem sua situação a problemas estruturais. Segundo o motorista Valdir, ao ser indagado sobre os maiores problemas do Brasil:

Valdir, motorista: Pô, eu acho que é a corrupção... Pô, e querendo ou não, eu acho que a desigualdade social ainda é muito grande. Muito, muito. Porque, assim, eu trabalhei ali no [nome do condomínio], é coisa que... no meu dia, no dia-a-dia da minha esposa, nunca que a gente imagina que vai acontecer...

Karen: Tipo o quê, assim?

Valdir: Ah, o pessoal tira férias e viaja pra Europa, pra outros países. A gente tira férias e vai pra praia aqui em Santos, entendeu? E eles... que nem, tinha um morador lá que ele ia pro Rio Grande do Sul, não tava bom, ele ia pra Bahia, não tava bom, ele saía do país. Entendeu? Esse tipo de coisa... Sem contar o salário, o tanto que esse povo ganha. Que nem eu, lá eu trabalhava 12 horas e ganhava 909 reais e o pessoal passava falando: “Ó, depusitei os 5 milhões lá”, entendeu? Então é coisa que... eu acho que os maiores é corrupção e a desigualdade social.

A despeito das diferenças ao compararem seu padrão de vida com o dos patrões, esses funcionários consideram que suas condições socioeconômicas estão melhores do que quando eram crianças, visto que a maioria de seus pais trabalhava na roça ou em profissões de menor valor social, como pedreiros. O fato de “não terem como competir” com o poder econômico dos empregadores não os impede de pensar num futuro “melhor” dentro de suas possibilidades. Assim, alguns funcionários estão buscando profissões que paguem salários mais altos dos que as remunerações atuais, como a exemplo do motorista Valdir, que foi aprovado em um concurso para ser policial e espera um retorno financeiro mais satisfatório, apesar do receio de vir a ser morto em serviço. Como se vê, procuram profissões associadas aos grupos “médios baixos” para deixarem de ser “pobres”, como passar de segurança e motorista particular a policial, no caso de Valdir, e deixar de ser babá e empregada doméstica para ocupar algum cargo numa “firma”, como sonha Shirley.

3. Percepção sobre a desigualdade social

Nesta pesquisa, tanto os sócios entrevistados quanto os funcionários de profissões menos valorizadas apontam que um dos maiores problemas do Brasil se refere à desigualdade social. No entanto, talvez devido ao intenso fechamento “entre si”, como geralmente acontece nos grupos de interconhecimento, na maior parte das vezes envolvendo a tríade condomínio fechado⁴⁷, escola particular e clube -, algumas crianças e adolescentes não percebem claramente a sua posição social privilegiada. Certa vez, numa roda de conversa informal, Talita comentou que, no clube hípico, estavam as pessoas mais ricas da cidade, afirmação que causou espanto e surpresa entre os outros adolescentes que participavam da conversa. Embora percebam sua posição social como “normal”, as crianças não se veem como pobres, como atesta o seguinte comentário de Bárbara, 14 anos, ao falar sobre seu grupo social durante a entrevista: “É porque não dá, eu não sou milionária, sabe, mas eu também não sou classe média, aquelas que... sabe... classe alta normal. É a classe normal do Brasil, sabe? Pra ter um clube bom, fazer compra no *shopping* recentemente, essas coisas [...] É... viajar... normal”.

Os associados reconhecem que ocupam uma posição privilegiada na estrutura social brasileira, entretanto, no decorrer dos dias, na convivência cotidiana com pares e

⁴⁷ A ampla maioria dos entrevistados reside em condomínios fechados situados nas áreas mais caras da cidade. Diante deste cenário, os condomínios fechados, denominados de “enclaves fortificados” no famoso estudo de Caldeira (p. 258, 2000), parecem ser um esforço de segregação social dos grupos de elite, visando uma moradia segura, protegida da violência das ruas através de iniciativas privadas e, em particular, com o objetivo de estabelecer uma convivência entre seus pares, entre “iguais”, habitando essas fortalezas de segurança e *status* social, afinal, paga-se mais caro para ali morar. Em minha pesquisa, contudo, tenho encontrado fortes indícios de que a esperada convivência e troca entre os moradores de condomínio não são tão frequentes e, não raro, até inexistentes, configurando uma situação mais de afastamento em relação a outros grupos sociais e aos perigos das ruas públicas do que de um esforço para se unir aos demais moradores, cujo padrão de vida parece ser similar. Independente da origem social das pessoas que entrevistei e se moravam em condomínios de seis ou de duzentos lotes há pouco ou bastante tempo, parecem que estabelecem contatos apenas com os vizinhos que já conheciam de outros lugares, como das escolas e do Clube Equestre, o que eleva a importância desses espaços de socialização para tais grupos. Talvez, no decorrer dos anos e com a reprodução familiar das gerações mais novas dentro dos condomínios, isso venha a mudar.

funcionários, as relações entre os sócios são as que, de fato, parecem importar “para valer” e que provocam comparações quando consideram sua situação financeira e seus estilos de vida. Assim, os associados, em particular as crianças e adolescentes, parecem tecer comparações, em geral, com aqueles que têm mais do que eles – e não menos, como pretendi demonstrar por meio das fofocas e conflitos acerca da posse ou não de cavalos, fronteiras socioeconômicas que são tidas, por vezes, como fronteiras morais e simbólicas. Os funcionários que exercem profissões de menor valor social, na visão dos sócios, parecem não entrar em disputa, como se “não tivessem chances de competir”, porque “estão longe” de serem um “igual”. Cabe, aqui, retomar a pertinente questão que classifica os grupos entre “nós” e “eles”. Para Reis (2000, p. 143), “parece bastante claro que a capacidade de empatia decresce significativamente à medida que nos diferenciamos socialmente do outro”, lembrando que, embora compreendam que exista uma desigualdade estrutural, quando a empatia ocorre, ela se dá em nível individual e não coletivo, como comprovam as reações de “pena” e “dó” direcionadas aos tratadores de cavalos, por exemplo.

Também são individuais as soluções que os entrevistados formulam para combater as injustiças e as desigualdade, por exemplo, quando mães e pais dizem que estão “fazendo sua parte” ao criar “bons filhos”, ou que respeitam normas de cidadania, não roubam, são “honestos” em seus negócios, envolvem-se em programas de caridade tanto na igreja quanto em outras instituições e organizações entre outros. De geração a geração, as famílias que já detinham riqueza por herança ou as que enriqueceram devido à alta remuneração salarial parecem comungar de um conjunto de valores e visões de mundo que as desestimulam a agir no campo da política, com vistas a resolver o que consideram os problemas do país, como as desigualdades, a corrupção e, por conseguinte, a impunidade, a criminalidade, a falta de segurança, a precariedade da

educação e da saúde⁴⁸. Acreditando que, se todos “fizessem a sua parte“ individualmente, isto é, se agissem com ética e honestidade, não roubassem, não matassem, votassem em “bons políticos“⁴⁹, criassem seus filhos com uma “boa estrutura“, o país já poderia “estar melhor“ ou “tudo seria diferente“. Além disso, desiludidos com a corrupção na política nacional, atribuem ao Estado a maior parte da responsabilidade tanto das mazelas do país quanto da busca em solucionar o que veem como os problemas brasileiros (Scalon, 2007, Cattani, 2007, Reis, 2000).

De acordo com Lahire (2003, p. 991), “a questão da desigualdade é claramente indissociável da crença na legitimidade de um bem, de um saber ou de uma prática, isto é, indissociável daquilo que poderíamos chamar de grau de desejabilidade coletiva que existe a seu respeito”. Como veremos na parte II deste trabalho, mães, pais e filhos associados acreditam que são “merecedores“ de sua posição social não apenas porque trabalharam arduamente para chegar onde estão, mas também porque apresentam qualidades pessoais que enxergam como “especiais” e “superiores“ em relação à grande parte da população brasileira, o que ocasionaria seu sucesso e o justificaria. As crianças e adolescentes, por sua vez, são criados dentro desta lógica e parecem estar assimilando as visões do mundo que sustentam agregação e desagregação entre os grupos, que se materializam em valores, escolha de profissões, projetos de futuro, modos de agir segundo a interiorização dos “limites”, do que seria ou não possível para cada indivíduo. Essa “crença” em sua própria superioridade, em seu poder, concretiza-se em alianças, negociações, disputas pelos valores considerados mais legítimos e pode impedir o acesso de membros dos outros grupos aos recursos de poder, sejam materiais

⁴⁸ Nas entrevistas, duas das três babás entrevistadas e o motorista disseram acreditar “na união do povo“ como uma das maneiras de solucionar os problemas do Brasil.

⁴⁹ Nas entrevistas, quase todas as mães e o único pai declararam que haviam votado em José Serra (PSDB) e não em Dilma Rousseff (PT) no segundo turno das eleições presidenciais de 2010. Ainda, a maioria se mostrou decepcionada com os oito anos do governo Lula e disse “não esperar muita coisa” do mandato de Dilma.

ou simbólicos (Elias, 2000), corroborando para a manutenção, pelo menos a médio prazo, das fronteiras sociais entre os diferentes grupos e, por conseguinte, da legitimação das desigualdades.

PARTE II

CAPÍTULO III

A CENTRALIDADE DAS CRIANÇAS

Na primeira parte, procurei demonstrar como esse grupo social mobiliza fronteiras simbólicas, socioeconômicas e morais para se separar tanto entre si quanto dos outros grupos, como os funcionários, em específico os pistinhas, tratadores, babás e motoristas particulares. Na parte II, mostro como se edificam as percepções que sustentam essas fronteiras por meio do estudo dos processos de socialização. Busco evidenciar que uma das estratégias educativas sobre as quais os grupos mais privilegiados se apoiam para assegurar a sua posição e transmiti-la aos seus descendentes se refere à centralidade das crianças, mobilizada tanto de maneiras explícitas - na mãe sempre presente e no rol de empregados particulares à sua disposição -, como também nas minúcias das relações cotidianas, quando se incentiva a individualidade da criança e sua autonomia, e quando se orienta todos os investimentos para a “busca de sua felicidade”. Tal centralidade origina um modo de socialização que contribui, de maneira bastante concreta, para que as crianças possam, ao longo do tempo, passar a tratar sua situação privilegiada como algo “natural”. Tudo se passa como se elas fossem ensinadas, geralmente de modo implícito e nem sempre consciente, a pensar que têm direito a certas benesses e privilégios. Afinal, as fronteiras parecem servir para revelar e reforçar o fato de que essas crianças e adolescentes, sócios do clube, são pessoas “especiais” e detêm poder.

Como resultado deste tipo particular de socialização, as crianças desenvolvem a crença de que têm direito a certos privilégios, isto é, o “entitlement”. As crianças e adolescentes do clube se sentem merecedores de distinção e podem tornar-se adultas achando que estão no seu direito de receber o mesmo tratamento e atenção que recebiam no passado ou aquilo que os outros, como eles, recebem (Major, 1993).

Mantenho em vista que o lugar social das crianças dentro das famílias foi se transformando ao longo dos séculos, num movimento mais amplo e profundo que tem raízes longínquas e que não se circunscreve apenas a esse meio social aqui estudado (Ariès, 1981). A família contemporânea vai reconhecendo o direito de todos os seus membros, crianças ou adultos, de serem considerados uma pessoa, em meio a relações que deixam de ser tão hierárquicas, verticais, e passam a ser cada vez mais igualitárias, horizontais (Singly, 1996, p. 113). O presente capítulo tem por finalidade tornar visíveis os meios que as famílias aqui focalizadas empregam para que suas filhas e filhos desenvolvam qualidades e capacidades que consideram “especiais” num ser humano. Assim, a constituição de valores corresponde ao objetivo das práticas educativas e a escola, a dedicação dos adultos, as atividades curriculares etc, são os meios para se alcançar tal objetivo.

1. A construção de pessoas “especiais”

Neste grupo social, as crianças e adolescentes se encontram no centro das atenções dos adultos. Seus pais e mães se engajam ativamente a fim de provê-los com o estilo de vida a que são destinados a pertencer: alimentação farta, moradia com conforto e segurança, roupas, acessórios, aparelhos eletrônicos, frequência a uma renomada escola particular, a cursos extracurriculares e ao clube mais seletivo da cidade, viagens, além de contar com o auxílio diário de funcionários para atender a suas menores

necessidades. No Equestre, que constitui um espaço onde várias gerações convivem entre si, toda a programação esportiva, social e cultural abrange atividades específicas para crianças, que vão apreendendo, assim, o “espírito” de pertencimento ao clube, àquela rede de sociabilidade e àquele grupo social. Em meio à sensação de serem “sempre” inclusas, vão interiorizando uma percepção de que têm direito a determinadas prerrogativas. Desfrutam, portanto, de um espaço diferenciado dentro do universo adulto, no qual mães, pais, babás, motoristas, professores e funcionários cuidam deles e garantem sua segurança e bem-estar.

Fotografar, filmar e “paparicar” os filhos são ações corriqueiras no clube. Uma cena que nos convida a refletir acerca do impacto na percepção da criança sobre sua própria importância no mundo, quando confrontada a essa atenção constante, aconteceu durante uma aula particular de equitação para um garoto de 5 anos. Nesta aula, em 2010, observei toda uma mobilização de adultos em volta dessa única criança. Ali estavam sua mãe, os instrutores da escolinha de equitação e algumas outras pessoas. Todas o assistiam, inclusive eu. Apesar da pouca idade, esse garoto, realmente, *percebia* que estava sendo observado, comentado e apreciado.

Embora mães e pais prezem por valores como “honestidade“, “justiça“, “respeito pelo próximo“, instruindo seus filhos a serem “pessoas corretas“ e a tratarem “todo mundo igual“, alguns deles, inconscientemente ou não, contribuem sobremaneira para a formação, pelas crianças, dessa crença no direito ao privilégio. Buscando sempre o “melhor” para seus próprios filhos, acabam querendo que estes sejam favorecidos e, para isso, interpelam regras gerais e acarretam desconforto em outros pais, mães e, principalmente, instrutores. De acordo com a Alessandra, instrutora de volteio, “pai e mãe já é outra história (*risos*). Eles veem a coisa de uma maneira muito mais particular: ‘O que é meu? O que vai vir pro meu filho?’. Aí, sim, aí eu já vi pais se desentenderem,

pais formarem grupos separados, desse daqui não concordar com esse, “eu acho isso, você acha aquilo”... são coisas, assim, completamente bobas”. Outras crianças e adolescentes também compreendem a existência dessa disputa entre mães e pais para obter vantagens para seus próprios filhos, como no comentário a seguir, no qual Talita contou, em tom de deboche, sobre quando a mãe de Raquel, uma das meninas que tem cavalo, tentou realizar uma inscrição para prova fora do prazo:

A mãe dela é insuportável. Ela chegou assim, a mãe dela foi fazer uma inscrição da menina numa prova. Chegou na secretaria, “Ai, eu vim fazer inscrição pra Raquel, não sei que, não sei que lá”. “Mas já foi o prazo de inscrições”. “Ah! Mas ela é campeã brasileira!” (*risos*). Aí a secretária riu, não sei que, não sei que lá. Aí a Raquel preocupada, “Mãe, não vai dar, porque tã-nã-nã”, já começou fazer chilique, ela: “Olha pra mim, filha, você é campeã brasileira, vão abrir exceção”. É a exceção...

Assim como a escola, as atividades extracurriculares, que fazem parte da rotina dessas crianças desde muito jovens, constituem estratégias educativas potentes para o desenvolvimento de qualidades e habilidades prezadas pelos grupos dominantes e, conseqüentemente, para a produção da crença de que cada criança é um indivíduo que apresenta qualidades superiores. Num círculo vicioso, mães e pais acabam por acreditar que o sucesso acontece devido a seus filhos, já que eles exibem estas capacidades, nem sempre vistas como decorrência da educação, mas, às vezes, consideradas fruto do mérito pessoal e de características individuais inatas. Num traço mais geral das famílias contemporâneas - que não se limita a estratos sociais específicos -, o sucesso dos filhos também corresponde ao êxito de suas mães e pais, pois significa que “acertaram” enquanto educadores (Godard, 1992): “Tudo se passa como se o êxito do filho constituísse uma espécie de símbolo do êxito pessoal dos pais, do bem fundado de seus valores e de sua concepção de educação; como se esse êxito se tornasse para os pais um critério fundamental de sua autoestima” (p. 119).

Nesse grupo social, portanto, é comum observar crianças de quatro ou cinco anos participando das mais variadas atividades intelectuais, artísticas e esportivas durante todos os dias da semana, além do período escolar. De modo geral, os pais priorizam o estudo da língua inglesa em escolas particulares de idiomas, com predominância das matrículas na Escola Cultura Inglesa, pois acreditam que o ensino de inglês na escola não seja suficiente para uma fluência satisfatória da língua⁵⁰. Além da importância do hipismo, em particular para as crianças que possuem cavalos, a natação figura entre os esportes mais populares entre essas famílias, seguidos de um vasto rol de outras atividades, como futebol – em geral para os meninos – *ballet* clássico – frequentemente relatado entre as meninas e nunca entre os meninos -, musculação, basquete, tênis, vôlei, teatro, artes marciais entre outras.

Essas atividades também são vistas, por mães e pais, como uma forma de controle do tempo livre dos filhos. Denise, formada em Pedagogia, mas que, atualmente, trabalha como decoradora de interiores, é mãe de três filhos, sendo que o filho do meio e o caçula Rafael, da escolinha de equitação, praticam hipismo no Equestre:

É, então, eu acho que, por exemplo, esporte pra mim eu acho imprescindível na vida de um adolescente. Eu vejo, assim, eles têm com o que se dedicar, e não... foge um pouco, sai um pouco daquela coisa ociosa de ficar não fazendo nada, olhando ou pensando em outras coisas que não são legais pra eles agora, como droga, bebida, fumo, tal - não tô dizendo que meu filho de 20 não fume, não beba, não tô dizendo que a minha filha de 22 anos também não beba -, mas hoje minha filha faz Duathlon, treina Duathlon, então ela se preserva para fazer isso. O meu filho bebe no fim de semana, bebe, quando não tem prova... mas treina todo dia, tem um compromisso. Então, dá disciplina, compromisso, comprometimento.

A frequência das crianças a um elevado número de cursos e aulas suscita críticas por parte de funcionários e mesmo de algumas mães. Dentre as famílias entrevistadas, apenas uma das mães salientou que não matriculou a filha em uma escola de inglês, por

⁵⁰ Com exceção das crianças que estudam na Escola Americana, pois as aulas são ministradas em inglês. A Escola Cultura Inglesa, por sua vez, é vista como mais consistente que outras escolas de idiomas.

exemplo. Esta mãe é formada em Pedagogia e professora de uma das mais prestigiadas universidades do país e advém da família mais altamente escolarizada da pesquisa. Segundo ela, a menina “já faz muita atividade, então não vou colocar em mais uma atividade. E eu tenho tranquilidade que o inglês ela vai aprender mais tarde. Eu não tenho essa neura, ‘Ah, precisa de competição no mercado de trabalho!’. Menos, né?”. Por ser professora, afirma não demonstrar ansiedade, como os outros pais, com essas questões e completa: “não vou fazer da minha filha uma pequena executiva”.

De fato, as crianças mais engajadas com as atividades extracurriculares detêm uma rotina, por vezes, extenuante. Uma garota de 15 anos, que estuda no colégio alemão em período integral e pratica hipismo durante as noites, chega a trocar de roupa dentro do carro para ir ao Equestre. Dentre o rol de cursos frequentados pela maioria das crianças aqui estudadas, o hipismo detém um papel central, inclusive para aquelas que não possuem cavalo. No próximo capítulo, pretendo explicitar as motivações apresentadas por mães e pais para matricular suas filhas e filhos em atividades extracurriculares formalizadas, isto é, como justificam a “necessidade” de tantas atividades, e quais expectativas acreditam que serão atingidas no futuro.

Como venho sugerindo ao longo do trabalho, os cuidados com as crianças desses grupos sociais são providos com alto dispêndio financeiro. Por isso, a dimensão econômica, muitas vezes e/ou renda alta, desempenha um papel importante na diferenciação dessas crianças, contribuindo para construir uma imagem de distinção em relação às crianças oriundas de famílias com menos recursos e/ou renda. Embora as conversas sobre gastos e dinheiro sejam constantes no clube, não disponho de informações exatas acerca dos valores mensais que cada família “investe” em seus filhos. Contudo, se tomarmos o exemplo de uma criança de 14 anos que não possui cavalo, pode-se dizer, com alguma segurança, que seus pais dispendem, no mínimo, R\$

4.000 por mês com ela, sem computar os gastos com os outros irmãos, em geral mais um. Se levarmos em conta as despesas com as crianças que possuem um ou mais animais, os preços se elevam drasticamente, como já discutido no capítulo II. Durante uma conversa com Maria, cujas filhas possuem quatro cavalos próprios no clube a um custo fixo mensal de R\$ 10.000, perguntei se as meninas deixavam de ganhar algo não indo aos campeonatos, ao que ela respondeu: “Ah, não... você deixa de gastar na verdade. Porque você não ganha nada indo. Só satisfação pessoal”, afirmando que se pode receber vale-material em uma ou outra prova como prêmio, o que não chega a cobrir nem o mínimo dos gastos financeiros em competições. Sem contar que mães e pais têm que se organizar para as provas, tendo que faltar ao trabalho, indo de “coadjuvantes”, “tudo pela satisfação pessoal da ginete”.

Com tamanho investimento afetivo e financeiro, as crianças, desde bastante jovens, reagem de variadas maneiras à notoriedade que lhes é designada e parecem assimilar, com perspicácia, a importância de sua existência no mundo, demonstrando autoconfiança no futuro de sucesso que lhes aguarda. Tal esforço dos adultos parece não ser em vão, em particular o das mães.

1.1. Dedicção das mães

No clube, a separação que mais parece despertar interesse e mobilizar sócios, instrutores e secretárias ocorre em relação às maneiras de se criar os filhos e o fato de alguns deles irem ao clube sozinhos ou acompanhados por babás e motoristas, como discutido no capítulo II. As fofocas e os conflitos sobre as crianças e adolescentes “abandonados” no clube e quanto às mães que negligenciam seus filhos são justificados pela importância e centralidade das crianças na vida dessas famílias. Ainda está em curso a disputa pelo ideal de maternidade e do que é ser mulher. É importante lembrar

que, nesta pesquisa, a média de idade das mães se encontra na faixa dos 40 a 50 anos, com filhos entre 5 a 17 anos.

Dentre a população estudada, a divisão sexual⁵¹ das tarefas relacionadas aos cuidados com os filhos parece estar fortemente atrelada ao tradicional lugar das mulheres/mães na família, mesmo considerando diferentes origens sociais e graus de escolarização. Na vasta maioria das vezes, são as mães que acompanham suas filhas e filhos durante as aulas e treinos, que os levam para a escola e outras atividades extracurriculares, preocupam-se com o pagamento de inscrições em campeonatos, compram roupas, comida e acessórios para a família. As mães reconhecem sua dedicação aos filhos e comentam, em tom de brincadeira, o tanto que pagam contas - “a única coisa que eu faço: pagar conta”, sempre diz Emma⁵² -, e o tempo que “ficam olhando” os filhos em aulas e provas, como relatou Maria, certa vez, que não importava quantas vezes já havia visto as filhas saltarem: “A gente já viu milhões de vezes e cada dia é um dia. Eu tenho mais hora de banco do que qualquer criatura de montaria”. Elas parecem, portanto, estar “a serviço” de suas filhas e filhos e algumas até utilizam a expressão “mãetorista” para se autodescrever.

Além disso, também são as mães que decidem trabalhar meio-período ou deixam de trabalhar fora de casa para terem mais tempo à disposição das crianças. No exemplo a seguir, a família é composta por um casal com três filhos em idade escolar e que conta com o auxílio de uma babá que reside na casa, a Chica, e de uma empregada doméstica durante a semana. Embora pai e mãe exerçam a mesma profissão – são médicos oftalmologistas -, é a mãe que se encarrega dos afazeres relacionados ao ambiente

⁵¹ No clube, nunca soube de casais homossexuais assumidos publicamente e, por isso, acredito que faça sentido falar em “divisão sexual” do trabalho doméstico nesta pesquisa. Além disso, as pessoas são, em sua grande maioria, brancas, o que me remeteu à ideia das famílias retratadas em propagandas de margarina quando eu refletia sobre a imagem do grupo social aqui focalizado.

⁵² Emma costumava desabafar, na presença de outras mães, sobre as brigas com sua filha Karina, de 17 anos: “Psicologia boa pra adolescente: tem que espancar de manhã, no almoço e à noite” (*risos*), “vou botar um pelourinho lá em casa”, brincou certa vez.

familiar e doméstico e quem, por fim, deixou temporariamente de trabalhar para se dedicar aos filhos. Na fala da criança, nota-se a naturalização da presença e da atenção de um adulto constantemente ao seu dispor:

Rodrigo, 11 anos: Meu pai [trabalha] no [mais conhecido instituto de Oftalmologia da região], minha mãe tinha uma clínica, mas ela parou de trabalhar, ela vai voltar a trabalhar no [instituto] também.

Karen: Por que ela parou?

Rodrigo: Porque ela não tinha tempo. Aí tinha que resolver muita coisa e trabalhar, e ela não tinha tempo.

Karen: “Resolver muita coisa” na sua casa, você fala?

Rodrigo: Isso.

Karen: Entendi.

Rodrigo: Ela que ia pagar as contas, fazer tudo. Deixar a gente na escola...

Karen: Daí seu pai não tinha como ajudar, é isso?

Rodrigo: Isso, porque meu pai tava trabalhando.

Durante toda a pesquisa de campo, mesmo entre as mães e os pais que não acompanhavam os filhos às aulas e treinos, era mais fácil acessar as mães por telefone ou *e-mail*, sendo que, na maioria das vezes, nem se cogitava estabelecer um contato com o pai – tanto que consegui entrevistar apenas um pai em comparação com as nove mães entrevistadas. Em campo, também eram assaz frequentes as fofocas sobre estilos de maternidade, creditando às mães, quase que exclusivamente, o fato de criar “bem” ou “mal” seus filhos. Essa constatação era, ainda, marcada por outra premissa significativa: no clube, quando se discorria sobre “cuidar” dos filhos, a figura da mãe era a primeira a ser evocada, no entanto, quando as crianças e adolescentes conversam a respeito das grandes compras na família, como as de um cavalo, por exemplo, eu costumava ouvir quanto a ser “o pai” aquele com o poder de arbitrar sobre a aquisição.

Embora a presença das mães acompanhando os filhos no clube seja a mais visível e, em geral, sejam as que cuidam das atividades a eles relacionadas, os pais estão longe de representarem uma ausência e mais pesquisas se fazem imprescindíveis para o contexto brasileiro, como aquelas realizadas por Lareau nos Estados Unidos (2000).

Muitos pais comparecem apenas em dias de campeonato para assistir à apresentação do filho, contudo há presença de pais em treinos comuns, alguns com manifestações explícitas de carinho, abraçando e beijando as crianças, carregando suas mochilas de hipismo, água, lanche etc, e se autodenominando “pais corujas”. Como já expressei, grande parte deles participa ativamente no momento da compra de um cavalo para os filhos que começam a saltar 1 metro e pretendem apoiar a continuidade no esporte, por meio do que descrevem como o famoso “paitrocínio”. Conversando comigo, as crianças comentam sobre seus pais, o conteúdo de suas conversas e como eles se comportam. Nas entrevistas, também era comum ouvir casos nos quais os pais incentivam as filhas e os filhos a praticarem hipismo, porque as mães teriam medo e os desencorajavam – como comprova o fato de que muitas delas não conseguem olhar a apresentação da filha ou do filho em dia de competição.

Priscila, 12 anos: E eu acho que é uma coisa engraçada que... é, muitas vezes as pessoas acham que mãe e filha têm que ser junto e, na verdade, não, na minha família é o contrário, eu sou muito próxima do meu pai e meu irmão é muito próximo da minha mãe. Embora eles sejam casados, tipo, não sejam separados, mas... é que eu gosto muito de ficar com meu pai, que ele me entende muito nessa coisa de hipismo. A minha mãe, não, a minha mãe já começa a ficar desesperada, a falar algumas coisas. Tanto é que ela foi uma das que negou essas coisas. Essa... minha vontade desse esporte. Ela nega até hoje o volteio, que eu acho que é uma coisa bem legal. E ela nega o tecido também, ela é muito preocupada!

Nos casos em que os pais são separados, muitas vezes os filhos permanecem em disputa, sobretudo quando se trata de aparições públicas da criança, nas quais nome e sobrenomes serão vistos por muitas pessoas tanto próximas ao convívio da família quanto desconhecidas, indicando uma questão importante de descendência familiar. A coordenadora Paula contou-me que há crianças com nomes tão extensos que ela abrevia e, até mesmo, retira alguns dos sobrenomes em dias de provas, o que pode ocasionar pedidos de correção por parte de pais e mães divorciados. Certa vez, uma das meninas,

que participava das provas do clube, “tinha nome de princesa de tão grande” e, por esse motivo, Paula costumava ocultar alguns dos sobrenomes, gerando pedidos para a manutenção do nome completo, pois os pais estavam em briga judicial pela guarda da filha.

No que tange às mães que deixam de trabalhar fora de casa para se dedicar aos filhos, existe um sentimento ambivalente entre elas, pois se sentem ora envergonhadas por não realizar trabalhos remunerados e até menosprezadas com o fato de que algumas pessoas as notam como se não fizessem “nada”, mas, por outro lado, desenvolvem autoconfiança através da função de *serem mães*, de que estão “fazendo tudo certo” em relação à educação dos filhos e à transmissão dos “bons valores” familiares, apesar de aí também demonstrarem certa insegurança. Nos relatos dessas mães, nota-se sofrimento e angústia por, ao nascerem mulheres, terem que arcar com os cuidados dos filhos. No entanto, apesar de perceberem sua condição como desigual, não a percebem como injusta (Major, 1993) no sentido de se rebelarem contra seus próprios maridos em busca de experiências mais igualitárias no trato com os filhos e na divisão de tarefas domésticas.

Graduada em dois cursos do ensino superior, uma das mães sintetizou, de maneira bastante objetiva, a condição quase que “natural” da mulher em ser aquela que sofre, ama, cuida e que está sempre pronta a se sacrificar pela prole. Segundo ela, “a mãe é sofredora”,

se ela [*a filha*] tiver com uma gripe, acaba comigo. Eu fico acabada. Porque a gente não quer nada pro filho, nada. Você vai saber, minha mãe que falava, a minha mãe falava assim: “Olha, você acha que você me ama, mas você não faz ideia do quanto eu te amo. Você só vai saber o dia que você tiver filho”. Que qualquer coisa [que acontece], a dor é pra gente. A gente pede pra tudo acontecer com a gente.

Ainda, evocou a ideia da entrega total da mãe em relação ao filho:

No momento que a criança nasce, você tá lá com o filho, naquele momento, após aquela respiração do seu filho, você já sabe que você não é mais você, você só vai pensar naquela criança. E tudo vai ser em função daquela criança, você passa a amar incondicionalmente. Aí você tem a dimensão do que é o amor mesmo, você sabe o que é amar mesmo. Porque a gente ama incondicionalmente. Aí você vê, às vezes, aquelas mulheres, a gente fala, né, aquelas mães que ficam na frente dos presídios, “Poxa, com filho bandido, tudo”... é incondicional: mesmo que ele seja bandido, ela não deixa de amar. É filho!

Tendo em vista o que discutimos no capítulo II, como uma forma de autoafirmação, algumas dessas mães empenham-se em desvalorizar aquelas que trabalham fora de casa e que não acompanham seus filhos rotineiramente às atividades extracurriculares. No excerto seguinte, a mãe Eliza, 40 anos, formada em Arquitetura, mas que não exerce a profissão, conta sua experiência:

Eliza, mãe: Nossa, eu lembro que eu passava um nervoso [quando trabalhava fora], mas um nervoso assim... de saudade! Eu passei muito nervoso, porque você tem um sentimento de culpa muito grande, porque você tem a... você é mulher, você é profissional, você é mãe... é uma carga enorme, sabe?

Karen: Esposa...

Eliza: Isso. Então, sabe, é muita pressão, é muita pressão. Eu falava assim: “Olha, da próxima vez eu quero nascer homem”, porque é muito mais tranquilo: porque você vai, você trabalha, você volta... eu acho que tem que ter a responsabilidade, sim, de, depois que chegar em casa, ajudar com os filhos, mas não tem essa cobrança que a gente tem, que a gente carrega com a gente, sabe? De cuidar da casa, [ir no] supermercado, de estar tudo em ordem, entendeu? De você depois ter que fazer outras coisas, ser amante, ser namorada, sei lá. Ah, pô, nossa, é muita coisa! Então, daí, quando eu falei: “Não, eu não vou voltar a trabalhar”... e daí eu queria ter mais um filho, sempre quis ter mais um filho. Daí eu tive o Vitor. Daí eu tentei voltar a trabalhar quando o Vitor tinha um ano e meio. Nossa, eu lembro que eu ficava... eu era exaurida. Nossa! Era pele e osso, sabe? Você não fazia nada direito. Eu não trabalhava direito, não era mãe direito, não era nada direito. Então daí eu abri mão e só fiquei com eles. Era horrível, porque as pessoas falavam assim: “Nossa, mas você não trabalha? Você não faz nada?”.

Karen: Porque seu convívio social é de mulheres que deixam [os filhos] com babás...

Eliza: Isso, com babás. [...] Então, esse lance de ser mãe, depois que eu resolvi isso na minha cabeça, os meninos ganharam muito, e eu acho que eu criei filhos que... não quer dizer que eles não vão dar problema, entendeu? Mas eu sinto que eu fiz a minha parte como mãe. E acho que, fazendo minha parte como mãe, eu também vou estar criando um mundo melhor... é uma das coisas... porque, você vê, hoje em dia não é só criança pobre que é abandonada, eu vejo os amigos dos meus filhos que são completamente abandonados. Filhos de pais bilionários, sabe?

Essas mulheres tomam para si a incumbência de serem “boas mães” como uma espécie de verdadeira missão, não demonstrando negligência e nem “abandonando” seus filhos aos cuidados de babás e de outros funcionários. Ao longo da pesquisa de campo, pude compreender os motivos pelos quais a coordenadora Paula, 40 anos, enfatizava e repetia as histórias de que tais e tais mães deixavam os filhos “largados” no clube, permitindo transparecer um grande sentimento de culpa. Já que perdera contato com o pai de sua filha, e ele também não a procura mais, e por atravessar uma situação de instabilidade financeira no momento, Paula necessita trabalhar fora e, portanto, deixa sua filha de 10 anos aos cuidados de seus pais. Certa vez, ao conversamos sobre este assunto, Paula disse que faz dois anos que não consegue mais acompanhar a menina em suas atividades, pois chega “em casa à noite todo dia acabada” e se emocionou, em minha presença, ao constatar que havia “perdido tudo da filha” nesses dois anos. Deste modo, mesmo vivenciando a situação de ter que trabalhar fora e não poder acompanhar a filha, Paula continua a direcionar críticas às mães que se submetem a rotinas semelhantes, numa tentativa de expurgar a culpa e de sentir-se “melhor” ao demonstrar que faz isso “por obrigação, mas não sem sofrimento”, buscando diferenciar-se das mães que, na opinião dela, não teriam culpa alguma.

Assim como evidenciou Lisa Swanson em *Soccer Fields of Cultural [Re]-production?: An Ethnographic Explication of the “Soccer Mom”* (2003) sobre as mães que acompanham seus filhos nos jogos de futebol nos EUA, no clube, as mães que estão o tempo todo com seus filhos também necessitam sentir-se “úteis“, visto que algumas não trabalham fora de casa e, portanto, despendem grande parte de seu tempo em acompanhar os filhos ou levá-los, de carro, à escola, ao clube, a outras atividades. Muitas delas, inclusive, dedicam-se a algum tipo de trabalho voluntário, como confeccionar cachecóis para doação aos mais pobres. Nos trechos a seguir, reproduzo o

relato de Mônica, a única mãe entrevistada que não chegou a cursar faculdade, bastante dedicada ao marido e aos dois filhos, um menino de 12 anos, o Pedro, e uma menina de 10 anos, ambos da escolinha de equitação do clube, e já presenciei seu incômodo quando lhe indagaram se “trabalhava”:

Mônica, mãe: E... eu não consigo falar tempo livre, meu tempo livre é muito curto, porque eu tô sempre com os meus filhos, por exemplo, eu tô com tempo livre aqui agora no Equestre, mas não tá livre, porque talvez se ele fosse tempo livre, não taria, eu não estaria aqui no Equestre, e o pessoal fala: “Ah por que você não vai correr ali no lago?”. Porque eu não quero, só porque eu tô aqui no Equestre, tenho que usar esse horário? Não, não quero. Então é difícil, meu tempo livre é curto. Então é aquilo, é tão legal, que você fala: “Ah, eu não trabalho”, né, só que você lembra... eu que levo - eles não vão de transporte escolar -, eu levo, eu busco, tenho funcionária todos os dias na minha casa, mas eu que cozinho, sabe, então...

Karen: Então não é uma babá, é uma empregada doméstica pra limpar a casa?

Mônica: Não, é uma empregada doméstica. Tudo o que tá relacionado aos meus filhos eu que cuido, e eu que acompanho e administro tal.

Karen: Opção sua?

Mônica: Opção minha.

Como se observa no caso desta mãe, existe um controle constante de tudo que envolve seus filhos, em particular sobre o que pode vir a influenciá-los de modo negativo, como algumas amizades e a questão das drogas, um receio que aparenta ser bastante difundido entre as mães. Assim, essas mães afirmam estar fazendo “tudo o que podem” para “dar estrutura” aos filhos a fim de que eles possam discernir, no futuro, entre os valores “certos” e os “errados”.

Mônica, mãe: Eu me considero feliz e, porém... não cansada, no meu limite, assim, neste momento que o Pedro tá com 12 e a [caçula] com 10, eu tô muito preocupada com o futuro, que o futuro que eu tô vendo, assim, daqui quatro anos. Eu tô com medo! Então hoje eu me sinto feliz, mas, ao mesmo tempo, eu tenho medo do que vai ser, será que eu tô acertando, e um monte de gente, as pessoas mais velhas me falam “Bom, você fez tudo o que você sabe fazer, o que você tinha de melhor você deu, amor e tal”, daqui pra frente não tem como saber, então assim, a única coisa que eu tenho medo é isso, mas eu me considero uma pessoa feliz.

Eu tenho medo de droga, eu tenho medo... droga, você quer pior que isso? Mas por outro lado, quando eu falo que eu tenho medo, é porque eu amo, porque são os meus filhos, embaixo da minha asa. Mas vão fazer balada, vão conhecer, que hoje você tem, assim, não é na balada, você tem em qualquer lugar, né, eu tive, né, imagine agora! Então, assim,

além de eu falar isso, que eu tenho medo tal, eu tenho uma consciência muito tranquila, eu anulei a minha vida, minha vida, Mônica, entendeu, a partir do momento que eu casei, casei, fiquei 4 anos sem filho, que eu falo que foram os melhores momentos de casamento, assim, que, a gente sempre se deu muito bem, até hoje, a gente fazia exatamente o que a gente queria, hoje a gente faz também, porque a família precisa, então é diferente. Mas eu falo que eu tenho a minha consciência super tranquila, porque eu anulei a minha vida, a vida da Mônica modificou totalmente, tanto que eu não fiz a minha faculdade, e tudo bem, vou fazer ainda, entendeu... sabe, é aquilo, tô aqui, e aí? “Ah, não, só tem eles hoje, né?”, mas vê se você vê mãe aí? Não vê, vendo aula, entende? É difícil, tô acompanhando, pego na escola, a hora que eles entram na escola, eu falo “Oi, tudo bem”, eu olho, eu já sei se tá tudo bem, se não tá, o cheiro das crianças, entende, então é isso, tenho...

[Os amigos deles] são da escola. Eu já fiz churrasco em casa pra conhecer mãe e pai dos amigos, entendeu, uns dois, três já risquei, porque, tem amigo que vai em casa dormir que o pai e mãe nem liga, nem me conhece, não sabe nem onde eu moro, peguei na escola, vim trazer, falei “Esse não serve!”. Como que eu vou trazer sua filha pra dormir na minha casa, você nem sabe quem eu sou! Entende, então é isso. Então, eu tenho a minha consciência super tranquila, super (*ênfatizando*), se der alguma... desculpa, se der alguma merda, eu fiz tudo que eu podia, com todo o amor, sabe, então já não é minha culpa, eu acho. Entendeu... então, é por isso que eu falo, tenho, sim, a minha consciência tranquila.

Em geral, as crianças e adolescentes da escolinha de equitação que estão sempre no clube, como Talita, Daniela, Rafael, Rodrigo entre outros, caçoam das mães que, na opinião deles, não “desgrudam” dos filhos e os “paparicam” e “mimam”. Dizem, por exemplo, que a mãe da Laura é como se fosse sua babá, “escrava” da filha, e que o marido da Regina faz tantas fotografias do filho que deve tirar fotos dele até quando o menino está no banheiro. Enfatizam que suas mães não podem vir nem permanecer a tarde inteira no Equestre, pois “têm mais coisas pra fazer na vida”, não demonstrando aí, pelo menos aparentemente, qualquer sentimento de inferioridade em relação às crianças acompanhadas pelas mães, nem uma percepção de que sejam menos amados. Suas mães, embora trabalhem fora, telefonam para os filhos ao longo da tarde e se preocupam com eles, como no caso de Denise, decoradora de interiores e mãe de Rafael, 13 anos, que telefona várias vezes por dia ao filho como uma forma de controle. Rafael diz que também “adora” passar suas tardes e noites no Equestre para “ficar longe” dos pais, divertir-se entre pessoas na mesma faixa etária e exercer sua liberdade. Correndo o risco de ser repetitiva, reafirmo que o clube já se configura num espaço

onde prevalece um rigoroso controle social e intenso fechamento. Isso coloca sobre as crianças um tipo de domínio que está ausente ou bastante atenuado em outras situações, como brincar nas ruas públicas do bairro, por exemplo.

No entanto, o discurso de mães não saberem cuidar dos filhos e os “largarem” no clube é tão impregnado que até mesmo essas crianças o reproduzem, apesar de serem tidas como “abandonadas” e de suas mães não os acompanharem em tudo, o que parece ser contraditório num primeiro momento. Em conversas privadas, Talita costuma repreender as mães que deixam os filhos com as babás, sendo que ela própria é alvo constante deste discurso, apontada como uma das crianças cujos pais não estão “nem aí”, que eles não acompanhariam e não conheceriam a rotina da filha com detalhes. Como se vê, essa tensão advinda das fofocas fomenta e reforça, por um lado, a tradicional ideia de que o cuidado com os filhos corresponde a uma tarefa tipicamente feminina, e promove, por outro, uma desvalorização do trabalho, da presença e da pessoa que presta esse serviço, no caso, as babás e os motoristas, pelo menos para esse tipo de mãe.

De qualquer modo, tanto as mães que trabalham quanto as que não trabalham fora de casa contam com a presença e o auxílio dos empregados particulares na tarefa de cuidar da casa e dos filhos.

1.2. O séquito de empregados particulares e o lugar das babás

Um dos traços mais marcantes desses grupos sociais consiste na contratação de funcionários particulares para os afazeres domésticos e para os cuidados com os filhos, sua segurança e seu bem-estar. Em linhas gerais, a eles são delegadas as tarefas de limpar a casa, cozinhar para a família, lavar e passar suas roupas, fazer a jardinagem, dirigir as crianças aos diversos lugares ou mesmo *estar junto* delas quando são bastante

jovens, até 10 anos ou um pouco mais, como fazem as babás, protegendo-as dos riscos de cair e de se machucarem, por exemplo. Poder contratar funcionários implica um gasto que as famílias consideram importante, principalmente para as mães que trabalham fora de casa. Assim, procuram encontrar alguém “de confiança” para que tomem conta de seus filhos sem que precisem preocupar-se⁵³. A ampla maioria dos funcionários é parda e negra, sendo que existem babás que aparentam preencher os estereótipos das ditas *mammies* estadunidenses⁵⁴: negras, gordas, afáveis, queridas pela família e realizadoras dos desejos das crianças, uma espécie de Tia Nastácia, personagem de Monteiro Lobato do livro *Sítio do Pica-pau Amarelo*.

Foto tirada na Festa Junina de 2010



Aqui se vê a babá negra que acompanha a família branca em eventos sociais para tomar conta das crianças, sobretudo as mais novas, que demandam cuidados contínuos. No caso desta fotografia, a babá, de uniforme branco, empurra o carrinho do filho caçula da família.

Foto: imagem do site

⁵³ Sobre o contexto francês, Pinçon e Pinçon-Charlot afirmam que a “superioridade de origens” das famílias ricas tradicionais tem sua “legitimidade evidente” “reconhecida e manifestada pelo jogo incessante das marcas de deferência dos serviços” (2002, p. 20).

⁵⁴ Esses estereótipos foram tratados por Donald Bogle no livro *Toms, Coons, Mulattoes, Mammies and Bucks: An Interpretive History of Blacks in American Films*, de 1973.

As famílias possuem, ao menos, uma funcionária em casa e, não raro, duas – uma cozinheira que trabalha todos os dias e outra que limpa a casa algumas vezes na semana. Há famílias, ainda, que dispõem de mais empregados para cuidar da casa e dos filhos, como no caso de Juliana, 12 anos. Embora seus pais possam estar presentes apenas em dias de competição, ela e o irmão mais novo contam, durante os dias úteis, com uma babá, encarregada de cuidar exclusivamente deles, uma cozinheira e uma motorista - que também transporta outras crianças do condomínio -, além de uma diarista que trabalha na limpeza da casa uma vez por semana. Como se observa, poder dispor de funcionários particulares faz parte do estilo de vida dessas famílias e existe um certo estranhamento em relação àqueles que não contam com esse tipo de funcionários. Eles constituem uma exceção, sendo objeto de curiosidade e espanto. A seguir, Maria, a única mãe que assinalou não dispor de empregados particulares e que declara ser de origem social menos favorecida, embora, nos dias atuais, encontre-se numa boa situação financeira, explica sua opção por não ter empregadas domésticas:

Maria, mãe: Tem, então, eu tenho uma amiga que... [...], a casa vive saindo em revista de decoração, viaja duas vezes por ano pra Europa, tem de tudo, tem quatro empregadas, tem motorista, o marido tem um bom cargo... Eu não tenho empregada, porque eu não quero, poderia ter uma empregada, uma pessoa pra me ajudar em casa, [mas] eu não consigo.

Karen: (*surpresa, rindo*) Nossa, você é a única pessoa que não tem [empregados] que eu entrevistei até agora! A única.

Maria: Não tenho. Não tenho. Eu tive uma moça que trabalhou comigo seis anos, criou a Marcela, depois... tinha até uma faxineira, mas num... então eu faço, isso eles, pra eles aqui [do clube] é muito esquisito, eles acham que eu sou uma pessoa do outro planeta, porque... eu não tenho empregada. Eu lavo, passo, cozinho, cuido da minha casa. Quando eu tô disposta, faço até o jardim. Pinte o quarto da Marcela essa semana, vou pintar o escritório, assim, mas é opção. A minha sogra acha isso um absurdo, porque a minha sogra acha que as pessoas vão falar, porque eu não tenho empregada, então isso não cabe na situação, ela é uma pessoa preconceituosa.

Karen: Elas “vão falar”, falaria mal de você?

Maria: É, “Porque é um absurdo!”, vão falar de mim... não, vão falar do filho dela, que o filho dela não está bem, que não pode pagar uma empregada. Então a minha sogra é uma

pessoa mais preconceituosa. Com questão de cor, questão de classe social, uma pessoa pobre não é gente, entendeu? E ela não é rica, mas ela vive num mundo próprio⁵⁵.

De acordo com o que aventamos no capítulo II, ouvi, por incontáveis vezes, conversas sobre os pais não permitirem que os funcionários chamem a atenção das crianças, assim como de crianças que não se adaptavam às ordens das babás e motoristas, por exemplo, perpetrando “traquinagens” contra os funcionários, a fim de, propositadamente, irritá-los. No exemplo seguinte, Mateus, 13 anos, conta o motivo de não gostar de um dos seus quatro empregados, o jardineiro da casa:

Não, porque ele fala assim, porque eu fico provocando ele, quando ele tá dormindo, que ele tem um descanso, eu pego – sabe aquelas portinha que têm... tipo uns negocinho de ferro? – fico batendo na portinha e faz barulho, quando ele tá descansando. Ele falou “Você tem que voltar pra creche, eu vou te matar!”. Muito chato!

Algumas babás e motoristas decidem sobre o que as crianças podem ou não fazer, sobre os lugares que as crianças podem ou não ir, sem necessidade de uma autorização direta dos pais. Para exemplificar, um dos motoristas se preocupa com tudo que esteja relacionado à menina que cuida, desde inscrições nas provas de hipismo até dirigir, antecipadamente, ao local do campeonato, caso desconheça o caminho, para que não haja perigo de se perder no trajeto no dia da competição. Segundo boatos no clube, por esse motorista ser branco e “se vestir bem”, além de ser afetuoso com a menina, as pessoas costumam confundi-lo como sendo ele o pai da criança. Isso é dito num tom de crítica aos pais como se, de tão ausentes, autorizassem essa confusão. Ainda, as empregadas domésticas e, sobretudo, as babás que trabalham há anos junto às crianças parecem adquirir um *status* de quase membros da família: é comum as mães e os filhos

⁵⁵ Encerrada a entrevista, Maria contou que, certa vez, estava toda a família reunida em uma festa, inclusive a babá de suas filhas, na época, também estava presente. A sogra teria censurado Maria por deixar a bolsa sobre a mesa aos cuidados da empregada. Irritada, Maria respondeu: “Se eu deixo minha filha com ela, que é a coisa mais preciosa que eu tenho, não vou deixar a bolsa?”. Maria comentou, ainda, que sua sogra faz questão de contratar empregadas domésticas brancas e disse: “Minha sogra se preocupa com a cor de quem vai limpar a sujeira dela...”.

comentarem que a babá ou a antiga empregada doméstica “manda” na casa (“o sargento lá de casa”). No caso seguinte, a babá Cláudia, que toma conta de uma menina de 6 anos, relata uma situação que dá uma medida da sua influência na educação da criança e, também, de que vale mais do que os pais como cuidadora:

Cláudia, babá, 55 anos: Uma vez, ela tomou uma picada lá no Parque Ecológico. Nossa! Precisou levar no médico! Começou subir um vermelhão nessa perna, essa perna ficou grossa, assim, ela com febre... Aí ele [*o pai*] falou: “A gente não sabe que bicho que foi que picou ela”. Aí só antialérgico em cima, injeção... ai, deu dó, viu. E foi lá no Parque Ecológico, falei: “Ah, vocês levam ela lá, vocês largam ela lá”. Eu fico com o maior cuidado com ela! Eu fico de olho. Eu fico, eles não, eles soltam ela. Esses dias ela foi lá, tomou picada de carrapato. Aí, precisou, falei: “Então, vocês deixam a menina, não tá nem aí, a menina rolando naquela grama? Sabe que tem capivara lá, coisa lá”. Eles dão risada: “Ai, Clau, mas você...”, falei: “Ai, eu me preocupo, sim!”, nossa. Eu tenho o maior cuidado com ela, com tudo. (*rindo*) Eles não esquentam a cabeça, têm vezes que eu chego na segunda-feira, lá vem, Sofia tá com a cara ralada, Sofia tá com o joelho tudo detonado. “Mas o que que aconteceu com essa menina?”, “Ai, tava andando de bicicleta, levou um tombinho ali...”, falei “Tá bom. Vocês largaram ela, quer dizer, não é que ela levou um tombinho, vocês deixaram ela fazer o que ela bem [entender]”, sabe? Aí ela foi, cai da bicicleta, ai... (*risos*). Fica toda marcada. Eu chego todo dia, eu falo pra ela: “Sofia, o que é esse roxo em você? Que que é isso, Sofia? Onde você bateu, Sofia?”, “Ai, eu bati em tal lugar, bati não sei aonde”, “Ai, Sofia, mas com quem que você tava?”, “Ai, tava com o meu pai e com a minha mãe”, falei “Ai, tá bom!” (*risos*).

Claro está que, embora as crianças estejam sob a responsabilidade dos empregados domésticos em determinado período do dia ou durante o dia todo, as liberdades para criticar, chamar atenção, corrigir, trocar confidências, dar afeto e carinho a elas variam de acordo com o tempo de trabalho na família e do perfil/personalidade dos pais, dos filhos e dos próprios funcionários que lá trabalham. Levando em consideração as observações do capítulo II, embora os funcionários representem a parte responsável, sua liberdade relativa denota um poder parcial de decisão que se encontra em constante tensão entre a educação direcionada pelos pais e os desejos das crianças que, apesar de serem crianças, são os filhos dos empregadores. A dependência gerada pelas crianças em relação aos cuidados e à figura da babá ou mesmo do motorista, até para a realização de simples tarefas, suscita inúmeras críticas e

fofocas por parte dos instrutores da escolinha, da coordenadora de hipismo e de algumas mães dentro do clube.

No clube, tive a oportunidade de entrevistar o motorista Valdir, 30 anos, que trabalha para a família de Henrique, 6 anos. No decorrer da entrevista, a aula de Henrique havia chegado ao fim e uma das instrutoras foi nos avisar de que ele estava “desesperado, chorando” por não ter visto Valdir nos arredores da pista. Para Valdir, Henrique apenas pararia de chorar e de ficar “emburrado” se ele fosse com o menino trocar de roupa, necessitando interromper a conversa para tanto. Recomeçamos a entrevista, realizada no restaurante Alvorada, mas Henrique não quis ficar sentado conosco e começou a debruçar em cima das grades e a desaparecer do nosso campo de visão, desconcentrando a mim e ao Valdir e nos deixando preocupados com a possibilidade de ele cair e se machucar. Até o fim da entrevista, Henrique nos interrompeu em vários momentos, como quando veio correndo deixar a caixinha do suco que ele acabara de tomar em cima da nossa mesa, a fim de que Valdir a jogasse no lixo. Henrique estava ansioso para sair dali, apesar dos pedidos de paciência de Valdir, sempre de maneira negociada. No final da conversa, Henrique disse que queria ir para o parquinho e Valdir respondeu “Só mais cinco minutinhos”. “Nem cinco minutinhos”, replicou Henrique de forma manhosa, mas não sem acessar palavras de ordem e de poder frente a um adulto. Procurei acelerar a entrevista, que já estava terminando, para liberar Valdir o mais rápido possível, até porque percebi que ele estava desconfortável naquela situação de não dar atenção ao Henrique no horário de trabalho.

Quanto à dependência, Sofia, a menina de 6 anos para a qual a babá Cláudia trabalha, costuma perguntar onde estão suas próprias coisas para Cláudia e não para os pais:

Cláudia, babá: Ah, pega [carinho], né, eu tô com ela, nossa... (*risos*) eu tô pensando em sair... sair assim, ficar sem ela. E ela depende tudo de mim, tudo eu que faço tudo pra ela, tudo, tudo. Eu que sei onde que tá as coisas dela, ela liga em casa... chega, por exemplo, que nem amanhã, sábado, né? Aí ela vai procurar alguma coisa, ela só sabe que eu que mexo, né? Daí, então, eu tenho que explicar. Então hoje eu já aviso: “Ó, suas coisas tá em tal lugar, se você vai sábado pra casa da vó, você vai lá, pega que tá naquele lugar, caderno tá em tal lugar”. Aí ela fica ligando, ela liga lá: “Clau, onde tá minha não sei o que? Clau, onde tá não sei...”, sabe? (*risos*)

Segundo Paula, coordenadora de hipismo, há dois tipos de babás: aquelas que “não estão nem aí” para as crianças e as que são “mãezonas” – “e você vê que os filhos são educados por causa das babás”, mostrando, novamente, seu incômodo com as associadas que deixam os filhos aos cuidados de empregados, mas também uma admiração pelas babás “mãezonas”, que tratam com “amor de mãe” os filhos dos outros. Em muitos casos, observa-se uma relação de carinho entre essas funcionárias e as crianças, e até mesmo alguns motoristas, com demonstrações públicas de afeto e amizade, como quando crianças pequenas sorriem ao ver as babás. Crianças e babás abraçam-se, beijam-se, conversam entre si, cochicham, passam protetor solar, dão-se as mãos, numa convivência que mescla relações de carinho e relações de hierarquia. Parece, também, ser difícil tanto para as crianças quanto para algumas babás se desabituaem ao fim do vínculo empregatício. Mateus afirmou que se sentiu “triste” quando a babá que trabalhara durante 10 anos para sua família afastou-se, e completa: “Também ela é uma chata agora, não gosto mais dela, não. (*fala indignado*) Ela me deixou!”. Priscila, 12 anos, conta sobre sua babá: “ela ficou 7 anos comigo. Então, quando eu tinha 10 anos, 9, ela saiu. E eu lembro que eu fiquei muito mal com isso, chorei muito. Eu não conseguia aceitar exatamente isso”.

Essas babás, por sua vez, também demonstram carinho em relação às crianças e às famílias para as quais trabalharam e, apesar de serem funcionárias assalariadas, muitas

afirmam que não existe dinheiro que recompense a troca de favores e de presentes ao longo dos anos⁵⁶:

Cláudia, babá: A Sofia foi muito especial pra mim, quer dizer, tá sendo especial até hoje. A vó dela que pagou a faculdade [da minha filha], se hoje minha filha tem um emprego bom, foi por causa da faculdade, que eles pagaram a faculdade dela na PUC, eles exigiram que ela fizesse na PUC a faculdade, ela fez Administração/Comércio Exterior. Tem um bom emprego, tá bem... Financeiramente, tá bem! Então eu devo muito a essa família. Não tem dinheiro que pague o que eles fizeram pra mim.

Às vezes, as babás tornam-se tão íntimas das crianças que se transformam em suas confidentes. Em uma das famílias para a qual trabalhou, a babá Cláudia cuidou de uma menina desde quando ela “estava na fralda” até seus 9 anos. Passados 7 anos, elas ainda mantêm contato e, por vezes, a garota telefona para Cláudia choramingando, a fim de contar que brigou com a própria mãe: “E até hoje, hoje ela tá com 16 anos, quando ela liga lá e conversa comigo, eu falo ‘Ah, só você, viu! Nossa, você não tem jeito, hein?’ (*rindo*)”. A seguir, reproduzo o excerto da entrevista com Chica, a babá que trabalha e mora há 14 anos com a família do Rodrigo, 11 anos:

Chica, babá, 34 anos: Às vezes, conversam mais comigo do que com a mãe. Conversa tudo. Esse serviço que eu tô mesmo é assim. A mais velha, de 15 anos, é louca por mim, fala que eu sou a mãe dela. Conversa coisas comigo de tudo: namorado, menstruação, conversa de tudo... eu explico tudo.

Karen: E por que você acha que, nessa família, não tem tanto diálogo com a mãe?

Chica: Ah, porque as mães, a maioria vive trabalhando, vive ausente. As mães, a maioria, não só ela, todas que eu já trabalhei, vive mais ausente. Chega em casa, toma banho... almoça... é assim.

O caso da babá Chica é bastante significativo para se refletir acerca da noção de família nesses grupos sociais, pois, além de extrapolar os sentidos de simples vínculos empregatícios, representa algo mais profundo que o afeto por vezes originado da longa

⁵⁶ O pai do motorista Valdir já foi presenteado com um carro pela família de Henrique, para a qual trabalhou durante anos como motorista, inclusive cuidando do avô do menino durante o período em que esse senhor esteve doente até seu falecimento, quando o pai de Valdir decidiu encerrar seus serviços.

convivência. Quando as três crianças de que cuida voltam da escola, Chica coordena a logística entre os cursos extracurriculares de cada um, acompanhando, sobretudo, a mais nova às suas atividades, com quem também divide o quarto, como fez com os outros irmãos anteriormente. “Ela [*a mãe das crianças*] não trata eu como funcionária, ela trata eu como da família, ela mesmo fala. Se você conhecer ela, ela fala que eu sou da família”, disse Chica, que também se considera parte da família. De origem social pobre, Chica conta: “Eu, hoje, eu tô vivendo como se fosse criança, porque eu, quando era criança, eu não tinha brinquedo, igual hoje as crianças [estão] cheias de brinquedo, nunca tive”, além de narrar, com entusiasmo, sobre os lugares que já pôde conhecer, visto que sempre viaja junto com a família. Na entrevista, acompanhada da caçula Ellen, de 5 anos, Chica expõe os planos da família quanto à filha mais velha:

Chica, babá: A menina... inclusive, agora, a menina, ela vai até para o colégio Bandeirantes. Ela terminou a oitava série e vai para São Paulo agora, talvez eu vá até morar lá com ela. Tão vendo, tão pesquisando ainda. Porque... lá no Bandeirantes, porque ela quer fazer Medicina, e lá já tá preparando para o vestibular. Mas os três são bem estudiosos. O menino é estudioso também, mas louco por cavalo. Ele disse já, quando ele crescer, ele vai mexer com alguma faculdade que mexe com cavalo. Ele é apaixonado por cavalo! Isso não é de hoje, isso é desde bebê, que eu cuidei dele, ele vivia aí nas baias. Os funcionários aqui do Equestre aqui já conhecem ele, ó, de carrinho, conhece ele!

Karen: Entendi. E, daí, o que você achou da ideia de ir morar em São Paulo?

Chica: Muda um pouco, em [*nome da cidade em foco*] é mais calmo, lá é mais agitado, né, mas eu vou morar lá com ela, praticamente só pra olhar ela, porque ela tem 15 anos, só pra fazer companhia pra ela, mas sábado e domingo a gente tá aqui em [*nome da cidade em foco*]. Só... escola mesmo.

Karen: E daí ficar longe da Ellen, como que você vai sentir?

Chica: Então, não sei como que vai ser, que a Ellen já disse que vai morar com a gente. Não sei como que vai ser.

Karen: Você vai morar em São Paulo, Ellen?

(*Ellen faz que “sim” com a cabeça*)

Chica: Ela disse que vai morar, que ela não vive sem a Chica.

Karen: Mas quantos anos você tem? Cinco? Como você vai morar em São Paulo, Ellen?
(*risos*)

Ellen: (*rindo*) Porque eu quero...

Como se viu, a despeito de serem frequentes, no clube, frases de efeito como “babá não é mãe”, a filha mais velha da família chega a explicitar que considera Chica

como sua mãe. Mesmo que a mãe da família tenha parado de trabalhar por um tempo para se dedicar mais aos filhos, ainda existe a figura da babá superestimada por todos na casa, que ama e cuida das crianças e que preenche um espaço particular e dificilmente substituível dentro desta família. Embora seja paga para realizar o serviço, Chica vai além de uma funcionária querida, mais do que a babá que é *quase* da família, visto que ela é da família, fez e continua fazendo parte da história dessas crianças, posta num lugar, por vezes, ambíguo – não se define se é mãe ou se é empregada -, mas não menos intensa que a função desempenhada pelos pais. Talvez casos como esse representem uma oportunidade de se aprofundar a discussão sobre noções de famílias outras que não as tradicionalmente consideradas pelas Ciências Sociais.

2. Qualidades/capacidades prezadas por mães e pais

A seguir e no próximo capítulo, exponho as qualidades que mães e pais procuram que suas filhas e filhos desenvolvam ao longo da infância e da adolescência a fim de que se tornem seres humanos “especiais”, isto é, com características pessoais que proporcionem o sucesso e que o justifique. Essas qualidades acompanham as transformações ocorridas no seio das famílias modernas desde a década de 1960 e não se limitam somente aos grupos de alta renda: “No bojo desse movimento emergem novos valores educacionais, preconizando o respeito pela individualidade e pela autonomia juvenis, o liberalismo nas relações entre pais e filhos, que agora devem se pautar não mais pelo autoritarismo, mas sim pela comunicação e pelo diálogo. Em suma, os pais tornam-se provedores de bem-estar psicológico para os filhos” (Nogueira, 2005, p. 572). Ora, se essas características, como o respeito pela individualidade e pela autonomia das crianças, são mais gerais e não restritas apenas às famílias abastadas, são nesses grupos que tais qualidades podem potencializar-se, já que encontram um

ambiente familiar mais integrado à competitividade do mercado de trabalho e ao mundo das instituições (Lareau, 2003). Também deve ser notado que se acumulam na vida dessas crianças situações em que são colocadas numa posição superior - como quando são objeto de deferência por parte de serviços -, ou numa posição separada, como quando frequentam clubes exclusivos e escolas particulares caras. Um dos efeitos dessa segregação hierarquizada implica a naturalização da percepção, em si e nos outros, de que se trata de seres especiais, fundamento que tende a legitimar a dominação de um grupo sobre outros.

2.1. Produção da individualidade da criança

A partir das observações em campo, pode-se afirmar que mães e pais buscam respeitar a individualidade de seus filhos, seus gostos, suas habilidades excepcionais, aquilo que “levam jeito”, seus sonhos, o “perfil” das crianças. Assim, valorizam os traços de suas personalidades que consideram positivos para o desenvolvimento dos filhos e empenham-se em incentivá-los através de cursos de aprimoramento de habilidades linguísticas ou artísticas, por exemplo. Por outro lado, também procuram desconstruir alguns traços da personalidade dos filhos quando acreditam que possam representar uma dificuldade, vindo a atrapalhá-los no futuro, como no caso de Eliza, que incentiva o filho a praticar hipismo, pois o considera bastante impulsivo e com dificuldade para aceitar perder, característica avaliada negativamente por ela. Deste modo, os pais vão “lapidando” as potencialidades dos filhos, aprimorando as que já estão lá, construindo e desconstruindo outras, mas sem “passar por cima” daquilo que entendem como a personalidade e a individualidade da criança.

Isso se torna bastante visível ao observar as atitudes dos pais em relação à personalidade de cada filho. De acordo com o único pai entrevistado, quando fala sobre

suas filhas, de 13 e de 10 anos: “a Flavia [*caçula*] é natureba, ela só bebe água, não bebe nem suco, nem refrigerante, nada. Ela, tudo, ela... o que a Beatriz é sedentária, o Garfield da família, só quer saber de comer, de dormir, não sei o que, a Flavia é, tudo ela quer andar, ela quer fazer a pé, ela quer fazer esporte”. Maria, uma das mães que mais preza valores como “humildade” e “respeito ao próximo”, demonstra compreender quando as filhas desobedecem alguma ordem do instrutor, entende as motivações das meninas, seus temperamentos, cada personalidade e raras vezes se opõe, desde que elas “tenham modos” e sejam corteses na interação com os funcionários ou pessoas mais velhas. Para Maria, enquanto a primogênita Laís sempre foi disciplinada, “caxias”, a mais nova já “não é tão competitiva”. Disse que saíram da mesma barriga, foram criadas do mesmo jeito, só que “uma é o avesso e a outra é o direito e, com certeza, a pequena é o avesso” – “é só Jesus nessa causa”, diverte-se. Ao falar sobre as habilidades que as filhas desenvolvem através da prática do hipismo, Maria reconhece as especificidades de cada uma:

A Laís sempre foi responsável, então eu acho que o dela foi o caminho inverso. A gente tem amigos que tem o filho, que começou com o filho mais velho, que foi indicação de psicopedagoga. E com isso o menino fez, agora ele já tá formado já, não salta, não monta mais, só de vez em quando, mas atrás dele veio o irmão e a mãe. A mãe salta até hoje, o irmão salta. Então... Na minha casa foi o inverso, eu acho que a Laís achou nisso uma coisa que cabia a personalidade dela, que sempre foi ser responsável, ela sempre foi muito disciplinada, ela sempre foi muito concentrada, agora com a Marcela não, ajuda nisso, porque a Marcela é a borboleta (*eu rio*). Então, no cavalo, direciona, foca, ela fica focada, ela tem a responsabilidade de vir montar, ela tem dó, porque ela sabe que ele não pode ficar parado, principalmente cavalo mais velho, que não pode ficar parado, então ela fala “Não, eu preciso montar, senão o pé dele incha”, ela fala, porque se fica parado, o pé tende mesmo a ficar preso, ele incha um pouco. “Ai, não, eu tenho que montar”, então nisso nela desenvolveu. Na Laís foi o inverso, acho que ela, a personalidade dela que se adequou, ela achou uma coisa assim. A Laís fazia fisioterapia com 8 anos, a Laís não tinha dente, os dois dentinhos tinham caído já, era banguelinha com 8 anos, ela fazia fisioterapia no primeiro cavalo que nós tivemos, que era muito velhinho, e teve um problema, então ela montava o cavalo, depois que ela fazia duas aulas, ela montava o cavalo que era dela, ela fazia lá na escolinha, lá na [*nome da escola*], e o [*nome do marido*] comprou um cavalo e esse cavalo ficou doente. Esse cavalo ficou 8 meses parado, 4 meses a Laís com... 8 pra 9 anos fazia fisioterapia nele diariamente, debaixo de chuva, debaixo de sol, de frio, de calor intenso, ela montava ele exatamente como o veterinário tinha falado. Então era primeiro 10 minutos a passo, nas duas mãos, depois a

trote... e ela não saía 1 milímetro, e eu ficava na cerca cronometrando e ela ficava exatamente o tempo que precisava, pequenininha. Era a única criança que ia montar debaixo de chuva.

Embora seja um ponto bastante importante, a relação entre irmãos e seus efeitos na constituição das fronteiras sociais não foram abordados nesta pesquisa. Em geral, quando se trata de atividades extracurriculares, parece comum que algumas das crianças que começam a praticar um determinado esporte o façam porque um dos irmãos já praticava, tanto o/a irmão/ã mais velho/a quanto o/a mais novo/a. É comum observar, entre eles, cumplicidade, companheirismo, ajuda mútua, conflitos que despertam sentimentos de inveja, ciúme, mas também admiração e proteção de um irmão para o outro. No clube, existem vários casos de irmãos gêmeos, principalmente irmãs, a exemplo das trigêmeas que estudam em um conceituado colégio católico, que figura como um dos melhores colocados da cidade no ENEM. Duas são univitelinas, loiras de olhos claros e a terceira, morena de olhos castanhos. Quando entrevistei uma delas, Bárbara, perguntei se as três estudavam na mesma sala e ela respondeu que não, explicando que a separação tinha como objetivo evitar comparações entre elas. As características individuais, portanto, são dignas de apreço:

Bárbara, 14 anos: Um exemplo: eu vou melhor em matemática do que a Isadora, que é a minha outra irmã gêmea, que não vai tão bem, que é morena. Eles começam a falar “Ôu, por que você não tá indo tão bem igual à Bárbara?”, sabe? É muito ruim isso, você se sente muito mal. Igual, tipo, antes de fazer hipismo, eu fazia *ballet*, eu quase morri. E eu sou horrível em dança, só entendo de cavalo mesmo. Aí a professora - a minha irmã Bruna também não é tão boa -, ela ficava: “Ô, coisas, por que vocês não são igual à Isadora?” e não sei o que, tipo. Ninguém é igual a ninguém, entendeu? Nem eu e a Bruna, que a gente é univitelina. Aí era muito chato.

Na ampla maioria das vezes, os irmãos estudam nas mesmas instituições de ensino, mas nem sempre, e algumas das crianças, ao longo do tempo, mudam de escola por motivos como: dificuldades em continuar num colégio considerado exigente em

termos intelectuais; excessivo número de faltas às aulas, em particular as crianças que se envolvem com as competições de hipismo; incompatibilidade com os modos de vida entre os outros alunos da escola, porque precisam estudar “onde se sintam bem”; mudança para um colégio cujo enfoque principal seja o vestibular. As escolas compõem um conjunto de estratégias educativas pujantes e perduráveis na socialização dessas crianças e adolescentes, desempenhando um papel fundamental ao dar continuidade à educação recebida no ambiente familiar. As mães, de modo geral, preocupam-se em prover-lhes com uma “boa escola”, que disponha de “bons professores”, uma “boa infraestrutura”, com áreas verdes, além de uma série de cursos extracurriculares a fim de que seus filhos internalizem a importância do estudo na vida, mas também para que desenvolvam uma “formação geral” enquanto seres humanos, baseada em princípios éticos, principalmente a meritocracia. Essas “boas” escolas, por sua vez, custam caro⁵⁷.

Embora muitas das escolas sejam avaliadas como exigentes e “difíceis”, mães e pais procuram, contudo, não forçar os filhos no ano de vestibular, considerada um “fase difícil”, entendendo que eles já estão se sentindo bastante pressionados e angustiados, ou seja, existe um respeito pelo momento da vida ou por uma situação específica pelos quais as crianças e adolescentes estão passando. Certa vez, presenciei uma conversa sobre este assunto entre duas mães com filhos que cursavam o último ano do ensino médio. Uma delas dizia não querer pressionar o filho para que se engajasse nos estudos, mas também não desejava que ele “relaxasse”, que não se esforçasse nesta etapa da vida escolar. Enquanto isso, a outra mãe contava, em tom de irritação, que seu filho “não fazia nada” e que estava com planos de estudar “para valer” apenas no cursinho. Aí

⁵⁷ Em valores de 2011, uma das escolas, que tem um caráter mais experimental, conhecida como “escola para a vida”, cobra mensalidades de R\$ 1.154 para estudantes do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. No colégio alemão, alunos de 8 anos pagam R\$ 1.360 e, de 12 anos, R\$ 1.540 por mês. A escola mais custosa da região, porém, é aquela que segue a estrutura de ensino dos Estados Unidos, com mensalidades de R\$ 2.293 até 5ª série e de R\$ 2.860 da 6ª série até o final. São poucas crianças do hipismo que frequentam esta escola, cujas aulas são ministradas em inglês.

completou, parecendo bastante revoltada com a atitude do filho, que ele não devia pensar assim, pois seria mais um ano pagando a escola. No entanto, apesar da frustração delas, pareciam controlar-se para lidar com a pressão e não desencadear um maior desconforto psicológico nesse momento delicado, ainda mais porque levam em conta casos nos quais crianças entram em depressão por estudar num colégio “puxado” ou extremamente competitivo, não conseguindo prosseguir na escola⁵⁸.

Nesse sentido, a cobrança sobre os filhos leva a uma autorreflexão por parte de mães e pais, que temem “passar dos limites” e se tornarem os “culpados” de surtir efeitos mais negativos que positivos no futuro. No próximo relato, a mãe Regina comenta sobre uma cena que presenciou em um campeonato fora do clube, ponderando que “tem pai que cobra exageradamente do filho”:

Regina, mãe: Eu vi cenas lamentáveis, assim, lamentáveis, eu tive vontade de chegar pro pai e falar: “Cara, você tá no lugar errado. Não faz isso com teu filho” (*rindo*). Eu vi uma cena de um pai xingando o filho, sabe, “Porque você é um burro, porque você não serve pra nada!”. Poxa, você via que o menino tinha se esforçado, quer dizer, eu acho assim que... [...] Então, assim, você percebia no olhar do menino falando assim: “Putá, mais uma vez, mais uma vez”, então tem aqui é uma peneira. Eu acho que como todo esporte, mas aqui tem uma peneira, assim, fatal, entendeu. É a peneira que acaba o 90 [cm] vai pra 1 metro que você obrigatoriamente tem que ter o seu cavalo, é um peneirão que dá. Poucos ficam. E a outra peneira é a peneira da idade que o [*nome do filho*] tá entrando, 13, 14, 15 anos, com cobrança de pai. É outra peneira, que daí o cara espana ou ele gosta muito, entra por um ouvido, sai pelo outro, fala assim “Putá, ele é assim mesmo, tô nem aí pro que ele fala”. Ou então ele vai falar assim “Bom, não sirvo pra isso mesmo, então eu vou largar, quando eu for mais velho, eu volto”. Como você vê muitos, assim, com 45,

⁵⁸ A quase totalidade dos sócios envolvidos com o hipismo do clube frequenta instituições de ensino reconhecidas pelo mérito acadêmico e de renome na cidade ou região, no entanto, grande parte deles não enfoca, em primeiro lugar, o vestibular das universidades públicas mais concorridas – muitos dizem “ter preguiça de estudar” -, embora reconheçam que não deixariam de cursar, por exemplo, uma USP, UNICAMP ou UNESP caso fossem aprovados. Nogueira (2004), em seu estudo sobre filhos de empresários em Minas Gerais, observou que esses grupos “não investem toda sua energia na causa escolar”, o que explica, em partes, o desinteresse de algumas crianças e adolescentes do clube pelos estudos e o fato de seus pais não os pressionarem para tanto. Segundo Nogueira, “não tendo a sensação de que os estudos implicam uma via de mobilidade social ascendente, eles não vêem razão para se engajar escolarmente em troca de vantagens sociais tão pouco significativas. No entanto, em contradição com isso, percebem claramente a necessidade da caução escolar para legitimar a posição social economicamente dominante que serão chamados a ocupar. Assim, não deixam de ser sensíveis aos benefícios simbólicos do diploma: prestígio, respeitabilidade, legitimidade cultural, círculo de amizades, influências, alianças matrimoniais etc. Como seus pais, eles vivem, portanto, uma contradição interna entre, de um lado, a descrença no poder do diploma e, de outro, o reconhecimento de seu valor simbólico” [...] (p. 142-143).

50 anos voltando pro hipismo e contando essa história que eu tô falando pra você. “Olha, meu pai me enchia o saco quando eu tinha 14, 15 anos, eu parei, tô voltando agora porque eu pago. Então eu não devo satisfação”.

Mesmo em dias de competição, é bastante comum ouvir das mães que os filhos estão ansiosos e estressados, que “é melhor nem ficar perguntando muito”, para que não haja discussões e brigas e que a “situação não fique ainda pior”. Em um dia de campeonato no clube, após o reconhecimento de uma pista⁵⁹, uma menina estava tentando memorizar o percurso, “desenhando” o trajeto com a cabeça e as mãos, parecendo bastante concentrada, quando seu pai veio perguntar algo. Ela respondeu irritada: “Pai, não me desconcentre!”. O pai pediu prontamente “desculpas” e se retirou de perto da filha. O mesmo ocorreu quando sua mãe a interceptou, logo em seguida: “Primeiro é o papai, e agora você!”. Tanto o pai quanto a mãe permaneceram em silêncio, a fim de não atrapalhá-la naquele instante. Ouvi a mãe comentando que a menina estava “uma pilha de nervos”, que havia “devorado” uma barra de chocolate devido ao nervosismo. No momento da prova de sua filha, a mãe não escondeu a apreensão, tornando-se bastante agitada.

Do mesmo modo, parece que pais e mães se empenham, dispendo de possibilidades que o dinheiro compra, na busca de amenizar ou, até mesmo, “reverter” algumas situações consideradas um entrave para o pleno desenvolvimento de seus filhos, como quando apresentam problemas de aprendizagem na escola e algum tipo de deficiência física ou mental. Para tanto, uma gama de funcionários particulares e instituições estão a postos para agir, como psicoterapeutas, fisioterapeutas, psicólogos, pedagogos, médicos das mais variadas especialidades, contando com a estrutura de

⁵⁹ De quinze a trinta minutos antes do início de cada campeonato, os competidores caminham por todo o percurso, que deverá ser feito a cavalo durante a prova, para reconhecer a pista. Esse tempo serve para o atleta pensar e calcular as dificuldades que o desenhador de percurso está colocando, como as distâncias dos obstáculos e as curvas, a fim de que o conjunto entre na pista com tranquilidade e consciente do percurso a seguir.

hospitais privados e escolas especializadas para cursos e aulas extras. Também quanto aos casos de adoção, os esforços dos pais são direcionados para que essas crianças não se sintam desconfortáveis nem sofram preconceito. Assim, não se furtam a contratar advogados nas situações em que acreditem que haja danos para os filhos, deficientes ou não, como no caso discutido no capítulo I sobre a compra e venda de cavalos, no qual a médica Cristina ameaçou contratar um advogado renomado para resolver o problema com o instrutor-comerciante Ricardo - “Mexer com criança pra ver o que acontece”, disse ela.

Para todos os casos, os pais e as mães exigem um tratamento igualitário à filha ou ao filho, “driblando” os constrangimentos na medida do possível⁶⁰. No entanto, já presenciei situações nas quais algumas crianças e adolescentes do clube, em conversas privadas, achincalharam outras que têm algum tipo de deficiência, dizendo que são “retardadas”, “mongóis” e imitando o jeito dessas pessoas falarem, em meio a gargalhadas. Tal comportamento, contudo, não os impedem de demonstrar “pena” e compaixão e de saber que não deveriam agir assim. As crianças e adolescentes da escola de equitação me disseram ser “óbvio” que Aline, filha de Cristina e que apresenta traços faciais tidos como de negros, “só podia ser adotada”, visto que a médica é morena clara e, sua filha do meio, loira de olhos verdes. Para os adolescentes, Cristina trata “a filha adotada” melhor do que a filha “original” e, de tanto desejar que Aline não se sinta diminuída, “exagera” e acaba “dando tudo”, como acessórios de hipismo e cavalos. Também comentaram que a filha caçula, de 4 anos, seria adotada, pois “é uma pretinha”, “igualzinha a Aline” e que, provavelmente, elas fossem “irmãs de verdade”. Para elas, a irmã do meio, “a original”, não gosta de hipismo (“acha um saco”), mas

⁶⁰ Algumas mães e pais que têm filhos com deficiência, sobretudo a mental, envergonham-se e/ou apresentam comportamentos de negação. A coordenadora Paula contou que o fato de alguns pais não admitirem a deficiência dos filhos traz problemas ao bom funcionamento das aulas de equitação, por exemplo, pois se torna perigoso colocar uma dessas crianças em cima do cavalo, principalmente quando é explícito que ela não entende os comandos e correções dos instrutores.

seria “arrastada” para as competições contra sua vontade, permanecendo de manhã até à noite nos campeonatos por causa de Aline, que a faz de “escrava” (“A Aline chega e ainda pede pra irmã ir buscar a mochila dela. Eu ia falar: ‘Vá buscar você!’”, disse Talita). Sobre Aline, expõem: “não que ela seja metida”, mas “fica contando quanto a mãe gastou nos cavalos”, então não seria possível distinguir “se ela monta bem ou monta mal”, porque os animais que ela possui são “muito bons”. Uma delas, aparentando tornar-se irritada à medida que falavam sobre Aline, reportou-se a ela como “a adotada” com desdém, como se a desprezasse. Além das crianças e adolescentes da escola se sentirem inferiorizados por não possuírem cavalos, aqui se percebe uma tentativa de desqualificar Aline enquanto amazona por meio de discriminação racial e por ela ser adotada, isto é, “ilegítima”.

Como era de se esperar, a produção das individualidades não se sobrepõe à estrutura social, como quando são observadas as relações de gênero. Dentre as crianças e adolescentes do clube, os processos de identificação de gênero, embora pareçam não ser tão definidos quanto na geração de suas mães e pais, ainda se fazem presentes, em grande medida devido à própria atuação da família. Sobre as preferências de seus pais acerca de seu futuro profissional, Daniela, 13 anos, conta: “Meu pai, como ele é engenheiro, ele quer que eu faça Engenharia, mas minha mãe fala: ‘Não, Engenharia é pra homem, Engenharia é pra homem’”. Durante a entrevista de Mateus, 13 anos, pude observar que ele desconhecia algumas informações consideradas básicas para sua idade, como o ano do próprio nascimento (“nunca decorei”). Contudo, demonstrava bastante clareza sobre as expectativas que seu pai e avô nele depositavam: ser o filho/neto designado para administrar a tradicional loja de roupas no futuro e não sua irmã, dois anos mais velha. Ambos praticam hipismo, tanto na escolinha quanto estabulam cavalos e fazem o curso particular nas pistas particulares:

Karen: Mas eles querem que sua irmã tome conta também?

Mateus: Não (*risos*).

Karen: Eles querem que você tome conta?

Mateus: É porque era assim, todos homens que... é que, eraaa... eles querem que eu tome conta. Tipo, cada um tem que ter um filho homem, tipo assim.

O único pai entrevistado na pesquisa, profissional autônomo que vivenciou tanto momentos de estabilidade e êxito quanto de instabilidade e falência em seus negócios, parece confirmar, tacitamente, a perspectiva de que mulheres são mais voltadas ao mundo dos cuidados (“brincar de bonecas”) e os homens devem apresentar, além de coragem, disposições para o empreendedorismo, qualidades que ele parece admirar:

Luís, pai, 45 anos: Se eu não tiver atitude... Atitude é o que muda, palavra vai com o vento. Não é assim que eu aprendi? Eu tô tendo que amadurecer sozinho, infelizmente. Gostaria de ter tido, uma coisa que faltou muito na minha vida, um irmão mais velho.

Karen: Homem, você tá falando?

Pai: Homem. [...] Porque eu acho que um homem faltou, porque eu não tive um homem pra andar atrás, pra aprender coisa errada, pra levar umas cacetadas na vida, pra aprender a me defender. Eu achei meu pai sempre muito... meu pai é muito bonzinho, muito... [...] Faltou, eu achei que faltou. Minhas irmãs são ótimas, mas são irmãs. Às vezes, punham sainha em mim (*risos*). Queriam brincar é com uma bonequinha, sabe? Mas... conseguiram (*risos*).

Em suma, o lado psicológico da criança é tratado com seriedade pelas mães, pais e instrutores - não por acaso, valorizam testes vocacionais realizados pelas escolas. Embora desejem criar filhos ajustados ao meio social em que vivem, como preferir que eles sigam profissões mais valorizadas e, segundo gênero, “apropriadas” para homens e mulheres, tomam cuidado para não influenciar as decisões dos filhos de forma rígida e manifesta. Assim, as mães procuram reconhecer os esforços das crianças e, na medida do possível, não cobram retornos sem antes submeterem-se a uma reflexão sobre a

personalidade e os comportamentos dos filhos, compreendendo seus limites e suas dificuldades⁶¹.

2.2. Incentivo à autonomia da criança

Em todas as frações sociais, vem mudando o imaginário do senso comum que espera que as crianças sejam relegadas a um papel de subordinação dentro da família, que “não tenham voz”. As crianças desse grupo social, por exemplo, são constantemente estimuladas a expressarem suas opiniões, vontades, desejos, o que evidencia seu grande poder em meio ao mundo dos adultos. Com isso, as crianças vão desenvolvendo uma capacidade de autonomia/independência em relação aos pais, mas uma autonomia relativa, por ser controlada e gerenciada pelos adultos a fim de que elas próprias compreendam os limites dessa “liberdade de escolha” e que esse “livre-arbítrio” não venha a atrapalhá-las no futuro. Assim, nas palavras de mães e pais, eles buscam “dar estrutura” para que seus filhos possam discernir entre o “bem” e o “mal”, o que “vale a pena” e o que “não vale a pena” onde quer que estejam.

Karina, 17 anos: Ah, eu acho que os meus pais sempre me criaram muito solta assim, sempre deixaram bem pra mim, assim, decidir o que eu quero fazer, lógico que eles nunca deixaram eu me ferrar, ou coisa assim, sempre tomaram cuidado pra eu não me machucar, mas eles sempre deixaram, assim, as opções pra eu escolher. Se eu quiser, optasse por parar em fazer um esporte ou continuar ou não ir em uma prova pra fazer um campeonato, eles sempre deixaram a opção pra mim contanto que eu soubesse das consequências que isso teria e tivesse disposta a arcar com elas. Então acho que isso é bom, porque eu meio que aprendi a me virar sozinha também assim, porque como eles nunca impuseram, assim, “Ah, você vai ter que fazer essa faculdade”, tá pra mim a escolha se eu quero fazer faculdade fora e com nome, tipo a UNESP, ou se eu quero fazer uma faculdade aqui e continuar montando. É uma escolha minha. E eu acho que isso é bom, porque, é, ajuda a amadurecer, crescer.

⁶¹ Os instrutores, por sua vez, também levam em conta a personalidade de cada criança. Anderson já se queixou que a coordenadora Paula “comprou uma briga desnecessária” com Talita, 16 anos, e deveria “pegar mais leve”, pois a menina “monta bem”, mas tem “personalidade forte” e quer escolher seus cavalos na escolinha. Para ele, “quem tem que se virar com a encrenca depois” são os instrutores.

Existe, portanto, a ênfase na autonomia das crianças e a onipresente negociação entre mães, pais e filhos. O incentivo para que as crianças opinem e manifestem seus pensamentos, sentimentos e vontades faz com que elas desenvolvam uma capacidade de se expressar corporal e verbalmente com destreza e desembaraço. Através das conversas e fofocas no clube, as crianças e adolescentes estão, amiúde, formulando suas próprias opiniões a respeito do hipismo e cavalos, das escolas que frequentam, das regras da escolinha de equitação do clube, das transformações em curso nos seus corpos, das resoluções do diretor de hipismo, dos comportamentos de adultos e de outras crianças e adolescentes, de dinheiro, gravidez, pedofilia, *bullying*⁶², *Facebook*, *Twitter*, filmes, livros, viagens entre uma ampla variedade de assuntos que seria impossível listar em poucas linhas. Segundo a coordenadora Paula no que se refere às crianças e adolescentes da escola de equitação, elas seriam “as formadoras de opinião dentro do Equestre”, porque têm, de fato, uma opinião acerca de incontáveis assuntos, principalmente sobre os temas em voga, como quando Daniela, 13 anos, compartilhou, em uma conversa, suas estratégias para fugir caso um atirador entrasse em sua sala, dizendo que iria agir como Tarzan e escapar com o auxílio de uma folha de bananeira que fica próxima à janela⁶³. Esta habilidade de comunicação pode ser considerada essencial para exames de seleção escrita, como no vestibular, para entrevistas de emprego e para o exercício do comando, nas quais a postura física e a linguagem corporal são um dos elementos fundamentais. Apesar de criticarem “todo mundo”, essas crianças e adolescentes demonstram sensibilidade para compreender as motivações de

⁶² “Bullying” é um dos assuntos mais em voga na atualidade e tema de discussão nas escolas onde estudam as crianças e os adolescentes do clube.

⁶³ Daniela fez referência ao assassinato em massa ocorrido na Escola Municipal Tasso da Silveira, no Rio de Janeiro, em 7 de abril de 2011, quando Wellington Menezes de Oliveira adentrou a escola armado e disparou contra os alunos. Doze crianças, com idades entre 12 e 14 anos, foram mortas.

algumas pessoas, inclusive daquelas sobre quem costumam “falar mal”⁶⁴, mostrando uma capacidade de abstração que pode ser útil no mundo do trabalho.

Com uma visível desenvoltura, algumas crianças chegam a lembrar “mini-adultos” em diversas situações. Em dias de campeonato de hipismo no clube, nota-se que existe interconhecimento entre os participantes mais assíduos, inclusive por parte das crianças. Já observei famílias nas quais os filhos manifestam grande autonomia para cumprimentar adultos, com beijos no rosto das mulheres e aperto de mãos nos homens no caso dos meninos, sem a necessidade de que os pais pedissem para que assim se comportassem. Também exibem liberdade para dar opiniões sobre os competidores, parabenizar outras crianças, fazer críticas, elogiar de forma bastante “natural”, como se fossem mesmo pequenos adultos. Numa das sessões de observação, presenciei uma cena na qual um instrutor acompanhava um menino em uma aula-teste, enquanto sua mãe e seu irmão conversavam com a Paula, coordenadora de hipismo, sobre a compra de um cavalo de 26 anos, considerado já velho. A mãe consultava o filho, de aparentemente 12 ou 13 anos, para decidirem se compensaria efetuar a compra de um cavalo tão velho, e o menino respondia interessado, parecendo que dominava o assunto, realmente interagindo como se o dinheiro para a compra do animal também fosse seu, isto é, manifestando fazer parte do gerenciamento do dinheiro familiar.

Priscila, 12 anos, ao contar sobre a atual situação financeira da família, revela apurado domínio da linguagem, talvez por ser filha de professores universitários e, portanto, um exemplo de confluência entre capital econômico e alto capital cultural, presença não tão frequente nas famílias associadas ao Equestre. Priscila emprega as palavras “nós” e “a gente” para se referir às decisões familiares, sugerindo que faz parte dessas decisões e que suas opiniões são levadas em conta. Também apresenta uma

⁶⁴ Embora as crianças e adolescentes estejam sempre “falando mal” de alguém, são raras as vezes em que elas se utilizam de palavrões para tanto, também porque eles se censuram entre si sobre o emprego de palavrões nas conversas.

percepção nítida das estratégias educativas de seus pais e os seus limites, assim como mostra ter ciência dos planos da família, relatando, inclusive, detalhes de trâmites econômicos efetuados por seus pais antes mesmo de seu próprio nascimento:

Priscila, 12 anos: E a gente tem uma... poupança, entre aspas, guardada pra quando a gente for fazer faculdade caso necessite, que é em torno de 100 mil reais, por aí. Mas a gente procura não gastar daquela poupança, que vai que algum dia necessita. E a minha mãe, ela ganha acho que 7 mil por mês. E meu pai ganha... 10, eu acho, alguma coisa assim. E meu pai foi convidado para trabalhar em São Paulo, que ele ganharia 7 mil e quando ele trabalhou em São Paulo pela primeira vez ele ganhou... em torno de 15 mil, então... eu não sei se ele vai aceitar, porque além de ele ficar, entre aspas, mais livre aqui, de conviver mais com os filhos tal, ele já, ele disse que cansa muito ir pra São Paulo todo dia e voltar. Então eu acho que ele não, mas nossa... condição financeira é muito boa, assim, a gente não é rico, mas a gente também não é exatamente uma classe média média. A gente tem o clube, tem o meu cavalo, tem a nossa chácara... embora a gente esteja gastando muito dinheiro agora por causa do hipismo – e meu pai tem falado pra mim que a gente tem que achar alguma... digamos assim, resolução mais barata, por causa que... senão ele vai ter que começar a tirar o dinheiro da poupança e não é um dos planos nossos.

Então, atualmente, a gente é uma classe média não exatamente média, mas não exatamente alta. A gente tá no meio termo aí. [...] Assim como a maioria do pessoal do Equestre, que é meio raro você encontrar alguém que tenha muito dinheiro, né? E, o clube, ele é caro o título tal, mas é 180 por mês, eu acho que só o título que é caro.

Karen: Uhum, é, o título tá agora, tudo, né - taxa de transferência e título - 44 mil reais.

Priscila: Então, é ou não é, é um carro, né? Então eu acho que... na vida você tem que fazer algumas opções. Que é... ter um clube ou ter um carro, você, atualmente, porque quando o meu pai comprou o título, ele pagou em torno de R\$ 20.000, um pouco menos, por causa que ele comprou há muito tempo atrás, quando era só ele e minha mãe.

Além disso, muitas crianças afirmam que seus pais delegam, a elas, a escolha de amigos, contudo existe uma “supervisão” e uma provável interferência caso haja desconfianças dos pais. Até mesmo nos casos das crianças e adolescentes considerados, por funcionários e outros sócios do clube, negligenciados pelos pais, ainda existem as formas de controle, como no próximo exemplo:

Talita, 16 anos: Eles não ligam muito, assim. Eles acham que, tipo, eu que tenho que escolher minhas amizades, tá certo. Ah, eles não controlam, mas antes eu tinha uns amigos que eram muito sem (*risos*), fora do normal. É que eles não viam que era mais eu do que os amigos, porque eu era muito louca, fazia muita coisa errada na escola e eles achavam que eram os amigos. Mania de pai achar que é o amigo, mas... aí eu vivia defendendo meus amigos, porque eu falava “Meu, não é, sou eu, se toca, enxerga”.

Karen: Você era má companhia pros seus amigos, é isso? (*risos*)

Talita: Eles também eram pra mim, é que formava, tipo, não tinha um culpado, era todo mundo numa bosta na época (*risos*). Mas hoje em dia eu vi que, tipo, eu até nem falo mais com essa menina, porque ela era muito também, muito louca, não vou. É que [há] fases e fases. Hoje em dia eles não são contra nenhum, não ligam.

Assim, mães e pais procuram que seus filhos desenvolvam autonomia para tomar certas decisões em suas vidas, desde que os pais acreditem que as crianças estejam, de fato, preparadas para assumir as vantagens e os riscos de suas próprias escolhas. A capacidade de tomar decisões com base nos prós e contras parece ser bastante útil no futuro ambiente de trabalho dessas crianças, sobretudo nos ramos empreendedores.

2.2.1. Negociação com os filhos e a questão geracional

Como busquei apontar ao longo do capítulo, desde muito jovens, as crianças são estimuladas a se posicionar em relação aos adultos e “se acham no direito” de dispor de determinados privilégios, como impor suas vontades, não hesitar em dar suas opiniões, em discordar deles, de provocá-los, de utilizarem de ironias, de interromper suas falas, corrigi-los, brincar com adultos como se fosse “de igual para igual”, desafiando mães, pais e funcionários⁶⁵. Também empregam um conjunto de estratégias para conseguir certas vantagens, como persuadir os pais da compra de um animal, tanto com argumentos bem pautados e articulados, demonstrando domínio da linguagem, como também fazendo manha ou birra enquanto forma de protesto, pois se consideram merecedoras desses e de outros bens. Apesar das crianças desses grupos sociais aprenderem a ser corteses com os adultos, podem existir momentos de tensão caso algumas delas sejam contrariadas, pois estão sendo educadas para não receberem ordens

⁶⁵ As crianças e adolescentes costumam desafiar os instrutores. Em uma sessão de observação, durante a aula do instrutor Anderson da escolinha, ele me havia avisado que as duas alunas daquele horário eram “respononas”, “não estavam nem aí” para o hipismo e que ele apenas conseguia ensinar algo se fosse com brincadeiras durante a aula. De fato, a aula das garotas foi um pouco tumultuada, elas resmungavam, sendo que uma delas disse “Fica quieto, Anderson!”, quando ele a corrigiu sobre a posição de seus pés.

sem questionar e negociar, como corroboram os momentos de escolha de cavalos na escolinha de equitação e as recusas à autoridade dos dirigentes do clube, discutido no Capítulo II, até porque as crianças os veem como sócios iguais a elas, mesmo que sejam adultos e com cargos de poder de mando, a exemplo do diretor de hipismo. Além disso, nas entrevistas, as mães dizem que desejam formar filhos éticos, honestos, que respeitem o próximo, que tratem a todos de modo igualitário, mas jamais mencionaram que procuram formar filhos “obedientes”. Assim, não surpreende que muitas crianças sejam vistas por outros pais e funcionários como mimadas, sendo tênue a linha que separa o que se considera autonomia e desrespeito.

O trecho seguinte traz uma reflexão interessante sobre o desenvolvimento precoce da responsabilidade, do autocontrole e da autoridade nas crianças e adolescentes oriundos da alta burguesia francesa, que parece ser, também, bastante apropriada para o caso das filhas e filhos analisados nesta pesquisa. Segundo Pinçon e Pinçon-Charlot (2002, p. 23):

Além de terem de assumir importantes heranças, esses jovens deverão transmitir a seus herdeiros a posição adquirida. Para o desempenho de tão pesada tarefa, torna-se indispensável cultivar o espírito de responsabilidade; ora, nunca é cedo demais para inculcá-lo. Ao disporem de uma grande liberdade aparente, em razão de sua fortuna, os jovens herdeiros devem aprender muito cedo a se controlarem, a serem a autoridade para si mesmos. Com efeito, não existe autoridade que possa ser superior à deles.

Conforme explicitado no primeiro capítulo, as crianças e adolescentes que permanecem o dia todo no clube o enxergam como uma segunda casa. Por exemplo, circulam pelo restaurante Alvorada com os pés descalços ou meias, sem sapatos. Rafael, 13 anos, diz saber que, na teoria, não poderia agir assim, pois “é um restaurante”, entretanto não o considera um restaurante, sentindo-se à vontade para se comportar como quiser e tornando indefinida a noção de uso coletivo e uso privado. Na única vez em que vi um dos proprietários chamando a atenção das crianças que se sentavam sobre

as mesas do Alvorada, percebi que elas prontamente obedeceram, mas fizeram “cara feia” quando o proprietário virou as costas. Rafael veio dizer-me que esse proprietário era “chato”, porque ele não levava em consideração que sua mãe pagava, mensalmente, uma conta grande de consumo ao restaurante. Aqui se vê, novamente, a ideia de apropriação do espaço coletivo pelas crianças, mesmo que de formas consideradas inapropriadas por muitos adultos, porque se pagou para ali estar.

Embora para grande parte dos funcionários do clube e para algumas mães e, até mesmo, adolescentes, essa manifesta autonomia e liberdade sejam vistas como desrespeito, a maioria das mães entrevistadas atribui, até com uma certa naturalização, à questão geracional essa mudança de comportamento dos filhos em relação aos pais e vice-versa, transformação que tem acompanhado todos os grupos sociais. Os conselheiros profissionais (pedagogos, psicólogos, educadores) desempenharam um papel fundamental nessa transformação sobre as melhores maneiras de se educar as crianças, como não mais utilizar a punição física para castigar as crianças e, sim, a conversa e a negociação a fim de *explicar* para o filho onde ele errou. As famílias dos grupos médios e altos, bastante influenciados pelo universo escolar, parecem acompanhar as novas tendências e visões sobre a educação dos filhos. Embora as mães entrevistadas afirmem que reclamavam de seus pais na infância e adolescência e, hoje, reconheçam que “fazem as mesmas coisas com os filhos”, elas acreditam que, atualmente, existe mais diálogo e maior abertura na família, inclusive sobre relacionamentos afetivos e relação sexual, assuntos que não eram conversados com seus pais:

Emma, mãe: Acho que tudo que eu aprendi em casa eu tento passar pra Karina. É lógico que hoje em dia, os tempos mudaram. Então, por exemplo, a Karina me fala coisas ou, enfim, muitas vezes se posiciona em relação a mim, que se eu fizesse isso com a minha mãe era... no mínimo um tapa na bunda, (*risos*) um castigo. Acho que hoje em dia mudou

um pouco. Mas, assim, eu acho que os valores básicos... eu tenho de pequena e eu acho que eu passo pra ela também. Eu acho até que ela tá assimilando.

Roberta, mãe: Ah, eu acho que eles foram muito severos, foram muito rígidos, eles não foram nada flexíveis assim, meu pai foi criado assim, acho que... é, [eu] gostaria de ser mais *light*, entendeu? E claro, é hoje a gente dialoga muito mais, né, Karen, antigamente o meu pai falava, só de eu ouvir, olhar pra cara dele eu já obedecia, sabe. Hoje em dia, eu não entendia porque às vezes ele ficava bravo comigo...

Karen: Mas chegava a bater, às vezes, também, quando fazia...

Roberta: Levei tapa no bumbum, no bumbum, mas eu não fiquei nem um pouco revoltada com isso, achei que foi merecido, entendeu. Porque, assim, algumas vezes eu ficava com raiva - "Por que que você, o que que eu fiz de errado?" -, eu não entendia. Hoje em dia, não explico muito, mas eu explico, porque tem muita coisa que ela [a filha] não entende.

Regina, mãe: Ah, tudo, a gente fala que vai fazer tudo diferente [dos nossos pais], mas faz tudo igualzinho, igualzinho (*risos*). Às vezes, eu fico com medo, me pego cometendo os mesmos erros, vamos colocar, né, aquela coisa de proteção: "Toma cuidado! Ah, vai beber, mas toma cuidado" com a minha filha mais velha. Com o [caçula]: "Ai, cuidado com quem você se envolve" (*risos*). As mesmas palavras, os chavões que o meu pai e minha mãe usavam. Então, eu acho assim, que isso é uma coisa igual genética, você não consegue tirar isso da tua frente. Por mais que você fale que você vai fazer diferente, lógico, hoje a gente vive num mundo diferente, tem muito mais liberdade, hoje eu converso com a minha filha sobre relação sexual muito mais abertamente que com a minha mãe. É claro, algumas coisas mudaram. Mas o principal é igual, sabe, o amor, também a liberdade, não se deixar prender por coisas fúteis, porque a gente, como ser humano, se prende muito à matéria, a coisas que passam. Então isso eu passo demais pra eles. Hoje tá aqui, amanhã, quem sabe?

Cleusa, mãe: A única coisa que eu acho que antigamente a gente era mais... reprimido assim, então você saía menos, você tinha menos informações e, assim, tinha muito medo, né? Hoje em dia não, hoje em dia a gente sabe que até é melhor você deixar um pouco exposto pra que possam fazer as escolhas e serem apresentado a tudo, e daí você escolher, você saber o que você vai querer fazer. E acho que, antigamente, a gente não era assim, então tudo era muito com medo, então você não podia namorar, você não podia sair, você não podia beber, você não podia fazer nada, aí as coisas eram bem escondidas, hoje eu acho que já não (*risos*). Hoje, por exemplo, a minha filha de 13 anos, ela fala pra mim "Não, porque não sei o que", até eu brinco com ela "Não, porque não sei quem beijou, não sei o que, e você não beija?" (*risos*). Porque o vizinho beija, né? Então aquela beija, aquela namora, "E você, você não namora, você não beija?" (*risos*) e, assim, a satisfação que eu diria é que a minha filha de 18 anos quando ela beijou, a primeira pessoa que ficou sabendo fui eu. Então isso eu acho que acontece nos dias de hoje e no meu tempo não acontecia, porque a gente escondia o máximo, porque a gente não podia namorar. Eu acho assim, seria a repressão mesmo, eu acho que eu - eu tenho 43 anos -, eu tive um pouquinho disso, a minha mãe era bem rígida assim e tal, a gente não falava, assim, algumas coisas... (*risos*).

Luís, pai: Tá certo, eles [seus pais] viveram numa outra fase, eles têm... aí eu até comparo com o cavalo: doma racional e doma irracional. Antigamente se domava cavalo na porrada. Hoje não, hoje em 20 minutos o Monty Roberts doma o cavalo com agrado e tal. E eu acho que é por aí, não tem, eu nunca fui espancado, nem nada, mas, sabe, eu acho que vai da pessoa também ter paciência, entender que a criança precisa criar o gosto por aprender, por fazer a coisa certa e tal. Não se sentir obrigada a ter que estudar, sabe, antigamente eu tinha que estudar, tinha que tirar, pô, eu só queria saber de brincar...

Quanto ao último excerto, a referência a Monty Roberts⁶⁶ indica uma comparação importante entre os modos presentes e passados de se educar as crianças com as maneiras utilizadas para domar os animais no hipismo. Roberts é um treinador de cavalos que se tornou notório por desenvolver o método “doma racional”, também conhecido como “doma gentil”, o qual corresponde a uma forma não-violenta de treinar esses animais. A técnica tem como base fazer com que o cavalo “colabore” com o treinador em vez de apenas forçá-lo a executar os movimentos. O cavalo deve ser convencido a realizar o que dele se pretende de maneira *voluntária*, sendo que o treinador procura se adaptar à mentalidade do animal, compreendendo as percepções que cavalos e éguas têm do ambiente ao seu redor. Assim, numa ideia de “juntar-se”, de “unir-se” (“*Join~Up*”), ser humano e animal estabelecem uma relação de confiança, de entendimento e respeito recíproco, o que promove maior eficiência do conjunto. Roberts - que cresceu apanhando de seu pai e o vendo empregar técnicas violentas para domar os cavalos, visto que também era treinador -, acredita que seu método serve tanto para treinar animais quanto para educar seres humanos. Ao que tudo leva a crer, mães e pais procuram agir de modo similar quanto às práticas educativas direcionadas a seus filhos.

Como se observa, as estratégias educativas das famílias atualmente, ao que parece bastante influenciadas pela geração de seus pais, implica menor rigidez no trato com os filhos e maior “leveza”, sem deixar de repassar os valores considerados “básicos”. Um argumento comum entre as mães é que seus pais exerciam uma “super proteção”, “o medo excessivo de deixar a coisa fluir”, como disse Maria, o que procuram evitar na educação de seus filhos. Maria é mãe de Laís, 14 anos, e de Marcela, 8 anos:

Maria: De tudo... de segurar em casa, de... restringir mesmo, sabe? A minha mãe até pra me deixar ir pra escola era problemático, e eu sofri um bocado. Então você fica inseguro,

⁶⁶ Nascido em 14 de maio de 1935, na Califórnia, Estados Unidos, Monty Roberts é autor de vários livros, incluindo o bestseller *O Homem que Ouve Cavalos*, de 1996.

acho que a palavra é essa. Então, por muito tempo, eu era incapaz de fazer alguma coisa sozinha. Então precisava ter alguém comigo pra comprar um sapato, pra ir num lugar, imagina, eu mudei pra *[cidade em foco]*, eu num ia, eu moro em *[distrito da cidade em foco]*, eu não vinha pro centro, eu já era casada, porque eu tinha medo de vir pro centro sozinha, eu tinha que ter uma pessoa... Então essa coisa que eu não quero passar. As meninas... eu nunca tive esse problema de deixar na escola, tem mãe que fala “Ah, eu fico com...”, eu não tenho culpa, eu acho que é isso mesmo, tanto que quando ela foi pra escola, a moça que ficava lá, tinha sido professora da Laís, falou: “Ah, se a Marcela chorar...”, eu: “Você vai pegar a Marcela e vai mostrar como o *[nome da escola]* é legal, você não vai ligar pra mim”, porque as mães tavam saindo: “Ah, se ele chorar, você me liga”. “Não, se ela chorar, você vai levar ela pra ver como tem o parque, a Branca de Neve, tudo o que tem de bom aqui na escola, você não vai ligar pra mim”. Ela falou: “Você é maluca!”, falei: “Não, não sou, porque tudo o que tem de bom tá aqui dentro”. Então eu não posso falar: *(choramingando)* “Ah, qualquer coisa você liga pra mamãe”... *(determinada)* Não: “Você vai ligar em duas situações: se ela cair e machucar grave, que o gelo não resolva, se ela tiver uma febre que o Melhoral Infantil não corta. Nesses dois casos você vai ligar pra mim, no mais, você não vai ligar, você vai distrair ela aqui”. Então, porque minha mãe era assim, então você fica com medo de tudo, e isso eu não quero pra elas, esse tipo de coisa eu não quero, se bem que meu marido segura um bocado, mas deixa elas verem tudo, elas têm acesso, acabaram de ganhar um computador cada uma, que antes a gente brigava, era três pra usar o mesmo, aí ele comprou essa semana chegou e tal, quer dizer, a gente dá o acesso, aprender as coisas e tudo, mas essa coisa, mesmo quando elas caem do cavalo, fica um estresse, as outras mães, elas falam: “Você é isso, você é aquilo”, não, eu não preciso sair correndo, não é qualquer coisa que eu vou chamar, vou levar na ambulância, né. Meu pai ficou doente, elas sabiam tudo, quer dizer, eu sou bem realista, não quero criar ninguém num mundo cor de rosa. A Laís tinha uma amiga, que a mãe lia o jornal pra ela, porque assim só lia as coisas legais. Não, na minha casa não, quando meu marido tomou o tiro, ela *[Marcela]* tinha 10 meses, a Laís já tinha 7 anos...

Karen: Ah, nessa tentativa de assalto aconteceu isso?

Maria: É, por isso que foi, é, ele tomou três tiros. E aí a Laís me perguntou: “Que que aconteceu com o papai?”, eu falei: “Ele machucou a mão” - porque o tiro desviou, enfim, na camionete e pegou na mão -, ela falou: “Não, meu pai foi assaltado, não foi, o bandido deu um tiro nele”, eu falei: “Foi. O seu pai foi assaltado, o bandido deu um tiro, pegou na mão, pegou de raspão no braço, mas ele tá bem, e você vai ter que me ajudar: você vai ficar no seu avô, sua irmã vai ficar no seu avô, porque eu vou lá hospital ver o papai”, “Tudo bem”. Ela chegou na escola no dia seguinte contando: “Meu pai tomou um tiro ontem”. Não, quando eu cheguei pra buscar, as professoras tavam ensandecidas, “Como tomou...?”, “Tomou um tiro”, “E como você conta isso pra menina?”, “Desse jeito, que ele tomou um tiro, o pai tá dormindo em casa, ela viu o pai”. E assim a gente procura fazer tudo, então não escondo nada, não douro nada. Meu pai ficou doente agora, “O que o vovô tem?”, “Uma doença incurável”, “Ele vai morrer?”, “Vai!”. *(pausa)* E morreu! Então é isso, essa coisa que eu não quero, então eu quero que elas sejam assim, enfrentem as coisas assim, que possam fazer as coisas sozinhas, que não fiquem dependentes de mim pra tudo, apesar de eu estar muito presente, delas ficarem comigo o tempo todo, elas não são dependentes de mim, ninguém precisa de mim - se eu não tiver ninguém dorme, se eu não tiver ninguém come -, lógico que se eu tiver, elas tão comigo o tempo todo, mas eu fiquei com o meu pai no hospital e elas ficaram com o pai. Ninguém me ligou chorando, ninguém teve ataque, ninguém teve nada. E eu não conseguia ficar sem os meus pais. Eu não conseguia ficar sem a minha mãe. Não conseguia dormir na casa de uma tia sem a minha mãe. Eu tinha um, bom, dois anos a minha mãe me levava na escola, porque eu não conseguia ficar na escola sem ela. Então isso eu não quero pra elas.

Para tanto, mães e pais se utilizam de várias estratégias, como participação em programas de intercâmbio estudantil internacional, a fim de tornarem as crianças pessoas independentes em relação aos pais, além de desenvolverem a chamada “abertura para o mundo”, serem mais tolerantes, “abrirem a cabeça, a mente” e “expandirem os horizontes”⁶⁷. Grande parte das escolas vai ao encontro desta “filosofia”, como o renomado colégio alemão, com elevada frequência entre as crianças e adolescentes do hipismo, onde estudam os filhos de Eliza, Caio de 14 anos e Vitor, 10 anos, matriculado na escolinha de equitação. Esse colégio apregoa que a capacidade de se comunicar em idiomas estrangeiros corresponde a “uma necessidade absoluta” no mundo atual, cada vez mais globalizado, e se tornou imperativo para qualquer profissão. Nesta escola, as crianças aprendem, além do português, alemão, inglês, espanhol e “provavelmente ainda francês”. Em idioma alemão, o *site* da escola indaga: “Onde, no mundo, eles não se dariam bem com isso?”. Também investem nas capacidades correlacionadas com o desenvolvimento do espírito empreendedor, como os cursos de Comércio Exterior e Relações Internacionais.

Eliza, mãe, 40 anos: Eu sou [a irmã] mais velha. Então, assim, isso eu não gostava, dessa demonstração de poder [do meu pai] na frente dos outros, entendeu? E a gente sempre foi muito podada. Então eu nunca pude fazer nada, então era assim: ia não sei aonde... Olha, eu lembro até hoje, quando eu fiz 15 anos, ele deu um dinheiro pra mim e um dinheiro

⁶⁷ Muitas vezes planejadas com meses de antecedência, as viagens fazem parte do estilo de vida desse grupo e as crianças crescem acompanhando os pais em trajetos nacionais e internacionais e tendo contato com programas de intercâmbio estudantil em suas respectivas escolas. Assim, “viajar” está entre um dos hábitos mais valorizados entre as famílias pesquisadas e as crianças aprendem, desde cedo, a “tomar gosto” por isso. São frequentes as conversas sobre as viagens realizadas nas férias e os lugares visitados, perceptível pelos objetos que algumas mães e crianças levam para o clube, como alimentos típicos, produtos de higiene e cosmética não encontrados à venda no Brasil, roupas, jóias e modernos aparelhos eletrônicos. Em geral, os destinos nacionais incluem praias do Nordeste, muitas vezes com estadia nos grandes *resorts*, a região Sul do Brasil e a frequência a cruzeiros. Bastante citadas são as cidades de Monte Verde em Minas Gerais e Campos do Jordão em São Paulo, onde, inclusive, algumas crianças montaram cavalos pela primeira vez e demonstraram interesse pelo hipismo a partir de então. Os destinos internacionais são mais homogêneos, com predominância de países vizinhos como Argentina e Chile, e mais distantes, quase sempre o continente europeu e os Estados Unidos, sendo um destaque a viagem para a Disney World, na Flórida, que constitui um roteiro fortemente valorizado entre os adolescentes do setor de hipismo do clube e do seu grupo social. Não por acaso, entre as mães entrevistadas, “viajar” foi a resposta mais recorrente à pergunta sobre o que elas fariam se não precisassem mais trabalhar.

pra minha irmã, daí ele falou assim: “Olha, tá aqui, vocês fazem o que vocês quiserem com esse dinheiro”. Daí eu e minha irmã falamos assim: “A gente vai, vamos pra Disney, não sei que, tal”, tinha dinheiro, tinha tudo... Só que, assim, você acha que uma menina vai, [fala] “Eu vou pra Disney e vai”? Eu falei assim: “Não, não é assim que se faz as coisas”, sabe? Então assim... eram umas coisas, assim, que era pra podar mesmo. Daí eu queria muito, meu maior sonho era fazer intercâmbio fora. [Meu pai falava]: “Ah, vai procurar saber”.

Karen: Você tinha 15 anos?

Eliza: É, eu tava no colegial, né. Então, assim, sabe o que é nunca? Porque tudo o que fosse pra se separar deles, eles nunca apoiavam. E isso é uma coisa que eu trabalho completamente ao contrário com meus filhos. Tanto que, por exemplo, o Caio, com 11 anos, ele foi pra Finlândia no CISV. Não sei se você já ouviu falar do CISV. É *Children's International Summer Villages*. Entra uma vez no *site* cisv.org.br. É muito legal, porque eles trabalham a criança... é assim: a criança entra com 10 anos, tanto que o primeiro programa é esse final de semana, o Vitor tá entrando no primeiro programa. O Caio já fez mais de dez programas. Daí, ela entra com 10 anos e com 11 anos ela faz a primeira viagem internacional sozinha. “Sozinha” é: uma delegação de quatro crianças, dois meninos e duas meninas e o líder. O líder geralmente tem 18 anos, é um jovem que já passou por isso, então já fez todos os caminhos e com 18 anos se tornou líder.

Eles analisam o seu perfil pra ver se você tem perfil pra ir pro *Villages*. Porque você imagina mandar uma criança prum país sem essa criança ter o perfil. O psicológico da criança é avaliado nesse primeiro ano, entendeu? Então o Vitor, eu tenho minhas dúvidas quanto a isso. Então, é justamente o contrário de tudo o que eu vivi. Como eu fui podada pra tudo, eu falo: “A gente cria os filhos pro mundo. Dando estrutura, você vai ver que eles conseguem”. Que nem aqueles negócios... o que eu penso, assim, muito é [sobre] negócio de droga, né. Eu não fumo nada, nunca fumei. Fiz faculdade de Arquitetura, quando era assim... era muito menos do que deve ser hoje, entendeu? Mas eu lembro de ir em festas que a maconha rolava, era cocaína, esse tipo de coisa e tal. Eu nunca cheguei nem perto. Hoje, eu sei que é muito por medo mesmo. E também porque eu pensava nos meus pais, eu falava assim... primeiro que não era o tipo de coisa que eu queria fazer, segundo que eu tinha medo, terceiro que eu falei assim: “Ia ser uma decepção enorme pra eles”, sabe? Mas primeiro mesmo era por mim. E, pros meninos, hoje em dia, nesse mundo em que a droga é muito pesada, o que eu penso é o seguinte: eu tô tentando fazer o meu melhor, não quer dizer que eu tô fazendo, conseguindo fazer, mas eu tô tentando. Eles vão cair pra esse mundo mesmo. E caindo, mas tendo a cabeça no lugar... se eu conseguir dar estrutura pra eles, quando eles tiverem lá fora, e eu não vou estar perto pra falar “Olha, isso tá errado”, eles vão poder discernir: “Ah, não, isso tá certo, isso aqui não tá certo”. Eles fazem as escolhas deles. Então, isso é um aspecto que eu faço diferente dos meus pais. Faço questão. Porque é muito ruim, porque... eu sou uma pessoa, eu, por mais que você me veja assim, eu sou uma pessoa que não consegui ir pra lugar nenhum sozinha. Por exemplo, assim, pra fora, né. Eu vou pra São Paulo, eu viajo, assim, tudo bem, tranquilo. Mas se for pra encarar uma coisa grande, eu fico travada, até hoje. Isso é muito ruim, muito ruim.

Algumas mães, sobretudo aquelas que vieram de origem social menos privilegiada, também se preocupam em desenvolver uma disposição para que seus filhos “corram atrás” do que almejam na vida, embora reconheçam que as crianças dispõem de mais benefícios e vantagens hoje do que eles próprios vivenciaram na infância e adolescência. Cleusa, cuja mãe trabalhava no estoque de uma empresa e o pai

era mecânico, ambos pouco escolarizados, atualmente é proprietária de um haras junto de seu segundo marido e considera gozar de uma boa situação financeira. Não obstante, cresceu em meio a preocupações com dinheiro: “tanto é que eu fui trabalhar - que eu queria estudar em colégio particular -, eu tive que trabalhar durante o dia pra estudar no colégio, é que eu quis fazer técnico, aí eu tive que trabalhar pra poder pagar, senão não dava, não dava”. Mãe de duas meninas do primeiro casamento, Cleusa comenta:

Então, o que eu sempre passei pra elas é que, assim, eu não gosto de nada pronto, sempre tentem buscar as coisas, o que vem pronto é muito fácil. Uma que você não dá valor e você não aprende. Então o que eu sempre digo é isso: “Se você quer que uma coisa fique bem feita, faça. Se você quer resultado, busque, nunca fique esperando, nunca pegue pronto”. Então, isso vai fazer com que você aprenda, isso vai fazer você mais forte, e um diferencial, porque hoje se você não tiver, você não consegue. Então, tudo, conforme as coisas vão passando, os dias, os anos vão passando, tudo vai ficando mais difícil, então eu acho que você tem que ter a vontade de fazer, ir lá, buscar e não ficar na sombra de ninguém.

Ao que tudo indica, mães e pais estão imprimindo o valor do “protagonismo” em suas filhas e filhos, de “tomar as rédeas” da própria vida, de serem capazes de enfrentarem os perigos, vencerem as dificuldades e saírem vitoriosos. Como se vê, essas características são, frequentemente, creditadas a empreendedores que obtiveram sucesso em seus negócios, sem permanecer “na sombra de ninguém”. Assim, influenciadas pela educação recebida de seus pais, as mães não querem que seus filhos desenvolvam medos que podem tornar-se obstáculos para a realização de seus sonhos, vontades e desejos. Para que isso não ocorra, consideram importante inculcar, nos filhos, a autonomia em relação aos pais, com o objetivo de que eles sejam independentes onde quer que estejam, sem receio de seguir adiante para realizarem, por meio de seu próprio esforço, grandes feitos ao longo da vida.

As crianças e adolescentes, por sua vez, também apresentam reflexões acerca da educação recebida de seus pais e o que entendem, hoje, que fariam diferente caso

tenham filhos no futuro. Talita, filha de pais separados, critica-os porque acredita que sejam “infantis”, mostrando que, apesar de não aceitar ordens cegamente e se auto-intitular “rebelde”, considera que mães e pais devam exercer a autoridade deles esperada. Disse rindo, uma vez: “Tenho muito mais respeito por um cavalo do que pelos meus pais”.

Talita, 16 anos: Ah, eu acho que eles são muito infantis comigo, assim. É porque, minha mãe é muito nova, e meu pai é muito mais velho que minha mãe.

Karen: Quantos anos sua mãe tem?

Talita: Minha mãe tem 30 e poucos. Ela é uma criança. Ela é mais criança que eu, ri de tudo, sai, vai com laço na cabeça o dia inteiro. Louca! Eu gosto dela, adoro, mas, tipo, acho ela muito infantil assim, sabe. E eu, acho que pra mim, não me mostraria assim pro meu filho, porque acaba ficando sem autoridade nenhuma, acho meio tosco. Meu pai, ele é mais velho, mas eu acho ele infantil igual, tipo, fazer birra, sabe?

Karen: Ele tem quantos anos?

Talita: Ele tem 40 e tra-lá-lá.

Karen: 40 e poucos.

Talita: É, é quase 8 anos mais velho que minha mãe. Não sei quantos anos...

Caçula da família, o único pai entrevistado tem duas irmãs mais velhas com diferença de 7 e de 8 anos de idade e diz ser “super mimado” pelos seus pais até hoje. “Eu sempre bati muito o carro, sempre fui muito moleque quando era jovem”. Hoje em dia, aos 45 anos, não aprecia o fato de ter sido mimado e procura agir de modo diferente na educação de suas filhas - “Não pode, não vou nunca saber me virar sozinho, sabe?”, “eu quero caminhar com as minhas pernas”.

Luís, pai, 45 anos: Amadurecimento, eu acho que é o ponto ideal. Eu sempre fui muito tratado como criança, eu sempre fui muito brincalhão, isso é uma coisa que eu já falei muito aqui. Ninguém, nem minhas filhas, sabe, porque eu brinco muito, eu faço muita palhaçada. Meu amigo, tem um amigo meu que morou na Inglaterra há 21 anos e ele falou: “Você tem o típico humor inglês. Você tira sarro de você mesmo”. Porque todo mundo tira sarro de mim, vem, me cutuca, me enche. Eu tiro sarro, eu não quero briga, sabe, eu não ligo pra nada (*risos*). E isso tudo faz com que as pessoas percam o respeito um pouco. Até minhas filhas, sabe? Então, por elas, eu tô aprendendo, tem hora que - pô, 45 anos -, tem hora que tem que ser mais maduro. Eu não vou deixar de brincar, eu não vou deixar de ser bem humorado, mas tem hora que é pra ser sério, tem hora que... Meu pai mesmo, ele vem com muita brincadeira, eu fico sério. Eu não vou cair na brincadeira, porque... não vou, tem hora que é pra brincadeira, tem hora que... Tem hora

que o cliente meu, que eu brinco. Tem cliente meu que eu sou sério, tudo depende do cliente [com quem] eu tô. Depende do momento, tem que ter um certo quebra-gelo, uma brincadeirinha. Mas, com as minhas filhas, eu tô levando muito isso muito a risca, sabe. A Beatriz, a Beatriz é super séria, a Beatriz é mais velha, super séria, é uma menina super cabeça. E eu já vi com ela - ela gosta de brincadeira, mas não gosta de muita brincadeira - ela quer ver um pai mais sério, sabe. Então, com ela, eu já não brinco tanto, eu falo mais sério, eu converso mais, sabe, mais assuntos mais diretos e tal. Com a Flavinha já faço minhas brincadeirinhas, já falo com outra vozinha: “Oh, Flaflá, comé que tá?” (*risos*). Só que, por ela, eu acho que eu não devo levar muito à frente isso, ela tá com 10 anos, ela tem que amadurecer.

Assim, tendo em vista um ideal de paternidade, este pai acredita que se mostrar infantil para as filhas trará consequências negativas para elas no futuro, pois poderão tornar-se como ele vê a si mesmo: “mimado” aos 45 anos, que “não sabe caminhar com as próprias pernas”. Para tanto, assim como Talita, este pai evoca a ideia de “amadurecimento” para se referir ao que espera de uma pessoa adulta e com filhos, que saiba “se virar sozinha” e que não apresente comportamentos considerados “infantis”, como “fazer birra” e praticar brincadeiras a ponto de perder a autoridade frente às crianças.

Quanto a essas mães e pais, tamanho engajamento ativo e difuso, no sentido em que aponta para várias direções, encontra sua razão de ser na finalidade de formar filhos felizes.

2.3. Busca da felicidade individual

Todos os esforços das mães e pais, a tamanha centralidade das crianças, são voltados para o objetivo máximo de que os filhos sejam *felizes*, um valor amplamente difundido entre este grupo social. As crianças são estimuladas a desenvolver autonomia, a opinar, a escolher o que querem fazer, o que gostam, desde que estejam no “caminho certo”, caminho este constantemente controlado pelos pais de forma nem sempre explícita. Como já expressei, mães falam em “dar uma boa estrutura” aos filhos para não

precisarem forçar ou obrigar a nada e, principalmente, para que sejam felizes buscando a realização dos seus próprios desejos:

Denise, mãe: Que tipo de pessoa [eu gostaria que eles fossem...?] Bom, felizes! (*risos*) Felizes eu digo... no sentido de fazendo o que gostam, trabalhando, porque não tem como você fugir disso, né, trabalhando, mas fazendo o que gosta, porque eu acho que isso aí é meio caminho pro que a gente chama de sucesso. Eu acho que quando você faz o que você gosta, você faz com entusiasmo, então a chance de dar certo é maior. Então eu espero assim, que eles descubram o caminho que façam eles felizes. Sucesso é entre aspas, mas é que eu acho que uma coisa puxa a outra...

Cleusa, mãe: Olha, quando elas eram pequenas, a minha maior um dia, a professora perguntou pra ela o que que ela ia ser quando crescer, ela falou “A minha mãe falou que eu tenho que ser feliz”. Então, primeiramente, eu gostaria que elas fossem felizes (*risos*). E, assim, a busca é terem boa qualidade de vida, que elas saibam fazer as escolhas, porque em cima das nossas escolhas seremos felizes ou não. Que tenham, trabalhem no que gostem, por exemplo, a minha maior, ela quer fazer Biologia, ela mesmo fala: “Mãe, eu sei que, assim, pra ganhar dinheiro vai ser complicado, mas eu quero fazer o que eu gosto”, a não ser que vá pra área de pesquisa, que é diferenciado. E... o que eu acho, que eu, que é possível, é desde que você busque, desde que você tenha uma boa formação, que você tenha uma base familiar, o sucesso vem mais fácil. Que você tenha tudo isso por baixo. Então, o que eu gostaria é que elas fizessem boas escolhas, tivessem sucesso no que elas escolhessem.

Embora não seja intrínseco a esse grupo social o fato dos pais quererem filhos felizes e, ao mesmo tempo, bem sucedidos – contradição explorada com muita argúcia por Singly (1996) -, é em meio a essas famílias que a felicidade se torna um *projeto* de vida, com espaço para que as crianças e adolescentes possam “experimentar” a fim de que “descubram” seus prazeres, gostos, aspirações profissionais e se sintam “realizadas”. Como se observa, parece que existe quase que uma necessidade de as crianças serem felizes, até como um dos modos mais eficientes para se alcançar o sucesso. Se a felicidade dos filhos significa o êxito pessoal dos pais, a infelicidade das crianças, ou mesmo quadros de depressão e rebeldia, aponta para o fracasso dos pais quanto às práticas educacionais, justificando, em partes, as fofocas em relação às mães que “abandonariam” os filhos e nem “perceberiam” o que se passa com eles. Contudo tal felicidade não deve obscurecer o fato de que várias mães afirmam que são elas que

mandam e que os filhos têm que obedecer. Existe, portanto, um projeto para a educação das crianças e os filhos são criados para se tornarem felizes com este projeto. Quando isso ocorre, pode-se classificar o caso como socialização bem sucedida, ou seja, quando o indivíduo acha que está fazendo por escolha própria aquilo que as gerações mais velhas esperam que ele faça, como “serem independentes”, “protagonistas”, “enfrentarem as dificuldades”, “saberem discernir entre o certo e o errado”, “esforçarem-se para conseguirem o que querem” entre outros. Logo, a meritocracia também parece figurar entre os valores mais estimados por esses grupos, como expressa um dos colégios: “O grande mérito é ter as coisas que conquistamos como resultado legítimo de nosso próprio esforço”. Desta forma, as crianças aprendem a gostar daquilo que foram, desde muito precocemente, educadas para tanto.

No próximo e último capítulo, trato da construção de outras habilidades/capacidades consideradas dignas de pessoas de sucesso, desenvolvidas através de um dos meios mais empregados por esses grupos: a frequência a atividades extracurriculares. Pretendo demonstrar que a prática do hipismo, particularmente, incute uma disposição para o comando nas crianças e adolescentes.

CAPÍTULO IV

A PRÁTICA DO HIPISMO E O DESENVOLVIMENTO DE DISPOSIÇÕES PARA O COMANDO

A escolha das práticas esportivas, como observou Bourdieu (2004), não ocorre isoladamente do conjunto de práticas e consumo dos grupos sociais, relacionando-se com a estrutura de capitais possuída, tanto o capital econômico, quanto o social e o cultural. Para o autor, o sociólogo deve “estabelecer as propriedades socialmente pertinentes que fazem com que um esporte tenha afinidades com os interesses, gostos e preferências de uma determinada categoria social” (p. 208). No caso dos esportes considerados “nobres” e, em particular os esportes hípicas ou o golfe dos clubes, não apenas seus aspectos econômicos se tornam evidentes - pela exigência de gastos -, mas eles também se inscrevem nos eventos de trocas que caracterizam a “vida em sociedade”, em nome das atividades “desinteressadas” que permitem os encontros selecionados e, por meio deles, manter e diversificar um determinado capital social (Saint Martin, 1989: 22-23)⁶⁸.

A exemplo das informações sobre custos de aulas, campeonatos e acessórios apresentadas no capítulo II⁶⁹, o hipismo clássico é considerado um esporte aristocrático

⁶⁸ Basta lembrar a criação do Jockey Club de São Paulo que, assim como os demais clubes seletivos criados no final do século XIX no Brasil e na Europa, teve como fundadores “jovens e senhores da elite empresarial paulista”, entre eles o conselheiro Antônio da Silva Prado e o filho do Barão de Itúque – este último enviado para estudar na Inglaterra e que, na ocasião do seu retorno, engajou-se nas corridas de cavalos, esporte que vivia seu grande apogeu na Europa (<http://www.jockeysp.com.br>). Lembro, também, a criação, dentro do mesmo estilo, dos Automóveis Clubs. O de Minas Gerais evidencia esta “vida em sociedade” na abertura do seu *website* com a frase “O Automóvel Club é reconhecido pela sociedade belorizontina como seu lugar mais nobre para encontros, jantares, recepções, verdadeira referência de excelência” (<http://www.automovelclubemg.com.br>).

⁶⁹ As inscrições nas provas variam de acordo com o tamanho do campeonato e a altura dos obstáculos. Em geral, as crianças e adolescentes da escola de equitação pagam R\$ 100 para participar das provas no clube, já uma prova de adestramento da Federação custa por volta de R\$ 1.000 apenas para poder participar. Os prêmios das provas no hipismo são baixos e também variam quanto à categoria do atleta. Em campeonatos menores, por vezes não se distribuem prêmios nem mesmo para os três primeiros

por requerer altos investimentos financeiros, mas também porque, desde seu início, foi associado às elites militares e nobres. Ao longo do período em campo, meus informantes iam inteirando-me a respeito de algumas pessoas que praticavam salto e frequentavam as competições, como “donos de empresas enormes, donos da Nestle, donos da Bom Sabor”, também proprietários de complexos hospitalares, de conhecidas escolas particulares de inglês e suas franquias, de cartórios em bairros nobres da cidade entre outros. “Tudo salta”, “é muita grana”, concluiu Letícia, estudante de Engenharia. Como se observa, o hipismo prossegue associado às elites econômicas no Brasil e serve para enfatizar a posição social desses grupos.

Não surpreende que, em comparação com os esportes coletivos de massa, como o futebol, são poucos os praticantes de hipismo no Brasil. As famílias que têm um maior envolvimento com o hipismo, cujos filhos, ou mesmo os pais, treinam todos os dias e participam de atividades competitivas frequentemente, fazem parte de um grupo com certo grau interconhecimento no país, porque costumam encontrar-se amiúde nos campeonatos. Além das competições, existe a troca de informações sobre a compra e venda de animais em âmbito nacional e internacional, em particular a Europa, e sobre os profissionais do meio, como instrutores, veterinários, tratadores. Depois de um determinado nível, quando os praticantes começam a se dedicar e a “viver o hipismo”, o círculo de famílias se reduz ainda mais e a maioria se conhece. Segundo a mãe Regina, “é um esporte bacana, é um esporte legal, é um esporte que integra muito a família, que a família tá sempre próxima, não tem esse negócio, ah, igual futebol: ‘Vou com o time’. Não, para as provas, você vai com a família sempre, entendeu? Então isso é bacana”.

colocados de cada modalidade. Além disso, cada foto tirada nos campeonatos por fotógrafos profissionais, por exemplo, custam R\$ 10, também a comida oferecida nesses lugares aparenta ser mais cara que a média dos restaurantes e lanchonetes da cidade. Um dos jovens profissionais do clube, que também ministra aulas nas pistas particulares, disse ter gasto em torno de R\$ 70.000 em cavalos e competições no primeiro semestre de 2011, sendo que uma parte foi paga pelo patrocinador e seu pai custeou o restante.

A formalização do hipismo, enquanto prática esportiva, deu-se no final do século XIX, aparecendo, pela primeira vez, como demonstração nos Jogos Olímpicos de Paris, em 1900. Dois anos depois, foi reconhecido, oficialmente, como esporte olímpico nos Jogos de 1912, em Estocolmo na Suécia. Embora parte dos praticantes entenda o hipismo e a equitação como se fossem a mesma atividade, alguns informantes assinalaram que a equitação seria mais abrangente que o hipismo, correspondendo à arte ou à técnica de montar a cavalo de modo geral. O hipismo, por sua vez, compreende um esporte realizado pelo conjunto (cavalo e cavaleiro), englobando várias modalidades, como salto, adestramento, CCE, enduro entre outros. Na modalidade salto, praticada pelas crianças focalizadas nesta pesquisa, o conjunto tem que saltar uma série de obstáculos num determinado tempo. Além de numerados, os obstáculos contêm bandeiras brancas e vermelhas em suas laterais, sendo que, no momento do salto, a bandeira vermelha deve estar posicionada ao lado direito do cavaleiro. Existem bandeirolas, com fotocélulas acopladas, para delimitar a duração do percurso, considerado iniciado quando se passa por ela e terminado apenas quando se passa a bandeirola de saída. Em campeonatos, o competidor pode ver o percurso pela primeira vez de quinze a trinta minutos antes do início das provas.

Dentre algumas pessoas envolvidas com esportes e, até mesmo, de poucos praticantes de hipismo, ouvi inúmeros comentários sobre “o cavalo ser o atleta”, e não o cavaleiro ou a amazona, que apenas montariam e se deixariam levar pelo animal. As crianças e adolescentes da escola de equitação reconhecem que o cavalo executa de 60 a 70% do trabalho, embora haja debate e controvérsias sobre esta proporção. Entretanto, asseguram que, se o condutor “fizer uma besteira com as rédeas” ou “dar um toque de perna errado”, o conjunto fracassa, por isso é necessário exercitar e treinar, fisicamente, tanto humanos quanto cavalos, e que, em cada exercício, foca-se uma parte do corpo da

pessoa para se unir ao do cavalo. O ato de conduzir bem um cavalo seria complicado, porque movimentos mínimos do atleta podem interferir no equilíbrio do conjunto: “Mas é coisa assim, sabe aquele pouquinho de sal a mais que você põe na comida que mela tudo? É isso! (*risos*)” (Regina, mãe). As crianças e adolescentes também se mostram irritadas com amigos de outras modalidades, como tecido acrobático e futebol, quando estes dizem que “hipismo é fácil”, pois consideram “super difícil” o fato de lidar com um ser vivo, um animal irracional, “que acorda cada dia de um jeito”.

Em campo, fui percebendo que as crianças e adolescentes tentavam valorizar ou desvalorizar alguns colegas creditando o mérito aos cavalos que esses montavam: “‘Ah, tal pessoa tem um cavalo muito ruim, só refuga’, tal. Ou então, ‘tal pessoa não monta bem, ela fica quicando, isso é ruim pro joelho do cavalo. O cavalo dela é muito bom, ele salva ela em tudo’. É aquela fofoca de como a pessoa monta, o que ela é e como é o cavalo dela, que pode ser causado, às vezes, até por inveja, de repente” (Priscila, 12 anos). Os adolescentes procuram depreciar a montaria das pessoas quando não gostam delas, como no caso de Aline, filha adotiva da médica Cristina, conhecida por dispor de bons animais e estar entre as melhores posições nos campeonatos que concorre. Para eles, “não dá pra saber se a Aline monta bem ou não, porque ela sempre está com os melhores cavalos” ou “ela pode ficar pendurada em cima do cavalo, que o cavalo faz a pista sozinho”.

De qualquer modo, salta aos olhos a paixão que a maioria das crianças manifesta por cavalos e éguas, vistos como seres “inteligentes” e “sensíveis”. Elas “cumprimentam” os animais, “conversam”, acariciam, abraçam, alimentam. É comum usarem cintos com fivela em forma de cavalo, assim como brincos e colares também nesse formato. Nas redes sociais, como o *Facebook*, grande parte das crianças expõe inúmeras fotos com os animais, tanto nas cocheiras quanto nas competições, sobretudo

durante o percurso e no momento do salto. Como elas próprias declaram, “o hipismo relaxa muito, tira todo o *stress*” e a sensação de cavalgar é a de “estar livre”, de “fuga dos outros problemas“, de “esquecer de tudo e só pensar no momento, no animal“, “de andar nas nuvens“. Crianças menores de um ano, que frequentam o restaurante Alvorada com seus pais no momento das aulas da escolinha, mostram-se fascinadas pelos cavalos, por ser “um bicho grande, que chama a atenção”. Apesar dos altos custos da prática do hipismo, “para quem é apaixonado por cavalo, não tem preço”, concluiu a coordenadora Paula.

Os adultos também mostram gosto pelos animais, como aponta os trechos seguintes:

Alessandra, instrutora: É uma coisa difícil de explicar. É aquilo que você gosta sem saber por que gosta. Eu sempre tive atração por animal, e em especial por cavalo. Eu achava-o um bicho maravilhoso. E montando o cavalo, o que você sente? É aquela coisa... uma sensação diferenciada... é o movimento, o cheiro, o tato, tudo isso... é como se sempre fizesse parte da minha vida. Então, não tem diferenciação, sempre foi, e acho que sempre vai ser, motivo de prazer.

Cleusa, mãe: Então, hoje eu tenho em casa 11 cavalos. Então, assim, a vivência que a gente tem com eles é muito grande, né, eu brinco que pra mim é como se fosse um cachorro. Então a gente vai ver antes de dormir, a gente levanta, a gente busca, do jeito que eles vêm do piquete a gente sabe se tá bem, né, então hoje assim, a nossa vida é isso.

Maria Luiza, mãe: E, outra, quando eu montava, a grande maioria das vezes era em fazenda, é, a relação com a natureza, eram em paisagens maravilhosas, então essa relação com a natureza, quer dizer, é um lugar que não tem telefone, não tem televisão, não tem barulho, o barulho é do mato, é do vento, então é... estar no cavalo tinha a ver com estar num outro mundo, quer dizer, estar no nosso mundo, mas estar imerso na natureza. Então é uma relação muito especial, assim, muito, eu acho extremamente privilegiada, assim, eu sempre falo: “Nossa, que privilégio, estar num lugar, com um cavalo, você e as pessoas que você mais ama num lugar lindo”⁷⁰.

Ronaldo, instrutor: Porque, na verdade, você tá criando, você tá tendo uma troca com outro ser vivo. É uma coisa totalmente ímpar. [...] Lá *[no centro de treinamento de um*

⁷⁰ O Equestre, apesar de possuir uma grande área verde, ainda se localiza dentro da cidade, o que priva as crianças de um contato mais “profundo” com a natureza, fator, em geral, bastante valorizado pelos praticantes de hipismo no Brasil. Em centros hípicas afastados da vida urbana, dedicados apenas ao hipismo – diferentemente do clube em questão -, a interação das crianças com os animais pode ser mais intensa, como tratar, limpar e cuidar dos cavalos. Em centros hípicas de pequeno porte, inclusive, há poucos funcionários e menos regras que neste clube, liberando a criança para montar até mesmo sem o uso da sela, permitindo uma maior interação com o cavalo e auxiliando no equilíbrio.

amigo de Ronaldo] você montava o cavalo à luz da lua, sabe, via a sombra, era uma coisa ímpar, era maravilhoso, é o que realmente eu gosto, é a minha praia! (*risadas*) Não dá pra você descrever, se você tem a sensação de ter uma evolução no seu trabalho... e é um prazer indescritível! É muito bom! Tem que experimentar! (*risos*) O cavalo, vamos dizer, ele vicia, né... tem até os mais velhos falam que o pelo entra no sangue, que mesmo que você pare agora, daqui um tempo você vai acabar voltando... de uma forma ou outra, você ainda vai continuar tendo o cavalo pro resto da sua vida... e o que eu vejo, isso é verdade, várias pessoas tentaram sair, mas sempre tão no círculo vicioso (*risos*).

Comenta-se, com frequência, sobre a personalidade dos cavalos e éguas, de como se comportam nas diferentes situações, de suas doenças, de como são inteligentes e sistemáticos entre outros assuntos⁷¹. Quando tiveram contato prévio com determinado animal, as crianças e adolescentes o identificam à distância, o que seria imperceptível em muitos dos casos para pessoas que não convivem no meio. Dizem que há animais atores, “os reis do teatro”, que mancam caso alguém esteja em cima deles, “ficam moles”, mas voltam a andar normalmente quando a pessoa desce. Alguns praticantes afirmam que há cavalos que “elegem” determinadas pessoas em específico, porque gostariam mais delas do que das demais. Também fazem analogias com os cavalos para se referirem às situações humanas, utilizam, comumente, expressões como “tirar o cavaleiro da chuva”, “tomar as rédeas da situação”, “cair do cavalo” etc, além de se divertirem saltando os obstáculos a “pé” quando as pistas estão livres. “Já que não estamos saltando a cavalo, estamos saltando a pé. Não podemos parar”, disse Talita rindo⁷². Quando indagadas sobre o que fariam se não precisassem mais estudar, a resposta de todas as crianças e adolescentes se deu na mesma direção: praticariam hipismo, comprovando o gosto e a importância deste esporte na vida deles. “O hipismo faz toda a diferença na minha vida. Sem o hipismo, nada vai, nada” (Karina, 17 anos).

⁷¹ Os nomes dos cavalos são peculiares e não se assemelham a nomes de pessoas nem de animais domésticos, como cachorros e gatos. Um exemplo é o “Baloubet du Rouet”, famoso cavalo montado por Rodrigo Pessoa, conquistando vários campeonatos nacionais e internacionais.

⁷² Essa brincadeira de saltar os obstáculos “a pé” parece ser bem comum no hipismo, observada em outras hípicas pelo país.

1. Perfil das crianças e adolescentes praticantes de hipismo no clube segundo gênero

Na atualidade, o hipismo corresponde ao único esporte olímpico no qual homens e mulheres competem juntamente. Este fator leva algumas pessoas a concluir que não há diferenças entre os estilos de montaria de acordo com o sexo e nem desigualdade de gênero, visto que homens e mulheres competiriam uns contra os outros “de igual para igual”. Tradicionalmente, o hipismo foi um esporte praticado por homens na sua maior parte e, portanto, eu acreditava que iria encontrar mais meninos que meninas matriculados nas aulas e treinando por conta própria. Logo de início, no entanto, deparei-me com o oposto, sendo que as garotas compunham a grande maioria dos frequentadores tanto na escola de equitação quanto nas pistas do particular, com obstáculos de até 1,30m⁷³. Para alguns dos instrutores da escolinha, essa predominância ocorreria “porque tem mais menina que menino no mundo”. Por outro lado, quando se verificam as provas de obstáculos mais elevados, entre os atletas que se profissionalizam, como nos Grandes Prêmios (1,45m a 1,60m), são raras as mulheres que competem. No departamento de hipismo do clube, também existem mais homens que mulheres ministrando aulas e trabalhando com o comércio de cavalos.

Segundo estudos de Rojo (2007), a presença de mulheres seria maior nas categorias de base e em obstáculos menores e, com a elevação da altura dos obstáculos, haveria aumento do número de homens, porque a maior parte das amazonas investe na formação de família, tornando sua carreira mais curta que a dos homens e, portanto, dificultando o acesso aos níveis máximos. A maternidade, portanto, consiste em um dos

⁷³ Segundo meus informantes, embora o hipismo seja um esporte que sempre atraiu mais homens que mulheres, atualmente há um número crescente de meninas e, em alguns lugares, há mais meninas que meninos frequentando as aulas, como no caso do Equestre.

motivos, mas não o único. Em suas entrevistas e conversas informais⁷⁴, Rojo assinala que lhe “chamou a atenção a recorrência da utilização de duas emoções – a coragem e a ‘sensibilidade’ (em muitos dos discursos entendida como afetividade) – que, associadas aos homens e às mulheres respectivamente, teria um peso diferenciado em cada nível de altura dos obstáculos” (p. 169). Para o autor, a questão da competitividade, aqui colocada, é mobilizada de maneiras distintas por homens e mulheres e essas diferenças de percepção entre os gêneros devem ser enfatizadas.

Os resultados de minha pesquisa, que se limitou a estudar as crianças e adolescentes praticantes de hipismo não profissional, tendem a corroborar com a atribuição dessas duas emoções segundo o gênero do atleta: “sensibilidade” para as meninas e “coragem” para os meninos. Nas linhas seguintes, reproduzo as visões de alguns instrutores da escola de equitação sobre as diferenças entre meninos e meninas:

Mariana, sócia instrutora: Eu acho que a menina volta mais pro lado familiar depois. Começa a namorar, aí o namorado nem sempre é do meio, acaba abrindo mão do meio pra tá com o namorado, quer construir família, engravidar, ter filhos, então acaba se afastando. E mesmo que continue, se afasta por um período, porque cria família. Ela se mantém com o namorado, o marido, montando, aí vai, engravida, pára, tem que criar os filhos, continua com cavalo porque ama, mas não tem essa possibilidade de evoluir, de continuidade que nem o homem tem.

Ronaldo, instrutor: Sim, mas só que aquele negócio: “coragem por si só”, eu costumo falar para os meus alunos, principalmente as amazonas, as meninas - que elas falam “Ai, eu não tenho coragem”, eu falo: “Ó, coragem por coragem, você vê um monte de homem no pé do paraflanco⁷⁵, caindo cedo porque acha que tem muita coragem, mas não tem técnica nenhuma”. [...] Geralmente você vê, prestar atenção em prova, tem muito mais homem no pé do paraflanco do que mulher, porque, geralmente a mulher já é mais controlada, entendeu? Já hesita um pouquinho mais. Não generalizando, mas homem quer ser machão, quer ir pra frente e vai, vai, vai, vai e vai caindo, vai caindo, vai caindo, mas não quer dar o braço a torcer (*risos*).

Isaiás, instrutor: Eu acho que é mais essa questão do ego mesmo. O homem é bem mais, ééé... como é que é a palavra... a mulher, ela... quando se põe um *status*, ela cai na real muito mais fácil. Ela chega aqui, acha que todo mundo tá olhando pra ela. De repente, ela começa a olhar e ver que não é bem assim. (*sorrindo*) O homem não, o homem, a todo momento, ele acha, (*eu rio*) então isso funciona muito no hipismo. O homem, a todo

⁷⁴ Sua pesquisa de campo se deu no Rio de Janeiro e em Montevidéu, no Uruguai.

⁷⁵ O paraflanco corresponde ao gancho no qual a vara se apoia. O obstáculo é constituído de paraflanco, ganchos, varas e, se houver, painéis, testeiras, treliças e outros adereços.

momento, ele persiste bem mais - achando que tá abafando e tudo -, a mulher, quando ela vê que não vai chegar lá em cima ela já: “Ah, não”, já para. Normalmente você vê uma criança entrando no hipismo, quando é menino, você vê que ele vai longe. Pode observar que ele vai longe. Mas, querendo ou não, é isso, é porque ele acredita mais que vai ser um superatleta, ele acredita mais que vai brilhar. A mulher é mais realista, digamos assim, né. Então ela já vê antes as probabilidades, o que pode dar certo, o que não pode. Homem já não pensa nisso, o homem só pensa que vai dar certo, ele só sabe que deu errado quando ele erra. Na hora que a gente acaba de errar, que a gente olha e fala: “Putz, eu não pensei nisso”. E a mulher já não, a mulher, raramente, ela tenta uma coisa que ela sabe que vai dar errado. Isso, no hipismo, tem bastante.

Nas entrevistas, dois meninos da escola de equitação e o único pai que participou diretamente da pesquisa afirmaram que gostam da sensação de domínio que exercem sobre o cavalo, parecendo evocar a tradicional ideia de que homens são educados para serem líderes e desenvolverem o gosto pelo comando. A seguir, transcrevo algumas respostas obtidas por meio da pergunta “Como você se sente quando monta a cavalo?”:

Luís, pai, 45 anos: Prazer. [...] Ah, não sei, é uma... como eu vou descrever? Vou falar sensação de domínio (*refletindo*)... Uma sensação de um desafio, um desafio de conseguir conduzir o animal... É um animal muito maior que eu, muito mais forte que eu, e é, não sei, é o desafio de conseguir tentar conduzir bem que eu, até hoje, eu não consigo, vou falar pra você.

Rodrigo, 11 anos: Hum... como se eu mandasse no cavalo... Eu gosto de montar no cavalo, porque... hum... como eu posso dizer... aaaah (*risos*).

Pedro, 12 anos: Então, eu tenho a sensação, tipo, que eu tô meio que livre! Porque eu tô em cima do cavalo, tô dominando o cavalo entre aspas, então eu sinto que eu tô livre e sensação de domínio também, porque você tem, faz a correção, você corrige, você controla, então... na verdade nem é... que eu tinha falado, é domínio. Assim, eu tenho a sensação que eu tô dominando.

No caso das meninas e mães, apesar de reconhecerem que é imprescindível exercer o controle sobre o cavalo, grande parte delas mencionou a relação de afetividade mútua que se cria quando interagem com os animais, evocando a ideia de “cuidado”. A coordenadora Paula já explicitou: “Meu cavalo é meu filho”. Este fator se observa presente desde meninas muito jovens, como afirma o pai Luís ao falar sobre a relação que sua filha caçula, de 10 anos, apresenta há tempos com os cavalos: “A Flavia gosta

de cuidar, ela quer limpar a baia, ela quer escovar, ela quer dar banho. [...] E ela gostava de acordar cedo, coisa gostosa isso, curtir, ela curte isso: catar, passear, andar com ele puxando e tal”. Nas palavras de Priscila, 12 anos, sobre o que sente quando compete: “E eu gostaria de repetir aquilo 502 vezes se eu pudesse e se eu soubesse que embaixo de mim, assim, saltando tava um dos meus melhores amigos, o meu companheiro, o meu cavalo“. A citação seguinte, também, traz à tona a relação de amizade que se estabelece com os animais:

Maria Luiza, mãe: E a relação com o animal é uma relação gostosa. Porque, ao você montar, a ideia é muito mais da interação do animal com você no sentido da amizade, não no sentido de você submeter o animal, mas muito mais do animal entender o que você quer, de você curtir o animal, cuidar dele...

Além disso, a maior presença de garotas nas categorias de base pode ser explicada pela representação frequentemente veiculada sobre cavalos nas histórias infantis e na mídia: “Ao mesmo tempo, quando criança, as meninas são as mais fissuradas por cavalo... príncipe encantado, contos de fada... É verdade! É um bicho que impressiona. Então é sempre mais menininha que você vê nas categorias baixas”, disse Mariana⁷⁶. A ideia de “príncipes” e “contos de fada” também se verifica nas festas de debutantes, que parecem desempenhar uma função demarcadora de fronteiras entre as meninas e os meninos desse grupo social. As festas de 15 anos para as meninas, inclusive a realizada pelo próprio clube, são verdadeiros eventos no ano, cujos preparativos, cuidadosos e caros, lembram festas de casamento, e a atitude das debutantes remete às de noivas e à ideia de “princesas”, inclusive com a utilização de coroas como adereço.

Uma outra explicação recorrente aponta para o fato de que meninos prefeririam, em termos gerais, esportes de maior contato corporal, como futebol, por exemplo, onde

⁷⁶ Um exemplo são os cavalos ilustrados em alguns filmes produzidos pelos estúdios da Disney e utilizados no parque Disney World, da raça Clydesdale – que apresentam uma grande quantidade de pelos nas patas dianteiras e traseiras.

poderiam exercer sua agressividade física, já que, no hipismo, além de ser um esporte individual, os atletas competem entre si distantes uns dos outros, sem encostar seus corpos. Isso não significa que as meninas e os meninos que praticam hipismo sejam, necessariamente, menos agressivos, até porque este representa um dos esportes dentre todo o conjunto de cursos e atividades extracurriculares que essas crianças e adolescentes se inserem. Assim, há meninos que, além do hipismo, praticam futebol e meninas que também se dedicam a esportes considerados mais violentos, como Talita, que pratica *hockey*⁷⁷.

Ainda, os praticantes de hipismo desenvolvem uma postura “elegante” e “altiva” sobre o cavalo que, segundo informantes, tende a se manter fora das pistas. Algumas pessoas, contudo, vinculam esse porte à ideia de “arrogância”, mas também de homossexualidade apenas entre os homens e os meninos. Costumam ser constantes as generalizações das crianças e adolescentes da escola de equitação sobre os meninos e os homens que praticam hipismo clássico, afirmando que são *gays* - em contraposição ao hipismo rural, considerado atividade de “peão”, ou seja, menos sofisticado e mais “bruto”. As meninas da escolinha são as que mais fofocam sobre isso e chegam a zombar de alguns de seus amigos, afirmando que seriam homossexuais, como fazem com Rafael e outros tantos, o que pode ser um dos fatores que afasta meninos do hipismo. Ao conversar com Talita sobre meninos para elas “paquerarem” no hipismo, ela disse: “Só se for professor ou pistinha. Pistinha é sempre macho, pistinha nunca é *gay*”, “[entre] os que montam, é muito ‘veado’”. Deste modo, assim como os peões, os pistinhas também estão associados à imagem de mundo rural e de homens *viris* e, portanto, não se coloca em dúvida sua heterossexualidade.

⁷⁷ No departamento de hipismo do clube, nunca soube de nenhum caso de agressão física, apenas de violência simbólica, como conflitos e agressividade ao “falar mal” das outras pessoas. Além da postura e do porte, há uma educação dos corpos para que a violência física seja evitada, embora ela ocorra, dentre alguns instrutores, em relação aos animais. As crianças e adolescentes da escola de equitação disseram que no futebol, por exemplo, “vira e mexe tem briga” com socos e pontapés.

De qualquer modo, a maioria das mães entrevistadas, tanto de meninas quanto de meninos, acredita que a relação com os animais pode desenvolver uma sensibilidade mais apurada e formar “pessoas melhores”, isto é, “mais humanas” e voltadas à “caridade”, de “espírito elevado”, que “pensam mais nos outros” e não apenas em si mesmas. “E esporte com animal é muito bacana, entendeu? Assim, eu acho que centra tua vida numa coisa, assim, respeito muito grande pelo outro. Porque eles respeitam muito o animal. Então, assim, é muito legal. E eles vão saber que nem sempre quem tá embaixo, tá lá de muito bom humor, tá bem” (Regina, mãe). Isso fica mais perceptível na fala seguinte, proferida pela mãe Roberta. Juntamente com seu marido, Roberta, 43 anos, é proprietária de uma produtora de imagens e movimento e de uma pizzaria e, ao longo da entrevista, questionou se vale a pena “trabalhar tanto” para manter o padrão de vida:

Roberta, mãe: [No futuro, eu gostaria que meus filhos fossem pessoas] corretas, honestas, que tivessem realmente essa coisa de pensar no outro, que cada dia está menos, tá tudo muito banal. Por isso que eu incentivo esse relacionamento com bicho, isso é mais do que sério, Karen. Porque eu vejo que ninguém liga pra nada, então o que eu espero que os meus filhos sejam, é honestos, corretos, que não pensem tanto nessa coisa do ter, sabe, de terem e menosprezar essa coisa do ser, assim, de ser legal com o outro, de ajudar o amiguinho. Espero que seja isso, pessoas mais nobres de espírito, eu diria, é o que eu espero dos meus filhos.

Portanto, além das crianças demonstrarem uma intensa paixão e gosto por cavalos/éguas – e considerarem essa relação afetuosa e respeitosa por animais um ganho advindo do hipismo –, a interação com esses bichos proporciona outras habilidades e competências sobre as quais pretendo discorrer a seguir.

2. Habilidades desenvolvidas da prática de atividades competitivas

De um modo geral, a prática competitiva de esportes, entre outras atividades, expõe as crianças a aprendizagens que as preparam para posições dominantes na sociedade. O próprio funcionamento do Equestre corrobora com tal premissa: apesar de ser um clube múltiplo, a área física reservada à prática de esportes é, consideravelmente, a maior e o fator “competição” está na ordem do dia. O clube atenta para a “extrema importância” da prática precoce de atividades esportivas, que permite “o desenvolvimento motor e a formação global das crianças”, concebendo uma rotina de vida saudável de maneira lúdica, em companhia de novos amigos. O processo de assimilação e armazenamento dessas informações, segundo o *site*, “será muito útil no futuro” dessas crianças.

Por meio da participação em atividades competitivas, conforme estudos de Hilary Leigh Levey, em particular a tese *Playing to win: raising children in a competitive culture* (2009), os pais buscam impingir um *habitus* de competitividade, desde cedo, nos filhos, com o objetivo de que eles desenvolvam um rol de habilidades, competências e lições que os ajudarão a lutar, com sucesso, por uma posição de destaque no futuro. Levey identifica cinco delas, a saber: “sentir-se confortável em ser julgado por outros em público“, “atuar em ambientes estressantes”, “internalizar a importância de vencer”, “aprender a como se recuperar de uma perda para ganhar no futuro” e “gerenciar a pressão do tempo”⁷⁸ (p. 127-8). Nas páginas a seguir, procuro tratar da constituição dessas cinco habilidades no caso específico do hipismo e tornar saliente a particularidade deste esporte, que é justamente a interação com cavalos/éguas, cuja prática parece, de fato, induzir à construção de disposições e de um *habitus* para o comando.

⁷⁸ Em seu estudo, Levey concentrou-se em três modalidades: xadrez, dança e futebol.

Não apenas os esportes, mas outras atividades podem, igualmente, desenvolver disposições ao comando e preparar as crianças para posições dominantes na sociedade. Um exemplo são as crianças mestres-salas e porta-bandeiras nas escolas de samba mirins do Rio de Janeiro, que devem dispor de habilidades como as apresentadas por Levey para que desempenhem, de modo satisfatório, sua função durante os desfiles das escolas. Por sua vez, elas também tendem a se sentir “especiais” no campo social em que estão inseridas, ainda que este sentimento, ou esta percepção de si, não seja decorrente de uma condição econômica privilegiada. Reafirmo, porém, que a prática do hipismo, e dos esportes em geral, não atua de modo isolado para a construção dessas e de outras disposições ao comando. Há um conjunto de experiências às quais as crianças são submetidas que se reforçam mutuamente, além de existirem as circunstâncias materiais que as possibilitam. Assim, no interior do universo das atividades extracurriculares, que ocupam espaço significativo na educação das crianças dos grupos sociais médios e altos, essas habilidades resultam do investimento direto dos pais para que seus filhos se apropriem de um conjunto de valores prezados pelos grupos dominantes.

2.1. Sentindo-se capaz de atuar sob o julgamento dos outros em público

Assim como em outros esportes individuais, no hipismo compete-se individualmente na grande maioria das modalidades. Deste modo, as crianças estão sendo treinadas, de forma constante, para executar sua *performance* em conjunto com o animal, mas independente de outra pessoa ou de um grupo de pessoas. Nas aulas e nos treinos, as crianças e adolescentes montam os cavalos e éguas frente aos instrutores, mães, pais e outras crianças que, em geral, julgam seu desempenho, sua postura em cima do cavalo e as decisões que tomam ao longo do percurso. Em compeonatos, por

sua vez, as crianças são avaliadas por um grupo de jurados e acabam aprendendo, ao longo do tempo, a não se intimidarem por estar sob o julgamento dos outros, adquirindo uma capacidade de controlar suas emoções e de não se sentirem desconfortáveis durante uma apresentação pública. Para uma informante: “Você tem que perder a vergonha de público, porque você vai sempre se apresentar pra público. Sozinha, você na pista sempre”.

Bárbara, 14 anos: Eu era muito tímida. Aí, quando você começa a fazer hipismo, você não começa só a aceitar as coisas, você começa a, sabe, também se impor. Porque imagina a competição. Tem que ficar só você e o cavalo e 200 pessoas te olhando. Dá uma autoestima a mais para você. E toda semana é, assim, uma emoção nova que você sente, aí você não começa a ligar mais pro que as pessoas pensam ou não, você consegue se soltar mais.

Ao evoluir no esporte, a criança internaliza a autoconfiança e a autoestima necessárias para expor-se e impor-se frente aos olhares e julgamentos de um público composto por profissionais mais experientes, mas também pelos próprios pais e colegas. Essa habilidade abarca vários aspectos e não se restringe apenas à competência no esporte. Conforme o relato da mãe Regina: “A gente fala muito isso pro [*nome do filho*], ‘não adianta nada você ser um cavaleiro *top* e não saber nem falar, dar uma entrevista””. Como se vê – e reforçando as considerações do capítulo III -, a família espera que a criança adquira uma competência linguística para se expressar verbalmente e de modo confiante, nos casos de também precisar expor-se em outras situações, como falar para um grupo de jornalistas e, em última instância, falar em público.

Mesmo que não seja em momentos de julgamentos oficiais, nos quais as crianças compreendem que têm que levar mais “a sério”, como em campeonatos, vimos no capítulo III, que é cotidiana a atenção de uma rede de adultos que se engajam para cuidar de seu bem-estar. A cena do menino de 5 anos sobre o cavalo, cercado de adultos o assistindo, parece ser exemplar para a analisar o impacto na percepção da criança

sobre sua própria importância no mundo. Ainda tem-se que levar em conta uma das especificidades do hipismo, no qual os praticantes agem em uma grande pista e em cima dos cavalos e éguas, ou seja, numa posição *elevada* e distante em relação aos demais. Também por essa razão, talvez se ouça, continuamente, sobre o esnobismo, a arrogância e o “ar de superior” de uma grande parcela de seus praticantes.

As aulas, provas e competições representam, igualmente, uma oportunidade para que os cavalos e éguas sejam exibidos a futuros compradores/clientes. Em um dos campeonatos no clube, presenciei a queda de um menino depois que sua égua refugou num dos obstáculos, o que provocou lesões no atleta. Rodrigo, 11 anos, que observava a cena ao meu lado, explicitou que “agora ninguém mais vai querer comprar a égua”, que, na ocasião, estava à venda. Por conseguinte, a boa participação em provas acaba valorizando os animais, assim como uma campanha ruim dificulta a venda. Segundo Bianca, 24 anos, “pense como um carro: se você tem um carro bom, o povo admira seu carro, a mesma coisa com cavalos, principalmente quem entende”.

No hipismo, a avaliação da *performance* não recai tanto sobre a aparência dos cavaleiros/amazonas, como na dança, por exemplo. Existe, contudo, uma preocupação com a aparência, devido ao julgamento do público em geral, dos outros competidores, dos outros pais e mães etc. Nos campeonatos, a maioria das adolescentes e mulheres se exhibe de maquiagem e cabelos bem escovados, apesar de caminharem, muitas vezes, em meio à ventania e debaixo do sol quente, nas pistas de areia e serragem, onde também podem ser encontrados excrementos dos animais. Além disso, a roupagem característica do hipismo, como camiseta, casaca, calça e bota, bastante justas ao corpo, delineando de modo nítido a silhueta, constitui uma das razões para que um amplo número de praticantes se preocupe com o peso⁷⁹.

⁷⁹ No hipismo, o peso corporal dos praticantes pode ser um fator que influencia a qualidade da *performance* do conjunto, isto é, cavalo e cavaleiro. Em geral, embora não necessariamente, o animal tem

No caso do hipismo, e de outros esportes relacionados às elites já citados, demonstrações exacerbadas de competitividade são desestimuladas em nome do *fair play* e de um modo contido de torcer, com pouca movimentação corporal. No entanto, o *fair play* e essa maneira menos efusiva de demonstrar as emoções e sentimentos nem sempre são observadas nas atividades competitivas do hipismo. Não surpreende que as crianças e adolescentes não gostem de perder e alguns não consigam esconder a decepção: muitos choram, entristecem-se, ficam “manhosos”, “fazem birra” e, em casos extremos, chegam a apresentar um comportamento mais agressivo:

Maria, mãe: [*Falando sobre sua filha Laís*] mas ela é incapaz de dar um grito, de dar um chute, de descer do cavalo. Aqui já teve caso de gente descer e dar chute na canela do bicho, aqui já teve caso de gente, de menina descer e socar quepe no chão, de não querer montar o cavalo, já teve um menino que chegou, foi mal, largou a égua solta lá em baixo e subiu. Tem tudo isso, entendeu, acontece tudo. Então a gente não permite, e ela também não tem isso, de ficar brava.

Como as crianças e adolescentes percebem que as competições constituem eventos oficiais, “sérios”, “pra valer”, e não brincadeiras, a frustração da perda ocorre e manifestações são aceitáveis. Contudo é mal visto quando a criança “dá um chilique” ou “piti”, passando a ser considerada uma má perdedora, como nos demais esportes competitivos. Em geral, no hipismo, por as provas serem bastante concorridas e dependerem, em larga escala, de como o cavalo se comporta naquele dia, a decepção por perder não afeta tanto a criança, desde que ela tenha realizado uma boa prova. O sentimento de vergonha e a humilhação surgem quando a criança não vai bem, com demasiadas faltas no percurso, e quando é desclassificada da prova, sobretudo devido à queda do cavalo, ficando nas últimas colocações dentre a lista dos eliminados. Nas

mais dificuldade para saltar quanto maior for o peso de quem o está montando. No entanto, ao longo de minha pesquisa de campo, foram raros os comentários sobre a manutenção de um determinado peso ideal para que se pudesse progredir no esporte, em particular quando comparamos com a intensa preocupação manifestada por lutadores de boxe neste quesito, como demonstrou Wacquant em seu famoso estudo (2002).

palavras de Priscila, 12 anos: “Daí quando eu ia mal, eu até chorava, só que daí eu lembrava que eu tava lá para me divertir... o que fazer, que eu tava começando. Mas, agora, a maioria das vezes que eu saio chorando, é de raiva mesmo, porque eu sabia que eu podia ter feito bem melhor“. Para o instrutor Ronaldo, no hipismo, “de 60 a 70% é lidar com o ego, o resto é técnica”.

Mães e pais incentivam a competitividade nos filhos e torcem por eles. Nas competições, ficam bastante tensos durante o rápido percurso dos filhos, principalmente as mães. Algumas delas dizem não conseguir assistir às provas, outras tecem observações durante todo o percurso como: “Acaba logo essa pista, pelo amor de deus! Ai, que merda!”. Também lamentam em voz alta quando o filho comete uma falta. Outras não piscam os olhos, a maioria das vezes mantendo-se durante todo o tempo do percurso do filho ou filha praticamente imóveis, com os olhos fixos na criança. É comum ouvi-las comentando sobre os resultados dos campeonatos de que seus filhos participaram, sobretudo quando são positivos. Dessa forma, é de “bom tom“ declarar, pelo menos publicamente, que cada família torce a favor do próprio filho e não contra os outros competidores, premissa analisada por essa mãe:

Maria, mãe: E é uma coisa que não depende só dela [*da filha*], depende do cavalo, então você tem que saber respeitar, vem o respeito, o respeito pelo concorrente, né, então... Lógico que todo mundo torce, vai falar que “não” é uma mentira, pra derrubar uma varinha ou outra, mas ela [*filha*] é incapaz de torcer pra alguém se machucar, pro cavalo de alguém mancar... ela fala “Não, deus me livre, depois vai acontecer comigo”. Lógico que quando você tá competindo, você fala “Podia cair aquela varinha”, vai falar que “não” é mentira, né, eu mesmo torço, “Podia cair aquela vara”, mas... Ah, eu falo, cada um faz a sua parte, a minha é torcer, a favor ou contra.

Parece que, mesmo as mães que execram a ideia de torcer contra os outros competidores e afirmam acreditar que “ganhar não é o mais importante”, não escondem

o orgulho quando os filhos vencem⁸⁰. O comentário a seguir foi proferido pela Regina, mãe que acompanha o filho em todas as aulas e atividades competitivas e que demonstra sua alegria e satisfação pelas conquistas dele no esporte. O pai do menino fotografa e filme todas as competições e há vídeos de suas vitórias e bons resultados no *Youtube*:

Regina, mãe: É, não só isso, né, isso, dos males o menor, entendeu. Eu acho que isso é horrível, isso não é esporte, isso é querer ganhar a qualquer custo, a qualquer preço, e esporte não é isso. Tanto é que você vê, quem chega lá em cima? São muito poucos. São muito poucos que chegam lá em cima. São muitas barreiras. Esse esporte aqui você não precisa torcer contra. Como você vê as pessoas torcendo: “Tomara que caia do cavalo”. Não existe, não precisa disso. Porque um dia o cavaleiro não tá bem, um dia é o cavalo que não tá bem, outro dia o conjunto que não vai bem, quer dizer, tem tanta dificuldade, né, você nem precisa torcer contra. Então eu acho assim que, as pessoas aqui, elas, é... eu entendo porque, eu acho que porque entra dinheiro no meio, talvez seja isso, porque tem venda de cavalo, tudo. Mas as pessoas, elas entram nesse esporte buscando um brilho, que não é aqui que elas vão encontrar, cada um trás o seu, né? Então não é fazendo o esporte que você vai ter brilho, que você vai ter poder.

Embora Regina valorize o “exercício da humildade”, “independente da pessoa torcer contra ele [*o filho*] e ele saber, ele vai lá e aperta a mão da pessoa”, presenciei uma cena de seu filho em momento de vitória. Numa competição no Equestre, ao completar o percurso sem faltas e em menor tempo, o menino, bastante aplaudido, tirou o capacete da cabeça e acenou para o público. Uma informante, que estava ao meu lado, passou a zombar do garoto, desdenhando de seu ato. Quando perguntei o motivo, ela respondeu que os competidores fazem isso apenas quando já têm experiência, são conceituados e maiores de idade, por ser perigoso soltar das rédeas e tirar o capacete. Além desses fatores, tal ato é aceitável em campeonatos grandes e importantes, que valem cobiçados prêmios, o que, definitivamente, não era o caso. Já logo depois do ocorrido, o juiz o chamou para comunicar-lhe essa advertência verbal e, durante a premiação, o pai do menino foi agradecer ao juiz por ter repreendido seu filho,

⁸⁰ Presenciei, certa vez, a médica Cristina eufórica após a vitória de sua filha Aline. Ela gritava enquanto dava saltos, com os braços elevados e punhos cerrados, assemelhando-se a torcedores de futebol no momento do gol de uma disputada partida. Tal comportamento, no entanto, é raro.

reconhecendo que era, de fato, perigoso (“Obrigado pela bronca!”, disse sorrindo). No entanto, pai e mãe estavam tão orgulhosos e embevecidos que, independente da advertência, parecia que nada atrapalharia aquele momento.

Como se observa, manifestações explícitas de competitividade, tanto em caso de derrota quanto de vitória, não são bem vistas. Por um lado, as intrigas, os conflitos e as fofocas, além de demonstrações claras de competitividade, são ocorrências cotidianas nesse meio⁸¹. Por outro, no hipismo, existe a valorização dos preceitos do *fair play* e de um *ethos* corporal pouco efusivo, firme, “elegante”. Esta tensão está sempre presente, deixando claro que o desenvolvimento do autocontrole é algo aprendido, internalizado ao longo do tempo.

Aqui, o importante consiste em notar que as crianças estão aprendendo a ser vistas e julgadas em público, ao mesmo tempo que aprendem a apreciar a contenção e o autodomínio (Elias, 1994) num meio onde ocorre um certo grau de interconhecimento.

2.2. Aprendendo a agir frente ao inesperado e ao incontrolável

Para esta habilidade/competência, as crianças e adolescentes precisam aprender a se adaptar às situações imprevistas nas competições, não apenas concernentes à pressão do tempo, mas também às questões do meio, como chuva, calor, barulho, distrações em geral, sem perder o foco e a concentração. No hipismo, igualmente ocorrem imprevistos nas competições, mas como este esporte tem a particularidade de as crianças estarem lidando com animais, a capacidade de constante adaptação a comportamentos imprevistos do cavalo/égua devem ser desenvolvidas, seja para executar um bom percurso em provas e mesmo vencer o campeonato, seja para treinar o animal em aulas ou, em último caso, para não sofrer uma queda e se lesionar. Assim, é importante que as

⁸¹ Apesar dos conflitos serem constantes, nunca soube de confrontos físicos no meio do hipismo do clube.

crianças desenvolvam a capacidade e a disposição para se adaptarem em qualquer momento que estiverem montando o animal.

Embora Levey se refira a “situações estressantes” quando se reporta aos imprevistos e às distrações que ocorrem em quaisquer competições esportivas, no hipismo, mais que o cavaleiro/amazona, é o animal que sofre estresse. Cavalos e éguas sofrem, geralmente, estresse por viverem nos estábulos, presos em baias. Os animais, até aqueles considerados mansos, não apresentam uma constância de comportamento. Segundo a instrutora Alessandra, da escolinha: “O animal, ele pode hoje tá bem, amanhã ele não tá bem; hoje ele levantou de bom humor, amanhã ele levantou de mau humor”. Para uma informante: “Tem sentimentos, é um ser vivo. Tem dia que ele não acorda bem, tem dia que ele acorda ótimo, aí você não acorda bem. Por isso que esse esporte é difícil. Você vê todo mundo treinando, treinando, treinando, mesmo assim se ferrando. Acontece”. Esse estresse se eleva consideravelmente nos campeonatos em outras hípicas, visto que têm que ser transportados em caminhões, cujo trajeto pode durar horas, dependendo do local, e podem estranhar o ambiente, as pessoas, e se sentirem acuados. Nessas situações, o animal fica ainda mais imprevisível e a criança deve estar preparada para *controlá-lo*.

Talvez por esse ensejo, meus informantes me asseguram que o hipismo “ajuda muito” no desenvolvimento da disciplina e, sobretudo, da concentração, habilidades que podem advir da prática de atividades esportivas em geral, sugerindo que, em outros esportes, essa “melhora” não ocorreria tão depressa.

Pai, 45 anos: [Falando sobre a filha Flavia] Só que ela é muito... ela puxou muito o pai, ela é muito... desligada, ela não se concentra, sabe? Você tá falando com ela, ela tá assim: “Mas o que que você falou?”, ela não fala nada, ela tá com a cabeça em outro lugar e tal. E uma coisa que eu achei fantástico, Karen, foi no hipismo. No hipismo, ela conseguia, o único lugar que ela conseguia, porque ela ama esse esporte, então ela se concentra, e ela faz exatamente, ela lembra de tudo, ela sabe. É lógico, tem uma coisa ou outra [que] eu falo “Flavia, qual é o nome daquela peça ali?”, “Ah, não lembro”. Eu falava “Cabresto,

filha”. Tem algumas coisas que ela não... “Barrigueira”... tem umas coisas que ela não pega, não pegava, até eu enchi ela, mas, até aí, tudo bem, é muita coisinha também. Mas na hora da aula, posição, postura e comando, o que a professora falava... Ela é muito, ela é muito introspectiva – é assim, introspectiva? Acho que é – ela não se comunica com as pessoas, ela é super tímida. Na hora da aula, ela dialogava, assim, era uma coisa. Muito legal!⁸²

Como cavalos e éguas são animais grandes, altos, fortes e, até certo ponto, imprevisíveis, os pais e as crianças devem estar cientes, portanto, que o hipismo é um esporte de risco e pode tornar-se, de fato, perigoso, em particular quando a criança se mantém dispersa em cima do animal. De acordo com o Ronaldo, um dos instrutores, o cavalo “não é um bichinho de pelúcia“,

é um animal regido por instintos, e o instinto que mais pesa é o instinto de fuga, é um animal de fuga. Então, por isso que ele pula, corcoveia, corre, dificilmente ele vai te atacar. Você tem que tentar controlar tudo isso e melhorar, você tem que deixar o cavalo calmo, impulsionar, mas de uma forma tranquila, na sua mão e pra você ensinar uma criança a fazer isso, você tem que tranquilizar ela e, depois, dar diretrizes para ela. (...) Você vai ter que prestar atenção na parte psicológica do animal. Para isso você tem que habilitar a sua [própria].

Quando se começa a praticar hipismo, ao mesmo tempo que os animais atraem a atenção das crianças, também desencadeiam reações de medo nelas. Segundo todos meus informantes em campo, o cavalo “sente” quando a amazona/o cavaleiro está ansioso e com medo e esse nervosismo “passa” para o animal, sobretudo em situações de maior tensão, como em competições. Para que isso não ocorra, o aluno precisa, primeiramente, aprender a se autocontrolar, isto é, controlar suas emoções e sua ansiedade para, depois, dominar o cavalo. Assim, a criança necessita desenvolver um tato, uma percepção apurada sobre o cavalo, “senti-lo”. Os instrutores afirmam que apenas técnica não é suficiente e que as crianças devem entender o “funcionamento”, o

⁸² Os comandos nas aulas de equitação servem tanto para o aluno se corrigir sobre o cavalo quanto para ele aprender a corrigir o cavalo e tentar antecipar os movimentos do animal: “Tá errado o galope”, “Levanta a mão esquerda e perna direita”, “Pra trás o ombro”, “Arruma essa diagonal”, “Perna, perna”, “Faz o círculo direito”, “Transição ao passo”, “Transição ao galope”.

“mecanismo” do cavalo a fim de desenvolver a segurança e a tranquilidade necessárias para manobrá-lo.

Ronaldo, instrutor: Criança tem que desenvolver uma tranquilidade para, primeiramente, controlar o cavalo e, com isso, controlar o medo. Controle da ansiedade, como em todos os esportes, senão não dá certo. O medo vai acontecer no cavalo, então a criança precisa da autoconfiança para vencer o medo. Você é obrigado a se autocontrolar para controlar o animal.

Cleusa, mãe: Quando você vem pra uma prova, existe toda uma adrenalina, existe uma expectativa sua. Então você imagina os sentimentos que você tem que trabalhar ali. E, às vezes, você vem com medo. Então, para a minha filha, eu sempre falo isso “Você é o seu medo. Nesse caso, ele tem que ser menor do que a sua vontade, a sua vontade do animal, a sua vontade do esporte”. Então eu acho que aí você já tem que ter uma determinação muito grande, de você querer fazer. Então, às vezes, você monta um animal [do qual] você acabou de cair.

Sendo guiado por uma criança segura, calma, confiante, o animal também se sente tranquilo e ambos formam, então, um conjunto harmonioso⁸³. “É como se fosse uma pessoa só quando eu estou com ele. É bem legal” (Priscila, 12 anos). Para uma informante: “É lindo o esporte? É lindo. O conceito dele é maravilhoso! Porque é uma... como é que fala, uma sincronia que você tem que ter com o cavalo no conjunto, é lindo você pedir, o cavalo te atender, quanto menos, parece que tá fazendo uma coisa melhor. Isso eu acho o máximo!”. Segundo a coordenadora Paula, seu cavalo absorve sua personalidade e emoções a tal ponto que Paula chega a afirmar que o animal é como se fosse seu “espelho”. “O dia que eu tô de mau humor, deus me livre! Não gosto nem de olhar, porque eu vejo o tanto que eu tô mal humorada. Porque ele vem rabugento, ele vem amargo, ele tenta te beliscar na dentada... Nossa, ele se transforma!”. Comentou, ainda, que possui uma fotografia com sua égua num momento de tensão, sendo que a égua estava com um semblante parecido. Por outro lado, ao afirmarem que é preciso “tato” para lidar com o animal, os praticantes de hipismo também acreditam que essa

⁸³ Meus informantes dizem que “só não sente medo quem não sabe montar”, porque essas pessoas não perceberiam os riscos do esporte. “O medo vai sempre existir”, no entanto, deve-se aprender a controlá-lo.

habilidade/competência seja útil para as relações interpessoais presentes e futuras, em várias situações na vida, como na escola, nas amizades e profissionalmente:

Eliza, mãe: É, porque eu acho que, por exemplo, como na escolinha tem a escala de cavalos... e, por exemplo, o Vitor não tem cavalo, então ele tem que dançar conforme a música. Então ele tem que aprender a andar em todo o tipo de cavalo. Igual, por exemplo, o professor. Eu falo pra ele: você não vai ter o professor que você gosta sempre na sua vida, você tem que aprender a lidar com todo o tipo de gente, não é verdade? E com o cavalo é a mesma coisa. E pra criança, isso é muito importante, porque ela acha... por exemplo, quem começa pequenininho, assim como ele começou com 8 anos e meio, acha que tudo tem que ser do jeito que ele quer. E, até então, muitas coisas eram do jeito que ele queria. E, agora, as coisas começam a mudar, e ele já tem maturidade pra aprender a lidar com esse tipo de frustração. E isso, no cavalo, é muito legal.

O “controle do lado emocional”, do “lado psicológico” tanto da criança quanto do cavalo são sempre evocados. Assim, os praticantes de hipismo argumentam que essas aprendizagens podem ser acessadas na vida, porque isso traz equilíbrio e estabilidade para a dimensão emocional da pessoa.

Ronaldo, instrutor: Na vida também. Tem algo que assusta a pessoa? Se ela tiver uma emoção mais equilibrada, um lado emocional mais equilibrado, ela [vai] saber como funciona qualquer sistema, ela [vai] devagar, tentando de uma forma controlada, ela chega aonde ela quer. Isso na vida, [mas] acho que [funciona] em todos os aspectos, né? A pessoa não pode deixar somente se levar pela emoção e deixar correr frouxo, que aí ela perde o controle. A equitação dá esse controle pra pessoa e se ela levar pra vida essa forma controlada de ver as coisas, ela vai chegar onde ela quer (*risos*).

No trecho a seguir, um instrutor aponta para o perfil que a criança deve ter para praticar o hipismo:

Anderson, instrutor: E eu acho isso muito bonito no nosso esporte. Então, independente do cavalo estar estressado [um pouco] mais, um pouco menos, essa é a grande magia do nosso esporte. De lidar com um animal infinitamente mais forte do que a gente. E eu acho que é por isso que todas essas pessoas procuram isso. Tem alguns que vão, tem alguns que não vão. Aqueles extremamente comedidos, às vezes, não podem dominar um cavalo.

Karen: Aí fica perigoso, você fala?

Anderson: Aí eu questiono: “E aí, vai ficar perigoso o resto da vida? Toda vez que você tiver uma dificuldade que você achar maior, você vai recuar pra ela?”. Eu acho que aí começa um bom trabalho.

Assim, as crianças avaliadas como mais aptas para domar um cavalo devem ser aquelas mais corajosas, que conseguem controlar o medo e enfrentar o perigo, e algumas já parecem assimilar isso: “Eu acho que... não sei dizer, eu acho que... você tem que fazer o que você tem vontade, não importa o perigo. Menos pular de pára-quedas, eu acho que é idiotice. Mas, fora isso...” (Priscila, 12 anos). De fato, durante todo o período em campo, notei que são valorizadas as habilidades como o gosto pela adrenalina, pelo desafio, a firmeza, o sangue frio, o poder de decisão, também um gosto pela proeza, pela façanha, pela conquista pessoal, características de um perfil mais calculista, de quem se sujeita a riscos. A médica Cristina, mãe de Aline, acredita que “a respiração é muito importante em qualquer esporte” e que “não adianta você ficar tensa... Ganha o campeonato quem é frio”. As crianças devem ser ativas, tomar iniciativa e assumir a responsabilidade caso não obtenham sucesso imediato. Mesmo o fato de a criança conseguir fazer com que o animal corresponda a seus comandos, que ele obedeça, já se considera um motivo de orgulho. A isso, os instrutores dão o nome de “atitude”.

No hipismo, a postura adequada é fundamental para se equilibrar sobre o cavalo, considerando que qualquer desequilíbrio ou movimento errado do cavaleiro afeta o equilíbrio e a movimentação do animal. Assim, a postura, com a coluna ereta, faz-se imprescindível para se manter em estado constante de prontidão ao conduzir o cavalo e para estar preparado caso seja necessário agir rapidamente diante de alguma reação mais brusca do animal⁸⁴.

O instrutor Anderson me relatou que alguns pais procuram o hipismo com o objetivo de que seus filhos deixem de ser “moles”, como se o cavalo fosse um “tapa”

⁸⁴ Como as crianças ainda são bastante leves em relação ao tamanho e ao peso dos cavalos, o desequilíbrio delas não afeta de modo contundente o equilíbrio dos animais. No entanto, quando crescerem e estiverem saltando obstáculos mais altos, o desequilíbrio, não corrigido desde as primeiras aulas, afeta sobremaneira a qualidade dos movimentos, sendo elevados os riscos de quedas.

para que as crianças fiquem mais atentas, “acordem”. A postura incorporada e a maneira de andar, vistas como naturais e elegantes, são características aprendidas através da educação do corpo, uma naturalização do que se considera elegante. Segundo Bueno (2007, p. 207-8),

[...] o hipismo, como qualquer outra prática esportiva, reúne um conjunto de comportamentos corporais e uma representação do corpo, mas nele vê-se, com clareza, o corpo – e sua preparação – sendo utilizado para exprimir distinções simbólicas. O hipismo contribui para inscrever a ordem social e as distinções de classe no próprio corpo, tornando-se, este, símbolo de sua identidade social. Em sua prática e aprendizado formal, vai se constituindo uma *hexis* corporal marcada pela cultura de classe das elites. O próprio vestuário utilizado, com o uso da casaca, das luvas e, sobretudo da gravata, mesmo por crianças pequenas, diz de uma preparação do corpo.

Assim, valoriza-se um sentido estético impresso no corpo, o qual se relaciona estreitamente com um *ethos* corporal do grupo social a que pertencem.

Procurei demonstrar que, além de atenção, concentração e disciplina constantes exigidas em qualquer atividade esportiva competitiva, para praticar hipismo faz-se necessário que a criança saiba como *controlar* um animal e se adaptar constantemente a ele, já que este nem sempre está disposto a seguir as ordens do cavaleiro/amazona. Como mencionou uma informante: “Primeiro, você tem que aprender a mandar. Porque você precisa mandar no cavalo, ele não vai fazer as coisas sozinho. Você tem que aprender a mandar”. Assim, manobrar um animal e fazer com que ele salte vai depender da habilidade da criança de acessar, de forma satisfatória e durante todo o percurso, tanto sua disposição para o comando, quanto sua capacidade de comandar. Isso exige paciência e firmeza, mas também criatividade, agilidade e maleabilidade para lidar com resistências e situações inesperadas.

2.3. Internalizando a importância de vencer

Embora mães, pais, instrutores e adolescentes repitam que, nas provas e campeonatos, vencer não constitui o fator mais importante, todos concordam que as crianças e adolescentes estão, continuamente, sendo treinados para buscar os melhores resultados possíveis, inclusive ganhar. Assim como na maioria das competições esportivas, no hipismo também há um sistema de premiações aos vencedores que, no caso, abrange o tradicional galope da vitória, a subida ao pódio, as medalhas para os atletas e as escarapelas para os animais, os troféus, as inúmeras fotos, tanto as oficiais quanto a dos pais, e as congratulações das outras crianças e adultos⁸⁵. De acordo com as observações anteriores, mães e pais, neste momento, demonstram orgulho e satisfação ao verem seus filhos sendo premiados frente a um público.

As crianças e adolescentes sabem que, se ganharem a prova, receberão recompensas materiais, e que, caso percam, nada irão receber, como bem observou Levey (p. 133). O efeito disso consiste em as crianças internalizarem, cada vez mais, a importância e uma vontade de vencerem as provas e os campeonatos⁸⁶. Em 2011, acompanhei uma premiação dentro do clube do então campeão brasileiro mini-mirim, categoria de 8 a 11 anos. Depois de concluir seu percurso, dentro do tempo ideal e sem faltas, os narradores comentaram que ele fez jus ao título de campeão brasileiro. Na premiação, foi bastante aplaudido, fotografado, olhado com sorrisos por um amontoado de gente que acompanha a entrega das medalhas, parecendo ser reconhecido pelo círculo de pais que frequentam grande parte dos campeonatos, com bastantes felicitações. Aqui, valoriza-se a *performance* individual e a conquista pessoal, como se as crianças tivessem alcançado aquele feito sozinhas, sentindo-se “merecedoras” de tal

⁸⁵ Além disso, existe o reconhecimento ao ver que os nomes dos melhores do ranking constam nos *sites* do clube e da Federação, dependendo do estado.

⁸⁶ Ao entrevistar Priscila, uma das meninas, sem eu ter-lhe interrogado, ela se apressou em contar sobre seus resultados, em particular as vitórias.

reconhecimento advindo de suas vitórias. Nas competições esportivas em geral, as crianças aprendem, então, que a vitória é premiada de múltiplas formas (Levey, p. 130).

Da mesma forma que as crianças internalizam a importância da vitória por meio de recompensas materiais (medalhas, troféus) e simbólicas (aplausos, cumprimentos, reconhecimento), no caso específico do hipismo, elas também aprendem a recompensar o animal quando este executou uma pista sem faltas e refugos, por exemplo. Assim, as crianças desenvolvem a capacidade de avaliar o desempenho de outro ser vivo e recompensá-lo quando julgar ser merecido e eficiente a fim de que surta efeito positivo para as provas futuras. Ainda, acessam a disposição de comando quando treinam os animais para que se habituem ao que deles se espera. Ao internalizar essa lição de vida e reproduzi-la com o comandado, as crianças estão adquirindo uma habilidade importante para a manutenção da posição social desse grupo, isto é, serem preparadas para as posições de liderança e comando na sociedade. Priscila, 12 anos, alega o que sente ao ganhar uma prova:

Primeiro eu tenho vontade de dar um berro. Mas eu não dou, porque eu sei que o meu cavalo vai surtar. Mas eu abraço ele, eu dou bastante cenoura, nem que eu faça o meu pai voltar pra casa pra buscar, porque... eu acho que quando ele ganha, ele merece, pra ele entender que é isso que ele tem que fazer, não parar ou refugar. Mesmo quando eu não ganho, mas saio dentro da faixa de tempo e ele não refugou, daí eu dou a cenoura de qualquer forma, porque... é sempre um agrado pra ele entender que é isso que ele tem que fazer, como se eu tivesse treinando ele“.

No caso de esportes que demandam altos investimentos financeiros, como no hipismo, algumas crianças e adolescentes chegam até a se sentirem obrigados a alcançar resultados positivos nas provas: “Ano passado, eu só estabulei cavalo, era já R\$ 1.500, tipo, todo mês! Só que aí eu mesmo não quis mais, porque acaba, sabe, eu me colocando mais pressão: ‘Ah, meu pai tá pagando mais caro, eu quero ganhar, ganhar, ganhar’ e não é assim. Eu [quero], agora, é curtir o cavalo, entender. Aí meu pai falou

‘Ah, tudo bem’, meu pai mesmo não... ligava muito” (Bárbara, 14 anos). Para Letícia, 24 anos, “os que ficam ‘preciso ganhar, preciso ganhar, preciso ganhar’ é que são os... chatos”, pois levariam a competição “muito a sério”. Também há crianças que os pais sempre ensinaram a competir demasiadamente, e que acabam por “xingar o cavalo, xingar o tratador”, enfim, “tratar mal as pessoas”. Alguns pais, no entanto, também se focam nos resultados, como disse a instrutora Alessandra:

Pra eles, alguns... parece até uma questão de investimento, meio assim: “Olha, investi tanto, paguei tanto, então, qual é o retorno disso?”, então uma questão financeira. [Para] outros, parece, assim, uma questão de desempenho, então: “Eu estou aqui, nós passamos por tudo isso, viemos até aqui, o resultado qual que é?”. O desempenho. Então não existe, vamos dizer assim, o esporte pelo esporte, participação, “Vamos lá pra ganhar experiência”, não existe.

Além disso, os instrutores de hipismo também desejam que seus alunos executem um bom percurso e tentem conquistar uma posição no pódio. Às vezes, alguns deles usam de métodos não permitidos para que seus alunos obtenham vantagem durante a pista, ajudando-os externamente com alguns sinais⁸⁷, como aventamos no capítulo II sobre o caso específico de Tânia. Em um dia de campeonato, presenciei um dos jurados repreendendo publicamente, e sem citar nomes, os instrutores que utilizam de “trapaça” para que seus alunos atinjam melhores resultados e, até mesmo, para que vençam o campeonato. Ele argumentou que a ajuda externa, quando os competidores sabem o tempo ideal, indica “desonestidade”, principalmente “dando um jeitinho”,

⁸⁷ Existem duas maneiras de se medir a duração das provas no hipismo, dependendo da categoria, a saber: tempo ideal e ao cronômetro, isto é, no menor tempo possível. Em geral, até os obstáculos de 1 metro se usa o tempo ideal, de 1,10m para cima, apenas o cronômetro. Duas categorias constituem uma exceção, a Amador B (de 22 anos até 40 anos) e a Master B (maiores de 40 anos), porque ambas sempre utilizam cronômetro, inclusive no 1 metro. Na Escolinha (categoria Fundamental na FPH - Federação Paulista de Hipismo), os obstáculos medem até 90 cm e, portanto, o percurso é medido pelo tempo ideal; de 1 metro para cima são categorias oficiais (Salto na FPH). O tempo ideal foi criado pra que a criança não se preocupe em acelerar durante a prova, que realize seu percurso com segurança e consciente do que está fazendo, evitando acidentes. Assim, quando chegar às alturas maiores e ao cronômetro, elas estarão montando bem o suficiente pra correr com segurança. Alguns instrutores, para gerar resultados melhores, tentam auxiliar a criança, utilizando-se da ajuda externa para tanto. A ajuda externa é proibida no tempo ideal, os instrutores são punidos com a eliminação do aluno, sendo permitida apenas quando não se revela o tempo ideal, ou seja, quando os concorrentes sabem o tempo ideal apenas depois da prova.

desvalorizando o treino, o trabalho duro, a disciplina. E, continuou ele, que as pessoas não deveriam se esquecer de que, no clube, há crianças e adolescentes e que os instrutores são uma importante referência para eles, em particular num momento em que as crianças, além de praticar hipismo, também estão num processo de formação de caráter e aquele tipo de comportamento era um “péssimo exemplo” para elas. Disse, ainda, que antigamente era um clima familiar nas provas, de amizade, hoje em dia, entretanto, “de cinco em cinco minutos” alguém vai até os jurados para reclamar que algum instrutor está utilizando de ajuda externa para favorecer seus alunos, gerando inúmeras brigas e desentendimentos. “Vamos voltar ao que era antes”, pediu. Ao longo da advertência pública, reparei que ele não mencionou as palavras “competição” nem “concorrência” entre os candidatos, porque a competitividade é válida desde que os métodos usados não sejam ilegais. “Isso é trapaça!”. Uma parte do público aplaudiu durante o discurso, e uma sonora salva de palmas foi ouvida no final da fala.

Tendo em vista o exemplo anterior e as considerações do capítulo II, discutimos que grande parte dos informantes mobilizam fronteiras morais para se diferenciarem das pessoas que querem “ganhar a qualquer custo”, como nessas situações em que instrutores se valem de ajuda externa, um recurso não permitido, para auxiliar seus alunos a vencerem a prova. Também mencionei, ligeiramente, que são alvo de críticas aqueles instrutores que empregam métodos avaliados como demasiados violentos para treinar os animais, a exemplo do sócio Ricardo, instrutor e comerciante de cavalos e éguas. Os praticantes que demonstram compaixão e carinho pelos animais rechaçam quem os “espanca”, seja com frequentes e agressivas chicotadas para que obedeçam – e até espeto de ferro -, seja “pichando” o cavalo. No hipismo, “pichar” significa armar arapucas para o animal, como fazê-lo transpor algum obstáculo que contenha uma pequena vara móvel no topo e, durante o salto, levantá-la para que o cavalo bata as patas

traseiras na varinha e aprenda, com o tempo, a recolher as patas e a “ficar mais esperto”. Tanto para vender os animais a preços elevados quanto para ir bem em campeonatos, alguns treinadores e proprietários de animais podem não alimentar os bichos, aplicar injeções, “entupi-los” de remédios com o objetivo de melhorar sua *performance* e saltarem mais alto. Segundo Letícia, estudante de Engenharia, se “não dá alguma coisa certa com o cavalo”, já se apressariam em vendê-lo a “qualquer um”, ou seja, para pessoas que “não estariam nem aí” com o animal. Nos dizeres de Maria, sobre a determinação de sua filha: “Ela é determinada, então isso é uma coisa que a gente, mas é uma determinação eu acho que boa, porque não é a qualquer custo, nem a custo do cavalo... não é a qualquer custo, não é de qualquer jeito. Então uma determinação que a gente acha boa”.

Na opinião de Letícia, 24 anos, para quem vem de fora, “é tudo lindo e maravilhoso”, mas “aqui não é só conto de fadas”. Parte do problema reside no fato de que “muita gente gosta da competição, não do animal” e, “por consequência, tem o cavalo”⁸⁸, o que seria oposto ao seu próprio caso, que adora o animal, logo pratica hipismo e compete. Letícia, também, critica o esquema das aulas, quando “os cavalos são usados que nem máquina” e são mantidos em suas pequenas baias, saindo apenas para trabalhar. “Imagine você dormir no seu banheiro?”, tentando dar a dimensão de como seria permanecer na baia. Como os animais são caros, seus proprietários não os deixam soltos com receio de que se lesionem, mas ela acredita que “cavalo tem que ser cavalo”, com a possibilidade de passear, fazer trilha, ser mais livre e não se estressar tanto, o que lembra as críticas direcionadas às crianças bastante ocupadas com as atividades extracurriculares. Letícia se revolta e se entristece ao contar que grande parte

⁸⁸ Essas pessoas podem, por vezes, desenvolver afeto pelos animais: “Eu sempre gostei muito de esporte, da sensação de estar competindo... por isso eu acho que eu me arrastei... a sensação de competição me arrastou até, hoje, a amar os cavalos e tê-los dentro da minha casa” (Anderson, instrutor da escola de equitação).

dos cavalos, quando estão velhos, doentes e inaptos ao trabalho, são abandonados, vendidos a matadouros⁸⁹ ou “terminam puxando carroça”. Diz que seu “cavalo é que nem cachorro”⁹⁰, não importando o que ele faça, se a derrube nos campeonatos, ele estará sempre perto e “vai morrer” com ela. “Ele merece!”, “esse ramo é muito feio!”.

Como a maioria das mães e pais não deseja que os filhos ganhem a “qualquer custo”, minha pesquisa de campo tem mostrado que os pais valorizam que os filhos sejam competitivos, que persigam seus objetivos, tentando obter sucesso, contudo que essa ambição não se torne um fator os atrapalhe na vida e os impeça de alcançarem a felicidade, como visto no capítulo III.

Eliza, mãe: Porque o Vitor é extremamente competitivo. Em tudo ele vai muito bem. Ele sempre, [em] tudo que é esporte, ele se destaca. E ele não sabe perder. Então, isso é muito ruim, porque quando ele perde, ele é do tipo de esmurrar, sabe, ele fica possesso, acaba o dia pra ele. E o cavalo é muito legal porque é uma coisa que não depende só dele. Então, se o cavalo empacar, empacou, não adianta ele ficar nervoso, não adianta ele bater no cavalo. Isso pra ele tá sendo um aprendizado muito grande e ele tá se acalmando muito mais. Não que ele seja aqueles meninos rebeldes, nada disso, tal, mas, assim, é uma característica do Vitor que não é boa e que se você não for lapidando, pode ser que, no futuro, ele se transforme naqueles meninos mais rebeldes, esse tipo de coisa. É uma coisa que não quero.

Ainda essa mesma mãe, certa vez me disse: “O cavalo é como o mar, tem que respeitar”. Meus informantes afirmam que, num esporte como o hipismo, portanto, perde-se mais que se ganha e se as crianças encontrarem problemas para lidar com as frustrações da perda, terão dificuldade para continuar no esporte.

2.4. Aprendendo a se recuperar de uma perda para ganhar no futuro

⁸⁹ O Brasil é um dos principais exportadores mundiais de carne de cavalo.

⁹⁰ A comparação dos cavalos com os cachorros demanda algumas ressalvas. Para a coordenadora Paula: “É, só que [cavalo] dá muito mais gasto. Você não consegue, a maior parte das vezes, ter em casa. A durabilidade é muito maior, porque um cavalo, quando a gente ama, trata com carinho”.

Embora os rankings⁹¹ internos e os campeonatos sejam frequentes, em geral e dependendo da categoria e do tamanho do campeonato, é grande o número de competidores⁹², o que dificulta a disputa pelo pódio e faz com que a vitória, muitas vezes, seja decidida por segundos. No hipismo, portanto, são mais derrotas que vitórias e, assim como em outros esportes, os pais e instrutores querem que as crianças estejam preparadas para as frustrações das perdas, com vistas, porém, à evolução de desempenho e desejáveis vitórias futuras.

Renata, mãe: Lida muito com frustração, porque é um esporte que você mais perde do que ganha, então, desde cedo, você aprende, na vida, como é que é, nem sempre você vai ser o melhor. Você pode ser muito bom, mas tem gente que tá com o cavalo melhor, tá com dia melhor e monta muito mal, mas vai ganhar. E daí comé que você lida com isso? Ao mesmo tempo que é complicado, é muito bom, porque prepara pra vida. É um o esporte que te prepara pra vida. Quando você é jogado aí na massa, você já sabe que nem tudo são flores, nem tudo é pra ser politicamente, assim, certinho. Você faz tudo direitinho, ó, treina, treina 2, 3 horas por dia, de terça a domingo, aí você chega numa prova, pum, bate o pauzinho, cai, aí acaba tudo. Aí, pum, excede o tempo daí, sabe, 26 milésimos de segundo. O que que é um milésimo de segundo?

Cleusa, mãe: Então isso, é uma busca muito grande de, lá dentro, né, então eu acredito que as pessoas que vêm desse esporte, eles tem que ter uma determinação maior, né, você tem que ter um... um prazer, né, de fazer a coisa, e às vezes você faz e você não tem o sucesso. Às vezes você faz uma pista perfeita, você não faz a falta, né, você tem uma harmonia no que você monta, existe um resultado, você tem uma satisfação pessoal, mas nem sempre você tem a satisfação da vitória. Né, então aí você tem que lidar com isso também, você sabe que você fez tudo certo, mas você não saiu com a musiquinha, você não saiu vencedora da pista. Mas isso não faz com que você goste menos do seu animal, isso não faz com que você goste menos do esporte, isso faz com que você queira fazer melhor na próxima pista.

Aqui, a habilidade/capacidade consiste em aprender a perder, “saber“ perder, a fim de poder evoluir cada vez mais, numa lição de vida que preza pela superação e perseverança. Na competição, caso haja uma falta e a criança seja eliminada, pais e instrutores esperam que ela saiba o motivo do erro para poder corrigi-lo e melhorar até

⁹¹ Competição que define a classificação dos participantes em provas de hipismo.

⁹² A média da quantidade de concorrentes por prova, ou seja, por altura, depende da categoria. Quanto à altura dos obstáculos, as extremas (mais baixas e mais altas) possuem menor número de competidores. Em média, pode-se considerar de 50 a 70 conjuntos por prova; acima desse número, considera-se um campeonato/prova com grande quantidade de inscrições e, abaixo, uma competição de pequeno porte.

que, na medida do possível, não aconteça novamente. Mais do que o animal, a criança deve responsabilizar a si própria por ter obtido ou não sucesso na prova e ter em mente que é ela que está no comando. Além disso, depois das perdas, ela adquire experiência suficiente para auxiliá-la nas situações futuras:

Talita, 16 anos: Mas eu não fico mais nervosa [em dia de competição], antes eu ficava muito. Quando eu tava no 60 [cm], eu ficava muito, eu falava “Nossa, vou esquecer a pista” e tal, aí depois que eu já esqueci a pista várias vezes, já fui eliminada várias vezes, aí você acostuma, você chega e já fica tranquilo já.

Desta forma, as crianças são ensinadas a ter força de vontade, determinação, persistência, garra, disciplina, foco, trabalhar duro, não desistir nunca, “jamais abaixar a cabeça”, “ir até o fim”, aprendizagens que levarão para a vida:

Daniela, 13 anos: Ah, não sei, tipo, eu acho que, na prova, você não pode parar assim no meio da pista e falar assim: “Ah, cansei! Ah, tô com medo!”, você tem que ir junto, vai, vai, vai, você não pode pensar.

Maria, mãe: Então ela tem essa cabecinha assim, boa, e é isso que a gente quer que continue, porque o que aprende aqui, aprende responsabilidade, aprende superação, no caso da Laís, muita, enfrentar medo, enfrentar... ela passou por diversas fases, ela enfrentou preconceito porque ela caía demais, as crianças tiravam sarro, ela, muitas vezes, ficou no lugar dos bobos, que é, se premia até o sexto, ela ficava em sétimo, se premiasse até o décimo, ela era décimo primeiro. E criança é fogo! Então, ela nunca abaixou a cabeça, quer dizer, isso ela vai levar pra vida. Por mais que as pessoas falem que ela não vai conseguir, ela vai, vai, vai e um dia ela consegue. Então eu acho essa perseverança, eu acho que vai ser importante que continue, né. [...] E rala até hoje, e rala até hoje, ela não se dá ao luxo de falar “Eu não preciso treinar. Ah, eu conheço esse cavalo de ponta cabeça, eu não vou treinar”. Ela montou o [nome do cavalo] três, quase quatro anos, se você pedir pra ela fazer o ranking de um metro, ela [já] salta 1,20m, [mas se pedir para] fazer o ranking de um metro, ela vai falar “Não, mas faz tempo que não monto ele, faz tempo que eu não treino”, imagina, ela faz brincando sem rédea um metro com ele brincando, sem as rédeas, mas se você vai pôr ela em prova, a responsabilidade dela não deixa que ela vá fazer de qualquer jeito, entendeu, ela fala “Não, eu não treinei mãe, eu não posso saltar ele num ranking, eu preciso pelo menos montar uma semana nele direto pra eu poder fazer a prova”. Todo mundo sabe que não precisa, mas ela é incapaz de não fazer a coisa regradinha.

Embora seja um esporte de risco, as quedas aconteçam e haja lesão, as crianças que já estão mais envolvidas com o hipismo não pensam em desistir:

Nossa, várias vezes, faz pouco tempo, eu abri minha boca [numa queda]. Dei 25 pontos. Não. Eu voltei, tipo, o médico falou, o dentista, “um mês”. Deu um mês exato, eu voltei. Eu não consigo, eu tenho medo, tudo, hoje acabei de levar um refugo de novo, mas... de boa, penso tudo no que aconteceu, mas, sabe, tem que seguir em frente, senão, se você fica parado, você nunca vai fazer nada” (Daniela, 13 anos).

Os informantes dizem que, além de aprender a perder, pois em “90% das vezes você perde”, no hipismo também se aprende a cair, desenvolvendo algumas técnicas. “Só cai quem monta, e todo mundo cai”, afirmam. Mesmo que não sejam raras as lesões, como edemas, romper ligamentos, quebrar algum osso, durante todo meu período em campo, eu e meus informantes tivemos conhecimento de apenas uma morte relacionada à prática do salto em campeonatos no país, ocorrida em um centro hípico de São Paulo, na capital⁹³. Dias depois, conversando com as crianças e os adolescentes da escolinha, indaguei se “não haviam ficado com medo ou trauma” de prosseguir montando, e eles responderam que não, pois esta morte fora uma fatalidade, “não tinha o que fazer”, lamentando. Como se observa, as crianças estão cientes de que existe o risco de morte no hipismo, mas entendem ser um risco controlado, com chances remotas de suceder. Certa vez, Letícia mencionou, que, nas quedas, nem sempre as pessoas se ferem fisicamente, apenas “machucam o ego. Isso machuca sempre”.

Ao mesmo tempo que a queda e a lesão, sobretudo a morte, são indesejadas, praticar hipismo e estar sempre ileso às quedas significa que o atleta não ousou sobre o cavalo e, portanto, a ausência de marcas corporais ou cicatrizes pode ser vista como um sinal de covardia. Algumas crianças e adolescentes até parecem vangloriar-se das quedas, de suas marcas corporais e das cicatrizes. Nas palavras do pai entrevistado: “Ela [*a filha*] levou um tombinho na aula com a Mariana no Equestre, ela fez uma curva fechada demais, perdeu o equilíbrio, caiu. Caiu de pé, mas ficou se achando: ‘Não, caí,

⁹³ A queda ocorreu com uma moça de 22 anos, vindo a falecer imediatamente depois que o cavalo caiu sobre ela.

porque eu caí, porque...’. Ela viu eu cair desse último cavalo lá, ela viu que cai, que machuca... Mas ela tem muito mais jeito do que eu sempre tive”.

Em meio a tantas dificuldades, quando as crianças, finalmente, conseguem vencer uma prova, a lição de aprendizagem implícita ensina que a recompensa vem apenas por meio de trabalho árduo:

Karina, 17 anos: Ai, é uma sensação muito boa! Pra quem ganhou já um torneio grande, você se sente muito bem, porque você sabe o trabalho todo que você teve, assim, lógico, que quem tem um cavalo que pula muito mais alto que a categoria não deve sentir isso, porque não trabalhou o mesmo, tanto pra chegar lá, agora quem sempre teve um cavalo, assim, na medida, um cavalo novo que nem minha égua, sabe o quanto que tem que trabalhar e se esforçar pra chegar lá, então quando você ganha, é muito bom porque você vê o resultado do que você trabalhou.

Neide, Mãe: Porque é o que eu falo, né, você botar um bicho desse na frente de, que nem agora a gente foi para o Athina [Onassis International Horse Show], se coloca um animal desse pra saltar 1,60m, se ele não quiser saltar, ele não salta. O que que faz ele saltar? Então aí tem o respeito, tem o trabalho, tem “n” coisas aí que favorecem pra que aquilo aconteça. Então não é pouco. Então você precisa fazer bastante.

Assim, tanto no hipismo quanto em outros esportes, embora não seja possível vencer todas as competições, o desejável consiste em ser um vencedor “a longo prazo”, através da perseverança e do trabalho duro (Levey, p. 137).

2.5. Gerenciando a pressão do tempo

Como em grande parte dos esportes competitivos, as provas de hipismo também são controladas pelo tempo. As crianças e adolescentes aprendem que o ideal, nas competições, consiste em realizar o percurso sem faltas, no menor tempo possível. Além de lidarem com o nervosismo anterior às provas e com possíveis comportamentos repentinos dos cavalos, que podem atrapalhar, ainda necessitam fazer isso sob a pressão do cronômetro. As crianças sabem que precisam “dar o seu melhor” no pouco tempo que, de fato, competem, em média um minuto por conjunto (competidor e animal). “E é

aquela coisa: você treina o ano inteiro pra 60 segundos” (Letícia, 24 anos). De acordo com que vimos anteriormente, a prática do hipismo requer que as crianças desenvolvam um gosto pelo risco e pelo desafio e um poder de decisão em momentos de dificuldade no percurso durante o curto tempo de prova. Para tanto, necessitam acessar a capacidade de pensar antes de agir de modo rápido e decisivo:

Talita, 16 anos: Ah, muito bom. Tipo, o momento mais feliz do dia, é muito gostoso. E aqui hoje ainda, hoje quarta, são aulas de plano, tipo só trote, galope, passar varinha, treinar distância. Eu não gosto muito, tipo, gosto, mas, porque faz parte, tenho que fazer, mas salto é outra coisa. Salto, porque é muito rápido, a gente fica com um raciocínio que é tipo, não dá pra explicar. Na pista, quando você vê uma distância, você vê que não vai dar, aí você tem que pôr outra, é tipo segundos você consegue decidir tudo isso e fazer. E se você não fizer também (*risos*), dá uma cagada. Ai, leva tudo. É muito rápido, acho, tipo, impressionante, que quando eu saio da pista, eu dificilmente, a maioria, de todo mundo, não escuta a música que tá tocando no fundo, raramente escuta.

Ronaldo, instrutor: E também tem o fator de decisão: ele aprende a tomar decisões, você tem poucos segundos pra decidir. Um lance mais longo, um lance mais curte, como eu faço? Tem experiência, tô te falando, mas com o tempo você vai pegando isso e você vai tomando suas próprias decisões, entendeu? E isso daí se reflete pra vida. Por exemplo, a pessoa que é muito amedrontada, o perfil dela quando chega no cavalo é o medo de subir. Quando a pessoa - pode ter certeza -, a pessoa que tem medo de subir no cavalo, quando ela consegue fazer um trote, um galope, passear com o cavalo solto e tal, ela ganha muito mais coisas pra enfrentar outros medos dela. Isso aí já vi acontecer várias vezes.

Por outro lado, quando as crianças começam a se dedicar cada vez mais ao esporte e às atividades competitivas, a questão de saber gerenciar o tempo ultrapassa o sentido estrito de ser o mais rápido na pista. Em meu campo de pesquisa, as crianças que possuem um ou mais cavalos, que gostam do que fazem e que estão bastante envolvidas com o hipismo e as competições vão ao clube hípico de terça a domingo para treinar. Isso significa que a maior parte delas passa montando, por animal, de uma a duas horas por dia durante seis dias por semana. Cavalos e éguas não podem permanecer parados, pois, por ficarem presos nas baias, sem conseguir “andar”, as patas podem acabar inchando. Desta maneira, as mães acreditam que o fato de possuir um cavalo faz com

que a maioria das crianças se torne responsável e comprometida com o bem-estar do animal⁹⁴.

Maria, mãe: Eu acho que a criança fica mais concentrada, fica mais responsável, que tem aquela obrigação, porque é diferente de uma bicicleta. A bicicleta você pode largar uma semana ali, que não vai acontecer nada. E o cavalo não pode ficar parado um dia. Então desenvolve essa responsabilidade.

Afora essa responsabilidade e comprometimento cotidianos com o animal, os pais desejam que os filhos consigam gerenciar outros compromissos além do hipismo, como a escola, aulas particulares de inglês e, para as crianças e adolescentes bastante ocupados ou que fazem aula apenas na escolinha, alguma outra atividade extracurricular (natação em geral, mas também futebol, dança etc). Henrique, 6 anos, além de ir à escola todos os dias, frequenta cursos de natação, inglês, volteio na escolinha e aulas de equitação com pôneis. Sua mãe diz que ele, desde os 4 anos de idade, procura desempenhar cada vez melhor o que se propõe a fazer e é “super rígido” com os horários das aulas e, por isso, ela não necessita cobrar disciplina do filho. Nas sextas-feiras à tarde, único dia da semana livre de atividades extracurriculares, Henrique brinca com seus amigos.

Aquelas crianças que possuem um cavalo e participam frequentemente de competições são as que, em geral, não conseguem estar presentes em algumas aulas da escola e as mães procuram adquirir atestado da Federação de Hipismo, apesar de nem todas as escolas aceitarem. A mesma mãe do comentário anterior me contou sobre a determinação da filha para lidar com gestão do tempo entre os compromissos do hipismo e o período de estudos:

⁹⁴ Letícia, 24 anos, afirmou que desenvolveu um grande senso de responsabilidade devido ao hipismo e que não observa essas capacidades em seu irmão, que nunca montou: “Com 10 anos eu ganhei um cavalo. Eu tinha que decidir a comida, que competição que ia, tinha que levar três orçamentos para ele [*seu pai*] - 10 anos! -, três orçamentos das competições pra ele ver qual que eu podia ir, entendeu? Então noção de dinheiro, que eu tinha que economizar para a competição, eu nunca gastei mais do que eu podia”.

Maria, mãe: Com isso, ela [*a filha*] na escola não dá o menor problema, porque ela sabe que ela precisa fazer direito lá pra poder continuar montando aqui, porque senão, não sou eu que vou castigar nem o pai, ela vai ter que dedicar um tempo maior pra estudar e vai ter que montar menos. É uma coisa que ela sabe, é uma coisa natural, não preciso falar “Se você...”, que nem tem caso aqui, “Se não tirar nota, não monta”. Não, ela monta todo dia, porque o bicho não vai pagar pelo erro que ela cometeu, só que ela vai ter que diminuir, concorda? Ela vai ter que aumentar o tempo lá estudando, então ela é super... Tudo dela é assim, então vamos ver, né, espero que continue, mas...⁹⁵

Ao se envolver com o hipismo, e os esportes em geral, o planejamento parece ser fundamental para a organização do tempo. Não apenas a fim de planejar o treinamento, a carreira, o campeonato que se quer participar e ganhar, mas também os dias em função do animal. Por se tratar de um ser vivo, planejar e gerenciar a vida em família também se torna palavra de ordem para as mães e pais que se envolvem nas aulas e campeonatos, inclusive durante as férias:

Cleusa, mãe: É, então, é assim: quando você não tem cavalos, você viaja bastante, (*risadas*) quando você tem cavalos, as coisas começam a ficar um pouquinho mais difíceis, porque você normalmente viaja para onde vão os cavalos. Então, às vezes, precisa tomar um pouco de cuidado. A gente tem um apartamento na praia. Nós fomos em... fevereiro, no Carnaval, e todo final de semana a gente fala que vai, todo final de semana a gente acaba se enrolando com alguma coisa.

Por fim, a maioria das crianças sonha, no futuro, conciliar o esporte e a profissão ou, até mesmo, seguir carreira na área, como fundar um haras, um centro de treinamento, cursar Medicina Veterinária entre outros, o que demonstra a importância do hipismo na vida dessas pessoas⁹⁶.

Karina, 17 anos: Pretendo. Vou fazer faculdade aqui pra continuar montando, pra não vender o meu cavalo. Eu abri mão de fazer UNESP, que eu vou fazer veterinária, abri

⁹⁵ Dentre as praticantes mais frequentes do hipismo, não são todas as crianças que se preocupam em obter sucesso acadêmico na escola.

⁹⁶ A maioria das competições ocorre de quintas a domingos, então acompanhar todas as provas se torna complicado para quem trabalha fora, tanto para os pais e mães das crianças como para os atletas adultos amadores. Mesmo para arranjar tempo de treino, que pode ser na hora do almoço, antes ou depois do trabalho.

mão de fazer UNESP pra continuar morando aqui, fazer faculdade em [*cidade próxima*], pra continuar com a minha égua e continuar montando.

Como busquei explicitar no decorrer do texto, desenvolvendo essas e outras habilidades, mães e pais acreditam que suas filhas e filhos podem dispor de meios para, ao longo de suas vidas, obterem sucesso em qualquer aspecto, seja pessoal, seja profissional. É preciso relembrar que essas “vantagens” e “benefícios” não estão associados apenas à prática competitiva do hipismo. O hipismo representa uma maneira, entre as várias maneiras possíveis, de se adquirir as qualidades e disposições mencionadas. Outras atividades esportivas, mas também artísticas, como dança e música, por exemplo, constituem meios que podem desenvolver tais qualidades “superiores” que distinguirão esses indivíduos dos outros e vão legitimar sua distinção. Por isso a prática do hipismo competitivo é tratada, aqui, dentro do sistema de práticas esportivas das crianças e adolescentes dos grupos privilegiados, visto que se dão de formas variadas e difusas. Mães e pais deixam que seus filhos “experimentem” vários cursos e atividades para que descubram, por si mesmos, o que mais gostam e sintam mais prazer. Existe um espaço de possíveis para essas crianças escolherem, adaptarem-se e expressarem sua personalidade. Assim, mães e pais procuram oferecer condições propícias para que os filhos se guiem pelos seus interesses e descubram o que os fazem mais *felizes*.

Por fim, nas páginas seguintes, apresento as conclusões deste trabalho.

CONCLUSÕES

Este trabalho teve por objetivo estudar os modos de socialização de crianças e adolescentes em grupos de alta renda. Para tanto, focalizou-se um conjunto de famílias envolvidas com o hipismo dentro do clube mais seletivo, em termos econômicos, de uma grande cidade do interior de São Paulo. O objetivo foi apreender as formas de transmissão de valores, sensibilidades, visões de mundo, modos de vida de uma geração a outra nessas famílias, e como procuram assegurar e reproduzir sua posição privilegiada na sociedade brasileira.

No primeiro capítulo, pretendi situar o grupo social estudado e sua relação com o clube, demonstrando que ser associado ao Equestre denota gozar de uma posição de *status* na cidade. Assim, busquei revelar os significados que as famílias, em especial as crianças e adolescentes, dão ao fato de pertencerem ao clube mais seletivo da região, explorando a compreensão que demonstram de que, ali dentro, estão “entre si” e o valor que dão a isso. No segundo capítulo, analisei as fronteiras simbólicas e socioeconômicas constantemente produzidas e reproduzidas pelos sócios, sobretudo pelas crianças, para se diferenciar e se separar, mas também para se reunir e se agregar. Eles mobilizam, para isso, um conjunto de percepções sobre si próprios, mas também sobre outros grupos sociais com os quais convivem diariamente, a exemplo dos funcionários. A análise das visões de mundo e os modos de vida dos empregados, por sua vez, também constituem um relevante aspecto analítico para se captar as micro-operações que constroem e mantêm as desigualdades entre os diferentes grupos.

No capítulo III, tratei de evidenciar que essas crianças se encontram no centro da atenção dos adultos, interiorizando uma percepção de que estão no seu direito em dispor de determinados benefícios, de que são “merecedoras” de algumas vantagens e bens.

Tudo se passa como se as crianças fossem ensinadas, na maioria das vezes de modo tácito e nem sempre consciente, a pensar que têm direito a certas prerrogativas por meio de um modo de socialização que faz o privilégio parecer “natural”. A análise dos processos e estratégias que orientam a transmissão de valores e visões de mundo de uma geração a outra dentro dessas famílias ajuda a entender como as mães e pais refletem sobre a educação recebida de seus próprios pais, revelando o que buscam fazer diferente ou não em relação à educação de seus filhos, com vistas a formar seres humanos “cada vez melhores” e, principalmente, “felizes”. Por fim, no quarto e último capítulo examinei as contribuições que as atividades extracurriculares formalizadas e voltadas à competitividade dão à constituição de habilidades, que parecem induzir à construção de disposições e de um *habitus* para o comando, ainda mais no caso específico do hipismo, cuja peculiaridade reside na interação entre seres humanos e animais. Desenvolvidas também por meio das atividades extracurriculares, que ocupam espaço significativo na educação das crianças dos grupos sociais médios e altos, essas competências derivam do investimento direto de mães e pais para que suas filhas e filhos se apropriem de um conjunto de valores prezados pelos grupos dominantes.

O conceito de fronteiras sociais permite entender como se constroem e se preservam, cotidianamente, as desigualdades entre os diferentes grupos. Para as famílias em foco, embora as desigualdades sociais sejam avaliadas como maléficas ao progresso do Brasil e as mães e pais busquem ensinar seus filhos de que “todos são iguais”, a estrutura na qual essas crianças e adolescentes estão inseridos reafirmam, na prática e durante todos os dias, as desigualdades. Acostumadas ao acesso de bens e serviços privados, como moradia, transporte, educação, saúde, segurança, inclusive o *hobby* preferido e caro, isto é, a prática do hipismo, as crianças desses grupos sociais internalizam a relevância do dinheiro para a manutenção do estilo de vida desde muito

precocemente. Ao crescer dispor de condições econômicas superiores às da grande maioria da população do país e ao acreditar que, numa sociedade capitalista, o dinheiro pode, de fato, “comprar quase tudo”, efeitos são gerados sobre a percepção da criança quanto à sua própria importância no mundo e sobre suas formas de relacionamento com aqueles que têm menos, como os funcionários que exercem profissões de baixo prestígio social. Deste modo, a convivência com pessoas oriundas de camadas mais pobres se dá apenas por meio de vínculos empregatícios, correspondendo quase que à única forma de contato que essas crianças e adolescentes estabelecem com grupos sociais diferentes do seu.

Apesar do engajamento ativo de pais e mães, em particular dessas últimas, para que suas filhas e filhos desenvolvam características e habilidades que os transformarão em seres humanos “especiais” - como independência, coragem para enfrentar os perigos e não sucumbir às dificuldades, trabalho árduo -, essas capacidades são vistas, por vezes, como inatas e, por isso mesmo, utilizadas como justificativa de sua posição socioeconômica de privilégio. Essas crianças são socializadas para que suas qualidades pessoais, constituídas por meio da educação, pareçam naturalmente superiores que as de outros indivíduos, como se elas tivessem conquistado tudo sozinhas e fossem merecedoras, portanto, daquilo que conquistaram. As mães fazem questão de afirmar que educam seus filhos para a igualdade, de que “ninguém é melhor do que ninguém”, de que todos devem ser tratados de modo civil, cortês, polido, com base na caridade católica, que vê o indivíduo isoladamente e não as condições sociais que produzem o indivíduo. Enquanto isso, suas crianças também estão sendo criadas para serem melhores do que os outros, no sentido de pertencem a grupos dominantes e deterem qualidades pessoais que permitam a monopolização do acesso a certos bens e serviços.

Assim, a relação íntima e duradoura com alguns funcionários, como as babás e, em particular as que são “quase” da família, leva a maioria das crianças a sentir empatia e afeto por elas, a contar seus segredos, a buscar carinho, mas porque as veem enquanto pessoas que cuidam de seu bem-estar, personalizando a relação e se distanciando da relação de classe social. Além disso, esses funcionários são os que mais se diferem fisicamente dos sócios do Equestre, sobretudo quanto à cor de pele. Um dos não-ditos no clube, a cor de pele aparenta ser a divisão mais explícita entre os sócios e os funcionários de trabalho menos valorizados socialmente, como babás, motoristas, tratadores de cavalos e pistinhas. Sendo os sócios brancos e os empregados negros e pardos, inclusive com babás se assemelhando à tia Nastácia, as crianças aprendem que os funcionários mais pobres têm uma determinada cor, diferente “da nossa” cor, o que acaba por naturalizar a associação entre cor de pele e condição social dos indivíduos.

No decorrer dos capítulos III e IV, pretendi demonstrar, por um lado, que as estratégias educativas empreendidas por mães e pais aos filhos, sendo a prática do hipismo competitivo uma delas, podem levar ao desenvolvimento de disposições à independência, à autonomia, à liderança e ao comando. Por outro lado, grande parte das crianças e adolescentes desse grupo social dispõe de funcionários particulares, a exemplo de babás e motoristas, e alguns dependem deles para a realização de tarefas consideradas simples, como buscar um copo d’água, jogar o lixo em cestos, carregar as mochilas, colocar o canudo dentro da caixinha de suco etc, como se fossem “bebês” e não crianças de 10, 11, 12, 13, 14 anos. De acordo com o que vimos ao longo dos capítulos, essa dependência engendra críticas por parte de mães, adolescentes e funcionários, maneiras de se criar os filhos atribuídas a cada grupo social:

Anderson, instrutor: Inclusive, eu já notei um problema nele, o pai dele confirmou pra mim, que quando ele se sente numa situação um pouco diferente da situação psicológica,

ele finge que ele é bebê. Ele começa a fazer aquele “nhé, né, né” tipo bebê, e o menino já tem 9, 10 anos. E eu comentei isso com o pai dele, ele falou “É por isso que ele faz hipismo, porque ele começou a apresentar essas coisas aí. E a gente tá levando ele em ajuda...”.

Ronaldo, instrutor: E também tem aquele lance: filho de rico que faz “nhé, né, né”, filho do pobre toma logo uma pedalada... “Se ajeita, moleque!” (*risos*).

A seguir, o instrutor Ronaldo comenta a relação das crianças com as babás e os motoristas, estes que também se sentem obrigados a se colocar à disposição das crianças:

Às vezes, muito educadas, às vezes até um pouco travadas, por todo um sistema, entendeu. Porque têm motoristas que são motoristas, seguranças, babás, têm que contar historinhas para dormir, e tudo mais. Então, 24 horas. Às vezes, as crianças ficam um pouco travadas, não têm... a atitude de ela ir comprar um refrigerante. Sempre ela espera, às vezes não espera, mas o motorista tá cercado ela: “Você quer um suco? Você quer isso? Você quer aquilo? Você quer aquele outro?”, ela: “Não, não quero. Não, me larga, não quero”. E, às vezes, são totalmente mal educadas... não respeitam, então, geralmente, você vê troca de funcionários direto, sempre outras babás, sempre outros motoristas. Isso daí depende bastante.

O instrutor Isaías, de origem pobre e que chegou ao meio do hipismo através de um projeto social, mostra-se incomodado com o comportamento das crianças e adolescentes para os quais ministra aulas de volteio, deixando clara a sua identificação com as crianças “da periferia”, que, assim como ele, também fizeram parte de um programa social de caridade:

Isaías, instrutor: A criançada daqui... eu já trabalhei também com projeto social, tinha um projeto social em [*nome de uma outra cidade do interior de São Paulo*]. E aí você vê uma diferença muito grande entre a criançada daqui e a criançada da periferia. Eu trabalhei com o [*nome do projeto*], onde eu atendia a criançada do [*nome do projeto*], lá eu subia, eu andava mais ou menos um quilômetro, pegava a criançada lá na [*nome de um lugar*] e descia de novo pro nosso local dentro da [*nome da universidade*]. A criançada ia, pegava o cavalo e já sabia o que fazia, eu expliquei uma ou duas vezes. Aqui, se eu pegar um aluno que treina 5 anos e pedir para ele arrumar o cavalo, ele não sabe. Então, esse negócio, que eu acho, de babá motorista e essas coisas, acaba tornando a criança muito dependente, a criança não aprende (*ênfase*) nada comparado a uma criança de periferia. Eu, com 6 meses de trabalho em [*nome da cidade*], eu já tava com uma turma que... equivalia a uma turma, aqui, de uns 3 anos de trabalho. A criançada aprendeu, evoluiu, em 6 meses o que a criançada daqui evolui em 3 anos. E não é: “Ah, porque a

criançada carente vê isso como uma forma de subir”, não é, porque eles não veem. A criançada carente, os adolescentes veem muito, planejam muito o futuro, mas a criançada não, eles querem aproveitar o momento. Se é futebol, eles querem jogar futebol, se é cavalo, eles querem andar a cavalo... não tão ali pra planejar o futuro, não. Eu trabalhava com a criançada até uns 12, 13 anos... porque o projeto é até 14 anos e eu não pegava com 14, porque no final do ano eles já saíam, então não tinha como fazer o trabalho. Os mais velhos meus tinham 13 anos, então, nessa idade, você vê que eles não têm muita perspectiva do que querem ser, pelo contrário, tinha um moleque lá que montava, era um talento nato no hipismo, e o sonho dele era completar logo 16 anos para ir trabalhar de servente [de pedreiro] com o pai. Sabe? Então, você vê que não é isso, não é a cabeça, é a forma de viver. A criançada daqui não consegue buscar um copo d’água...

Karen: Nem todas.

Isaías: Não, nem todas, porque tem, lógico, da mesma forma que tem, na periferia, a criançada que dá uma de *playboy*, digamos assim... têm as pessoas da elite que sabe viver, né. Aqui a gente tem alguns exemplos de alunos que chegam ali, a gente não precisa falar nada, “Oi, boa tarde, tudo bem?”, vai buscar alguma coisa, chega e fala: “Ah, precisa pegar alguma coisa? Precisa pegar alguma coisa?”, “Não, não”, super prestativas. E você vê que essas pessoas, normalmente, não têm babá, normalmente não têm motorista, normalmente o pai é bem presente e a educação é bem forte. Então, quando você vê tudo isso numa família, aí você vê mais ou menos, não é na mesma base, a criança quase no mesmo nível de uma criança de periferia. Mesmo nível, assim que eu falo, de aprendizado, de saber pensar, de saber agir, de improviso. O volteio ajuda a trabalhar muito com isso, com esse negócio de pensar, de reflexo, entendeu? E nessa questão de reflexo, “Deu errado, peraí, vou inventar”... a criançada da periferia subia no cavalo, dava alguma coisa errado, você nem percebia, inventavam outra coisa na hora... Aqui, não, aqui deu errado, todo mundo começa um a xingar o outro, não sabe o que fazer, se perde, eles se prendem numa situação e, ou você vai lá e dá uma saída, ou pode sentar e ficar observando, que vai até o final da aula, eles não conseguem sair.

A partir desses comentários, pode parecer um paradoxo que as crianças pertencentes aos grupos de alta renda estejam sendo preparadas para as posições de liderança na sociedade e, simultaneamente, dependam de adultos para a realização de tarefas simples, como, por exemplo, aguardar ordens dos instrutores para seguirem os próximos passos numa aula. Lembro, aqui, as análises de Lareau (2003) em relação à autonomia das crianças oriundas de estratos sociais diferentes, observando que as crianças mais pobres organizam as brincadeiras com suas próprias regras, de maneira espontânea, com improvisos e, em geral, sem a presença de adultos, presença essa típica das atividades extracurriculares formalizadas, nas quais se exigem professores ou instrutores treinados como acompanhantes.

No entanto, crescer em meio a adultos, desde os primeiros anos da infância, pode produzir outros efeitos, como sentir-se à vontade na presença deles e não intimidados,

em particular quando se trata de adultos estranhos ao círculo familiar e de conhecidos das crianças, como médicos, por exemplo. Ainda, no caso específico dessas crianças rodeadas por funcionários, sejam os particulares ou os do clube, da escola, do condomínio, elas estão acostumadas a pedir para que eles realizem por elas determinadas tarefas, mesmo as mais simples, a partir de uma posição social hierarquicamente superior aos dos empregados. Apesar de serem crianças, são as filhas dos empregadores, e os funcionários se sentem na obrigação de atender à maior parte dos pedidos e desejos delas.

Portanto, parece que essas crianças acessam certas disposições de comando, como adaptar-se ao imprevisto, o agir por conta própria, a autonomia, dependendo do que está “em jogo”, ou seja, da importância que a criança atribui a cada tarefa ou atividade. Se existem pessoas que podem carregar a mochila e não negam o pedido, mesmo que não tenha sido feito com um “por favor” e “obrigado”, as crianças se acostumam a não carregar sua própria mochila e, talvez mais importante, habituem-se a delegar parte de suas tarefas e obrigações a outros. Para elas, também as aulas, com um instrutor supervisionando e corrigindo cada movimento, são menos envolventes e mais monótonas que as competições ou apenas um simples montar o cavalo, sem cobranças.

O único pai entrevistado, que se considera “super mimado” pelos próprios pais, também mostra não se empenhar no aprendizado de tarefas que considera de menor importância, sabendo que poderá aprender sozinho, e sem dificuldade, quando não tiver quem faça por ele. Seu desconforto, contudo, é perceber que sua filha está apresentando atitudes similares. A seguir, transcrevo um excerto da entrevista realizada em sua residência.

Luís, pai, 45 anos: *(Falando sobre Flavia, filha caçula)* Ela é muito tímida, ela é muito introspectiva, ela é muito medrosa, um dia... eu falo pra Beatriz: “Beatriz, ajuda a sua

irmã aí”. Tudo o que você fala, “Vai lá, pergunta pra mim. Vai lá, faz isso pra mim. Vai lá, compra pra mim”. “Flavia, vai você, ninguém vai morder você, você tem que”... Isso é ruim pra ela. Um dia pai vai [morrer], um dia mãe vai, um dia ela pode tá sozinha, deus me livre guarde, mas... ela precisa aprender a se virar sozinha, como eu preciso aprender a me virar sozinho. Infelizmente, meu pai um dia vai [morrer], minha mãe um dia vai, mas meu pai... Imposto de renda. Acabei de enviar com ele, antes de você chegar, até hoje é ele que faz meu imposto de renda, eu nunca fiz meu imposto de renda. E eu sei, que a hora que eu precisar fazer meu imposto de renda... [...] E eu sei, eu aprendi que a hora que eu tiver que me virar sozinho, eu vou me virar sozinho, porque eu aprendi, ô, Karen, a falar uma coisa pra mim que é, eu nunca digo pra mim – e falo isso pras minhas filhas e falo pra todo mundo – nunca diga: “Eu não consigo fazer tal coisa”. Você consegue fazer tudo, o ser humano consegue fazer o que quiser. É só ter tempo pra se concentrar e estudar. A hora que precisar fazer o imposto de renda, eu sento lá – é tão autoexplicativo o programa hoje -, eu vou sentar e vou fazer.

Deste modo, o fato do pai não saber realizar tarefas consideradas simples, como fazer o imposto de renda, não o torna descrente de sua própria capacidade em “conseguir”, em “correr atrás”, pois tem ciência que dispõe de meios e ferramentas para aprender sozinho, até porque essa tem sido sua atitude frente a “coisas grandes”, como quando gerenciou uma loja de sobremesa num famoso *shopping* da cidade, por exemplo. Deste modo, o fato de as crianças crescerem sendo servidas por funcionários, além de não parecer abalar as estratégias a longo prazo de reprodução das elites, ainda contribui para constituí-las, visto que essa é a realidade para a qual seus filhos estão sendo preparados.

Por fim, não há dúvidas de que as contribuições desta pesquisa não esgotam o tema da socialização de crianças em famílias de alta renda. Mais trabalhos são necessários, portanto, para melhor compreendermos os processos de transmissão de vantagens e privilégios de uma geração a outra em famílias pertencentes aos grupos dominantes e como as desigualdades são produzidas e reproduzidas, ao longo do tempo, entre os diferentes grupos sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ana Maria. Um Colégio para a Elite Paulista. In: ALMEIDA, Ana Maria; NOGUEIRA, Maria Alice (orgs.). **A escolarização das elites: um panorama internacional da pesquisa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, pp. 135-147.

_____; CANÊDO, Leticia Bicalho; GARCIA; Afrânio; BITTENCOURT, Agueda Bernardete (orgs.). **Circulação internacional e formação intelectual das elites brasileiras**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

_____. Apresentação do dossiê Experiências Educativas e Construção de Fronteiras Sociais. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 29, n. 103, 2008.

_____; PRESTA, Sueli. Fronteiras imaginadas: experiências educativas e construção das disposições quanto ao futuro por jovens dos grupos populares e médios. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 29, n. 103, 2008, pp. 401-424.

ARCHETTI, Eduardo. **Masculinidades: fútbol, tango y polo en la Argentina**. Buenos Aires: Antropofagia, 2003.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BARROS, Ricardo Paes de; MENDONÇA, Rosane Silva Pinto de. **Os Determinantes da desigualdade no Brasil**. Rio de Janeiro: IPEA, 1995 (Texto para Discussão, n. 377).

BOGLE, Donald. **Toms, Coons, Mulattoes, Mammies and Bucks: An Interpretive History of Blacks in American Films**. New York: Viking Press, 1973.

BOND, Matthew. The Bases of Elite Social Behaviour: Patterns of Club Affiliation among Members of the House of Lords. **Sociology**, v. 46, n. 4, 2012, pp. 613-632.

BOURDIEU, Pierre. Classement, déclassement, reclassement. **Actes de la recherche en sciences sociales**, v. 24, 1978, pp. 2-22.

_____. **La Distinction**. Paris: Minuit, 1979.

_____, SAINT MARTIN, Monique de. Agrégation et segregation. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, v. 69, 1987, pp. 2-50.

_____; WACQUANT, Loïc. **Réponses**. Paris: Seuil, 1992.

- _____. Comprender. **La misère du monde**. Paris: Seuil, 1993.
- _____. **Escritos de Educação**. Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani (orgs.). Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- _____. **Razões Práticas**. 5. ed. Campinas, SP: Papirus, 2004.
- _____. Programa para uma sociologia do esporte. In: BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- _____; PASSERON, Jean-Claude. **A Reprodução**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- BRANDÃO, Zaia; LELIS, Isabel. Elites acadêmicas e escolarização dos filhos. **Educação & Sociedade**, Campinas, São Paulo, n. 83, 2003.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Comunicação Social de 29 de agosto de 2007. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=961&id_pagina=1. Acesso em: 20 nov. 2009.
- BUENO, Kátia Maria Penido. **Construção de habilidades**: trama de ações e relações. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2007.
- CALDEIRA, Teresa. **Cidade de Muros**: Crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Editora 34/Edusp, 2000.
- CATTANI, Antonio David; KIELING, Francisco dos Santos. A escolarização das classes abastadas. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 18, 2007, pp. 170-187.
- _____. Riqueza: totem e tabu (Apresentação). **Sociologias**, Porto Alegre, n. 18, 2007, pp. 14-21
- _____. Riqueza e desigualdades. **CADERNO CRH**, Salvador, v. 22, n. 57, 2009, pp. 547-561.
- CLARK, Candace. **Misery and company - sympathy in everyday life**. Chicago & London: The University of Chicago Press, 1997. In: COELHO, Maria Claudia. Narrativas da violência: a dimensão micropolítica das emoções. **MANA**, v. 16, n. 2, 2010, pp. 265-285.
- COLLINS, Randall. Some comparative principles of educational stratification. *Harvard Educational Review*, 47: 1-27, February, 1977. In: COOKSON, Peter W., PERSELL, Caroline H.. Internatos Americanos e Ingleses – Um estudo comparativo sobre a reprodução das elites. In: ALMEIDA, Ana Maria; NOGUEIRA, Maria Alice. **A escolarização das elites**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 103-119.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. **O Mundo dos Bens: para uma antropologia do Consumo**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

ELIAS, Norbert. **What is Sociology?**. New York: Columbia University Press, 1978.

_____; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Memória e Sociedade, 1992.

_____. **O processo civilizador (vol 1 e 2)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

_____; SCOTSON, John. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

GILDING, Michael. Motives of the Rich and Powerful in Doing Interviews with Social Scientists. **International Sociology**, v. 25, n. 6, 2010, pp. 755-777.

GODARD, Francis. **La famille - affaire de générations. Économie en liberté**. Paris: Puf, 1992.

GRÜN, Roberto. Dinheiro no bolso, carrão e loja no shopping: estratégias educacionais e estratégias de reprodução social em famílias de imigrantes armênios. In: ALMEIDA, Ana; NOGUEIRA, Maria Alice (orgs.). **A escolarização das elites**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, pp. 66-75.

HOGGART, Richard. **La culture du pauvre**. Paris: Éditions de Minuit, 1970.

LAHIRE, Bernard. Crenças coletivas e desigualdades culturais. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 24, n. 84, set. 2003, pp. 983-995.

_____. Patrimônios individuais de disposições – Para uma sociologia à escala individual. **Sociologia, Problemas e Práticas**, n. 49, 2005, pp. 11-42.

LAMONT, Michèle. **Money, Morals and Manners: The culture of the American Upper-Middle Class**. University of Chicago Press, 1992.

_____. **The Dignity of Working Men: Morality and the Boundaries of Race, Class, and Immigration**. New York/Cambridge, MA: Russell Sage & Harvard University Press, 2000.

_____; VIRAG, Molnár. The study of boundaries in the Social Sciences, **Annual Review of Sociology**, n. 28, 2002, pp. 95-167.

_____; SMALL, Mario Luis; HARDING, David J.. Reavaliando Cultura e Pobreza. **Sociologia & Antropologia**, v. 01, n. 02, 2011, pp. 91-118.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

LAREAU, Annette. Social class differences in family-school relationships: the importance of cultural capital. **Sociology of Education**, v. 60, n. 2, 1987, pp. 73-85.

_____. My wife can tell me who I know: Methodological and conceptual problems in studying fathers. **Qualitative Sociology**, v. 23, n. 4, 2000, pp. 407-433.

_____. Invisible Inequality: Social Class and Childrearing in Black Families and White Families. **American Sociological Review**, v. 67, n. 5, 2002, pp. 747-776.

_____. **Unequal Childhoods: class, race and family life**. University of California, 2003.

_____; WEININGER, Elliot; HORVAT, Erin MacNamara. From social ties to social capital: Class differences in the relations between schools and parent networks. **American Educational Research Association**, v. 40, n. 2, 2003, pp. 319-351.

_____; WEININGER, Elliot. Cultural Capital in Educational Research: A Critical Assessment. **Theory and Society**, v. 32, n. 5/6, 2003, pp. 567-606.

LEVEY, Hilary. **Playing to win: raising children in a competitive culture**. Ph.D. Dissertation, Princeton University, 2009.

_____. Which One Is Yours?: Children and Ethnography. **Qual. Sociol.**, n. 32, 2009, pp. 311-331.

_____. Pageant Princesses and Math Whizzes Understanding children's activities as a form of children's work. **Childhood**, v. 16, n. 2, 2009, pp. 195-212.

LIMA, Diana Nogueira de Oliveira. Ethos "emergente": as pessoas, as palavras e as coisas. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, v. 13, n. 28, 2007, pp.175-202.

_____. **Sujeitos e objetos do sucesso: antropologia do Brasil emergente**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

MAJOR, Brenda. From social inequality to personal entitlement: the role of social comparisons, legitimacy appraisals, and group membership. In: ZANNA, Mark P.. **Advances in Experimental Social Psychology**. Emerald Publishing, v. 26, 1993.

MEDEIROS, Marcelo. **A Construção de uma Linha de Riqueza a partir da Linha de Pobreza**. Brasília, IPEA, jul. de 2001 (Texto para Discussão, n. 812).

- _____. **Os ricos e a formulação de políticas de combate à desigualdade e à pobreza no Brasil**. Brasília, IPEA, 2003 (Texto para discussão, n. 984).
- _____. **Estrutura familiar e Rendimentos do trabalho dos ricos no Brasil**. Brasília, IPEA, mar. de 2004. (Texto para Discussão, n. 1015). Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/pub/td/2004/td_1015.pdf>. Acesso em: 26 mai. 2009.
- _____. **O que faz os Ricos ricos: O outro lado da desigualdade brasileira**. Editora Hucitec, ANPOCS, São Paulo, 2005.
- MILLER, William Ian. **The anatomy of disgust**. Cambridge: Harvard University Press, 1997. In: COELHO, Maria Claudia. Narrativas da violência: a dimensão micropolítica das emoções. **MANA**, v. 16, n. 2, 2010, pp. 265-285.
- MONTE, Enio. **Manual de Equitação da Federação Paulista de Hipismo**. Texto: Enio Monte; Ilustrações: Cavani Rosas. São Paulo: Federação Paulista de Hipismo, 2011.
- NENGA, Sandi Kawecka. Volunteering to Give up Privilege? How Affluent Youth Volunteers Respond to Class Privilege. **Journal of Contemporary Ethnography**, v. 40, n. 3, 2011, pp. 263-289.
- NOGUEIRA, Maria Alice. Uma dose de Europa ou Estados Unidos para cada filho: estratégias familiares de internacionalização dos estudos. **Pro-Posições** (Unicamp), Campinas, v. 9, n. 1, 1998, pp. 113-131.
- _____. Estratégias de escolarização em famílias de empresários. In: ALMEIDA, Ana Maria; NOGUEIRA, Maria Alice (orgs.). **A escolarização das elites: um panorama internacional da pesquisa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, pp. 49-65.
- _____. Favorecimento econômico e excelência escolar: um mito em questão. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 26, mai/jun/jul/ago 2004, pp. 133-144.
- _____. A relação família-escola na contemporaneidade: fenômeno social/interrogações sociológicas. **Análise Social**, v. XL (176), 2005, pp. 563-578.
- _____; AGUIAR, Andrea Moura de Souza; RAMOS, Viviane Coelho Caldeira. Fronteiras desafiadas: a internacionalização das experiências escolares. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 29, n. 103, 2008, pp. 355-376.
- _____. Classes médias e escola: novas perspectivas de análise. **Currículo sem Fronteiras**, v. 10, n. 1, 2010, pp. 213-231.
- ORTNER, Sherry. Theory in Anthropology since the Sixties. **Comparative Studies in Society and History**, v. 1, n. 26, 1984, pp. 126-166.

OECD e UNESCO. **Literacy skills for the world of tomorrow: further results from PISA 2000**. Paris: OECD, 2003.

PAIXÃO, Lea Pinheiro. Socialização na escola. In: PAXÃO, Lea Pinheiro; ZAGO, Nadir, **Sociologia da Educação: Pesquisa e Realidade Brasileira**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

PASSERON, Jean-Claude; DE SINGLY, François. Différences dans la différence: socialisation de classe et socialisation sexuelle. **Revue française de science politique**, ano 34, n. 1, 1984, pp. 48-78.

PERCHERON, Annick. **La socialisation politique**. Paris: Armand Colin, 1993.

PEROSA, Graziela Serroni et al.. **Experiências Educativas e a Construção de Fronteiras Sociais no Brasil Contemporâneo**. Campinas, edital MCT/CNPq 02/2006. Trabalho não publicado.

PINÇON, Michel; PINÇON-CHARLOT, Monique. Pratiques d'enquête dans l'aristocratie et la grande bourgeoisie: distance sociale et conditions spécifiques de l'entretien semi-directif. **Genèses**, n. 3, 1991, pp. 120-133.

_____. **Voyage en grande bourgeoisie**. Paris: Presses Universitaires de France, 1997.

_____. A infância dos chefes – A socialização dos herdeiros ricos na França. In: ALMEIDA, Ana Maria; NOGUEIRA, Maria Alice (orgs.). **A escolarização das elites: um panorama internacional da pesquisa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, pp. 11-28.

_____. **Sociologie de la Bourgeoisie**. Paris: La Découverte, 2003.

_____. Sociologia da alta burguesia. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 18, 2007, pp. 22-37.

PISCITELLI, Adriana. **Jóias de Família. Gênero em histórias sobre grupos empresariais brasileiros**. Tese de doutoramento, IFCH/Unicamp, 1999 [publicado pela Editora da UFRJ, 2006].

POCHMANN, Márcio et. al. Atlas da exclusão social no Brasil. São Paulo: Cortez, 2003. In: CATTANI, Antonio David; KIELING, Francisco dos Santos. A escolarização das classes abastadas. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 18, 2007, pp. 170-187.

PRADO, Ceres Leite. Em busca do primeiro mundo – Intercâmbios culturais como estratégias educativas familiares. In: NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI,

- Geraldo; ZAGO, Nadir (orgs.). **Família e Escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2000.
- PRADO, Ceres Leite. “**Intercâmbios culturais**” como práticas em famílias das camadas médias. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da UFMG, Belo Horizonte, Brasil, 2002.
- REIS, Elisa P.. Percepções da Elite sobre Pobreza e Desigualdade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 42, 2000, pp. 143-152.
- RIMMER, Mark. Listening to the monkey: Class, youth and the formation of a musical habitus. **Ethnography**, v. 11, n. 2, 2010, pp. 255-283.
- ROCHA, Maria Silvia Pinto de Moura Librandi da; PEROSA, Graziela Serroni. Notas etnográficas sobre a desigualdade educacional brasileira. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 29, n. 103, 2008.
- ROJO, Luiz Fernando. Relações de gênero no hipismo: um olhar comparativo entre Rio de Janeiro e Montevideú. **Antropología Social y Cultural en Uruguay** (Anuario), 2007, pp. 163-172.
- SAINT MARTIN, Monique de. La noblesse et les “sports” nobles. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, v. 80, n. 1, 1989.
- _____ ; LABACHE, Lucette. Fronteiras, trajetórias e experiências de rupturas. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 29, n. 103, 2008, pp. 333-354.
- _____ ; Coesão e diversificação: Os descendentes da nobreza na França no final do século XX. **Mana**, v. 2, n. 8, 2002, pp. 127-149,
- _____ ; ROCHA, Daniella de Castro; HEREDIA, Mariana. Trocas intergeracionais e construção de fronteiras sociais na França. **Tempo Social** (Revista de sociologia da USP), v. 20, n. 1, 2008.
- SCALON, Celi. Justiça como igualdade? A percepção da elite e do povo brasileiro. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 9, n. 18, 2007, pp. 126-149.
- SETTON, Maria da Graça Jacintho. Família, escola e mídia: um campo com novas configurações. **Educação & Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, 2002.
- SINGLY, François de. **Le soi, le couple, la famille**. Paris: Nathan, 1996.
- SWANSON, Lisa. **Soccer fields of cultural [re]-production?: an ethnographic explication of the “soccer mom”**. Ph. D. Dissertation, University of Maryland, College Park, 2003.

- TILLY, Charles. Social Boundary Mechanism. **Philosophy of Social Sciences**, v. 34, n. 2, 2004, pp. 211-236.
- VINCENT, Guy; LAHIRE, Bernard; THIN, Daniel. Sobre a história e a teoria da forma escolar. **Educação em Revista**, n. 33, 2001, pp. 07-47.
- WACQUANT, Loïc. **Corpo e alma**. Notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- WAGNER, Anne-Catherine. La place du voyage dans la formation des elites. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, n. 170, 2007, pp. 58-65.
- ZAGO, Nadir. Prolongamento da escolarização nos meios populares e as novas formas de desigualdades educacionais. In: PAIXÃO, Lea Pinheiro e ZAGO, Nadir. **Sociologia da Educação: Pesquisa e Realidade Brasileira**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.